

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

A ARTE DE SER MULHER:

**RUPTURAS COM RESTRIÇÕES DE GÊNERO
NAS HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES**

Maria Lúcia Vidal Mello

**Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Psicologia
Estudos Interdisciplinares de Psicossociologia das Comunidades e Ecologia Social
Curso de Mestrado**

**Orientadora:
Cecília de Mello e Souza
Professora Adjunta do IP/UFRJ
Ph.D. em Antropologia Social pela Universidade da Califórnia, Berkley**

Rio de Janeiro

2004

Ata da Reunião da Banca Examinadora da aluna Maria Lúcia Vidal Mello, candidata ao grau de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Aos vinte e cinco dias do mês de junho de dois mil e quatro, quatorze horas, no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, reuniram-se os membros da Banca Examinadora aprovada pelo conselho de Pós Graduação no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para examinar a dissertação de Mestrado da aluna Maria Lúcia Vidal Mello, registro nº 102091406. Fizeram parte da Banca os professores Doutores, Maria Cecília de Mello e Souza Meth, CPF nº 664.164.267-49, Maria Inácia D'Ávila Neto, CPF nº 066.56.421-20, Jacyara Carrizo-Rochael Nasciutti, CPF nº 042.480.401-82, e Marize Bezerra Juberg, CPF 033.734.287-34, sendo a primeira sua orientadora. A professora Maria Cecília de Mello e Souza Meth, na qualidade de Presidente da Banca, abriu os trabalhos concedendo à aluna vinte minutos para a exposição oral de sua dissertação intitulada: "A Arte de Ser Mulher: Rupturas com Restrições de Gênero nas Histórias de Vida de Mulheres". Dando prosseguimento, a aluna foi argüida pelos professores examinadores. Ato contínuo passou a Banca a proceder a avaliação e julgamento da dissertação apresentada pela aluna, concluindo pela aprovação com conceito A. A aluna, portanto, foi declarada apta a receber o grau de mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, cabendo à Universidade Federal do Rio de Janeiro, providenciar a documentação necessária. Não mais a declarar, eu, Marisa de Medeiros Lima, lavrei e assinei a presente ata, sendo seguida da assinatura dos membros da banca e da aluna. Rio de Janeiro, vinte e cinco do mês de junho de dois mil e quatro.

Secretária: Marisa de Medeiros Lima

- Cecília M. Souza Meth

- Marize B. Juberg

-

Aluna: Maria Lúcia Vidal Mello

EM TEMPO: A professora JACYARA NASCIUTTI era suplente de referida banca.

A

**ARTE DE SER MULHER:
Rupturas com restrições de gênero nas Histórias de Vida de mulheres**

Autor: Maria Lúcia Vidal Mello

Dissertação submetida ao corpo docente do EICOS - Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovada por:

Prof. _____ **Cecília de Mello e Souza**
Orientadora
Professora do IP/UFRJ
Ph.D. em Antropologia Social pela Universidade da Califórnia, Berkley

Prof. _____ **Marise Bezerra Jurberg**
Professora da UGF
Doutora pela Universidade de São Paulo, USP, São Paulo

Prof. _____ **Maria Inácia D'Ávila Neto**
Professora do IP / UFRJ
Pós-Doutorado na École desHautes Etudes en Sciences Sociales, EHESS, Paris.

Prof. _____ **Jacyara C. Rochael Nasciutti**
Professora do IP /UFRJ
Doutora em Psicologia Social Clínica pela Universidade Paris VII

Rio de Janeiro

2004

FICHA CATALOGRÁFICA

MELLO, Maria Lúcia Vidal.

A ARTE DE SER MULHER: Rupturas com restrições de gênero nas Histórias de Vida de mulheres / Maria Lúcia Vidal Mello – Rio de Janeiro, 2004.

x, 340 f.

Dissertação (Mestrado em Comunidades e Ecologia Social - EICOS) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Instituto de Psicologia, 2004.

Orientadora: Cecília de Mello e Souza

Gênero 2. Feminismo 3. Mulheres

4. Artes cênicas 5. Histórias de Vidas

DEDICATÓRIA

Para

Divina, Florinda, Laerte, Laura, Raimunda e Therezinha.

AGRADECIMENTOS

A Cecília de Mello e Souza, minha orientadora, por ter aceitado compartilhar o desafio desse trabalho longo, exigente e fértil em implicações, agradeço os ensinamentos e seu trabalho cuidadoso.

À professora Marise Bezerra Jurberg agradeço o carinho com que pontuou observações, correções e colaborações, na apresentação dessa dissertação.

A todas as professoras do EICOS com quem cursei os créditos, agradeço a disponibilidade que sempre encontrei para a discussão das questões do meu projeto. Em especial, agradeço à Maria Inácia D'Ávila Neto e à Tânia Maciel, pelo estímulo para prosseguir trabalhando com arte.

Aos meus colegas da turma de Mestrado de 2002 do EICOS, pelo cultivo da solidariedade enquanto atravessávamos nossas dificuldades.

À minha irmã, Maria Inez Mello Guimarães, pela leitura cúmplice desse trabalho.

A Shirley Fioretti, pelas observações críticas.

A Susana Hertelendy, Rosaura Eichenberg e Fátima Rocha agradeço a generosidade.

A Maria José de Lima e Monique Miranda agradeço a ajuda na recuperação da nossa memória comum feminista.

A Márcia Lemos, pela ajuda na formatação.

A Ana Paula Silvano, Andréa Miguel, Camila Rocha, Célia Barros, Divina Luz, Florinda Luiz, Laerte Travassos, Laura de Mello, Raimunda Nonato, Regina Valente, Rosário Miguel e Therezinha Rosa, agradeço a doação de si, porque sem a sua participação não existiria um dos campos específicos dessa pesquisa, o Grupo Teatral Angra das Rainhas. Acrescento a esse grupo os amigos Nicole Roose e Frei Pedro Jansen, porque seu incentivo tem sido fundamental para a permanência desse grupo.

A Floripes Vidal Mello, minha mãe, e Daniela e Fabiano, meus filhos, agradeço pelo apoio holístico.

RESUMO

MELLO, Maria Lúcia Vidal. **A ARTE DE SER MULHER: Rupturas com restrições de gênero nas Histórias de Vida de mulheres.** Orientadora: Cecília de Mello e Souza. Rio de Janeiro: UFRJ/IP/EICOS, 2004. Dissertação. (Mestrado em Psicossociologia das Comunidades e Ecologia Social).

A presente pesquisa é qualitativa e coletou seis Histórias de Vida de mulheres da faixa etária entre 57 e 65 anos, com o objetivo de compreender como se dá o processo, de conserva ou de ruptura, com as restrições de gênero. Foi realizada numa abordagem etnográfica e orientação feminista, ao longo de 2003, em Angra dos Reis, no Estado do Rio de Janeiro.

As pesquisadas são brasileiras urbanas, nascidas em meio rural e pobre, que tiveram poucas oportunidades de educação formal, participam da Pastoral da Mulher da Igreja Católica e de um grupo teatral exclusivamente feminino. A conjugação entre faixa etária, participação social e atividade artística foi determinante de sua escolha como pesquisadas.

Como resultados, descobrimos que a conserva das restrições de gênero acontece principalmente associada às questões geradas pela desinformação sobre o próprio corpo e a sexualidade, e ao trabalho, dentro ou fora do lar. A ruptura com as restrições de gênero é facilitada quando as mulheres: têm acesso a visões de mundo que questionam as relações de gênero; fortalecem a solidariedade e participam de redes de mulheres; apropriam-se de conhecimentos sobre o próprio corpo e a sexualidade; o estigma de *existir para o outro* é confrontado pela prática do seu oposto, que é a realização pessoal; executam trabalho remunerado fora do lar. Essas rupturas são potencializadas pela experiência da atuação em espaço público e de visibilidade, como o do teatro, que, para as pesquisadas, teve o poder de habilitar para lidar melhor com as distâncias da sociedade brasileira e incluí-las entre as/os que lutam por transformações sociais.

Aproveitamos o exemplo da experiência em artes cênicas citado na pesquisa para recomendar, como objeto de estudo a ser aprofundado na elaboração de projetos que beneficiem mulheres que tiveram poucas oportunidades, a criação de estratégias que estimulem a realização pessoal por meio do desenvolvimento de atividades artísticas e o planejamento de ações que envolvam sua expressão em espaço público.

ABSTRACT

MELLO, Maria Lúcia Vidal. **THE ART OF BEING WOMAN: Breaking Away from Gender Restrictions in Women's Life Stories.** Advisor: Cecília de Mello e Souza. Rio de Janeiro: UFRJ/IP/EICOS, 2004. Dissertation. (Master's Degree in Communities and Social Ecology)

The present qualitative research centers on six Life Stories of women between the ages of 57 and 65. Geared to provide an understanding of the ways in which gender restrictions are maintained or transcended, and based on an ethnographic and feminist approach, the research was conducted during the year of 2003 in the town of Angra dos Reis, State of Rio de Janeiro.

The participants are urban Brazilian women originally from the poor rural countryside and with minimal formal education. They are active in women's groups which are part of activities tied to the Catholic Church, and are presently members of an exclusively feminine theater group. Considered jointly, age group, social participation and involvement in artistic activities were determinant factors when it came to the women being chosen as participants in this research.

Among the research findings, it was possible to establish that maintenance of gender restriction occurs above all in association with issues tied both to lack of information on the part of women with regard to their bodies and sexuality, and to matters concerning the work they carry out domestically or otherwise. Breaking away from gender restrictions was found to be possible when women are able to: have access to world views which question gender relations; when they strengthen solidarity ties and when they participate in networks involving women; when the stigma of *existing on behalf of the other person* is confronted by the practice of its opposite, i.e., personal fulfillment; and, lastly, when they carry out remunerated work outside their homes. Breaking away from gender restrictions can be reinforced through the experience of acting in a public and visible arena, such as the theater, which for participants in this research served to improve their skills when it came to dealing with the gaps in Brazilian society while, at the same time, including them among those who fight for social changes.

We take the example of the scenic arts experience mentioned in this research to recommend for future in-depth projects benefiting women less privileged socially, both the creation of strategies capable of encouraging self-fulfillment through the development of expressive activities *and* the planning of performances in order to provide women with opportunities of self-expression in public spaces.

Sumário

A ARTE DE SER MULHER: Rupturas com restrições de gênero nas Histórias de Vida de mulheres

Apresentação	Pag.
1. INTRODUÇÃO: A ARTE DE SER MULHER, A ARTE DE ROMPER COM AS NORMAS	1
1.1. Os Números da Iniquidade de Gênero	5
1.2. Singularizações como Rupturas com Normas e Valores	9
2. OS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO E RUPTURAS COM VALORES	16
2.1. A Subjetividade como Forma de Apreender o Mundo	17
2.2. Subjetividades Brasileiras	22
2.3. Gênero e Modelização das Subjetividades	32
2.3.1. Relações de gênero	36
2.3.2. Estereotipia sexual e ruptura	40
2.4. Singularização: a Ruptura com a Modelização	43
2.4.1. Participação social como ruptura	45
2.4.2. Criatividade como ruptura	51
2.4.2.1. Arte como visão de mundo	51
2.5. Protagonização, Memória, Autonomia e Empoderamento	55
2.6. De Dentro da Encruzilhada	65

3.	A METODOLOGIA DAS HISTÓRIAS DE VIDA, A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA E OS PARADIGMAS DA INVESTIGAÇÃO FEMINISTA	68
	3.1. A Escolha do Método	68
	3.1.1. A abordagem etnográfica	69
	3.2. A Horizontalidade nas Relações da Metodologia Feminista de Pesquisa	71
	3.2.1. A questão da implicação dentro de uma pesquisa feminista	74
	3.2.2. Os antecedentes à pesquisa	77
	3.2.3. O Grupo Teatral Angra das Rainhas	79
	3.3. Os Critérios de Seleção das Participantes da Pesquisa	80
	3.3.1. As participantes da pesquisa	81
	3.4. O processo de Coleta das Histórias de Vida	84
	3.5. Dificuldades e Facilidades na Execução da Pesquisa	87
	3.5.1. A técnica empregada	89
4-	SEIS HISTÓRIAS DE MULHERES	92
	Florinda	92
	Laura	113
	Laerte	132
	Divina	146
	Therezinha	163
	Raimunda	172

5-	TEIA DAS VIDAS: CONFRONTAÇÃO DAS HISTÓRIAS E SUA ANÁLISE	187
	5.1. Famílias de Antigamente	189
	5.1.1. Origens e conserva cultural	190
	5.1.1.1. O lugar da falta	204
	5.1.1.2. Casos de antigamente	213
	5.1.1.3. Solidariedade e lealdade	215
	5.1.1.4. Mães do tempo antigo	217
	5.1.1.4.1. Mães agressoras	219
	5.1.1.4.2. A redenção pelo sofrimento	221
	5.1.1.4.3. Mães em ação	224
	5.1.1.5. Pais de antigamente	226
	5.1.1.5.1. Pais agressores	230
	5.1.1.5.2. O lugar da masculinidade	234
	5.1.2. Namoros Noivados & Casamentos	237
	5.1.2.1. Namoro escondido, namoro de criança	239
	5.1.2.2. O corpo da interdição	241
	5.1.2.3. O corpo mistério	242
	5.1.2.4. Namoro consentido e noivado	249
	5.1.2.5. Casamento	251
	5.1.2.6. Olhando o passado...	257
	5.2. Crises & Oportunidades: os Ensaios da Protagonização	261
	5.2.1. Oportunidades	262
	5.2.1.1. Do trabalho ao não trabalho	264
	5.2.1.2. Trabalho precoce e estudo	271

5.2.1.3. Ensaio de autonomia x "vantagens" da dependência	277
5.2.1.4. Autonomia e empoderamento	284
5.2.2. Crises	288
5.2.2.1. "Doenças de nervos"	292
5.2.2.2. A doença no lugar da ruptura com a norma	296
5.2.2.3. A medicação da infelicidade	298
5.3. Tempo de Rupturas	308
5.3.1. "O pessoal é político": mudanças no cotidiano	310
5.3.2. Pertencimento e Participação	314
5.3.3. Protagonização no palco e na vida	319
5.3.4. Arte, outra vez, como visão de mundo	330
6. CONCLUSÕES: AS ARTES DA RUPTURA	339
6.1. Resumindo	347
6.2. Recomendações	348
7. Referências Bibliográficas	
8. ANEXO 1: Material publicado sobre o Grupo Teatral Angra das Rainhas	

Capítulo 1 . INTRODUÇÃO : A ARTE DE SER MULHER,¹A ARTE DE ROMPER COM AS NORMAS

A questão transversal à presente pesquisa é compreender como se dá, entre mulheres brasileiras urbanas nascidas em meio rural e pobre, o processo de ruptura com normas de comportamento diferenciadas² e valores culturais oriundos da iniquidade nas relações de gênero. O problema que estamos pesquisando é a ruptura com normas e valores do sistema de gênero³. Para investigá-lo foi realizada uma pesquisa qualitativa, de abordagem etnográfica e orientação feminista, pela utilização do método de Histórias de Vida. Foram pesquisadas as histórias de seis mulheres nascidas entre 1939 e 1947, que fazem parte de um grupo teatral constituído exclusivamente por mulheres. A conjugação entre faixa etária e atividade artística foi o fator determinante de sua escolha como participantes da pesquisa.

O foco principal dessa pesquisa é conhecer o processo pelo qual as mulheres fazem a ruptura com valores do sistema de gênero, e quais condições, eventos e experiências

¹ O título *A Arte de Ser Mulher: rupturas com restrições de gênero nas Histórias de Vidas de mulheres*, entende *arte* como capacidade de transformar uma idéia em prática. É uma citação aos artigos publicados mensalmente, entre 1963 e 1985, sob o título *A Arte de Ser Mulher*, que rompiam com as normas das publicações femininas da época, sobre questões fundamentais das vidas das mulheres, na revista *Cláudia*. Sua autora, a escritora, jornalista e psicóloga Carmen da Silva, foi considerada como "*a primeira mulher que encontrei nos anos 60 colocando o problema da opressão feminina. Com isto, ela mudou a estrutura do meu pensamento e me tornou pelo resto da vida uma defensora do seu ideal de libertação*" (MURARO apud SILVA, org.CIVITA,1994 p. i).

² Usamos a palavra *diferenciadas* nos referindo às normas que balizam comportamentos diferentes para homens ou para mulheres de acordo com regras, explícitas ou não, ditadas pelas relações de gênero.

³ Sistema de gênero é o conjunto de normas e valores que atribui uma hierarquia às diferenças percebidas entre os sexos e que institui uma relação de poder quando coloca as mulheres na posição inferior dessa hierarquia. Esse sistema separa homens e mulheres em patamares diferentes em relação aos direitos e em seguida hierarquiza esses patamares, sendo que o patamar mais elevado fica ocupado pelos homens _ fazendo com que a sociedade toda, inclusive as próprias mulheres, desenvolvam uma percepção de que mulheres devam ser tuteladas, por serem incapazes de darem um rumo às suas vidas (vide capítulo 2 p.41).

contribuem para restringi-la ou potencializá-la. Para entendê-lo, precisamos saber qual é a situação anterior à ruptura, e qual evento, condição ou experiência a modifica.

A utilização do método de Histórias de Vida em abordagem etnográfica torna-se pertinente à presente pesquisa porque permite uma leitura cronológica e longitudinal das narrativas. Por meio dessa abordagem podemos identificar as contingências que potencializam ou impedem as rupturas com os valores e normas do sistema de gênero, dando visibilidade a este, do modo como se configura dentro das características dos grupos sociais das pesquisadas.

Nosso argumento principal é que mulheres conseguem romper com normas de comportamento diferenciadas e valores culturais oriundos da iniquidade nas relações de gênero quando encontram oportunidades para questionar essas relações. No transcurso da pesquisa observamos que estudo, trabalho e participação em grupos, que poderiam ser considerados *a priori* como oportunidades para ruptura com valores restritivos diferenciados, mereciam análise apurada.

O interesse pelo tema rupturas com restrições de gênero foi gerado pela observação de que a vida das mulheres da faixa etária das pesquisadas transcorreu contemporânea às transformações sociais que possibilitaram a resignificação dos seus papéis⁴ e do seu trabalho⁵, realizado dentro ou fora do lar, para as nascidas nos meados do século XX.

⁴ O termo papel será utilizado com o sentido que assume na teoria psicodramática, como " forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica...(MORENO, 1946 p. 27) como será explicitado no capítulo 2.

⁵ Vide capítulo 5, tópico 5.2.1.1. Do trabalho ao não-trabalho.

A segunda metade desse século foi marcada pela visibilidade⁶ da amplitude das questões provocadas pela falta de equidade nas relações de gênero e por conquistas que afetaram, de diferentes maneiras, as mulheres em geral.

A relevância de se ocupar da trajetória de vida de mulheres do perfil descrito consiste na possibilidade de, ouvindo a palavra de quem teve poucas oportunidades em todas as áreas e conhecendo seus processos de rupturas com normas e valores contados pelas próprias, levantar subsídios que colaborem para a criação de ações e programas que beneficiem mulheres, favorecendo que se tornem agentes de transformações de suas vidas. Também relevante é a própria inversão do sentido da comunicação, propiciada por esse método.

As participantes da pesquisa são seis mulheres que nasceram em situação de pobreza, tiveram poucas oportunidades de educação formal, viveram até a juventude em meio rural e se situam na faixa etária entre 57 e 65 anos de idade. São membros da Pastoral da Mulher e de outras atividades da Igreja Católica, onde tiveram a oportunidade de freqüentar oficinas de orientação feminista, com exceção de uma, que freqüenta a Igreja Batista. Atualmente todas as pesquisadas residem no município de Angra dos Reis.

A presente pesquisa tem a intenção de produzir conhecimento a partir de uma experiência social e se investe de um especial interesse para a pesquisadora porque resulta numa avaliação do trabalho de campo de enfoque artístico e feminista, que, desde 2000, esta desenvolve com as mulheres pesquisadas. Trabalhando desde 1981 no eixo que conjuga

⁶ Human Development Report, 1995, PNUD, in DFID - Department for International Development, U.K. 2000

artes cênicas e questões ligadas ao sistema de gênero⁷, a pesquisadora está considerando a presente pesquisa uma oportunidade, também, de fundamentar teoricamente sua prática⁸.

A discussão sobre ruptura com normas e valores diferenciados se justifica porque as mulheres, como coletivo, resguardando as diferenças regionais, estão em situação de desfavorecimento causado pela iniquidade nas relações de gênero. Essa situação sustenta as normas de comportamento diferenciadas e os valores culturais que colocam as mulheres em posição subalterna.

No entanto, mesmo que de forma parcial, mulheres conseguem romper com essas normas e valores, e o entendimento das circunstâncias dessa superação é o propósito da presente pesquisa. É necessário observar, porém, que a situação desfavorável às mulheres é sustentada por condições sociais, políticas e econômicas que provocam e retroalimentam essa iniquidade, como veremos abaixo.

⁷ Entre 1985 e 1995, no Rio de Janeiro, o feminismo apresentava maiores características de movimento do que de profissionalização. Durante esse período, numa estratégia para atrair visibilidade e quebrar resistência às suas causas, suas manifestações públicas foram marcadas pela irreverência, por exemplo na utilização de fantasias de estereótipos da feminilidade e da masculinidade, e por apresentações teatrais em espaços públicos, de forte apelo visual e conteúdo feminista, em que as atrizes eram feministas de diferentes áreas de atuação profissional. A pesquisadora, entre 1989 e 1995 foi diretora artística da Companhia Teatral Feminista Maria Vai com as Outras, integrada por feministas de diferentes atividades profissionais, que se fazia presente em manifestações, encontros e outros espaços, atitude que promovia a visibilidade da causa feminista na televisão e nos jornais.

⁸ A experiência da pesquisadora em direção teatral de textos que propiciem questionamentos das relações de gênero, entre mulheres atrizes profissionais, mulheres ativistas feministas de áreas profissionais não ligadas à arte, e mulheres do meio popular, lhe sugere que, ao dar corpo a uma personagem, cada atriz agrega à sua vida uma oportunidade de apreensão do que lhe cerca que pode mudar sua visão de mundo, e potencializar rupturas como as que são objeto da presente pesquisa.

1.1. Os Números da Iniquidade de Gênero

Em todos os países as mulheres continuam situadas num lugar desvantajoso⁹ em relação aos homens em quase todos os aspectos da vida, embora, no último quarto do século XX, em geral, tenham conquistado algum poder e liberdade. Com variações de país para país, as desigualdades estão presentes principalmente no campo econômico e da segurança dos meios de vida, na segurança pessoal e dos direitos humanos, na legislação e na representação política.¹⁰ Muitos países do mundo ainda têm respaldo legal para discriminar as mulheres, e em quase todas as sociedades elas continuam sofrendo de violência e abuso. A ausência de equidade nas relações de gênero é acentuada pela vigência de estereótipos e atitudes que desfavorecem as mulheres, que perpassam países ricos e pobres, culturas e heranças religiosas diferentes.

No Brasil, chama a atenção, o vigor do crescimento da força de trabalho feminina nas duas últimas décadas. Entre 1980 e 2000 essa força de trabalho teve um acréscimo de quase 20 milhões de mulheres, que passaram a integrar a categoria de População Economicamente Ativa¹¹. Se em 1976 a parcela de mulheres na PEA _ População Economicamente Ativa _ era de 29%, em 1998 ela se aproximou dos 41%. Enquanto para os homens essa taxa de atividade se manteve em patamares semelhantes, as mulheres ampliaram em 48% sua taxa de atividade após 1983, o que mostra a importância crescente dessa parcela da população na força de trabalho.

⁹ Human Development Report, 1995, PNUD, in DFID - Department for International Development, U.K. 2000.

¹⁰ Shaping the 21st Century: Contribution of Co-operation Development Assistance Committee, Organisation for Economic Co-operation and Development (OCDE), Paris, 1996.

¹¹ Disponível em: www.fcc.org.br

No entanto, no conjunto dos empregados, a participação das mulheres se manteve próxima a 1/3, o que demonstra que as mulheres continuam se inserindo no mercado do trabalho informal, que é o que apresenta maior fragilidade e menor qualidade em termos de segurança.

As brasileiras suportam uma discriminação salarial que abrange todas as faixas¹². Em 1998, no setor social_ educação e saúde, principalmente_ apenas 6% das mulheres ganhavam mais de 10 salários mínimos, enquanto 18,9% dos homens estavam nesse patamar. Na categoria dos trabalhadores e trabalhadoras domésticos, em 1995, 90% das mulheres contra 79% dos homens ganhavam até 2 SM - Salários Mínimos. Aproximadamente 1/4 dos chefes de família brasileiros são mulheres, sendo que 28.3% na região Norte, o maior índice, e 22,35 na região Sul, em 1998. As mulheres pretas e pardas são maioria nessa faixa, e a renda dos domicílios chefiados por mulheres é inferior à dos chefiados por homens.

Interessa sobretudo à nossa pesquisa, a observação de que, até 1970, as taxas femininas de atividade declinavam após os 25 anos, presumindo-se que era nessa idade que tinham filhos e os filhos eram pequenos. Nossas pesquisadas, nascidas entre 1939 e 1947 tinham entre 23 e 31 anos de idade em 1970, e se encaixam nessa faixa. Por volta de 1985 as taxas de atividade das mulheres entre 25 e 29 anos se aproximaram das mulheres entre 20 e 24 anos, algumas vezes até superando-as. Esse fato demonstra que, para as brasileiras, a

¹² Disponível em: www.fcc.org.br.

atividade produtiva fora de casa se tornou mais importante, ainda que a maternidade continue sendo um limitador para a atividade feminina.

As brasileiras, entretanto, seguem sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e pelo cuidado com os filhos e demais familiares. Caso as atividades de cuidado com o lar, as crianças e os idosos, indispensáveis para a sobrevivência e bem estar de todos, fossem consideradas nas estatísticas, fariam com que as taxas de atividade feminina fossem superiores a 90%, e atingissem 99% no caso das mulheres casadas¹³.

Entre as nossas pesquisadas, as mais idosas, que por ocasião da pesquisa contam 63 e 65 anos de idade são as que permanecem exercendo trabalho remunerado, confirmando a tendência¹⁴ de que as brasileiras têm permanecido maior tempo no mercado de trabalho: 19% das mulheres com idades entre 40 e 49 anos estavam ativas em 1970, e passaram a 63% em 1998. As casadas, que em 1980 eram 20% das ativas, passaram, em 1998, para 51,3%.

Os dados acima citados apontam alguns dos aspectos da condição de desigualdade a que as mulheres estão submetidas, e refletem também as transformações que a sociedade brasileira está passando quanto ao desempenho das suas mulheres, nos âmbitos privado e público. As transformações são consistentes em termos numéricos, tanto quando apontam as transformações pelas quais passa o conjunto da sociedade, quanto à constatação da

¹³ Disponível em: www.fcc.org.br.

¹⁴ *Id.*

vigência de normas diferenciadas restritivas e valores que garantem a permanência das desigualdades.

Como o acesso ao estudo como oportunidade para operar melhorias em suas vidas será uma das questões abordada na presente pesquisa, é importante ressaltar que, depois de 1976 as brasileiras adquiriram maior nível de escolaridade, correspondendo, em 1999 a 55% das pessoas com mais de 9 anos e meio de estudo, para 45% dos homens. Também em 1999 foram 58% das pessoas que concluíram o ensino médio e, em 1997, 61% das que concluíram o ensino superior¹⁵.

Entretanto, embora a associação entre escolaridade e participação no mercado de trabalho seja intensa, o fato das mulheres estarem melhor credenciadas no nível da escolaridade que os homens não reverteu a discriminação quanto a trabalho e salário. Entre outros motivos, por serem elas as que desenvolvem os cuidados domésticos, são consideradas trabalhadoras de segunda categoria, e como em todo o mundo, continuam recebendo menos que os homens para exercer a mesma tarefa, que exija a mesma escolaridade, no mesmo número de horas e sob as mesmas condições de trabalho¹⁶. Portanto o estudo como oportunidade de melhoramento da vida das mulheres precisa vir acompanhado de transformações dos valores relativos à equidade de gênero.

Consideramos que a falta de autonomia emocional e independência financeira que muitas mulheres vivenciam são resultado dessas normas de comportamento diferenciadas e

¹⁵ Disponível em www.fcc.org.br

¹⁶ Disponível em www.fcc.org.br

valores culturais baseados na ideologia da ausência de equidade nas relações de gênero. Esses valores atuam na sociedade fazendo pressão sobre as mulheres e atuam nas próprias mulheres moldando suas subjetividades com características que às desfavorecem mais ainda. Esta situação se torna ainda mais perversa quando se trata de mulheres nascidas em situação de pobreza, que encontram maiores obstáculos para ter acesso ao dinheiro, acesso esse que não determina, mas favorece a autonomia.

No entanto, algumas mulheres conseguem romper com normas restritivas e valores culturais que as desfavorecem. Estamos considerando que valores só são superados quando se tornam obsoletos pela adoção de novos valores, mas para que isso se dê, é preciso que existam oportunidades de questionamento dos valores antigos.

1.2. Singularizações como Rupturas com Normas e Valores

Para definir qual ruptura estamos pesquisando vamos nos apoiar na teoria dos processos de produção da subjetividade e da singularização em Guattari (1986), o que será exposto no capítulo 2, *Os Processos de Aquisição e Ruptura com Valores*. Essa teoria considera a subjetividade como o resultado da soma de forças sociais na qual todos e todas nós _ da família à escola , à mídia, etc._ estamos comprometidos e comprometidas, e que "enreda cada criança em suas malhas antes mesmo dela nascer, produzindo um ser que não só se adapte às normas dos sistemas de poder, mas que também colabore para que ele se perpetue". E define singularização como o processo que frustra exatamente esses mecanismos de interiorização de valores, "algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e

espreitam de todos lados"(GUATTARI & ROLNIK, 1986 p.47). A ruptura, questão que nos interessa, surge exatamente nesse espaço onde a subjetividade se singulariza, e é em torno dela que se desenvolve o capítulo.

Em *A subjetividade como forma de apreender o mundo*, vamos falar de seus aspectos mais gerais, que serão particularizados em seguida, sob o título *Subjetividades brasileiras*. Aí consideraremos a abordagem sobre o tema em Carvalho (1997), que explana como se dá, quando esse conjunto de forças sociais que molda as pessoas acontece dentro da sociedade brasileira, com suas características próprias. Para podermos situar melhor esse contexto no qual as mulheres estão conseguindo ou não realizar rupturas, tentaremos dar uma visão panorâmica da formação da sociedade brasileira baseada principalmente em Darcy Ribeiro (1995), enriquecida com a discussão sobre a relação de brasileiras e brasileiros com normas e transgressões em Calligaris (1991) e Souza (1998). Todas essas concepções nos parecem adequadas à nossa pesquisa porque se ocupam exatamente da incorporação de valores e normas e do processo de rompimento com elas. Depois, em *Gênero e modelização das subjetividades*, vamos estender ao entendimento desses processos a ótica que considera que "gênero é um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado" (SCOTT, 1989 p.12), enfatizando o caráter modelador de subjetividades das relações de gênero.

Após considerarmos a importância da produção das subjetividades na aquisição de valores, as características das subjetividades brasileiras e o fator gênero na produção da subjetividades, vamos explorar a questão da *Singularização: a ruptura com a modelagem*.

Abordaremos os temas *Participação social como ruptura*, *Criatividade como ruptura*, e *Arte como visão de mundo*, considerando-os como instâncias possíveis de singularização e gênese de rupturas com normas e valores.

Em *Protagonização, memória, autonomia e empoderamento*, explicaremos qual abordagem estamos adotando para esses termos, que permearão a análise dos relatos das participantes da pesquisa. É importante aclarar que os relatos foram ouvidos como experiências onde cada narradora apresentou sua vida como *protagonista*¹⁷, e os próprios relatos foram considerados *protagonizações*. Essa linguagem, que faz parte da teoria psicodramática, estará presente principalmente no capítulo de análise, sempre tendo esclarecidos seus significados.

A escolha dessa abordagem auxiliar é oriunda do caráter que tomou a coleta de dados da pesquisa. No momento das gravações, as participantes da pesquisa, ao repetiram seu drama, romperam com ele, porque se reconheceram, na hora, diferentes de como foram no passado, criando novos papéis, o que será melhor desenvolvido no capítulo 2.

Para o entendimento dos relatos e sua análise, dentro do tema das relações de gênero, vamos considerar os conceitos de autonomia e de empoderamento¹⁸. Este último leva em conta variáveis como a compreensão da falta de equidade de nas relações de gênero como cultural e não natural, o sentir-se merecedora de usufruir de direitos iguais, a

¹⁷ Uma das definições do termo é "*Protagonista...é aquele que oferece seu próprio drama íntimo, sua própria investigação dramática em prol da investigação grupal.*" (MENEGAZZO, TOMAZINI&ZURETTI, 1995 p.172)

¹⁸ Empregamos o conceito *empoderamento* com o significado do desenvolvimento da capacidade do ser humano de tomar decisões sobre assuntos que lhe digam respeito. Progress of the World's Women 2000. UNIFEM Biennial Report. New York, 2000, pp. 20 - 21

capacidade de fazer escolhas e de barganhar, e o desenvolvimento da capacidade de participar em processos sociais que melhorem as vidas das mulheres.

O breve sexto tópico, *De dentro da encruzilhada*, visa apenas assinalar o lugar de onde, considerando a interdisciplinariedade e a complexidade da produção do conhecimento contemporâneo, nos debruçamos sobre essa tarefa.

No capítulo 3, *A Metodologia das Histórias de Vidas, a Abordagem Etnográfica e os Paradigmas da Investigação Feminista*, explicamos a escolha do método e as linhas de pensamento que balizaram a pesquisa em termos metodológicos. Adotamos o pensamento de Mies sobre rupturas, "que aplica-se não só, individualmente, à mulher e às suas crises da vida, mas também aos processos sociais"(MIES, 1986 p.7), e seu estudo sobre os paradigmas para a investigação feminista, que está incorporado à metodologia de investigação.

Ainda no capítulo 3 revelaremos o critério de escolha das mulheres pesquisadas, os antecedentes da pesquisa e suas implicações, as técnicas empregadas, desde a coleta de dados até as estratégias de trabalho para o entendimento e análise do material coletado, suas facilidades e dificuldades.

No quarto capítulo, *Seis Histórias de Mulheres*, apresentamos trechos das narrativas de cada participante organizados cronologicamente. As falas foram reproduzidas tal como foram relatados, porém alinhados temporalmente para facilitarem uma leitura longitudinal das trajetórias de vidas.

A existência desse quarto capítulo é justificada pela afirmação acima, de que um dos objetivos da presente pesquisa é inverter o sentido da comunicação e ouvir a voz de quem teve poucas oportunidades em todas as áreas. Muito se tem escrito e falado sobre as mulheres que tiveram poucas oportunidades, e a comunicação acontece *sobre elas* ou *para elas*, que se tornam ouvintes ou receptoras. No quarto capítulo, portanto, invertemos o sentido da comunicação quando nos tornamos ouvintes, e são elas que falam sobre si mesmas, suas restrições e superações.

O capítulo 5, *Teia das Vidas: Confrontação das Histórias e sua Análise*, entrelaça os trechos de histórias de diferentes narradoras, buscando, pela confrontação ao redor de temas específicos, atingir o objetivo de desvelar os processos, tanto de aquisição quanto de ruptura com valores e normas restritivas diferenciadas, e também identificar quais são as oportunidades específicas que potencializam a autonomia e a felicidade das mulheres. O critério de eleição de temas para confrontação foi oferecido pelos próprios relatos, que apresentaram coincidências, repetições e insistências, apontando o rumo da análise.

O tema se subdividiu em três partes. Na primeira delas, sob o título *Famílias de Antigamente*, agrupamos tudo que, nos relatos, pode ser identificado como exemplo dos fluxos de forças presentes nas sociedades onde nasceram e viveram as participantes da pesquisa até a sua maturidade. Essa parte foi elaborada com o intuito de ressaltar o cenário onde emergiram as Histórias de Vidas, e se subdividiu em *Origens e conserva cultural* e *Namoros, noivados & casamentos*.

Se a primeira parte do capítulo 5 se ocupou em elaborar o cenário, a segunda procurou desenhar as protagonistas que se destacam desse fundo, sob o título *Crises & Oportunidades: O Ensaio da Protagonização*. Essa parte se subdividiu em *Oportunidades*, quando abordamos os relatos sobre estudo e trabalho, e *Crises*, quando enfocamos as narrativas, quase sempre descritas como "problemas de nervos" ou "doenças de nervos", em que as participantes da pesquisa, por algum período, recusaram os referenciais da normatização _ por intoleráveis _ mas, como ainda não haviam construído referenciais próprios, se consideraram e foram consideradas doentes.

Na terceira parte do capítulo 5, *Tempo de Rupturas*, reunimos os relatos onde as participantes da pesquisa se reconhecem operando transformações em suas próprias vidas. Nosso argumento principal, de que mulheres se tornam capazes de superar valores que as prejudicam e normas restritivas diferenciadas quando têm oportunidades de acesso ao questionamento desses valores e normas conseguiu ser abordado com clareza pela limpidez com que essas situações _ tanto a falta de oportunidades como a sua emergência _ foram descritas nos relatos.

O capítulo 6, *As Artes da Ruptura*, buscou resumir as descobertas, considerações e resultados oferecidos pelo vasto material coletado na forma de conclusões.

Consta da presente dissertação um *Anexo* onde estão reproduzidas cópias de reportagens publicadas em jornais nas quais as participantes da pesquisa aparecem exercendo suas atividades artísticas e dando depoimentos sobre o significado dessa dimensão de suas vidas.

As participantes da pesquisa estarão sendo identificadas por seus próprios nomes. Essa decisão, autorizada pelas mesmas, foi consequência do caráter afirmativo que assumiu o relato de suas vidas para as próprias, que se reconheceram como tendo superado adversidades e efetuado rupturas no nível da subjetividade, não só ao longo de suas vidas, mas também enquanto narravam, e tiveram por isso fortalecida sua auto estima. Esse fato se caracterizou como os que Mies (1986) nomeia como tomada de consciência, e confirmou um dos postulados da autora, de que cada pesquisa baseada em metodologia feminista, em si mesma, deve modificar a situação investigada. Os pseudônimos, nessa situação se tornaram dispensáveis.

Passamos em seguida ao capítulo 2, onde abordaremos os processos de aquisição e ruptura com valores.

Capítulo 2 . OS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO E RUPTURA COM VALORES

Para compreender como se dá, entre as participantes da pesquisa, o processo de ruptura com normas diferenciadas e valores oriundos da iniquidade nas relações de gênero, objetivo principal desse trabalho, precisamos pesquisar como elas se submetem ou se recusam às normas, e como adotam ou rompem com valores. Nos interessamos por esse processo porque consideramos que a falta de autonomia emocional e independência financeira que muitas mulheres vivenciam são resultado dessas normas de comportamento diferenciadas e de valores culturais que têm origem no sistema de gênero.

Estamos considerando que o foco da questão se localiza nos valores, porque eles são a base a partir da qual se criam normas que contribuem para mantê-los. Inicialmente estamos considerando este um processo dinâmico, onde um complexo de valores se transforma pela introdução de um valor divergente. Essa visão dinâmica baseará toda a discussão desse capítulo, onde nosso argumento é que se rompe com um valor quando, pela adoção de novo valor, passamos a considerá-lo obsoleto.

Nosso argumento principal é que mulheres iniciam o processo de ruptura com normas de comportamento diferenciadas e valores culturais oriundos da iniquidade nas relações de gênero, quando encontram oportunidades para questioná-la. Identificar essas oportunidades ultrapassa o óbvio. Por exemplo, estudo e trabalho, podem consistir, tanto em processos empoderadores, potencializadores de rupturas, quanto significar a captura da criatividade e

da iniciativa pela moldagem de subjetividades subordinadas que está inerente, quase sempre, às instituições escola e trabalho. Então, precisamos conhecer a dinâmica da adoção de valores pelas mulheres, para em seguida desvelarmos tanto o que impede, quanto o que potencializa a ruptura com eles.

Como nossa pesquisa se realiza pelo método de Histórias de Vida, vamos ter acesso a essa dinâmica de aquisição e ruptura com valores, por intermédio de *un aspecto importante del conocimiento de lo social que es la propia experiencia humana, la propia subjetividad como fuente de conocimiento* (CORDOVA, 1990 p.7). Portanto, para o entendimento teórico sobre a adoção e ruptura com valores pelas mulheres, recorreremos à discussão sobre a produção da subjetividade, e essa discussão será um filtro que permeará todos os desdobramentos teóricos que farão parte desse capítulo.

As normas e valores cuja adoção e/ou ruptura vamos abordar não são quaisquer, mas têm origem na ausência de equidade nas relações de gênero. Por isso vamos nos ocupar de esclarecer o que entendemos por relações de gênero, em especial sua instância de lugar onde o poder é legitimado, desfavorecendo as mulheres em suas posições relativas aos homens.

2.1. A Subjetividade como Forma de Apreender o Mundo

Pelo menos de duas maneiras diferentes podemos entender o significado da palavra subjetividade. Um dos significados é a subjetividade "como experiência de si", tomando como alvo o sujeito enquanto foco e origem dela. O segundo significado é subjetividade

como "condensação de uma série de determinantes" (MEZAN, 1997 p.12). No primeiro significado, o sentido é do eu para o mundo, no segundo é do mundo para o eu. Este sentido é que nos interessa desenvolver, o que será feito no transcurso desse capítulo.

Passamos portanto a precisar desvelar como se dá essa condensação de uma série de determinantes que, combinados, produzem esse modelo para a organização das experiências individuais chamado subjetividade, por meio da qual se faz a aquisição e a ruptura com valores.

Em primeiro lugar, precisamos considerar que a subjetividade é resultado de processos que começam antes dela, a atravessam e vão além dela. Por exemplo, a condensação de uma série de determinantes fez de Spartacus e de Zumbi, escravos. Distanciados temporalmente e geograficamente, compartilharam a condição de escravos e a particular subjetividade de escravos rebelados¹⁹. Num outro exemplo, mulheres de diferentes classes e contextos sociais podem compartilhar a particular subjetividade de subordinadas nas relações de gênero.

Assim, para o entendimento do processo que pesquisamos, estamos entendendo a subjetividade como sendo instituída socialmente, como a língua, como as regras de parentesco, como os valores, e fazendo parte, em todas as sociedades hierarquizadas, dos mecanismos sutis e complexos, condensações de determinantes, que se criam para que se mantenha cada indivíduo na pertença da sua casta, classe ou categoria.

¹⁹ *Id.*

Essas características investem a subjetividade no lugar de principal foco teórico em redor do qual circulará o nosso entendimento dos processos de adoção e ruptura com valores que são o objeto dessa pesquisa.

A subjetividade também pode ser apontada como a instância que define a maneira de perceber o mundo. O sujeito que percebe o mundo dessa determinada maneira não o faz por deter uma capacidade especial, como um ser filosófico, fruto de uma suposta natureza humana. Ele o faz como um "prisioneiro de uma máquina" (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p.25) que fabrica e modela sua maneira de ver o mundo. Dentro dessa ótica, se usa o verbo *produzir* porque, segundo Guattari (1986), a subjetividade é "fabricada", produzida por uma "máquina hegemônica", preponderante.

De acordo com essa concepção, indivíduos são produções em massa, serializados, modelados, normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas de valores hierárquicos²⁰ e essa modelização afeta desde o comportamento até a imaginação, fabricando uma forma de apreender o mundo e seus significados. É importante deixar bem claro que a subjetividade social não é a soma das subjetividades individuais, mas exatamente o contrário: é o indivíduo que se encontra no entrecruzamento das subjetividades múltiplas, infindáveis determinações coletivas sociais, econômicas, relacionais, rede que o aprisiona e na qual ele se conecta.

²⁰ *Ibid.*, p. 16

A subjetividade é essencialmente social e está em circulação entre diferentes grupos sociais, de dentro dos quais os indivíduos se conectam nela em suas existências particulares. Nos sistemas tradicionais, ela é fabricada por máquinas "territorializadas", circunscritas à etnias, castas, corporações profissionais, enfim, sistemas localizados e com limites definidos. No sistema "capitalístico"²¹ a produção da subjetividade se dá em escala "planetária". Se usarmos a linguagem da informática, o indivíduo existe, mas apenas como um terminal conectado, na posição de consumidor da subjetividade²².

Como estamos pesquisando mulheres que nasceram nos meados do século XX, na questão da produção da subjetividade, nossa pesquisa abrange, em termos temporais, aproximadamente os últimos sessenta anos, e, em termos espaciais, transita de lugares isolados e de características rurais para um meio urbano que conjuga modos de sociabilidade tradicionais com ressonâncias causadas pela proximidade de pólos altamente tecnificados. Isso faz com que consideremos que estamos lidando tanto com as subjetividades territorializadas dos grupos tradicionais quanto com as que são alimentadas em escala planetária, pela cultura de massa. Porque é a cultura²³ de massa que alimenta a máquina de produção da subjetividade.

²¹ Guattari acrescenta o sufixo "ístico" a "capitalista" por lhe parecer necessário criar um termo que possa designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do "Terceiro Mundo" ou do capitalismo "periférico", assim como as economias ditas socialistas... Tais sociedades, segundo Guattari, em nada se diferenciam do ponto de vista do modo de produção da subjetividade (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p. 15).

²² *Id.*

²³ "Cultura é uma palavra-cilada", um julgamento de valor que permite dizer quem é e quem não é culto ou quem pertence a meios cultos ou incultos; pode ser usada no sentido de *alma coletiva*, identidade cultural, característica de uma civilização; e pode ser usada no sentido de mercadoria, bens culturais, sejam livros, filmes, casas, especialistas, ideologias, teorias, não no sentido de se fazer teoria, mas no sentido de se produzir e difundir mercadorias culturais. Essas três formas de cultura funcionam ao mesmo tempo, mas a cultura - mercadoria se dissemina e permeia todos os campos de expressão na forma de cultura de massa. (GUATTARI & ROLNIK, 1986 p.18 -20) Não se trata de uma transmissão de informação cultural, apenas. Junto com ela se dissemina um sistema de modelização que traz embutido a imposição de um poder.

É a cultura de massa que fabrica indivíduos modelados, engatados uns aos outros por sistemas de submissão invisíveis. Essa modelização é diferente das exercidas nos sistemas hierárquicos das sociedades arcaicas e do mundo pré - capitalista, que são explícitas. Exatamente por serem dissimulados, esses sistemas de cultura de massa são grandes produtores da subjetividade.

Cada indivíduo está sempre numa encruzilhada de múltiplas subjetividades : do corpo, da família, do grupo primário, do clã, da lei, da polícia, do saber oficial, das grandes subjetividades capitalísticas. Essas instâncias produzem nossa percepção do mundo, o que desejamos, o que devaneamos, nossas fantasias e até nossas paixões.

A subjetividade, nessa concepção, não se trata de um recipiente vazio onde se colocam coisas, mas de um modo de se relacionar, e para esse aspecto devemos chamar atenção quanto ao nosso objeto de pesquisa, o processo de ruptura com normas e valores.

Esse modo de se relacionar pode se caracterizar como uma relação de alienação e opressão, dentro da qual o indivíduo se submete à subjetividade da forma como a recebe, e se subordina a ela²⁴. Ou pode ser uma relação de expressão e criação, onde o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo de singularização, o que será desenvolvido adiante.

²⁴ *Ibid.*, p. 25-49

Portanto, nossa pesquisa está considerando que estamos lidando tanto com processos tradicionais, territorializados, de produção de valores e normas _ os vigentes nos locais de origem na época do nascimento e infância das participantes da pesquisa _ quanto com processos produzidos pela cultura de massa, planetários, _ aqueles a que todas e todos estamos sujeitos, hoje. E como nossas pesquisadas são brasileiras, passamos agora abordar o tema sob essa dimensão.

2. 2. Subjetividades Brasileiras

No Brasil, quando se propõe "cartografar algumas figuras atuais dos modos de subjetivação" se delineiam formas de existência que "atualizam tanto marcas desagregadoras, quanto marcas que afirmam um desejo de potência viabilizador de processos de vida mais criativos" (CARVALHO, 1997 p.29). Para abordar o processo de ruptura com valores, precisamos saber como se dão, tanto os processos de vida mais criativos, quanto as marcas desagregadoras, e iniciamos por estas.

Para compreender a atualização de marcas desagregadoras, é preciso dar atenção ao fato da existência de conjuntos de determinantes que fazem parte da nossa história passada de brasileiras e brasileiros, que, por serem continuamente reativados, permanecem como fluxos modeladores das nossas subjetividades no presente.

Nosso passado histórico está permeado de exemplos onde "a falta de controle do abuso do poder econômico deixa à margem do processo produtivo uma grande parcela da população", além do fato de que muitos crimes são cometidos por "uma aliança entre poder

público, poder econômico e banditismo...uniformizado ou não"²⁵. Essa conjunção de fatores é determinante para a moldagem de subjetividades onde predomina a "amargura cotidiana, o esgotamento, a falta de sentido e perspectivas", que geram "apatia, descrença e ceticismo"²⁶, uma maneira de ser ao mesmo tempo sofrida e resignada ao sofrimento. Adicionado a tudo isso, ainda existe o fato de que no Brasil essa apreensão do mundo se faz "a partir de sistemas de hierarquia que têm as "elites" como parâmetro fundamental"²⁷. Essa conjunção de determinantes faz com que muitas vezes as pessoas se percebam, ou segregadas ou incluídas, por padrões de referências invisíveis. A invisibilidade ou dissimulação das referências segue um padrão hierárquico elitista, e essa percepção determinará seus esquemas de conduta, de pensamento e de sentimentos.

É no entrecruzamento de condições de vida sub - humanas e na ausência de uma produção de desejo constituindo outras possibilidades de vida que se produz uma subjetividade ... despossuída de qualquer vigor cidadão, constituída à base da submissão à prevalência da lei dos mais fortes e à glamurização dos poderosos,... uma subjetividade severina²⁸ (CARVALHO , 1997, p. 30).

Essa subjetividade severina "é engendrada pela realidade perversa formada pelo desemprego, pela violência e pela fome, atuais e cotidianas", mas, além disso, é também alimentada por nosso passado histórico, a "reatualização da marca escrava por nós

²⁵ *Ibid.*, p.28

²⁶ *Id.*

²⁷ *Id.*

²⁸ O nome *severina* é uma citação ao poema Vida e Morte Severina, de João Cabral de Mello, sobre a saga dos nordestinos pobres.

herdada desde os tempos coloniais, (que) hoje se manifesta em quietude, passividade, resignação, comiseração do brasileiro por si mesmo"²⁹ .

A expressão "reatualização da marca escrava", nos remete às participantes da pesquisa, que nasceram em situação de pobreza e em meio rural. Estamos levando isso em conta agora, ao focarmos suas subjetividades *enquanto brasileiras*, em seu processo de adoção e ruptura com valores.

Quem são, enquanto povo, as que narram os últimos sessenta anos ? O que esses olhos gravaram, o que esses ouvidos guardaram, desde os meados do século vinte até o momento presente, antes de ouvir a própria voz contando a própria história? O que ouviram todos os pais, mães, avôs, avós, e mesmo antes desses, todos os que antecederam as narradoras e estão presentes em suas histórias? Quais conjuntos de determinantes moldaram as adoções desses valores, as submissões e as viabilidades de criativas rupturas?

Somos parte de um povo novo, sincrético e singularizado, nos diz Ribeiro (1995), que surge como uma etnia nacional emergente do caldeamento de suas matrizes, mas que se diferencia delas. Como povo, brasileiros e brasileiras redefinem os traços, tanto os oriundos dos invasores portugueses, quanto os das nações indígenas, os dos negros africanos, e mais tardiamente, os das imigrações de diferentes proveniências.

²⁹ *Id.*

A unidade étnica dentro de sua múltipla ancestralidade não significa uniformidade, mas o fato de terem deixado de ser portugueses, africanos, europeus, árabes, japoneses, ou outros, para tornarem-se brasileiros, tendo como exceções apenas "algumas microetnias tribais que sobrevivem como ilhas, cercadas de brasileiros," (RIBEIRO, 1995, p.19-22). Apenas como exceções, porque a identidade brasileira prevalece.

Conquanto diferenciados em suas matrizes raciais e culturais e em suas funções ecológico-regionais, bem como nos perfis de descendentes de velhos povoadores ou de imigrantes recentes, os brasileiros se sabem, se sentem e se comportam como uma só gente, pertencente a uma mesma etnia (RIBEIRO, 1995 p.21).

No entanto, uma profunda distância social, originada pelo próprio processo de formação nacional, produziu um antagonismo classista exacerbado, opondo um exíguo contingente de privilegiados à maioria da população. Nossas distâncias de classe são mais intransponíveis que as diferenças raciais, acumulando tensão entre classes "dominantes e oprimidas", debaixo da unidade étnico - cultural nacional. A tão proclamada quanto falsa "democracia racial" agrava um tipo de miopia onde "os ricos e remediados não enxergam os pobres, e todos não vêem os miseráveis". Como esse abismo fica dissimulado, nunca toma a forma de conflito, e suas chances de ser superado não acontecem. Um *modus vivendi* aparta ricos e pobres, como em castas. Para o povo - massa, essa ordem social acaba sendo vista como um sistema sagrado," uma vontade de Deus"³⁰

³⁰ *Ibid.*, 23-24

É no entrecruzamento desse antagonismo classista dissimulado, dessa falsa democracia racial e dessa distância social, não só intransponível com vista como uma vontade de Deus, que se produz a subjetividade severina (CARVALHO, 1997 p.30). Como uma lente, mas invertida, essa subjetividade severina diminui a pessoa que olha em relação a quem ou ao quê é olhado, e, no caso das brasileiras nascidas na pobreza participantes da pesquisa, torna o processo de ruptura com normas e valores um desafio ainda maior.

O Brasil, ainda hoje, mantém características do seu passado colonial, porque suas estratégias políticas não consistiram em preparar a população para preencher as lacunas da distância social, mas sim para trabalhar para o enriquecimento de uma estreita faixa da população que detém um poder senhorial (RIBEIRO, 1995). O patronato se formou lidando com escravos, e os herdeiros desse patronato escravagista constituem as atuais classes dominantes brasileiras, integradas por filhos e netos dos antigos senhores de escravos. Estes descendentes dos senhores de escravos "guardam, diante do negro, a mesma atitude de desprezo vil", e os consideram, e aos mulatos, "como o que existe de mais desqualificado, responsável pela própria pobreza e desgraça por ser preguiçoso, delinqüente ou ignorante inato" (RIBEIRO, 1995, p. 208-226). Mas, como brasileiros e brasileiras, a nossa característica mais marcante seria a de sermos um povo que não foi transplantado de outra civilização, mas que se mestiçou em muitas, "reinventando um novo gênero de gentes"³¹ que viveu seus primeiros séculos sem consciência de si e atravessado por um abismo que o separa em classes que são quase castas.

³¹ *Ibid.*, p.453

Essa discussão nos interessa por abordar o conjunto de determinantes que molda as subjetividades brasileiras, seu processo de adoção e ruptura com valores.

Além de considerarmos as subjetivadas severinas, e de brevemente situarmos a reativação da marca escrava nas palavras de Ribeiro (1995), para entendermos o processo de adoção e rupturas com valores e normas entre brasileiras nascidas na pobreza, é também interessante observar um outro aspecto, também parte da nossa herança histórica.

No imaginário de brasileiros e brasileiras, a figura do colonizador, que veio explorar a terra e o corpo dos escravos e escravas, e, mais tarde, a do colono, que, "traído na sua busca de cidadania adotou uma postura cínica em relação à autoridade" (CALLIGARIS, *apud* SOUZA, 1998, p. 66), são marcas que produziram a noção _ fabricaram a subjetividade _ de que quem detém a ordem, detém também o direito ao gozo sem limites. Nesse contexto, a autoridade passa a ser percebida como predadora e exploradora, e daí por diante, a ética da exploração passa a ser respondida com a ética da transgressão, e esta se transforma em afirmação do sujeito. Nas gerações seguintes, tanto o gozo sem restrições, na forma de exploração, quanto a transgressão também sem restrições, na forma da impunidade, se perpetuam³².

Esse imaginário se faz presente na fala de brasileiros e brasileiras, que se denunciam, ao mesmo tempo, exploradores e colonos, senhores e escravos, independente da posição social que ocupem.

³² *Id.*

Sua atualização se cumpre e é traduzida numa atitude em que a mesma pessoa se coloca de modo arrogante ou servil, dependendo do julgamento que ela faz da sua posição hierárquica no contexto onde está inserida no momento. Essa atitude não contradiz a afirmação de Ribeiro (1995), de que existe no Brasil um abismo tão grande entre as que classes sociais que elas tomam características de castas, conforme explicaremos.

A aparente mudança de posição na hierarquia social citada acima é a manifestação do fenômeno alternado, da prevalência da reatualização, ou da "marca escrava", que vê no outro o colonizador, ou da marca do "colonizador-em-nós", que vê no outro o escravo, ou o "severino" (CARVALHO, 1997 p.30). Sem ter relação com uma verdadeira mudança social, este é um trânsito temporário pela hierarquia, que se dá no nível das subjetividades, o que explicaremos em seguida.

Retomando nosso objeto, o entendimento do processo de ruptura com normas e valores, lembramos que, tanto as matanças e escravização dos brasileiros originais e dos africanos, assim como a "desqualificação do proto-brasileiro que surgia", fazem com que coexistem nas subjetividades brasileiras, tanto a "reatualização da marca escrava" como a "reatualização da marca do colonizador-em-nós"³³ . Esses conjuntos de forças, obedecendo uma dinâmica segundo a qual "pessoas e grupos mudam de posição na hierarquia social de acordo com o contexto e espaço social" (SOUZA, 1998 p. 64), atravessam constantemente as subjetividades brasileiras, agenciados por conjunções de determinantes situacionais, ora produzindo subjetividades colonizadoras, ora produzindo

³³ *Id.*

subjetividades escravizadas, e engendrando mais aprisionamentos que possibilidades de rupturas.

Além de brasileiras nascidas em situação de pobreza, as participantes da pesquisa são mulheres que começam a integrar a faixa etária onde passam a ser oficialmente identificadas como pessoas idosas, o que as torna vulneráveis ao fato de que na sociedade brasileira contemporânea, "instituiu-se um sistema de violência contra a velhice que vai desde a sua ridicularização até a sua marginalização", restando às pessoas idosas "o não-lugar social que cria barreiras à sua produção de desejos e de sonhos, advindo-lhes o medo, a apatia, e a depressão, num solitário retraimento ao seu meio e num crescente esvaziamento psíquico-emocional" (CARVALHO, 1997, p.32).

Essa condensação de determinantes credita às pessoas que estão envelhecendo atitudes e pensamentos paulatinamente mais conservadores, estagnação dos valores, resistência às mudanças e contribuição nula ou desqualificada ao bem comum.

Para essa condensação de determinantes que produz uma subjetividade de velhice desqualificada, existem alternativas, como as encontradas em Barros (1981)³⁴, em seu estudo que inclui mulheres da faixa etária das participantes da nossa pesquisa e também mais idosas, e onde define a velhice "como um período de vida visto como derradeiro".

³⁴ A pesquisa de Barros (1981) e a nossa apontam algumas similitudes, o que justifica sua inclusão nessa discussão. No trabalho de Barros (1981) os sujeitos pertencem à classe média urbana, possuem nível educacional correspondente ao segundo e terceiro graus e são residentes na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, o que, como perfil, as distancia das investigadas na nossa pesquisa, e as exclui da *subjetividade severina*. Porém, distanciadas temporalmente _ a pesquisa de campo de Barros (1981) aconteceu entre agosto de 1977 e dezembro de 1978, e a nossa entre os meses de março e abril de 2003_ geograficamente, em nível de escolaridade e classe social, ainda assim as duas pesquisas apontam alguns pontos de convergência.

...na bibliografia sobre a velhice, os enfoques básicos caracterizam essa fase de vida por uma perda de relações sociais, por uma diminuição das áreas de contato social e por um processo de reclusão na família: ou seja, a perda das áreas sociais através da aposentadoria ou da viuvez passa a conferir à família uma importância fundamental nas relações sociais dos velhos (BARROS, 1981, p.63).

A principal convergência entre a pesquisa citada e a que ora desenvolvemos é a inserção das pesquisadas em grupos de ações ligadas à Igreja Católica, e o fato desses grupos abrirem um espaço de sociabilidade fora dos limites das famílias, onde se constroem amizades que escapam a esse perímetro³⁵.

Outra convergência se dá, também, no fato de que essas ações são considerados por suas participantes como *trabalho*³⁶, em ambos os casos, mesmo que esse trabalho não envolva remuneração. As duas pesquisas convergem quando encontram que, por meio do engajamento em uma ação social, "a atividade a que as informantes se dedicavam concretizava um projeto, ou melhor, o último projeto possível de ser realizado até o fim da vida"³⁷ e por meio dele a velhice é postergada, o que aparece nos relatos das nossas pesquisadas, em especial quando se referem à aquisição de novos conhecimentos e de um outro modo de vida no âmbito público, proporcionado pelo pertencimento ao grupo teatral.

Consideramos, no entanto, que a participação na Igreja não representa, por si só, uma ruptura com regras restritivas diferenciadas. A Igreja Católica como instituição, é

³⁵ *Ibid.*, p.49

³⁶ *Ibid.*, p.63

³⁷ *Ibid.*, p.21, p.65-66

hierárquica e sua estrutura é semelhante ao patriarcalismo familiar, com regras similares e onde as mulheres, via de regra, desempenham papéis subalternos. Acrescentamos que quando o trabalho na Igreja assume um caráter assistencialista, acaba reforçando uma das características restritivas do estereótipo do feminino, que é a doação sem limites e o existir para o outro³⁸, tema que será abordado no capítulo 5, de análise sobre os dados coletados na nossa pesquisa.

Uma diferença entre as pesquisas conjuga a inserção da classe de origem dos dois grupos de pesquisadas e as mudanças ocorridas na forma de inclusão dos leigos nas atividades da Igreja Católica durante o intervalo temporal entre as duas investigações.

À época da coleta de material da pesquisa de Barros (1981), realizada entre 1977 e 1978, o caráter assistencialista e evangelizador da participação dos leigos apenas iniciava sua transição para um caráter mais inclusivo e conscientizador, linha de ação do Concílio Vaticano II, e isso transparece nas duas investigações.

Estamos considerando estarmos diante de uma teia complexa de determinantes que se conjugam na produção das subjetividades das participantes da nossa pesquisa, da qual a inclusão em atividades ligadas à Igreja Católica é exemplo, sendo fator que tanto contribui para a produção de subjetividades subalternas nas mulheres, quanto proporciona espaços afirmativos de produção de subjetividades fora do referencial familiar tradicional dos papéis exclusivos de mãe e esposa.

³⁸ Vide capítulo 5, tópico 5.1.2. Mães Agressoras.

Outra complexidade é criada no entrecruzamento dos vetores de valores depreciativos gerados na esfera macropolítica da cultura de massa pela questão da faixa etária das participantes, e vetores afirmativos da auto estima, gerados na esfera micropolítica pela sua participação em grupos criativos.

No próximo tópico, para pesquisar o processo de ruptura com normas restritivas diferenciadas e valores oriundos da iniquidade nas relações de gênero, vamos apontar nosso foco para a modelização da subjetividade pela diferenciação sexual.

2. 3. Gênero e Modelização das Subjetividades

A diferenciação sexual é uma das grandes categorias da subjetividade, que "define e redefine constantemente todos os códigos, delimitando padrões de valores apropriados para cada sexo e compartimentando o mundo em masculino e feminino" (NOVELINO, 1989, p.2). Nascer menina ou nascer menino determina quais comportamentos, sentimentos e emoções serão permitidos ou interditos ao indivíduo. Os limites são rígidos e servem de base para as modelizações que se seguirão, impostas pela força das estereotípias. O processo de modelização da subjetividade se inicia antes do nascimento das crianças, e, é fundamental que se compreenda, não se trata de algo isolado, de ordem psicológica, mas é parte essencial da consistência do sistema³⁹ que engendra todas as relações inseridas nele.

³⁹ Sistema capitalístico, ou do Capitalismo Mundial Integrado, ou sistema da cultura de massa de dimensão planetária, são nomeclaturas que os autores e autoras que estão balizando nossa discussão sobre aquisição e ruptura com valores _ Guattari, Rolnik, Carvalho, Novelino _ se utilizam para o complexo que produz a conjugação de determinantes que moldam as subjetividades contemporâneas. Além desses, conforme já citamos, consideram também os sistemas arcaicos ou territorializados, isto é, os que guardam referenciais próprios e permanecem isolados, imunes ao alcance da cultura de massa que produz subjetividades.

As chances que a criança tem para se manter à margem da subjetividade dominante quase inexistem. Não só idéias são transmitidas mas todo um código social... Assim, lentamente vai sendo esculpido um tipo de subjetividade que se adequa ao sistema de poder e garante sua evolução....Como a relação da criança com o mundo é pré-definida, qualquer manifestação por parte dela que se afaste do programa é bloqueada (NOVELINO, 1989, p.1).

Esse processo impede que a criança se conecte com o mundo de forma criativa, porque qualquer iniciativa de expressão nesse sentido, muito cedo vai sendo bloqueada pela culpa de não seguir as atitudes dominantes, e essa culpa vai "aderindo à criança como parte da sua existência"⁴⁰. Depois de instalado, esse processo passa a funcionar de forma autônoma, e qualquer manifestação que contrarie as tipificações exigidas irá acioná-lo e impedir a ruptura com as estruturas repressivas.

Além da "culpabilização, a segregação e a infantilização são funções da subjetividade capitalística" (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p.40) que fazem parte do processo imobilizador das rupturas com as subjetividades dominantes. Existem como tecnologias do controle da subjetividade e consistem em propor um modelo, uma imagem de referência.

... quem é você ? você que ousa ter opinião, fala em nome de quê? o que você vale na escala de valores reconhecidos como tais na sociedade? a que corresponde a sua fala? que etiqueta poderia classificar você? (GUATTARI & ROLNIK, 1986 p.4)

⁴⁰ *Id.*

Para agenciarmos/assumirmos a singularidade da nossa subjetividade necessitamos ter o máximo de consistência, geralmente impossível de ser conseguida sem agenciamento coletivos, e "à menor vacilação diante dessa exigência de referência, passamos a nos perguntar : afinal de contas quem eu sou? E a partir daí se pode passar a pensar que o melhor é calar-se"⁴¹. Assim, um esboço de singularização é interrompido por essa tecnologia de controle.

Por meio da culpabilização, da segregação e da infantilização as tentativas de singularização são bloqueadas ou abortadas, porque tudo que é do domínio da ruptura, da surpresa, do desejo, deve se encaixar de algum modo nos registros das referências dominantes⁴². Embora essas imobilizações atinjam as pessoas em geral, ajuntamos que culpabilização, segregação e infantilização são processos familiares ao âmbito da iniquidade nas relações de gênero, e fazem parte do repertório que as mulheres já incorporaram à sua forma de se relacionarem com as instâncias da vida.

No caso das mulheres, o processo de modelização da subjetividade de subordinada tem início antes do nascimento da menina, uma vez que já existe na sociedade o lugar subalterno de mulher esperando para ser agenciado. Esse lugar foi produzido historicamente e permanece em contínua reprodução, tentando recapturar e normatizar as sucessivas novas maneiras de ser mulher que vão surgindo.

⁴¹ *Ibid.*, p.41

⁴² *Id.*

No caso da emergência de novos valores que contrariem essa subalternidade, estes serão rapidamente ajustados aos códigos preestabelecidos, pelo já citado mecanismo de geração de culpa, ou pela angústia, gerada porque quem singulariza perde os referenciais, e essa perda é, em si mesma angustiante.

Além disso, quem perde os referenciais vai precisar reconstruí-los, singulares, e em tempo hábil, para poder escapar ao agenciamento da subjetividade normatizadora. "O que faz a força da subjetividade capitalística é que ela se produz tanto no nível dos opressores quanto dos oprimidos"⁴³.

Para meninas, principalmente para as educadas dentro de uma particular interpretação da tradição cristã que valoriza a obediência como um valor em si mesmo, o que é incompatível com o desenvolvimento do espírito crítico; valoriza o sofrimento como maneira de atingir a redenção; a culpa funciona como mecanismo de controle e impede aquilo que Guattari (1986) chama o "atrevimento de singularizar".

Singularizar é um atrevimento, especialmente para mulheres, e para justificar essa afirmação é hora de explicitarmos o que estamos chamando relações de gênero.

¹ *Ibid.*, p.44

⁴³ *Ibid.*, p.44

2.3.1. Relações de gênero

Relações de gênero são aquelas onde se estabelece uma hierarquia entre as pessoas envolvidas de acordo com o significado que se atribui, dentro dessa relação, ao que seja masculino ou feminino.

O conceito pode ser definido "como uma forma de significar as relações de poder" (SCOTT, 1989, p.11). A palavra começou a ser empregada nos anos 80, por acadêmicas feministas, visando enfatizar a qualidade fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. O termo "sublinhava também o aspecto relacional existente nas definições normativas da feminilidade" e evidenciava a "rejeição ao determinismo biológico implícito nas expressões diferença sexual ou sexo"⁴⁴.

A utilização desse termo, nesse período, buscava esclarecer que aquilo que as pesquisas geralmente desenvolvidas por mulheres estavam trazendo à luz fazia parte do contexto geral do conhecimento, não sendo os estudos de mulheres algo à parte para registrar fatos históricos nos quais as mulheres tomaram parte, ou assinalar a existência de personagens mulheres que haviam participado de algum fato considerado digno de registro. A inclusão das mulheres na história, entretanto, obrigava a uma discussão sobre valores, questionando exatamente o que era considerado importante para ser digno de registro.

⁴⁴ *Ibid.*, p.1

"Ao reconhecer a existência das mulheres como seres históricos, mais do que criar uma história das mulheres, se começou a criar uma outra história" (GORDON, BUHLE & DYE *apud* SCOTT, 1989, p.2)⁴⁵ onde o conteúdo político da experiência subjetiva também era considerado, além dos fatos do espaço público. Essa abordagem emergiu como algo incluyente, que "iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente" (SCOTT, 1989 p.2) e provocaria transformações fundamentais nos paradigmas de todas as disciplinas.

Numa perspectiva histórica, foi uma crise social causada pelo movimento das mulheres, uma ruptura no âmbito social, que desencadeou um processo criador, uma ruptura com padrões acadêmicos de pesquisa, introduzindo a "parcialidade consciente" (MIES, 1986 p.2)⁴⁶ nas pesquisas, contrariando o dogma da neutralidade científica.

Como consequência, sob este paradigma emergente _ desenvolvido como abordagem metodológica no capítulo 3_ um novo campo de estudos e maneira de pesquisar foram criados. Uma das transformações ocasionadas pela adoção desse novo paradigma foi a necessidade da análise de qualquer oposição binária (CAPRA, 1982, p.33; SCOTT, 1989, p. 11) presente na relação entre homens e mulheres, "revertendo e deslocando a sua construção hierárquica em lugar de aceitá-la como real, como óbvia ou estando na natureza das coisas" (DERRIDA *apud* SCOTT, p.9)⁴⁷.

⁴⁵ Ann D. Gordon, Mary Jo Buhle e Nancy Shrom Dye, " The Problem of Women's History", in Berenice Carol Org., *Liberating Women's History* (Urbana: University of Illinois Press, 1976), p.86

⁴⁶ Maria Mies cita como um exemplo de metodologia criada e baseada na ruptura o método de formulação do problema desenvolvido e aplicado por Paulo Freire, onde uma opressão é estudada, não por um especialista, mas por quem sofre a opressão.

⁴⁷ Jacques Derrida, "Of Grammatology", Baltimore Johns Hopkins University Press. 1974

As oposições binárias estão presentes nos símbolos culturais que expressam a idéia de contrários, e excluem as possibilidades de alternativas que signifiquem nuances ou continuidades: bem e mal, "luz e escuridão, purificação e poluição, inocência e corrupção, Eva e Maria"⁴⁸, etc. Esses símbolos são interpretados na forma de conceitos normativos, e devemos nos deter um pouco neles, uma vez que nosso objeto de pesquisa são as normas restritivas e valores que restringem as mulheres.

As oposições binárias transformadas em conceitos normativos, isto é, conceitos que servem para limitar e conter, estão presentes em doutrinas religiosas, educativas, científicas, jurídicas, etc. enfim, estão em toda parte e tomam a forma da oposição que afirma categoricamente o significado de homem e o significado de mulher, opondo o masculino ao feminino. "Nas confrontações que ocorrem, uma hierarquia se estabelece, e uma posição passa a ser dominante. Em seguida, a posição dominante é declarada a única possível" (GODELIER apud SCOTT, 1989 p. 12)⁴⁹. Esse paradigma baseado nas oposições binárias é um dos mais sólidos e resistentes modelos de produção da subjetividade, se manifesta em diferentes dimensões da expressão dos seres humanos e é um dos pilares da falta de equidade nas relações de gênero.

Contraopondo-se a essa idéia, emerge então um outro paradigma que, em lugar da oposição binária, formula teorias que alcancem o caráter relacional da transição que acontece entre um pólo e outro (CAPRA, 1982, p.409; SCOTT, 1989, p.2), no lugar de oposições hierarquizadas.

⁴⁸ Jacques Derrida, "Of Grammatology", Baltimore, Johns Hopkins University Press. 1974

⁴⁹ Maurice Godelier, "The Origins of Male Domination", *New Left Review* (1981) 127:17

Ele já está em curso nos estudos sobre mulheres, desde quando "as próprias mulheres começaram a estudar a questão da mulher e fundiram o sujeito e o objeto da ciência" (GIFFIN, 1993, p. 4). Apesar disso, como as relações sociais são baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e essas relações continuam regidas pela iniquidade nas relações de gênero, a sexualidade biológica dos indivíduos continua, por meio de processos de socialização, sendo transformada em subjetividades, moldadas por referenciais nos quais as mulheres estão em situação de desvantagem.

Isso acontece porque nas sociedades em geral o gênero se constitui num elemento para articular regras de relações sociais, que podem se expressar, desde a educação diferenciada até às discriminações legais, "porque o conceito de gênero estrutura a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social" (BOURDIEU *apud* SCOTT, p. 13)⁵⁰. O gênero torna-se então um espaço de articulação de poder, que estabelece o controle ou acesso diferencial aos recursos materiais ou simbólicos.

Outra vinculação entre gênero e poder se dá porque "as diferenças entre os corpos são constantemente chamadas a testemunhar sobre fatos que não têm nada a ver com o sexo, e a testemunhar a favor, isto é, a legitimar" (GODELIER *apud* SCOTT, 1989, p.13), garantindo a permanência da hierarquia onde o homem fica numa posição superior à da mulher.

⁵⁰ Pierre Bourdieu, "Les sens pratique" Paris. Editions de Minuit, 1980, p.246-47, 333-461 particularmente p.366.

Assim, quando nos referimos na presente pesquisa ao sistema de gênero, estamos falando do conjunto de normas e valores que atribui uma hierarquia *às diferenças percebidas entre os sexos* e que institui uma *relação de poder* quando coloca as mulheres na posição inferior dessa hierarquia. É o sistema de gênero que separa homens e mulheres em patamares diferentes em relação aos direitos, e em seguida hierarquiza esses patamares, sendo que o patamar mais elevado fica ocupado pelos homens _ fazendo com que a sociedade toda, inclusive próprias as mulheres, desenvolvam uma percepção de que mulheres devam ser tuteladas, por serem incapazes de darem um rumo às suas vidas.

Estando explicitado o que estamos chamando sistema de gênero e iniquidade nessas relações, retornamos à discussão sobre a ruptura, efetuada pelas mulheres, com valores e normas, tendo como foco a produção da subjetividade.

2.3.2. Estereotipia sexual e ruptura

A entrada nos códigos da masculinidade ou da feminilidade começa nos primeiros momentos da vida dos seres humanos, por meio das roupas, cores, brinquedos e gestos adequados ao modelo. A partir daí, por influência da família, da escola, da TV, da publicidade, da difusão da informação, e de inúmeros outros meios, mulheres e homens são continuamente adequados aos estereótipos disponíveis de masculino e feminino, que por serem estanques e excludores, continuam sendo impedidores da singularização.

Ser homem ou ser mulher são códigos redefinidos constantemente pelas subjetividades circulantes, mas que se assentam na delimitação de padrões de valores adequados para

cada sexo. Os modelos sexuais disponíveis são firmemente traçados, e uma outra possibilidade_ ser homossexual_ também tem suas características agrupadas em compartimento próprio : o modelo homossexual, masculino ou feminino. A diferenciação sexual , portanto, se situa, não no nível da singularidade, mas no nível da "individuação, onde somos homens, ou mulheres, ou homossexuais_ em todo caso somos algo perfeitamente referenciável " (GUATTARI & ROLNIK,1986, p.37). Essa modelagem é tão poderosa que, mesmo quando toma a aparência de rupturas com modelos obsoletos, como no caso de um devir homossexual, rapidamente são agenciados novos padrões, desta vez modeladores da homossexualidade, e que serão tão impeditivos quanto os anteriores, do processo de singularização.

Masculino e feminino, depois de imprimirem sua marca, funcionarão como "arcabouços de todas as representações e sentimentos que nos tornarão cúmplices das formações repressivas dominantes" (NOVELINO, 1989, p.2). Depois de instalado esse arcabouço que nos torna cúmplices, um micro facismo se faz presente. Após esse estágio, nas sociedades industriais, não é mais necessária a existência da repressão ostensiva, porque a repressão se multiplicou em micro poderes que controlam as pessoas de maneira muito mais eficiente sob a forma dos valores veiculados pela família, pela escola, pela televisão, pela publicidade⁵¹. Em seguida, cada pessoa passa a ser repressora de si mesma, através da sensação de inadequação e da culpa.

⁵¹ *Id.*

Desse poder molecularizado não se escapa facilmente. Ele está presente nas instituições e equipamentos coletivos, onde articula um discurso normatizador que controla não só o presente mas impõe releituras do passado e faz previsões do futuro, se tornando um mecanismo repressor eficiente também pela angústia que dissemina.

No entanto, existe a possibilidade de ruptura com essa instância de produção da subjetividade _ não pela contestação da subjetividade dominante, que logo agenciaria modelos contestatórios normatizáveis _ mas pela criação de condições de modos de subjetividade originais.

Como uma das primeiras imposições à criança é a estereotipia sexual, se torna fundamental para a ruptura com o processo de produção da subjetividade a recusa às tipificações sexuais, concretizada, portanto, na prática da micro política, pelo questionamento e repúdio à iniquidade nas relações de gênero.

Até aqui, discorremos sobre a modelização, que na nossa pesquisa , seria o processo de adoção de valores. Passamos agora a abordar o próprio processo de ruptura com valores chamado singularização.

2.4. Singularização: a Ruptura com a Modelização

Dentro da nossa pesquisa sobre o processo de ruptura com normas restritivas diferenciadas e valores oriundos da iniquidade nas relações de gênero entre mulheres nascidas nos meados do século XX em meio rural e pobre, já vimos que estamos lidando tanto com subjetividades de escalas territorializadas quanto de escalas planetárias. Vimos também que a subjetividade está em circulação, em fluxos que atravessam tanto tradições que se perdem no tempo, quanto televisão, publicidade, cultura de massa. Gera poderes explícitos e dissimulados em *micro facismos*, e é captada pelos indivíduos para suas existências particulares. Dela só escapam "as sociedades arcaicas, crianças ainda não integradas ao sistema, pessoas nos hospitais psiquiátricos" (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p.27), porque ela faz a conexão direta entre as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo e essas grandes máquinas de controle social que, simplificadamente, poderíamos dizer que se expressam por meio da cultura de massa.

O entendimento do processo de singularização, portanto, nos ajuda a entender o processo de ruptura que estamos pesquisando. Porque a máquina de produção de subjetividade é contínua, e processa permanente reciclagem⁵²: cada vez que uma subjetividade se diferencia e se singulariza, novos agenciamentos se põem em ação, e o que foi diferenciado é novamente moldado e igualado⁵³.

⁵² *op.cit.* p.33

⁵³ É preciso que se dê atenção ao fato de que uma das principais tendências existentes nas sociedades capitalísticas é a tentativa de bloquear os processos de singularização e instaurar processos de *individuação*. Porque *individuação* e singularização são processos diferentes e opostos (GUATTARI & ROLNIK, 1986 p. 33 -38). Na *individuação* as diferenças dos indivíduos são normatizadas e eles se tornam serializados, enquanto morrem os seus potenciais de singularização.

Essa subjetividade captada passa a ser vivida de dois modos: ou numa relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal qual a recebe, ou numa relação de expressão e criação, da qual o indivíduo se apropria dos componentes da subjetividade produzindo um processo chamado singularização.

Quando, apesar da intensidade das forças contrárias, acontece um processo de singularização, este implode a modelização da subjetividade, mas implode junto os parâmetros e as referências conhecidas, o que acaba gerando angústia e facilitando a recaptação para a subjetividade dominante. Porque as mutações da subjetividade acontecem na totalidade da percepção da vida e do mundo, e não apenas no registro das ideologias.

Porém, a força do processo de singularização é que ele tem a característica de ser auto modelador. Ele capta os elementos da situação e constrói seus próprios referenciais, práticos ou teóricos, sem ficar na dependência em relação ao poder global⁵⁴ e, portanto, se constitui como capaz de ler sua própria situação, o que, como método, nos faz lembrar Paulo Freire e a produção da capacidade, no oprimido, de ler e a própria opressão.

Assim, a singularização se caracteriza pela construção de referenciais próprios, "suas próprias cartografias", pela invenção da "sua praxis, de modo a fazer brecha na subjetividade dominante"⁵⁵. Ao mesmo tempo, ela precisa se manter resistente às investidas no sentido de nivelção e normatização, de converte-la outra vez de

⁵⁴ *Ibid.*, p.46

⁵⁵ *Ibid.*, p.49-50

singularização à subjetividade dominante. A emergência de singularidade provoca dois tipos de resposta : ou a resposta normalizadora, ou a resposta que busca a construção de um processo criativo e transformador.

2. 4. 1. Participação social como ruptura

A idéia da promoção de transformações sociais esteve tradicionalmente ligada à de comções produzidas pela ação de líderes e partidos políticos, algo do âmbito público e dissociado da vida privada e das ações cotidianas: "Nós acreditamos durante muito tempo que a história era feita pelos partidos políticos, pelos líderes, pelos grandes movimentos sociais e econômicos. Hoje, percebemos que ela também e feita por esse tipo de onda molecular "(GUATTARI & ROLNIK, p. 56). No entanto, a dimensão política da vida privada se constituiu em bandeira do movimento feminista.

...a expressão "o pessoal é político" _ uma proposta teórica e prática do movimento feminista _ significa que o reduto do privado (o sexo, a emoção, a família, a cotidianidade) pode tornar-se objeto de uma intervenção política, ou seja, pública...Contudo, sendo público e privado categorias historicamente delimitadas e culturalmente percebidas, nem toda sociedade classificará desse modo seus diferentes domínios (CAVALCANTE, FRANCHETTO & HEILBORN, 1981, p.8).

A expressão "o pessoal é político" serve para nos lembrar de que no espaço privado reproduzimos as instituições políticas, sendo este um lugar onde podem acontecer tanto golpes e ditaduras quanto revoluções libertadoras.

Além do sentido de ser um espaço passível de intervenção pública, e percebido de forma diferente de acordo com características culturais diferentes, o espaço pessoal, em si mesmo, é potencialmente, um espaço político. Estamos falando do questionamento da vida cotidiana, que se expressa na micro política como "revolução molecular".

A idéia de revolução molecular diz respeito sincronicamente a todos os níveis: infrapessoais (o que está em jogo no sonho, na criação, etc.); pessoais (por exemplo aquilo que os psicanalistas chamam de Superego); e interpessoais (a invenção de novas formas de sociabilidade na vida doméstica, amorosa, profissional, na relação com a vizinhança, com a escola, etc.) (GUATTARI, 1986, p. 45 - 46).

Quando uma pessoa rompe a opressão cotidiana, mesmo com pequenos atos, está realizando uma revolução molecular, isto é, está desempenhando aquilo que Guattari (1986) chama de o atrevimento de singularizar. A emergência da singularização desencadeia uma "função da autonomia", que pode acontecer em terrenos microscópicos: nas relações da vida cotidiana, numa organização de bairro, numa rádio livre, num grupo de teatro autônomo, exatamente porque trabalham no nível da produção da subjetividade alternativa⁵⁶. Esses espaços de micro política tanto podem reproduzir produções de subjetividade micro fascistas, como têm grandes chances de, pela criatividade nas inter-relações e nas relações com a macro política, consistirem espaços de ruptura com valores e se tornarem espaços de revolução molecular.

⁵⁶ *Ibid.*, p.46-47

Para mulheres, espaços de características micro políticas como organizações de bairro e grupos reunidos para questões de saúde, por exemplo, têm desempenhado um papel importante na produção de subjetividades, onde podem emergir singularizações que operem rupturas com normas de comportamento diferenciadas e valores oriundos da ausência de equidade nas relações de gênero.

Sobre a importância da participação em organizações como uma forma de se resistir às subjetividades dominantes e oportunizar espaços de rupturas com valores do sistema de gênero, é pertinente citar uma pesquisa que juntou três grupos representativos das atividades mais desempenhadas pelas mulheres brasileiras: trabalhadoras rurais do nordeste (envolvidas com o Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste -MMTR/NE) ; empregadas domésticas no Rio de Janeiro (membros do sindicato dessas trabalhadoras, Sindicato das Trabalhadoras Domésticas do Rio de Janeiro); e donas de casa de baixa renda participantes no movimento popular de saúde da periferia de São Paulo, Movimento de Saúde da Zona Leste.

Nessa pesquisa, ficou demonstrado que a participação em seus respectivos movimentos significou um apoio substancial para o desenvolvimento da auto estima e poder, o que, por seu turno, contribuiu para desenvolver a capacidade de tomarem decisões a respeito de sua vida sexual e reprodutiva. Para essas mulheres, a reprodução biológica é vivida como uma carga, acrescida, para as que desenvolvem trabalho remunerado, pelo papel que este ocupa nas suas vidas, experienciado e pensado como um sobrecarga injusta (DINIZ, SOUZA & PORTELLA, 1998, p.3). Mas isso tem sido questionado e transformado, exatamente

porque elas têm tido a oportunidade de experimentar a discussão desses temas em seus espaços micro políticos.

Assim, a "função de autonomia", emerge nesse espaço onde interagem aspectos privados e políticos. Por exemplo, o fato de participar de um grupo que discute trabalho, saúde e relações de gênero levará a participante a passar a se perceber como trabalhadora e ter direitos. Isso irá provocar mudanças no cotidiano da vida privada, o que irá ressoar na política da vida doméstica e distribuição das tarefas, provocando rupturas da alçada de questionamentos sobre a falta de equidade nas relações de gênero.

Embora os três grupos de mulheres participantes da pesquisa citada apresentassem diferenças de condições de trabalho e de vida, a pesquisa encontrou similitudes em suas estratégias relativas às tomadas de decisões, "principalmente no que concerne à reprodução e sexualidade" e também um propósito de "transformar suas próprias dores e sofrimentos numa vida melhor para elas mesmas e para as gerações futuras".

Essa ação micropolítica, a participação nesses grupos, as diferencia, na maneira como agem em relação aos mesmos temas, de mulheres que permanecem no isolamento da vida doméstica e não participam de grupos e movimentos populares. Depois de terem sofrido as conseqüências conjugadas da pobreza e da iniquidade nas relações de gênero, essas mulheres passaram a aspirar ...

...para as mulheres das gerações futuras __ incluindo suas próprias filhas _ uma educação e profissão, casamento mais tarde, que tenham menos filhos , que tenham um projeto pessoal que quebre o isolamento da vida doméstica e da maternidade, e alcance a esfera pública do trabalho remunerado e da cidadania plena (DINIZ, SOUZA & PORTELLA, 1998, p.4).

Portanto, no nível do imaginário, estão produzindo desejos que representam rupturas com aquilo que anteriormente chamamos subjetividade severina.

Apesar de pertencerem à mesma classe social, as pesquisadas em Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro pertencem a uma faixa etária mais jovem do que a das participantes que estamos agora pesquisando. Destacamos que a questão da negociação sobre questões ligadas à divisão das tarefas domésticas aparece, nas duas pesquisas, de maneira similar, o que nos faz constatar que, entre outros, essas duas gerações compartilham o mesmo problema. Outro ponto de aproximação entre as duas pesquisas está ligado as questões atribuídas às esferas do domínio público e do privado. Na pesquisa que estamos comentando, as investigadoras partiram do referencial de que a distinção entre as esferas pública e privada é profundamente entranhada na cultura brasileira, e sua abordagem se torna fundamental para a discussão da cidadania, pensada como um atributo do domínio do público.

Estudos anteriormente realizados sobre as representações sociais da identidade pública e privada identificavam a primeira como negativa _ caracterizada por relações impessoais, suspeição em relação aos estranhos, desconfiança e perigo _ e a segunda como positiva _

caracterizada como familiar, relações pessoais, lealdade, confiança, proteção da família (DA MATTA, 1978, 1987 *apud* DINIZ, SOUZA & PORTELLA, 1998). No entanto, na pesquisa ora citada, as mulheres das três regiões investigadas consideraram o mundo privado em termos negativos : aprisionante, violento, exigente, sobrecarregado, uma fonte de exaustão, dor e sofrimento. E, ao contrário, o universo público é associado com liberdade, mobilidade, empoderamento, auto-descobrimto, autoconhecimento, crescimento pessoal, sociabilidade, solidariedade e responsabilidade⁵⁷. Uma interpretação que se pode fazer sobre esses dados é que a leitura de Da Matta (1978) não reconhece como o sistema de gênero permeia os valores associados a estes espaços.

As mulheres pesquisadas, por terem tido a oportunidade do pertencimento aos grupos e movimentos citados, efetuaram uma ruptura com valores dominantes nos seus contextos, que passaram a serem reinterpretados sob a ótica das relações de gênero. Portanto, abandonaram referenciais que as desfavoreciam e redirecionaram suas vidas pela criação de novos referenciais. Podemos dizer que singularizaram suas subjetividades pela reinterpretação das relações de gênero, proporcionadas pela oportunidade de questionamento que encontraram na participação social.

Outra questão levantada pela mesma pesquisa, que o trabalho fora do lar e a participação em movimentos populares _ atividades do domínio público _ são os mais significativos fatores na promoção do desenvolvimento da consciência de si como alguém merecedora de direitos⁵⁸, também aparece na pesquisa que ora realizamos.

⁵⁷ *Ibid.*, p.23

⁵⁸ *Ibid.*, p.24

Mas, como o discurso dos direitos pertence ao mundo público, ainda existe, como desafio, a maior inclusão do espaço doméstico como um lugar onde se tenha direito de usufruir de direitos.

2. 4. 2. Criatividade como ruptura

Além de brasileiras nascidas na pobreza, e portanto, arriscadas à subjetividade severina, de se situarem no limiar da faixa em que passam a serem consideradas pessoas idosas, de serem mulheres, e, portanto, estarem enredadas nas malhas da falta de equidade nas relações de gênero, de participarem em movimentos sociais intermediados pela Igreja Católica, as investigadas na nossa pesquisa estão engajadas em atividades artísticas, o que nos leva a discorrer brevemente a respeito da criatividade numa abordagem em que esta se transforma num processo de ruptura.

2.4.2.1. Arte como visão de mundo

A apreciação ou a vivência da arte provoca transformações pessoais e sociais, afirma Ostrower (1983), ao descrever sua experiência de ministrar um curso de arte para operários de uma gráfica, onde demonstra que a apreensão do mundo se modifica para quem cria ou aprecia uma obra de arte. Em contato com a arte "uma nova percepção é produzida", com características de ruptura com a percepção anterior, processo que a autora nomeia como "síntese pela arte". Essa síntese acontece entre aquilo que poderíamos chamar de bagagem de vivências que cada pessoa tem, e aquilo que é apreendido por meio da arte, e "é sempre realizada com toda a nossa personalidade".

Não se trata apenas de um registro de informações, porque o conhecimento que ganhamos é muito mais que intelectual, "é uma apreensão global das coisas" (OSTROWER, 1983, p. 56 - 57). Idéia semelhante encontramos em Fischer quando fala da arte como um meio indispensável da união do sujeito com o todo (FISCHER, 1959 p. 13-14), seja quando, numa forma apolínea, busca libertar-se do esmagamento do cotidiano, seja de forma dionisiaca, quando, por meio da arte, busca fundir-se com toda a realidade.

O homem anseia por absorver o mundo circundante, integrá-lo a si; anseia por estender pela ciência e pela tecnologia o seu "Eu" curioso e faminto de mundo até as mais remotas constelações e até os mais profundos segredos do átomo; ... A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias (FISCHER, 1959, p.13).

Na presença de uma obra de arte não precisamos de palavras__ um elemento novo se incorpora à nossa percepção, rompendo com a organização anterior e reordenando nossos conceitos __ recriamos a obra mentalmente e fazemos uma síntese nova (OSTROWER, 1983). Depois dessa experiência, não somos mais os mesmos.

As obras de arte espelham os valores de cada época, filtrados pela experiência individual de cada artista. Na arte, " a ordenação formal que é dada a uma obra, deve ser entendida como a única maneira possível de se objetivar uma experiência subjetiva"⁵⁹ .

⁵⁹ *Ibid.*, p.63

As emoções de um/a artista são subjetivas, como as de todas as pessoas, mas quando ele ou ela consegue fixar a experiência pessoal e estabelecer um modo concreto de transmiti-la a outros, ela se torna expressão e comunicação ao mesmo tempo. "A arte é um legado dos artistas para a humanidade toda. Pertence a todos que estão vivos. Quanto mais viessem a conhecer a arte, tanto mais esta lhes pertenceria"⁶⁰. Ela passa a pertencer ao patrimônio coletivo daqueles que se apropriam dela e compartilham da emoção que ela desperta.

Em todas as pessoas existe latente um potencial sensível, é nisso que consiste a riqueza de sua humanidade e de sua inteligência, e é isso que torna as pessoas criativas⁶¹. A função da arte é provocar a sensibilidade pela introdução de um elemento ordenador, a experiência ou a apreciação artística, que faz reconfigurar a apreensão da realidade. É uma função política e poderíamos dizer que produz subjetividades e pode provocar a emergência da singularidade, no sentido que Guattari dá a esse termo.

A singularização é gerada pela experiência criativa, porque por essência, a criação é sempre dissidente, transindividual, transcultural e há sempre uma espécie de multicentragem dos pontos de singularização no campo da criação (GUATTARI & ROLNIK , 1986 p. 33).

A questão da reapropriação dos componentes da subjetividade por meio da expressão e criação nos interessam especialmente, e se vinculam com a questão que estamos abordando, o processo de ruptura com valores e normas, porque um dos critérios da

⁶⁰ *Ibid.*, p.348

⁶¹ *Id.*

seleção das informantes da presente pesquisa foi exatamente o fato de serem integrantes de um grupo artístico. Em diferentes momentos da sua obra Guattari (1986, 1989) emite e reforça a idéia de que a criatividade e a expressão artística são espaços de resistência à modelização. A criatividade, porém, ressalva, não precisa se vincular necessariamente à atividade artística.

O que é verdadeiro para qualquer processo de criação é verdadeiro para a vida.

Um músico ou pintor está mergulhado em tudo o que foi a história da pintura, em tudo o que a pintura é em torno dele, e, no entanto, ele a retoma de um modo singular (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p. 69).

O simples questionamento da vida cotidiana, ou o questionamento do trabalho e do lazer, ou das relações pessoais, ou da diferenciação sexual, pode desencadear esse processo de mutações da subjetividade, chamado singularização. Portanto, concluímos que o processo de ruptura com normas restritivas diferenciadas e valores culturais oriundos do sistema de gênero é um processo de singularização.

Depois de termos explorado o processo de aquisição de valores como produção da subjetividade: no geral; no que concerne ao fato das investigadas serem brasileiras; no que isso é modificado pelo fato de terem nascido em situação de pobreza; nos significados que agrega pelo seu pertencimento à sua faixa etária; no que é determinado pelo fato de serem mulheres, de participarem de grupos ligados à Igreja Católica e de integrarem um grupo artístico, avaliamos as possibilidades de suas subjetividades devirem em singularidades originais, capazes de efetuar rupturas com normas diferenciadas e valores oriundos da falta

de equidade nas relações de gênero. Antes de finalizar a presente discussão teórica queremos citar quatro dimensões que estarão presentes no capítulo de análise das Histórias de Vidas coletadas: a protagonização, a memória, a autonomia e o empoderamento.

2.5. Protagonização, Memória, Autonomia & Empoderamento

Iniciamos pelo conceito de protagonização. No presente trabalho estamos considerando uma protagonização o ato de contar a própria vida. Esse termo, emprestado do teatro grego pela teoria psicodramática, define como protagonista "aquele que oferece seu próprio drama íntimo, sua própria investigação dramática em prol da investigação grupal" (MENEGAZZO, TOMASINI & ZURETTI, 1995, p.172). Além desse conceito, estaremos empregando termos como *papel*⁶² e *cenário*, também emprestados do teatro, e *conserva cultural*, incorporados ao pensamento psicodramático pelo seu criador Jacob Levy Moreno (1946). Justificamos esse uso como mais um recurso teórico, complementar à teoria de produção da subjetividade, facilitador do entendimento das Histórias de Vidas pela ideia de perspectiva que inclui.

A origem do termo papel, com o sentido de perspectiva de onde se fala, não vem da sociologia, ou da psicologia, mas do antigo teatro grego de onde foi apropriado pelo Psicodrama, onde "papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento

⁶² O termo inglês *role* (= *papel*), originário de uma antiga palavra francesa que penetrou no francês e inglês medievais, deriva do latim *rotula*. Na Grécia e também na Roma Antiga, as diversas partes da representação teatral eram escritas em "rolos" e lidas pelos pontos dos atores que procuravam decorar seus respectivos "papéis";... Só nos séculos XVI E XVII, com o surgimento do teatro moderno, é que as partes dos personagens teatrais foram lidos em rolos ou fascículos de papel. Desta maneira, cada parte cênica passou a ser designada como um papel ou role... Assim, por sua origem, o termo papel não é um conceito sociológico, ou psiquiátrico; entrou no vocabulário científico por meio do teatro (MORENO, 1946 p.27).

específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos" (MORENO, 1946, p.27). Desempenhamos papéis em todas as circunstâncias da nossa vida, onde os primeiros são psicossomáticos, logo após nascer, e consistem em papel de respirador, papel de sugador, e outros.

Os papéis sociais só surgirão a partir do desenvolvimento dos vínculos e contatos familiares e sociais, e assim sendo, assumem a forma de diferenciações individuais para denominadores coletivos. Cada papel social, ao manifestar-se, desvela uma trama onde se pode entrever os papéis anteriores que são sua base (MENEGAZZO, TOMASINI & ZURETTI, 1995 p.140 -156). A família funciona como um palco interativo, amostra do que serão, mais tarde, os outros grupos e a sociedade. Desempenhar um papel social é uma função perceptiva, e aprender um papel social novo exige desenvolver a percepção do que é julgado adequado⁶³. Contar a própria história a uma pesquisadora é assumir um papel novo, emergente, de narradora, que oferece coordenadas para favorecer atualizações e reestruturações das próprias potencialidades.

Na teoria psicodramática o ambiente vital no qual cada ser humano está incluído incide sobre ele tanto como estímulo para seu crescimento como para cerceá-lo, e essa característica do ambiente é que produz a idéia de posição, no sentido de lugar que ocupa, o que faz a ligação com a teoria da produção da subjetividade em Guattari (1986) e outros autores citados, que desenvolvem essa mesma perspectiva.

⁶³ *Ibid.*, p. 129 -172

É desse lugar que ocupa, desse cenário político, que, enquanto relata, a narradora de sua História de Vida é uma protagonista, no sentido de ser aquela que oferece o seu próprio drama íntimo à investigação. Só poderemos compreender sua submissão ou ruptura com valores na dependência do lugar de onde ela conta a sua história _ se no papel de vítima, por exemplo, ou no papel de conquistadora da própria liberdade.

A outra dimensão que queremos abordar é o próprio ato de lembrar. Cada História de Vida só pode ser coletada por causa da existência das lembranças guardadas na memória das narradoras.

Distante da passividade de apenas esperar que as imagens aflorem, lembrar é um trabalhoso reconstruir, e não um impossível reviver do que já se passou. Na lembrança, os fatos não ganham vida como eles eram, porque nós, as que lembramos, já não somos as mesmas que fomos. É com as idéias de hoje, os juízos que fazemos, a forma como atribuímos valores, as imagens que hoje fazem parte da nossa história, que reconstruímos uma experiência do nosso passado na forma de lembrança (HALBWACHS; BARTLETT *apud* BOSI, 1979, p. 53-56). A vida atual se intromete nesse processo de reconstrução do passado, aparando arestas, reavivando cores esmaecidas, modelando a situação evocada.

Lembramos porque nosso presente nos instiga, nos provoca, e quando relatamos, a linguagem socializa a memória. Relações de tempo, de espaço, de causa e de consequência, indispensáveis ao ato de relatar, fazem a ponte entre a memória individual e a memória coletiva⁶⁴.

⁶⁴ *Ibid.*, 64-66

Portanto, pesquisando nas Histórias de Vidas o processo de ruptura com valores e normas, estaremos reconhecemos a subjetividade como fonte de conhecimento, considerando a narrativa como uma protagonização onde os diferentes papéis estarão permeados pelas conjunções de determinantes do tempo presente, e reconhecendo o olhar de hoje, presente na narrativa do passado.

Além das instâncias da protagonização e do ato de lembrar, dois conceitos oferecerão sustentação teórica ao nosso tema. São os conceitos de autonomia e empoderamento.

Estamos levando em conta que pesquisamos pessoas nascidas em situação de pobreza e num meio que oferecia poucas oportunidades de estudo e de trabalho remunerado, o que, logo de saída, problematiza sua independência econômica, pré requisito para a autonomia.

Partiendo de la observación de que la independencia económica no es garantía de autonomía resulta necesario definir las y diferenciar-las. Defino la independencia económica como la disponibilidad de recursos económicos propios. Defino la autonomía como la posibilidad de utilizar esos recursos, pudiendo tomar decisiones con criterio propio y hacer elecciones que incluyan una evaluación de las alternativas posibles y las "otras" personas implicadas. Desde esta perspectiva, la autonomía no es "hacer lo que uno quiera" prescindiendo de lo que lo rodea, sino elegir una alternativa incluyendo lo que lo rodea. La independencia económica resulta una condición necesaria pero no suficiente para la autonomía (CORIA, 1986, p.16).

Portanto, deduzimos que pode haver independência econômica sem autonomia. Mas a autonomia como capacidade de escolher o que fazer com seus recursos *incluindo lo que lo rodea*, se torna uma questão complexa, porque *lo que rodea* a pobreza deixa poucas alternativas de escolhas às mulheres. Levando em conta o lugar de pobreza de onde provém as narradoras, além do acesso ao dinheiro, para balizar nossa escuta, empregaremos também o conceito de empoderamento, que leva em conta outros fatores.

A palavra empoderamento vem sendo usada tanto para descrever um fenômeno⁶⁵ como para nomear uma abordagem⁶⁶. Como fenômeno, uma definição sintética seria dizer que, como resultado do entrecruzamento de experiências de vida, ela corresponde, à conquista, pelo ser humano desempoderado, da capacidade de decidir sobre questões que lhe digam respeito. Desempoderado é aquele ser humano sobre o qual incidem as conseqüências dos atos e escolhas de outros, ao mesmo tempo em que não tem consciência de que isso está se passando e nem se julga com direito a uma outra forma de estar no mundo.

Como abordagem, o empoderamento⁶⁷ é uma atitude que pode guiar uma intervenção. É radicalmente oposta à atitude assistencialista pois se fundamenta na crença na reciprocidade e equidade. Nela se acredita que pessoas, grupos ou comunidades desempoderadas têm ou podem desenvolver as capacidades que caracterizam o

⁶⁵ NINACS, William A. Empowerment et Développement Local - Texte présenté au symposium "Empowerment: Building for Strength organisé par l' Association for Community Organization and Social Administration, San Diego -Californie, 1995

⁶⁶ *Id.*

⁶⁷ A palavra empoderamento, é um aportuguesamento de *empowerment*. O infinitivo *empower*⁶⁷, traduzido como autorizar alguém para fazer algo, ou delegar autoridade para, não alcança inteiramente o significado reflexivo que adquiriu na fala política _ maior do que autorizar, ou dar poder a alguém, empossar alguém (William Collins Sons & Co. Ltd. Harper Collins Publishers 1993)_ mas sim mais próximo de autorizar-se, permitir-se.

empoderamento. Participação, auto estima, consciência crítica e competência⁶⁸ são fatores citados por autores que trabalham com o conceito de desenvolvimento sustentável, como condições para que se alcance o empoderamento.

Quando empregado em relação às mulheres, o termo empoderamento é reconhecido por meio de indicadores⁶⁹ específicos. Consistem em: compreender as relações de gênero como questão cultural e não natural, portanto passíveis de mudanças; sentir-se capaz de transformar essas relações, com direito à essas transformações e merecendo usufruir delas; tornar-se capaz de barganhar, negociar e escolher em questões que lhe digam respeito; e tornar-se apta a influir nas decisões que lhe digam respeito por meio do desenvolvimento da capacidade de participação política em diferentes níveis.

Retomamos o primeiro indicador do empoderamento de mulheres: a apreensão do conhecimento e compreensão sobre as relações de gênero como fato cultural passível à mudanças. A apropriação do conceito, em si, introduz a uma forma de perceber o mundo e se perceber que é, em si mesma, empoderadora. Porém o maior desafio à apropriação desse conceito por parte de todas as mulheres, incluindo aí as participantes dessa pesquisa, é que o paradigma anterior, biologicista, além de ainda prevalecente em todas as áreas da vida cotidiana, é dominante sobretudo nos meios populares de comunicação. Salvo por alguns poucos espaços especiais inseridos em projetos educacionais e de saúde, as mulheres do meio popular estão excluídas do acesso a todo questionamento que leve à

⁶⁸ NINACS, William A .

⁶⁹ Segundo o UNIFEM - Fundo das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Mulher, *in Progress of the World's Women 2000*, UNIFEM Biennial Report. New York, 2000 pp.20-21 *in* DFID-Department for International Development, U.K. 2000 .

compreensão da sua condição como cultural, não natural, não essencialista, e por isso, passível de ser modificada.

O segundo indicador de empoderamento, a crença na própria capacidade de operar as mudanças necessárias nas relações de gênero, compreendê-las como um direito, e considerar-se merecedora de obtê-lo, envolve a subjetividade, no sentido daquilo que é produzido (GUATTARI, 1986, p. 25) continuamente pelo agenciamento de modelos disponíveis na cultura.

Existe, nos modelos disponíveis na cultura brasileira, uma dualidade na questão da hierarquia entre homens e mulheres, afirma D'Ávila Neto (1980). Aos homens corresponde uma indiscutível autoridade e poder político. Mas quando falamos em empoderamento de mulheres, precisamos levar em conta de que, no Brasil, a tradição católica alimentou a emergência de um "madonismo", que exalta a mulher virginal e torna mais complexa a questão da atribuição de poderes no patriarcado.

Se, por um lado, a autoridade do homem é indiscutível, às mulheres é atribuído um poder mítico e mágico (D'ÁVILA NETO & PIRES, 2000 p. 53), que acaba sendo incorporado à esfera do imaginário.

Não tendo acesso (definitivamente?) ao poder, no sentido político, a mulher brasileira média encontrou suas saídas através da exaltação dos poderes místicos ou mágicos, ou nos modelos madonísticos, segundo a classe-cor, definida ou atribuída (D'ÁVILA NETO, 1980).

Portanto, na situação brasileira, ao se traçar estratégias para a questão do empoderamento das mulheres, os aspectos imaginários do poder, de cunhos *místicos ou mágicos* (D'ÁVILA NETO & PIRES, 2000 p.57), não podem ser ignorados. "*Women's empowerment implies dimensions of socio-economic, political, technological, cultural and spiritual self-empowerment*" (D'ÁVILA NETO & PIRES p. 56), o que não é habitualmente levado em conta no planejamento de políticas que beneficiem mulheres.

É oportuno citar que um estudo recente realizado pela Rede Mulher de Educação (CARREIRA, AJAMIL & MOREIRA, 2001) indica que a educação diferenciada continua sendo predominante no Brasil, onde as meninas são ensinadas a buscarem a aprovação social, são estimuladas à evitação do conflito, à passividade e ao controle da agressividade. Têm maiores restrições ao mundo fora do lar do que os meninos e vêem o poder como algo externo e distante. Esse estudo alerta que, no Brasil e em toda a América Latina, ao se fazer análise de gênero, é indispensável que se considere que a cultura está permeada por valores religiosos, onde a obediência incondicional e a pureza são valores a serem alcançados pelas meninas, gerando comportamentos de submissão, sentimentos de culpa, e a expectativa de ser reconhecida como sujeito pela dimensão do sofrimento e do sacrifício. Se esses valores ainda hoje estão presentes na formação das meninas, as dificuldades em desenvolver os sentimentos de "se sentir merecedora" e de "ser capaz" são maiores, assim como também se torna difícil o desenvolvimento da consciência crítica, incompatível com a obediência incondicional.

O terceiro indicador do empoderamento de mulheres é a aquisição da habilidade de fazer escolhas e exercer o poder de barganha, e o quarto consiste na conquista da capacidade de

participação social, na habilidade de organizar e influenciar as transformações sociais em diferentes níveis. Ambos apontam para a relação com o outro, na maioria das vezes incluindo o trânsito entre os âmbitos privado e público.

Enquanto os dois primeiros indicadores do empoderamento envolvem questões como reconhecimento de sua própria condição como ser humano com direitos e merecedor dos mesmos, os dois últimos exploram a conquista da capacidade de se relacionar em condições de equidade.

Para participar de grande parte das iniciativas nas quais possa ter a oportunidade de decidir ou colaborar para a decisão de questões que lhe dizem respeito, as mulheres necessitarão cruzar a passagem do mundo privado ao mundo público. Essa passagem representa ainda um obstáculo, mesmo para mulheres que desempenham trabalho remunerado, formal ou informal, fora do lar. E uma das dificuldades se concentra exatamente na capacidade de fazer reconhecer sua mudança de *status* no âmbito privado, negociar a divisão de tarefas do lar e do cuidado dos filhos/as, e conquistar seu direito de ir e vir.

É o que se chama "transição de gênero", quando, na "conformação da identidade feminina atual coexistem valores e qualidades relacionados com os padrões e estereótipos anteriores, assim como práticas que negam esses valores" (GIFFIN, 1993, p.9). Um comportamento novo é assumido, que pode ser um trabalho fora de casa ou a participação num projeto político, no seu sentido mais amplo. Mas o comportamento antigo continua vigente, como a responsabilidade integral pelas tarefas do lar e do cuidado dos filhos.

"Seja homem e seja mulher" (OLIVEIRA, apud GIFFIN, 1993, p.9) é a dupla mensagem que as mulheres estão recebendo, também porque continua vigente o padrão no qual o mundo público pertence ao homem.

Buscando compatibilizar vida pessoal, vida familiar e vida profissional/pública, se enredam em "um sentimento bastante comum de estranhamento, dívida, culpa por acharem que não estão cumprindo bem o papel tradicional de cuidado da família e de suas relações afetivas (CARREIRA, AJAMIL & MOREIRA, 2001, p.13-14). Negociação e participação, etapas fundamentais do empoderamento, expõem a questão de que no mundo doméstico, familiar e privado, os homens não assumiram mudanças de atitudes numa proporção que corresponda à entrada das mulheres no mundo do trabalho formal e informal e no mundo da participação social, ambos no território do público.

"Se, para as mulheres, a saída do mundo privado pode significar conquista de autonomia e ampliação de espaço, para os homens, dividir o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos ainda representa uma perda de status"⁷⁰. Embora o questionamento desses paradigmas comece a ser popularizado e presente na discussão em muitos setores da sociedade brasileira, o poder continua presente nas subjetividades como sendo um atributo masculino.

Portanto, ao longo da presente pesquisa estaremos utilizando as instâncias protagonização, memória, autonomia e empoderamento com os sentidos que foram descritos acima.

⁷⁰ *Id.*

2. 6. De Dentro da Encruzilhada

Existem, portanto, maneiras de interromper a modelagem das subjetividades. É possível romper com normas restritivas diferenciadas e valores culturais que têm origem no sistema de gênero.

Essa interrupção não deverá se dar pela contestação nos moldes habituais da macro política, que logo será incorporada como modelo contestatório agenciável, mas através de uma revolução cuja estratégia parte do pequeno para o grande, do local para o geral, do privado para o público, do repetidor para o criador.

Ao invés de atacar a subjetividade dominante, essa estratégia rompe com ela por meio da criação de outras subjetividades originais: pela recusa às estereotípias sexuais, pela criação de meios de expressão alternativos, pela prática da micro política, enfim, pela expressão da criatividade, em todos os níveis.

A recusa à lógica maniqueísta, o esvaziamento do paradigma da oposição binária, a ruptura da tipificação homem - mulher, são exercícios de singularização que implodem o processo de produção da subjetividade dominante. Por meio da ruptura criativa se torna possível escapar da engrenagem. No entanto, é importante ressaltar, Guattari considera este um processo dinâmico, onde se escapa à engrenagem para depois, outra vez, se enredar nela, e, outra vez, romper, numa contínuo.

Retomamos o objeto da nossa discussão, o processo de ruptura com normas diferenciadas e valores oriundos da ausência de equidade nas relações de gênero, recordando que dois critérios foram fundamentais para a seleção das participantes da pesquisa. Um dos critérios da escolha foi a faixa etária, o fato de serem mulheres nascidas quase na metade do século XX, e o outro foi o fato de serem mulheres engajadas em uma atividade artística. Dentro dessa lógica, nossas pesquisadas estão situados no entrecruzamento, entre muitos outros, de dois vetores que para nós foram considerados principais.

Um dos vetores aponta na direção da produção da sua subjetividade como de mulheres idosas, e o outro que aponta na direção da criação e expressão artísticas, potencializadoras do fenômeno da singularização.

Como será, no início do século vinte e um, sendo o que somos hoje, terminais conectados às subjetividades circulantes (GUATTARI & ROLNIK, 1986) atravessadas por condensações de determinações históricas, como será falar do que aconteceu nos últimos sessenta anos?

Algumas das narradoras das Histórias de Vida desse estudo passaram as noites da infância em casas cobertas de sapê e iluminadas por lampiões de querosene em terras onde hoje estão instaladas duas usinas nucleares. Nasceram sob o cuidado de parteiras, cresceram dentro de um mundo que tinha códigos rígidos e muitas certezas. Enquanto cresciam, a visão de mundo e os sistemas de valores que balizavam toda a cultura ocidental foram sendo questionados, ou ruíram simplesmente ao mesmo tempo em que outros valores emergiam, porque

...vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos e psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse mundo apropriadamente, necessitamos de uma perspectiva ecológica, que a visão de mundo cartesiana não nos oferece (CAPRA, 1995 p14).

As narradoras foram contemporâneas tanto da criação da contracepção oral quanto da veiculação da discussão onde as mulheres passaram, de *essência* à possibilidades. Ao longo de sessenta anos fizeram a travessia de um mundo onde tudo era definido, o certo e o errado, o permitido e o proibido, para o lugar onde descobrimos que

... a história do nosso universo sempre comportou a incerteza: colisões de partículas ou de galáxias, logo com destruições mútuas, bifurcações, riscos, etc. ... Penso que vivemos num mundo de mistura de ordem e de desordem - sendo ordem tudo que diz respeito ao determinismo, à estabilidade, à regularidade, e desordem tudo que é colisão, agitação, destruição, explosão, irregularidade. Devemos desenvolver estratégias de ação face a tal universo... (MORIN, 1995, p.12).

Desse entrecruzamento de vetores que apontam sentidos múltiplos _ vetores na direção das restrições de gênero e vetores na direção da participação política, vetores na direção do envelhecimento e vetores na direção da criatividade, vetores na direção severina e vetores na direção planetária, é que se constrói essa pesquisa do processo de ruptura com normas diferenciadas e valores oriundos da iniquidade nas relações de gênero, cuja metodologia empregada passaremos a descrever no capítulo 3.

Capítulo 3. A METODOLOGIA DAS HISTÓRIAS DE VIDA, A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA E OS PARADIGMAS DA INVESTIGAÇÃO FEMINISTA

Este capítulo pretende dar visibilidade ao método de realização da presente pesquisa sobre o processo de ruptura com normas de comportamento diferenciadas e valores culturais oriundos da iniquidade nas relações de gênero. Nele iremos explicar os motivos que nos levaram à escolha das Histórias de Vida como método de pesquisa, porque escolhemos a abordagem etnográfica, e como introduzimos transversalmente o enfoque feminista nesta metodologia. Também explicitaremos o critério de escolha das participantes, seu perfil, as técnicas empregadas para a coleta de material e para o tratamento dos dados recolhidos, os antecedentes e implicações que interferiram na sua realização, as dificuldades e facilidades que criaram obstáculos ou enriqueceram os resultados da pesquisa.

3.1. A Escolha do Método

Para contemplar a importância da subjetividade presente no tema elegido para ser pesquisado precisávamos escolher um método em que essa instância fosse não só levada em conta, como também nos permitisse ter acesso às expressões dela. Nos interessava avaliar se as pesquisadas estavam ou não realizando rupturas com normas e valores, e, além disso, investigar se elas consideravam que estavam efetuando essas rupturas, como elas descreviam esse processo, o que consideravam que as favorecia e o que consideravam que as restringia nesse percurso.

O método de Histórias de Vida nos contemplou por propiciar esse acesso direto à subjetividade das pesquisadas, além de proporcionar abordagem temporal longitudinal que o nosso objetivo exigia.

Contribuições teóricas específicas sobre as Histórias de Vida como método de pesquisa nos foram fornecidas por autores e autoras⁷¹ aos quais recorreremos ao longo do capítulo 5, *Teia das Vidas: Confrontação das Histórias e sua Análise*, quando estaremos fazendo a análise e entendimento das narrativas coletadas.

3.1.1. A abordagem etnográfica

Um dos pontos de partida da nossa pesquisa foi considerar que a ruptura com um valor se dá pela adoção de um novo valor, o que, para acontecer, exige a existência de oportunidades de questionamento dos valores antigos. O acúmulo das experiências da vida, oferecido pela idade, pode contribuir tanto para o apego como para a contestação de normas e valores, e o diferencial se dá por alguma instância na vivência dessas experiências, que queríamos descobrir.

Portanto, para tornar possível a realização dessa pesquisa necessitávamos utilizar uma abordagem que desse acesso ao entendimento dos valores antigos, que desvelasse o fator, ou fatores, que pudessem tornar obsoletos esses valores, e desse visibilidade à adoção

⁷¹ Os autores e autoras que tratam especificamente de Histórias de Vidas e a cujas contribuições recorreremos são Córdova, Goulejac, Legrand, Lévy, Preuss, Nasciutti e Nóbrega, estão citados no capítulo 5, durante a análise confrontada das Histórias de Vidas, e relacionados nas Referências Bibliográficas da presente dissertação.

de novos valores, caracterizando as rupturas como processos de transformações reconhecidos como tais pelas pesquisadas.

A abordagem etnográfica, porque dá atenção às mudanças sociais e culturais, foi adotada por nós, também, porque tem a característica de, pelo olhar da antropologia psicológica, permitir acompanhar a dinâmica dessa trajetória subjetiva que acabamos de descrever.

Vale recordar que estamos empregando em nossa pesquisa o conceito de subjetividade como conjunção de determinantes _ territorializados ou planetários _ que moldam nossa maneira de apreender o mundo⁷². Isso nos levou à escolha da abordagem etnográfica porque, tanto durante o desenvolvimento da coleta do material, como ao longo da sua análise, mantivemos uma atitude investigadora sensível aos contextos culturais das participantes da pesquisa e interessada em considerar sua especificidade como fazendo parte do conteúdo de análise.

A vida cotidiana dos grupos onde nasceram, seus costumes familiares e religiosos, o casamento, a maternidade e as relações de vizinhança, como instâncias culturais, pelo olhar das próprias pesquisadas, constituíram material que caracterizou como etnográfica uma das abordagens da presente pesquisa.

Optamos também por integrar ao método de Histórias de Vida a aplicação transversal dos paradigmas da pesquisa feminista sistematizados por Mies (1986).

⁷² Vide Capítulo 2. *Os Processos de Adoção e Ruptura com Valores*

3. 2. A Horizontalidade nas Relações na Metodologia Feminista de Pesquisa

A presente pesquisa se apoiou, portanto, também nos paradigmas metodológicos descritos por Mies (1986) como parâmetros para a investigação feminista. Seu trabalho partiu da observação que existia uma contradição entre as teorias prevalecentes da ciência social e a metodologia e os objetivos políticos do movimento das mulheres, o que a fez desenvolver um elenco de propostas que adotamos na nossa pesquisa.

Esse elenco de postulados propõe substituir por "parcialidade consciente" a "neutralidade" para com os sujeitos da investigação, porque considera que essa atitude permite a correção de distorções da percepção das duas partes envolvidas na pesquisa, e alarga a consciência tanto da pesquisadora quanto das pesquisadas.

Outro postulado consiste na substituição da "visão a partir de cima", da investigadora, por uma visão no sentido horizontal (MIES, 1983, p.5). Essa substituição se justifica pela constatação de que em investigações de característica vertical, hierárquica, as participantes da pesquisa passam a responder com o comportamento esperado, frustrando a cientificidade dos resultados e correndo o risco de anular todas as inovações metodológicas nos Estudos da Mulher, transformando-as em novos instrumentos de dominação.

Um terceiro postulado é a substituição do "conhecimento de espectador" em "participação social", de modo que o conhecimento de uma pesquisa deve ser devolvido e compartilhado, e servir às participantes da pesquisa. O quarto postulado, um

desdobramento do terceiro, é considerar que deve fazer parte dos objetivos da própria investigação social a alteração do *status quo* que está sendo investigado, porque "a criatividade da ciência depende de ela estar enraizada em processos sociais vivos"⁷³. Como exemplo, a própria investigação da ausência de equidade nas relações de gênero, já contribui para a mudança dessa ausência de equidade.

O quinto postulado afirma que a investigação social deve tornar-se um processo de "conscientização"⁷⁴, e a autora cita Paulo Freire, cujo método tem como característica decisiva o fato de que o estudo de uma abordagem opressiva é levado a efeito, não pelo especialista, mas pela pessoa que está sendo objeto dessa opressão, e as pessoas que estão sendo pesquisadas tornam-se pesquisadoras da própria opressão e se apropriam dos instrumentos da pesquisa.

O sexto postulado adiciona ao "processo de conscientização" descrito anteriormente, a consideração de que este deve ser complementado pela oportunidade do estudo da história individual e social das mulheres, para que elas se apropriem das suas histórias como protagonistas, na primeira pessoa.

E o sétimo postulado afirma que a política e a ciência, a vida e o conhecimento não podem estar em lados opostos. Semelhante postura irá impedir que as mulheres se apropriem de suas experiências, se de um lado ficarem "a ciência, o conhecimento e a

⁷³ *Ibid.*, p.7

⁷⁴ *Ibid.*, p.9

pesquisadora", e, do outro, "a política, a vida e as pesquisadas", tornando a investigação estéril⁷⁵.

Portanto, metodologicamente, esta é uma pesquisa que além de buscar traduzir em conhecimento uma experiência social, também pretende alargar a consciência das pesquisadas e da pesquisadora, foi efetuada de acordo com parâmetros de horizontalidade nessas relações e é parte de uma ação social que envolve o binômio pesquisadora - pesquisadas.

Enquanto se efetua como pesquisa, está buscando contribuir para a alteração do *status quo* das pesquisadas, sendo a própria pesquisa considerada parte de um processo de "conscientização" em que a abordagem da "opressão" está sendo levada a efeito pelas pessoas que a sofrem, no momento em que narram suas histórias.

Consideramos também que no momento da pesquisa está acontecendo uma "apropriação", por parte das narradoras, de suas histórias; e, estamos considerando esta prática, além de produtora de conhecimento, também política.

A aplicação mais pregnante dos postulados de Mies (1983) à prática do nosso trabalho foi o esforço na busca do estabelecimento e manutenção da horizontalidade nas relações entre pesquisadora e pesquisadas. Isso se deu pelo compartilhamento de todas as informações sobre os objetivos da pesquisa, dos sentimentos da pesquisadora sobre o significado que

⁷⁵ *Id.*

investe na oportunidade de registrar suas histórias e delas extrair subsídios que beneficiem as próprias e muitas outras mulheres, e na realização pessoal da pesquisadora em poder documentar e transformar em conhecimento todo esse processo.

3.2.1. A questão da implicação dentro de uma pesquisa feminista

A consideração dos paradigmas metodológicos propostos por Mies (1983) nos fazem levar em conta, na presente pesquisa, a questão da implicação. Segundo Barbier

...implicação, no campo das ciências humanas pode ser definida como o engajamento pessoal e coletivo do pesquisador em e por sua praxis científica, em função de sua história familiar e libidinal, de suas posições passada e atual nas relações de produção e de classe, e de seu projeto sócio - político em ato, de tal modo que o investimento que resulte inevitavelmente de tudo isso seja parte integrante e dinâmica de toda atividade de conhecimento(BARBIER,1985 p.120).

Como essa é uma pesquisa onde a pesquisadora é engajada numa ação pedagógica⁷⁶ que abrange as participantes da pesquisa, como tal "é mais vulnerável à ação subterrânea da subjetividade na elaboração e envolvimento da pesquisa"⁷⁷. Queremos, portanto, antes de prosseguir, dispensar atenção a esse fenômeno. Para tanto, seguimos adotando a classificação de Barbier, que considera que podem ser "psico-afetivas, histórico-existenciais e estrutural-profissionais" as vertentes que a implicação pode tomar.

⁷⁶ Vide Capítulo 3, tópico 3.3.1. O Grupo Teatral Angra das Rainhas e tópico 3.3.2. Os antecedentes à pesquisa.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 106

O desejo de saber que se investe numa pesquisa é uma implicação que pode corresponder a um inconsciente desejo de "fazer discípulos, imitadores, imagens de si mesmo"⁷⁸ a partir de uma prática, e nisto consiste a implicação "psico-afetiva".

No entanto, o mesmo autor acrescenta que se abandonarmos uma visão freudiana tradicional, "o prazer que o terapeuta ou o monitor sentem em suas relações com os participantes, é fundamental para a mudança" (BARBIER, 1985 p.110) que integra os objetivos das práticas psicossociais.

Além da implicação "psico-afetiva", também estamos levando em conta o nível de "implicação histórico - existencial" da pesquisadora, uma vez que esta tem um percurso vivencial de engajamento⁷⁹ em questões sociais por meio da expressão artística.

Acrescidas às duas primeiras implicações, Barbier considera também que a atitude individual do profissional que investiga "depende do papel social de sua profissão dentro de um mercado de trabalho estruturado pelas questões de classe" (BARBIER, 1985) e nesse contexto é que acontece a "implicação estrutural - profissional".

⁷⁸ *Ibid.*, p. 110

⁷⁹ Para elementos sobre o percurso da pesquisadora envolvendo seu engajamento no eixo arte - participação social - feminismo, consultar: Revista Impressões, Feminismo e Cultura, n.3 - 1992 p.26-27 artigo Matria de autoria de Comba Marques Porto, Editora Mulher Inteligente; Registro do III Encontro Feminista Latino - americano e do Caribe, Bertioga, 1985 p.72-74; Memória del IV Encuentro Feminista Latinoamericano y del Caribe, México, 1987 p. 18 , 72 , 78 ; Informe Mulher-CNDM, 1989- capa e p.3 ; Revista Impressões, no. 2, 1989 p. 77; X Encontro Nacional Feminista, Goiás, 1991 p. 10 -12; Festival Internacional de Arte de Mujeres por sus Derechos Humanos, Costa Rica, 1992 p. 4 ,11 ; NGO Forum on Women, Report, Beijing, 1995 p.52 ; Um Rio De Mulheres - a participação das fluminenses na história do Estado do Rio de Janeiro, org. Schumacher & Brasil, ed. REDEH, 2003 p.97.

Consideramos, portanto, que no eixo da relação pesquisadora - pesquisadas - instituição acadêmica, existem implicados na presente pesquisa aspectos: "psico-afetivos", porque a pesquisadora já mantinha relações de trabalho e sociais com as pesquisadas, antes do início da pesquisa, como será abordado em *Os antecedentes à pesquisa*; "histórico - existenciais", porque a pesquisadora tem em sua trajetória de vida o engajamento no movimento feminista, e participação intensa na fase que antecedeu sua passagem de ativismo a profissionalismo; e "estruturais - profissionais", uma vez que a presente pesquisa está sendo realizada num contexto acadêmico dentro de uma situação em que a pesquisadora está se submetendo ao ritual de obtenção do grau de mestre. Todas estas implicações estão sendo levados em conta no transcurso da presente pesquisa.

Retomando Mies (1986), a avaliação desde trabalho de campo está abrangendo as duas partes da relação, e, se para as pesquisadas, a narrativa de suas histórias de vidas significou um processo de "conscientização", o mesmo está se passando com a pesquisadora, que está tendo a oportunidade de corrigir distorções da própria percepção sobre o trabalho desenvolvido com o grupo, e confirmando que o difícil exercício da horizontalidade nas relações produz rupturas de cunho social. Além disso, está alargando sua consciência pelo "empréstimo" das experiências das pesquisadas, diferentes das suas, e tendo a oportunidade de, ao buscar transformar essa ação em conhecimento, estabelecer um vínculo entre este, a política e a vida.

3.2.2. Os antecedentes à pesquisa

A relação entre pesquisadora e pesquisadas antecedeu a presente pesquisa e merece ser brevemente relatada. Conhecemos duas das participantes em 1996 quando prestamos consultoria para uma entidade⁸⁰ que promoveu as oficinas sobre conhecimento do corpo, sexualidade, relações de gênero e cidadania para integrantes da Pastoral da Mulher no município de Angra dos Reis. Algum tempo depois integramos a equipe que coordenou essas oficinas e acompanhamos seus avanços e retrocessos. Como havia rotatividade na presença às oficinas, durante os anos seguintes conhecemos outra das participantes. E, em julho de 1999, num dos encontros entre vários grupos da Pastoral da Mulher, conhecemos outras duas das participantes da pesquisa, enquanto coordenávamos uma oficina de artes cênicas que fez parte desse evento.

A experiência em artes cênicas desenvolvida nessa ocasião despertou interesse entre muitas mulheres, que no final de 1999, durante uma atividade de avaliação, propuseram, para o próximo, a realização de um curso de teatro para as frequentadoras das oficinas. Assim, no ano 2000, iniciamos a coordenação de um curso de artes cênicas que deu origem ao grupo teatral citado.

Em março de 2002 o projeto de parceria entre as instituições foi encerrado. Por decisão coletiva, as participantes continuaram suas atividades artísticas. Nessa ocasião o grupo

⁸⁰ CEDAC - Centro de Ação Comunitária, ong sediada na cidade do Rio de Janeiro, que, em parceria com a Pastoral da Mulher da Diocese de Itaguaí, promoveu o Curso de Formação para a Cidadania na Perspectiva de Gênero, para mulheres da região de Angra dos Reis, do qual a pesquisadora participou, primeiro como consultora e depois como parte da equipe coordenadora das oficinas. O projeto envolveu na região, de forma rotativa, aproximadamente 120 mulheres.

teatral tomou a forma de uma cooperativa de artistas, e a pesquisadora se tornou uma das cooperativadas.

Consideramos que esse antecedente de conhecimento prévio e convivência foi facilitador na etapa da coleta de dados, porque a relação próxima e calorosa entre pesquisadora e pesquisadas produziu relatos caracterizados pelo envolvimento emocional e pela confiança. Ao mesmo tempo, este mesmo envolvimento emocional, mas, desta vez, por parte da pesquisadora criou dificuldades, por exemplo, na seleção do material para ser analisado. Sua amizade pelas narradoras, o conhecimento prévio de suas dificuldades, o reconhecimento de seus esforços de superação e a empatia para com os fatos narrados, fez com que a pesquisadora considerasse preciosas cada expressão, de superação ou de sofrimento, e tivesse dificuldade para cortar as falas de depoimentos, durante a seleção para o capítulo 4, que ficaram longos. Outra dificuldade aconteceu numa das coletas, quando a pesquisadora esqueceu de operar o gravador, por estar envolvida na história, como será explicado adiante.

Outra questão digna de atenção é o *status* de cooperativada da pesquisadora, numa situação onde existem diferenças de escolaridade e classe social, como existem também entre o conjunto total das componentes do grupo teatral que não estão incluídas na pesquisa, ao lado de afinidades no entusiasmo comum pela realização do trabalho artístico.

A horizontalidade nas relações entre mulheres pesquisadoras e participantes de pesquisas, que Mies enfatiza como um dos paradigmas para uma nova forma de se construir conhecimento, é uma conquista contínua para todas, pesquisadora, pesquisadas e outras

integrantes do grupo não incluídas na pesquisa. Este desafio, agravado pelas questões anteriormente discutidas sobre a distância entre as classes sociais no Brasil, mereceria um estudo mais aprofundado que não é o foco da presente pesquisa.

Da pesquisadora, implicada na pesquisa, se pode dizer que persegue a "parcialidade consciente"(MIES, 1986 p.5) como método de trabalho, e que o presente foi realizado dentro desse prisma.

3.2.3. O Grupo Teatral Angra das Rainhas

Todas as pesquisadas desde o ano 2000 fazem parte do Grupo Teatral Angra das Rainhas, que em seus espetáculos aborda temas relacionados às relações de gênero, questões ambientais e educação para a paz, por meio de dramaturgia própria ⁸¹. O grupo é constituído por 14 mulheres da faixa etária entre 21 e 65 anos e tem como características o fato de ser informal institucionalmente, autônomo financeiramente e cooperativado, onde o poder de decisão sobre questões organizativas é não-hierárquico. Mantém um programa contínuo de auto aperfeiçoamento técnico e artístico, está formando, além de atrizes, diretoras, produtoras, tesoureiras, divulgadoras, figurinistas e adrecistas, e pretende estender essa formação às áreas de captação de recursos, cenografia, música para teatro e iluminação cênica. Todas trabalham como atrizes, e algumas acumulam outras funções entre as enumeradas anteriormente.

⁸¹ Como método de trabalho de criação dramática, um determinado tema é escolhido e discutido dentro do grupo. Algumas vezes são feitas improvisações que levam à escritura do texto. Outras vezes são feitas adaptações de textos já anteriormente escritos, para que se adequem às condições técnicas e artísticas das participantes e aos objetivos do grupo.

Uma das participantes da pesquisa acumula a função de figurinista, outra acumula a função de tesoureira e a pesquisadora é também cooperativada como diretora artística e atriz substituta. Em termos de produção o grupo se caracteriza como uma companhia de repertório, isto é, além de montar e realizar a temporada de estréia de seus espetáculos, os mantém em repertório para que possam ser apresentados em qualquer tempo, geralmente durante viagens para outras cidades. Dentro desse princípio, entre 2000 e 2004 o grupo estreou e continua apresentando em diferentes ocasiões, cinco espetáculos, tanto em teatros convencionais, quanto em festivais, eventos, estabelecimentos de ensino, atos políticos e na rua.

3. 3. Os Critérios de Seleção das Participantes da Pesquisa

A escolha das mulheres participantes da pesquisa se deu pela conjunção de dois critérios. O primeiro deles foi a idade.

Sendo o problema transversal à pesquisa o processo de ruptura com normas de comportamento e valores culturais oriundos da iniquidade nas relações de gênero, consideramos que as mulheres pesquisadas deveriam pertencer à geração que antecedeu a das que, supusemos, encontraram a discussão _ não a superação _ desses valores já apropriadas por diversos setores da sociedade.

Para quem desde cedo conviveu com o discurso questionador da falta de equidade nas relações de gênero nos meios de difusão da comunicação, mesmo quando esse discurso vinha equivocado; conviveu com a vulgarização do uso da contracepção oral e as

mudanças de comportamento no âmbito da sexualidade que se seguiram a essa vulgarização; e com a aceitação e estímulo à independência financeira das mulheres, incluindo as casadas, por meio do trabalho remunerado realizado fora do lar; além de outras atitudes denunciadoras das mudanças que atingiram o coletivo das mulheres, o processo de ruptura com normas de comportamento e valores culturais oriundos da iniquidade nas relações de gênero não teria a mesma dimensão que poderia ter para a geração que a precedeu, que é a das pesquisadas.

O outro critério dessa escolha foi o pertencimento de todas as pesquisadas ao grupo teatral citado acima. As escolhidas como participantes da pesquisa são as seis mais idosas desse grupo, mulheres que, no ano 2000, depois dos 50 e uma delas depois dos 60 anos de idade, iniciaram o aprendizado das artes cênicas e passaram a fazer apresentações teatrais públicas. A faixa etária, aliada à sua disponibilidade para participar das atividades artísticas em espaços públicos, as qualificou para que fossem selecionadas, porque poderiam ser indícios de que estavam passando pelo questionamento de normas e valores, exatamente o processo que queríamos, dentro da pesquisa, entender e traduzir em conhecimento.

3.3.1. As participantes da pesquisa

As participantes da pesquisa são seis mulheres nascidas entre 1939 e 1947, em situação de pobreza, e todas habitam atualmente o município de Angra dos Reis, no Estado do Rio de Janeiro, onde se desenvolveu a pesquisa de campo. São originárias dos meios rurais dos Estados do Ceará e Minas Gerais, da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, da região de Angra dos Reis, situada no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, onde duas nasceram em

meio pesqueiro e rural e uma nasceu no centro da cidade, mas sua família se mudou para a área rural quando a pesquisada contava quatro anos de idade.

Quanto ao estado civil, três das participantes eram viúvas e três casadas quando iniciamos a pesquisa, sendo que, entre estas, uma enviuvou durante o transcurso do trabalho. Todas se casaram entre 17 e 22 anos de idade e tiveram entre 2 e 8 filhos, sendo que cinco delas são avós e entre essas, duas são bisavós.

Quatro delas começaram a trabalhar na roça familiar entre 7 e 10 anos de idade, uma começou aos 9 anos a trabalhar nos barracões de peixe, como eram chamadas as fábricas de beneficiamento de pescado, uma tornou-se quebradeira de coco babaçu aos 12, tendo apenas uma das pesquisadas não relatado experiência de trabalho precoce.

Quatro trabalharam fora de casa antes de casar. Além do beneficiamento de pescado e da quebra de coco babaçu, como já foi citado, uma deixou a casa familiar para trabalhar como babá e outra para trabalhar no comércio, e todas deixaram os empregos ao se casarem.

Estudaram até a antiga quarta série primária, que corresponde à atual quarta série do ensino fundamental, com duas exceções: uma que freqüentou escola até o antigo segundo ano ginásial e outra que, depois de casada, voltou a estudar por mais quatro anos.

Como ocupação e fonte de renda, uma é costureira e exerce sua profissão em casa, trabalhando por encomenda para freguesas, além de ser pensionista na condição de viúva; uma é trabalhadora informal, faz serviço de caseira para veranista e tem uma barraca de

churrasquinho que funciona à noite, além de também ser pensionista como viúva; uma é autônoma, trabalha eventualmente como vendedora de cosméticos, panos de prato, etc. e está se preparando para requerer sua aposentadoria; uma é aposentada e seu último emprego foi como arrumadeira num hotel - condomínio; uma é pensionista, como viúva de ferroviário, tendo trabalhado fora do lar apenas por um período menor que três meses, enquanto casada; e uma é dona de casa, só trabalhou fora enquanto solteira, não tem renda própria, e, entre as casadas é a única inteiramente dependente financeira do marido.

Todas são proprietárias dos imóveis onde vivem, sendo que as casadas coabitam com os maridos. Com uma exceção, todas coabitam também com filhos adultos.

O envolvimento em atividades ligadas à religião ocupa espaço considerável na vida das pesquisadas. Todas freqüentam igreja e foram criadas no catolicismo, sendo que uma freqüentou o umbandismo por um período de sete anos e depois voltou ao catolicismo e outra adotou a religião batista. As que são católicas participam de atividades da Pastoral da Mulher que consistem em encontros semanais, em seus bairros, onde discutem algum tema que pode ser religioso ou de interesse para a comunidade, se ensinam mutuamente trabalhos manuais e rezam juntas. Três vezes ao ano realizam reuniões grandes, onde o conjunto dos grupos se encontra.

Duas das participantes da pesquisa, entre junho de 1996 e março de 2002, freqüentaram assiduamente as oficinas sobre conhecimento do corpo, sexualidade, relações de gênero e cidadania, do projeto citado anteriormente, em parceria com a Pastoral da Mulher da Diocese de Itaguaí. As outras pesquisadas freqüentaram as oficinas de forma esporádica.

Três das pesquisadas ocupam-se também de outras atividades na igreja, uma como legionária e ministra da eucaristia; outra participa da Pastoral dos Enfermos e também é ministra da eucaristia, e uma terceira colabora na Pastoral do Batismo.

Uma das pesquisadas é filiada ao Partido dos Trabalhadores e desenvolve um trabalho comunitário voluntário, coordenando oficinas sobre cidadania e auto estima com mulheres no bairro do Belém, um dos mais pobres da região.

3.4. O Processo de Coleta das Histórias de Vida

Estando esclarecidos esses aspectos, passamos à descrição técnica do processo de trabalho. Em primeiro lugar foi pedido consentimento às participantes para que suas narrativas fossem gravadas. Foi explicado a cada uma, minuciosamente, o que significava a pesquisa e o motivo pelo qual estava sendo pedida a sua participação. A coleta de dados foi realizada por meio da gravação das falas das participantes que responderam ao pedido da pesquisadora: " Me conte a história da sua vida ".

As narrativas duraram aproximadamente entre noventa minutos até duas horas e meia de duração e foram realizadas ao longo do mês de março de 2003. A qualidade técnica das gravações foi boa, com exceção de uma banda de uma fita de uma participante, que, como foi citado acima, não foi gravada porque a pesquisadora estava tão envolvida na escuta do relato que esqueceu de operar convenientemente o gravador.

A própria pesquisadora fez todas as transcrições das fitas gravadas. Em agosto de 2003, foram feitas novas coletas de dados de cerca de, no máximo, dez minutos com cada participante, em encontros pessoais. Uma única entrevista dessa segunda coleta durou aproximadamente quarenta minutos e buscou recuperar os fatos que não haviam sido gravados numa banda da fita, por ocasião da primeira coleta. O objetivo principal dessas novas coletas foi esclarecer termos utilizados pelas pesquisadas cujo significado a pesquisadora não conhecia, e, em alguns casos, pedir esclarecimento sobre a seqüência cronológica de alguns eventos narrados.

As coletas de dados aconteceram em clima de informalidade, em encontros individuais da pesquisadora com cada pesquisada. Todas as participantes foram extremamente colaboradoras.

Os locais onde foram realizadas as coletas de dados foram escolhidos em comum acordo entre as pesquisadas e a pesquisadora, e variaram bastante. Therezinha escolheu fazer o seu depoimento à mesa da cozinha da casa de Divina, que fez o seu numa noite em que estava sozinha em casa. Raimunda e Florinda relataram suas histórias em encontros nas dependências do Convento de Carmo, no centro da cidade de Angra dos Reis. Laerte fez seu depoimento num sorveteria, num fim de tarde, e Laura fez o seu num bar, à noite, depois de um jantar que se seguiu a um ensaio teatral.

Essa variação dos espaços físicos, incluindo lugares públicos, mas relativamente vazios e agradáveis, não comprometeu a qualidade dos relatos nem a intimidade das histórias contadas, e o clima de privacidade foi mantido. Aconteceram momentos de emoção,

lágrimas, vozes trêmulas, risos e gargalhadas, que, infelizmente são impossíveis de transportar para o espaço dessa dissertação.

A medida que os relatos iam se aproximando do tempo presente, começaram a emergir interjeições e expressões admirativas sobre a diferença entre como eram antigamente e como são hoje. Essas expressões *antes de* e *depois de*, foram preciosas durante o processo seguinte, de entendimento e análise das histórias e na elaboração das conclusões desse estudo.

Depois de gravado e transcrito, o material coletado foi entregue, na forma de cópias impressas, a cada uma das pesquisadas, com a recomendação de que os lessem e considerassem as ressalvas que não gostariam que fossem utilizadas na pesquisa. Feito isso, todas as informantes deram autorização escrita para a utilização dos seus relatos na presente dissertação.

Segundo as participantes da pesquisa, a experiência da leitura da própria história se constituiu em mais um momento de comoção e auto valorização, além de despertar novas lembranças. O contato entre as pesquisadas e a pesquisadora se manteve enquanto esta iniciava o trabalho de entendimento e análise das histórias, uma vez que trabalham juntas no Grupo Teatral Angra das Rainhas, que manteve suas atividades durante todo esse período.

Durante conversas acontecidas sobre o andamento da pesquisa, ao longo dos meses de setembro até dezembro, as pesquisadas foram consultadas e concordaram em ser

identificadas na dissertação por seus nomes verdadeiros, porque a utilização de pseudônimos, anteriormente acordada, perdera o significado, diante do que o sentido que o ato de contar suas vidas tomara.

A experiência de narrar e, depois, ler a própria história, além de despertar lembranças antigas e até reavivar dores, foi também uma vivência de auto conhecimento, de reconhecimento do próprio valor e da superação das dificuldades, e fortalecedora da auto estima.

3. 5. Dificuldades e Facilidades na Execução da Pesquisa

As dificuldades encontradas na execução dessa pesquisa nos pareceram inerentes à conjugação da escolha desse método, dessa abordagem e orientação, às características das escolhidas como pesquisadas, cujas idades somadas contam 369 anos de vida. A maior dificuldade encontrada, portanto, foi a análise de 369 anos de Histórias de Vida cujas narrativas significaram 219 páginas de material bruto transcrito. Além de extenso, esse material trazia abundância de elementos pertinentes ao processo de estabelecimento de normas e aquisição de valores oriundos da iniquidade nas relações de gênero, e indicava por onde se anunciavam os processos de rupturas com essas normas e valores.

Embora tivéssemos clareza do foco da nossa pesquisa e do principal suporte teórico para nossa análise, nos vimos diante de um material que exigiu principalmente disciplina de trabalho.

Uma dificuldade não prevista consistiu uma terceira busca de referenciais teóricos. Já havíamos adotado a teoria da produção da subjetividade em Guattari (1986) como eixo teórico principal. Já havíamos também pesquisado diferentes enfoques teóricos sobre a utilização do método Histórias de Vida. Agora, diante da tarefa de analisar o material coletado, iniciamos uma terceira pesquisa, por referenciais que avaliassem teoricamente as questões específicas que as narrativas apontavam, que não haviam sido previstas, mas que também não podíamos deixar de fora do material analisado.

Temas como violência materna em relação às narradoras enquanto filhas, "doenças de nervos", e as sutilezas sobre o trabalho das mulheres, situado no eixo onde se cruzam a invisibilidade do trabalho remunerado desempenhado pelas mulheres pobres, o questionamento dos critérios com que se define o que pertence ao âmbito público e privado, o ensaio de autonomia fora de casa à custa da repetição da falta de equidade nas relações de gênero em casa, representada pela exploração do trabalho doméstico das filhas meninas das narradoras, foram questões que exigiram essa terceira busca por referenciais.

A aliança entre um material coletado rico em informações sobre todas as áreas das vidas das narradoras, e nosso próprio enfoque, relacionado a um processo dinâmico e subjetivo, envolveu um número muito grande de variáveis e tentações de divagações durante a etapa de análise.

Fiéis ao nosso enfoque teórico principal, o processo de produção de subjetividades e singularidades, e interessadas numa abordagem etnográfica, mantivemos como objeto de análise muitos relatos que não dizem respeito especificamente às relações de gênero. Esses

relatos foram incluídos porque que descrevem particularidades dos contextos de origem das narradoras, se entrelaçam em suas histórias particulares e fazem parte do conjunto de determinantes que moldaram suas potencialidades de submissão e insurreição.

3.5.1 A técnica empregada

Metodologicamente, tentamos superar as dificuldades causadas pela grande quantidade de material para análise categorizando os conteúdos e delimitando, em cada uma das categorias, o que queríamos pesquisar.

A análise dos dados, baseada nessa categorização, se deu por etapas. Na primeira, cada história individual foi decupada em categorias que foram definidas pelo próprio conteúdo dos relatos. Depois que esse processo foi aplicado a todas as histórias, foi iniciada a segunda etapa, de agrupamento das falas das diferentes narradoras em torno de cada categoria. Na terceira etapa voltamos nossa atenção para as categorias mais repetidas, as insistências de temas, buscando a significação que lhes atribuíam suas autoras, e esse olhar foi que determinou a construção da estrutura do entendimento e análise das histórias.

Mais uma vez queremos chamar a atenção que pretendemos dar visibilidade às vozes das narradoras, dentro da nossa procura pelo entendimento do processo de ruptura que anunciamos. Consideramos que cada narradora explicou por sua própria conta como foi a sua vida, por quais transformações passou, quais valores e normas ainda a restringem e com quais conseguiu romper.

Passaremos agora ao capítulo 4, *Seis Histórias de Mulheres*, onde apresentaremos sínteses das histórias individuais, nas quais são conservadas as falas das narradoras. Para atingir essas sínteses foram cortados trechos da narrativa original. Os trechos cortados corresponderam às ressalvas pessoais das narradoras sobre fatos que preferiram que não fossem citados, aos trechos que não contribuiriam para a questão pesquisada e as redundâncias. Ainda assim alguns relatos permaneceram longos, porque consideramos que oferecem ricas contribuições para o entendimento dos contextos de onde são originárias as participantes da pesquisa, e enriquecem nossa abordagem etnográfica.

Apesar de termos compilado fielmente a fala das pesquisadas, buscamos, sempre que isso não comprometia a qualidade dos seus pensamentos, obedecer à ordem cronológica na apresentação dos trechos conservados, para facilitar o entendimento de cada trajetória.

Os objetivos de apresentar essas narrativas são dois. O primeiro é contribuir para a compreensão da ruptura com normas restritivas diferenciadas e valores do sistema de gênero como um processo. Este fica claramente identificado em suas seqüências _ modelização das subjetividades e incorporação de valores, ensaios de autonomia, crises, oportunidades de questionamentos de normas e valores, avanços e retrocessos, rupturas, construção de novos referenciais... _ quando mantemos a narrativa longitudinal. O segundo é oferecer à apreciação, a riqueza de cada narrativa particular, o que só pode ser feito mantendo-se esse tipo de leitura.

No capítulo 5, chamado a *Teia das Vidas: Confrontação das Histórias e sua Análise*, apresentaremos trechos das falas das diferentes narradoras, agrupados pelos temas que foram mais pregnantes nas narrativas e que fornecem maiores elementos para identificar o processo de ruptura com normas restritivas diferenciadas e valores culturais oriundos da iniquidade nas relações de gênero, e sua análise.

Capítulo 4 . SEIS HISTÓRIAS DE MULHERES

Florinda

Eu nasci na ilha da Gipóia , que pra mim é muito importante. Em todo lugar que eu vou, eu não tenho vergonha de dizer que eu nasci numa ilha, na ilha da Gipóia, um lugar muito maravilhoso, hoje em dia eu fico pensando, quando eu vou lá eu penso, meu Deus, aqui eu era feliz e não sabia. Foi lá que eu me criei. Eu saí de lá com 37 anos. São muitos anos de vida, muita coisa maravilhosa. Passei momentos muito bons, momentos maravilhosos , e momentos também que as vezes guardam um certo sentimento da vida da gente. Lá eu nasci, meus avós se criaram lá, meu pai e minha mãe também eram de lá... Naquela época era uma ilha maravilhosa, a gente podíamos andar a vontade, tomar nosso banho, cultivar as coisas...



Que meu pai era estivador, mas nessa época a estiva quase não dava, mas ele tinha roça ... Porque é o que ele me ensinou, desde pequena, é o trabalho, que o trabalho é uma coisa muito importante, que o meu pai sempre dizia pra mim, meus filhos, não importa o que seja, se vocês trabalhar com dignidade, que é isso que eu sempre guardei. Com amor a Deus ... até na hora de ele morrer ele falou pra mim tenha fé em Deus quando estiver com dificuldade...Essa fé em Deus eu trago até hoje.



Minha mãe era uma pessoa muito trabalhadeira, muito trabalhadeira, pra mim minha mãe foi uma heroína. Porque ela trabalhava muito mesmo, fazia serviço braçal de homem mesmo, que eu vejo homem hoje que não faz o que a minha mãe fazia. Ela cortava banana e botava dúzias de bananas nas costas. Quando meu pai estava pescando, porque a estiva não dava, pescando na canoa, botava cova. Não sei se você sabe o que é que é cova, botava pra pegar peixe, cocoroca, essas coisas pra trazer o nosso alimento, e ela na roça, plantava batata. Então foi uma coisa muito interessante pra mim que eu guardo até hoje.



E minha infância foi assim uma infância difícil. Às vezes eu falo, boa e as vezes difícil, difícil porque ... Eu falei pra você, morava numa ilha daquela, numa ilha maravilhosa, com tudo, igual eu falei com você. Tinha banana, igual hoje eu olho, assim, muitos dias eu quero comprar e não

posso comprar uma dúzia de banana pra comer. Aquelas frutas todas... Tinha muita laranja, muito abacate, essas coisas todas que a gente podia colher... milho, feijão, na roça que a gente plantava.



Eu só era muito safadinha: porque ele levava eu pra roça pra eu ajudar ele e minha mãe, sabe o que eu fazia? Fazia aquelas covinhas, assim, cavoucava, pra plantar o feijão, pra ir plantando. Ele ia na frente e me dava uma vasilhazinha com milho, com feijão. E eu era tão triste, que pra terminar mais depressa, eu jogava, jogava um bocado numa cova, jogava na outra, mão cheia, mesmo! Pra terminar mais depressa! Depois... Porque ele dizia, se não terminar isso aqui não vai tomar banho de mar. E não ia mesmo. Eu tinha que terminar, dar conta do recado, senão eu não ia tomar banho de mar.



Aí eu ia pra roça ajudar a ele ... Então ele não via não, pensava que eu tinha feito direito. Mas quando passava uns quinze dias, que ia lá, aí é que ele ia ver o resultado do meu trabalho! Brotava aquilo tudo junto..."Sua safada, olha aqui o trabalho que você fez lá na roça! Eu achava assim muito engraçado..." Mas ele brigava.



Até pra tomar banho de mar, tinha momentos, tinha hora, não era assim uma pessoa que pudesse dizer: Eu hoje vou tomar banho de mar, agora tirar a roupa e me jogar na água. Na beira da praia, mas tinha hora. A gente só ia depois que meu pai batesse o milho, que a gente catasse, que agente varresse aquele quintal todo, que era desde lá de cima até a beira da praia, que a gente limpasse todo, pra depois a gente brincar a vontade, tomasse nosso banho de mar na praia, que antes disso não dava não.



Ele era assim muito severo, muito severo. Meu pai, qualquer coisa ele batia mesmo. Batia era com correia. Já tinha uma correia. Era muito bom, não deixava faltar as coisas, mas era muito severo. Num era daqueles pais que dava amor. Eu sentia falta. Antigamente não tinha esse amor assim paterno que hoje em dia tem.



Todo dia na hora do almoço, ele já botava a Ceia do Senhor, aquele quadro, pra nos fazermos a oração... Eu e meu irmão, ele era tão terrível que na hora da comida ele ficava me catucando, me metendo os pés, eu querendo rezar, quando a gente olhava um pra cara do outro ria, ele pegava a correia e chegava assim na mesa dava aquele solapa assim em cima da mesa. Vocês tem que

aprender, vocês não sabem que a hora da comida é uma hora sagrada, não é hora de brincadeira! Então eu tinha muito medo dele, muito medo mesmo... Ele vinha para Angra e quando a gente fizesse alguma coisa errada, quando ele ia chegando, lá fora eu via ele vindo na canoa, eu dizia assim: "Papai já vem aí." Eu ficava com aquele coisa assim de meu pai chegar e minha mãe contar as coisas pra ele.



Ele não gostava que eu fosse pra casa de ninguém, sempre criou nós e dizia: "Crie seu filhos assim, não deixe ninguém sair pra casa de ninguém." Ele bebia muito, mas ele nunca deixou um filho ir assim numa porta de venda. Ele não aceitava que nós fosse comprar nada, que lugar de bar ele dizia que era lugar de homem. E nós não ia mesmo... Eu só fui entrar em bar depois de grande, depois de casada, porque aí ele ia beber e eu ia tirar ele de lá.



Minha mãe também sofreu muito. Ele era uma pessoa boa num ponto, mas bebia, você já viu...Mudava tudo, mudava tudo... Deus que me perdoe, era meu pai, mas... É uma recordação, é coisa... tenho que falar, eu acho que não é nada demais ele sabe de onde está, sabe que eu rezo pra alma dele, foi um bom pai em outro sentido. Mas mau era só essa coisa da bebida, ele sabe. Mas quando ele chegava em casa, qualquer hora da noite, ele fazia minha mãe levantar pra ir no galinheiro, pra pegar galinha pra matar e fazer pra ele. Você já imaginou? Qualquer hora da noite? Levantar, as galinhas tudo gritando lá no galinheiro, gritando, pra pegar as galinhas pra matar pra ele comer?... Ele chegava numa canoa pequenininha, chegava meia-noite, uma hora da manhã, duas horas da manhã... remando... Nesse mar aí à noite, numa escuridão, tontinho tontinho, tontinho. E chegava lá, e ainda cismava "quero comer"... Nós ficava só de longe, olhando, escondido, eu e meu irmão olhando, com medo dele.



Ela cozinhava muito, muito bem, acho que é por isso que o pessoal até hoje gosta da minha comida que me alembro que minha mãe quando cozinhava era uma verdadeira cozinheira. Até prá fora, pro Colégio Naval... Ela fazia aquela panela assim, de feijão muito gostoso, no fogão a lenha, com carne seca, tudo ali dentro.



Me lembro que lá tinha uma vala, nós chamava de Barra. Então, enchia, quando chovia muito, e a água do mar também vinha, que onde nós morávamos era na beira da praia. Então, quando ele cismava qualquer coisa, ele passou a mão... nesse dia, nunca me esqueço dessa panela de feijão,

cheinha de carne! Ele chegou naquela vala e vapt, vapt ! Jogou com as carnes, as carnes ficou tudo boiando assim lá na água ... Ah, eu ficava apavorada ...



Que a minha mãe sofreu muito, ele foi uma heroína, foi uma mulher... Ela obedecia. Ele era muito mulherengo, muito mulherengo... Era um homem muito safado. Tinha uma coisa fora de séria. Com uma mulher só, não dava pra ele.



Minha mãe, esteve doente, ela teve os problemas de pulmão e aqui não tratava... Quando descobriu já estava muito adiantado. Ai levou ela pra São Paulo... acho que em Mogi das Cruzes, eu era pequena, eu me lembro. Ela ficou lá muito tempo se tratando do pulmão, era tuberculose. Nessa época já vii como é que era tuberculose. Eu sofri com isso, eu não gosto nem de me lembrar. Eu não pude brincar com as outras crianças, eu me lembro que a minha prima me levou numa casa, fui numa casa... ela foi passear, me lembro como se fosse hoje. Que a menina deu café pra mim e pra minha prima, e tudo, e depois, na minha frente, ela apanhou e botou prá ferver aquela caneca, com medo que eu estivesse tuberculosa também. Isso me marcou muito.



Nessa época, a Sônia minha irmã, que você conhece, tinha muitos poucos meses, e ela ficou em casa. Ela ficou, e a minha avó, eu tinha duas avós nessa época. Tinha a vó Frausina, que era a mãe da minha mãe, e a vó Florinda que era a mãe do meu pai... E foi assim muito difícil. Eu nem me lembro, mas eu devia ter uns 8 anos por aí. Eu comecei a ajudar, que a minha vó não dava conta. Ela tinha que cuidar da casa, tomar conta do meu irmão Nié, eu e a minha outra avó, que também ficou lá em casa nessa época, que já era mais velha.

Agora você vê. A situação que eu passei, sabendo que minha mãe estava fora, e a Sônia, minha irmã, passava muito mal, muito mal mesmo, no momento não estou bem lembrada, ela tomava muita injeção na barriga naquela época. Nem sei, acho que era soro que ela tomava. Muitas vezes até vela minha avó botou na mão dela.

Então minha vó ia pro rio, um poço, assim... lá não tinha nada encanado, era um poço, assim, tinha que lavar roupa ali sentada no rio, tinha que botar umas pedras, botava uma pedra, sentava, na outra pedra lavava a roupa. Lavava a roupa assim naquela pedra... Tinha que lavar a roupa do meu pai, lavar a roupa da gente, ainda fazer a comida, e ainda cuidar da Sônia.



Aí eu tive que cuidar da Sônia. Não sei a idade que eu tinha, mas eu tive que cuidar da Sônia. Eu cuidava, tomando conta, botar no colo, a vovó fazia uma comidinha eu dava, tinha horas que ela passava mal eu chamava a vovó, assim a comida na boca... Ela chupava uma chupeta, tinha as outras mas ela só queria aquela chupeta, o que que fazia a minha avó? Costurava aquela chupeta pra ela chupar, porque ela não queria outra chupeta, de jeito nenhum. Foi difícil.

Foi difícil e depois minha mãe voltou, ficou em casa uns meses, teve que voltar de novo porque eles já achavam que ela tinha que ficar mais um ano lá. E quando ela voltou a Sônia não queria nem mais ficar com ela. "Vovó, quem é essa mulher que veio aqui cá pra casa, quem é essa mulher?" O quanto que a nossa mãe sofreu, e a gente também com a ausência da nossa mãe, não foi fácil...



Nessa época, Deus sabe que eu não estou contando mentira, a minha tia, irmã da minha mãe, ela veio prá dentro de casa, que não tinha prá onde morar, ela veio com os filhos prá dentro da nossa casa. Mamãe não tava em casa, foi muito difícil, foi muito difícil. Poucas coisas eu me lembro e não gosto nem de lembrar. Você imagina o que aconteceu. Meu pai que era muito mulherengo, você imagina o que aconteceu. E daí ela teve um filho dele. Ela era a irmã da minha mãe.

E saber que a minha mãe não estava lá, e eu vendo... Quando meu pai... era no bambueiro, era no galinheiro, assim atrás duns matos que tinha... foi muito difícil, muito difícil. E eu vendo isso tudo, eu sofri muito.



E tinha uma irmã minha, a Esmeralda, que mora no Rio, ela era mais velha do que eu. Bem mais velha. Ela não agüentou. Porque ela era moça. Ela queria, gostava de baile. Meu pai achava que como minha mãe estava no hospital ela não podia sair de casa. Aí ela foi ao baile com a prima dela, pra se distrair... aí no outro dia meu pai deu uma surra muito feia nela. Muito feia mesmo, ainda me alembro como se fosse hoje, ela debaixo de um pé de fruta que agora não me vem à minha mente. Ela de joelhos, pedindo que ela queria a morte.

Ele, quando ele batia era com a fivela, não era coisa não, pegava a fivela e dava mesmo. Eu via aquilo, pequena, eu assustava, eu era assustada. Assusta. Eu ficava assustada, e chorando como ia ser, minha irmã foi embora, aí que as coisas piorou.



Ficou eu e minha avó cuidando das coisas e depois mais essa tia dentro de casa com os filhos dela também. Essa época, ela também bebia ... Eles dois fazendo sexo lá, eu ficava pensando, eu nessa época ficava pensando, o que que eles estão fazendo lá, em cima um do outro? Eu dizia, tão

fazendo malcriação, tão fazendo malcriação. Eu ainda dizia "Vó ó, meu pai tá lá com a minha tia, eles estão fazendo malcriação". Eu achava que era malcriação, tão inocente, eu achava que era malcriação.



Minha mãe voltou, aí ficou mais uns tempos, ficou comigo e com o Nié, veio muito forte, bonitona, só com um pulmão, que o outro ela já tinha perdido. Mesmo assim, com um pulmão só ela fez muita coisa. Ela ficou em casa, era uma brigaiada. Aí... Graças a Deus, essa minha tia, levou um tempinho mas já arranjou um serviço, foi morar noutra casa, levou os filhos. Mas minha mãe não sabia que o filho era dele. Só muito tempo depois que ela foi saber que o filho era do meu pai. Ela ficou... Mas ela era uma pessoa que, nem sei... Ela falava assim na hora, mas depois, mandava as coisas que tinha dentro de casa, dividia ainda pra dar pra irmã, pras crianças.



Mas eu saía assim, brincava, na praia, mas sempre assim com um mau pressentimento, pensando assim de chegar dentro de casa encontrar alguma coisa. Era assim.



Encontrar meu pai, quando ele bebesse. Ele batia na minha mãe, de vez em quando ele batia nela também. A minha avó ficava gritando, gritando, empurrava ela pra dentro. Ele era um homem assim, até na hora do sexo ele era coisa, tinha que ser na hora que ele quisesse, entendeu? Tinha que ser na hora...se ela estivesse fazendo comida, tinha que ir, tinha que ir pra dentro do quarto, era assim. Que eu via isso tudo, eu ficava apavorada. Ai, meu Deus, se eu pudesse sumir, eu dizia assim.



Eu ia pra escola, mas eu acho que eu não fui uma pessoa que pode estudar assim, bem, não. Eu... Muito difícil. Até hoje eu sou muito difícil pra aprender as coisas... Eu tive professoras muito boas, elas as vezes até davam aula pra mim assim, dia que não tinha nada a ver, depois do serviço delas elas me chamavam, pra dar aula, pra ver se eu aprendia matemática. Foi muito difícil pra mim. Olha que eu, uma moça com 14 anos, tava fazendo a terceira série. Meu irmão, muito mais novo que eu, já tinha passado, já estava na quinta série, e eu assim, porque eu não sei nem contar... É que eu tinha uma mente que não dava pra mim aprender não, aprendi muito pouco. A ler, a escrever, até hoje.



Nós trabalhávamos muito, eu comecei a trabalhar com 9 anos no barracão. Você sabe o que é ? Barracão de peixe. Tinha aqueles tanques de sardinha, aí os barcos atracavam. Nós tínhamos que levantar muito cedo pra pegar lugar melhorzinho na mesa. Então eu ia muito cedo, chegava de manhã , às vezes tomava só um gole de café e me mandava, com a minha irmã também e ia trabalhar, meu destino era trabalho. Depois nós ia pro mar, lavava os cestos do peixe, tinha uns maior outros menos, a gente embarcava na água do mar e lavava aqueles cestos tudo cheio de sangue. Botava avental mas ficava encharcado daquela friagem, passava até na barriga, do gelo. Tinha que botar até água sanitária era uma gordura, que você nem queira saber... Essa era sardinha fresca, era o sangue, mas depois já era imprensada, prá gente trabalhar na lata. Essa lata que as vezes o patrão derrubava em cima da mesa pra tornar a arrumar. Eu arrumava outra vez, eu não desisti. Eu continuava a trabalhar, mas aí meu Deus do Céu, era difícil. Às vezes eu pensava de não voltar lá, mas eu via que eu precisava, aí eu voltava lá.



A gente não vai dizer que só teve coisa triste... Eu brincava com as minhas colegas no colégio, nos brincávamos de roda, mas sempre naquela missão de ir pra casa pra ajudar. Brincava um pouco na praia... Por causa da minha irmã pequena eu não perdi aula, eu ia sempre, sempre fui. Depois eu tomava conta, vovó deixava e eu tomava conta. A aula eu ia sempre. Mas mesmo assim eu ficava com aquela preocupação, que eu tinha assim uma preocupação de estar lá pra ajudar minha avó. Como é que ela vai ouvir? A Sônia chora, ela lá no poço, como é que ela vai ouvir? Eu tinha aquela preocupação. Foi difícil.



Eu me lembro que tinha muito essas Santa Luzia, não sei se você conhece, dá na água, ela brota, é assim muito legal, essa planta, ela lastra, então eu tinha assim um amor muito grande por aquelas plantas. Todo dia de manhã eu ia lá espiar pra ver se tinha brotado alguma coisa, alguma folha... Eu sempre gostei de flor, sempre gostei de planta, que eu acho que planta é uma coisa assim que me desperta muito. Planta é vida, é esperança, eu tinha essa esperança assim de um dia melhorar.



Cada noite de lua linda, linda, na praia, a gente cantando, brincando de roda e as pessoas toda em volta... Minha mãe gostava muito. Hoje eu não vejo. As crianças não brincam mais. Hoje em dia as crianças já estão namorando com 8, 10 anos... A gente namorava, também , escondido, mas com 14, com 13... Mas hoje em dia, mesmo com 10 anos, já tem até filho. E os pais também...Gostava dos filhos, mas era um amor escondido, gostava mas não admitia, não dizia, eu amo você, olha, eu amo você...Tinha que reconhecer pelo olhar.



Nós somos sete irmãos ... Minha mãe tinha um casal também ... de gêmeos... morreu pequeno. Sabe do que eles morreram? Morreu de uma coqueluche ... Ai nessa época eu era pequena, tinha 6 meses. Minha irmã mais velha Hélia ainda estava junto com a minha mãe, então ela era que cuidava desses dois. Então quando minha mãe ia lavar roupa, ela olhava pra mim, que eu é que estava pior de todos, ela contava. Então o meu tio chegava lá e dizia, olha ... você cuida dessa que está aí, porque essa aí é que é o perigo. Porque aqueles dois lá, os gêmeos, você pega, sacode e deixa pra lá, que aqueles dois lá agüentam. Essa aqui não ... Mas eles teve uma febre muito forte, os dois ... morreram com quatro anos todos dois. Foi assim. Num sábado meu pai trouxe um enterro, quando foi no outro sábado ele trouxe o outro... O enterro foi aqui em Angra, eles trouxeram de canoa. Eu era pequena todo mundo dizia que eu não ia agüentar, que eu passei muito mal, mas eu agüentei, porque eu mamava... Mas os dois foram, os dois filhos deles, que eles gostavam muito. Diz que era muito esperta, a minha irmã, que era muito esperta, demais, que não era nem pra esse mundo, porque ela era muito esperta, a Marlene. To vendo o retratinho dela, que ela era muito linda! Ela só era diferente, o cabelo lisinho, já puxou pela minha avó.



Minha avó tinha o cabelo liso, a vó Frausina...Tinha o cabelo liso. A outra tinha o cabelo enrolado, não era assim como o meu não, era melhorzinho ... Mas o meu avô, marido da minha avó Frausina, ele era pretinho. Ela disse que ele era um homem muito forte. Ele era um homem muito forte, acabaram com ele porque ele ... Se eu for contar, é muita coisa.... Ele era um homem muito forte, muito forte mesmo, e as pessoas não podiam com ele. Todo mundo que brigava com ele, ele derrubava três, quatro de uma vez, tão forte que ele era. Ele chamava Virgulino. Ele também tinha essa mania de beber. Não muito, mas assim... Então tinha uns homens lá, em cada lugar que ele estava, eles se juntava de três pra poder bater nele. Porque antigamente era assim, era briga, era briga que chegava até a rolar, minha irmã é que conta, que eu não conheci não, minha irmã mais velha é que passava pra mim. Que eles brigavam muito. Então todo lugar que ele estava procuravam briga com ele. Mas ninguém podia com ele. Diz que ela se lembra que uma vez, num matagal, eles pegaram ele prá bater, que ele rolou, rolou, rolou, com eles agarrados, botou os três, e jogava no chão. Ele era um crioulo, mas muito forte, um homem muito forte mesmo. Fortão. Era um homem bom, ela disse que ele era um homem muito bom, trabalhador, e tudo. E aí por fim, eles não agüentavam, tinha aquele carrancismo, todo lugar eles brigavam com ele. Ai não puderam, eles viram que ele era forte demais, ai mataram ele, a paulada. Fizeram uma traição. Lá na Gipóia, ainda sei o lugar, porque o pessoal conta, minha avó contava, quando a gente passava

por ali, aonde que mataram ele. Então sempre que eu passo ali me lembro. A paulada. Depois eu ainda conheci alguns desses assassinos. Antigamente ficava por isso mesmo. Acho que não tinha muitas pessoas pretas lá na ilha, acho que não tinha não. Tinha não, era mais claros mesmo.



Meu pai também brigava, era brigão. Dia de festa de Nossa Senhora da Piedade, ele brigava muito, também, com os primos todos. Ele tinha mania de arma. E toda arma que ele usava, a minha mãe botava fora. Tem uma toca, lá na Gipóia, quantas armas estão ali! A minha mãe jogava lá dentro daquele buraco. Era ele trabalhar, ele comprava uma arma. Era facão, na cintura... feito aquelas pessoas antigas... E era uma pessoa boa, só quando bebia era que ficava valente...



Eu pedia muito a Deus que o dia que eu casasse que não casasse com uma pessoa que bebia.



Eu conheci ele, nós já tinha melhorado mais, o papai já estava mais velho, eu quando cresci mais, tinha meus quinze anos, saía... Era difícil, mas com essa colega minha, ela falava, ela era muito risonha e pedia pra ele deixar eu ir pro baile. Ai eu ia ao baile com ela, gostava muito de dançar, adorava dançar Carnaval, sempre eu gostei, sempre gostei muito!



Só tinha uma coisa, ele era muito bonito, quando era solteiro era muito bonito. Então, era bonito, aqueles olhos muito azul... Agora tá careca... tá velho, mas não usava aquele cabelo até aqui, como é que chama? Costeleta? Costeleta até aqui. Ele gostava muito de andar de branco, usava aquela calça de linho branco, a mãe dele, era ela mesma que fazia, a minha sogra, camisa, tudo, só gostava de andar de branco.



Eu namorei outro rapaz e tudo, meu primeiro namorado, namorei com 14 anos, foi um rapaz Basílio, graças a Deus está vivo até hoje. Mas foi um namoro muito bobo, foi namoro de criança, foi ele que me deu o primeiro beijo, eu fiquei apavorada quando me beijou ... Fiquei tão nervosa, eu tremia tanto, tinha tanto medo, você nem queira saber... Boba!



Mas era tão difícil de encontrar, muito difícil, porque era escondido do meu pai. Ah ele não sabia! E toda noite a gente brincava na praia, na lua cheia, a gente gostava muito de brincar de roda, as

moças todas, minhas primas, e os rapazes também vinham , quando eles não estavam pescando, vinham ver a gente brincar..



Então ele vinha, chegando assim pra conversar, eu assim conversando com ele. De repente, quando eu vi, meu pai, com uma correia que não tinha mais tamanho. Veio pra me pegar. E tinha muito inhame, você conhece inhame, tem cada folha enorme... Quando eu vi, tanto inhame tanto inhame, cada folha enorme, era trançado, quando eu vi, de noite, eu passei no meio daquele inhame todo, apavorada, ainda lembro como se fosse hoje, ficou na minha cabeça ... As minhas colegas riam muito, tudo fazendo caçoadas de mim, todo mundo. Aí eu escondi debaixo da cama. Minha vó: "Eu não te falei pra ficar em casa, não ir pra praia, eu não te falei que teu pai estava em casa?" ... Nisso, meu pai chegou, me deu uma surra, uma surra... "Eu já te disse que não quero que você namore, que você não tem idade pra namorar..." Eu fiquei com uma vergonha tão grande tão grande tão grande que depois... nunca mais quis saber de namoro. Fiquei apavorada. Foi uma surra feia mesmo que eu apanhei. Ele dava mesmo que até quebrou... a gente usava aqueles negócios de lampião, no quarto... que até quebrou , ainda bateu em mim, saiu sangue e tudo.



Nossa , quando ele batia no meu irmão saia sangue. No meu irmão, saia sangue!



E namorei depois outro, mas namoro assim , coisa... Ele era o meu primo, ainda mora aqui em Angra. Primeiro, ele foi lá em casa, falou com meu pai, aí ele já aceitou! Porque ele era da família, ele conhecia. Ele ia lá, conversava comigo, mas eu não gostava dele ... Mas quando ele me beijava, sabe o que eu fazia? Eu cuspi muito. Cuspia, eu tinha um nojo tão grande que eu cuspi, na frente dele... Não gostava, quando me beijava eu cuspi muito. Ele brigava, eu dizia, mas eu não quero, não quero que você me beije. Isso é imundície, eu ficava dizendo que era imundície!



Como são as coisas... Aí minha colega falou assim: "Ah, você está sem namorado? O Niltinho tá doido pra falar com você?"... Lá, uma vez ou outra a gente se encontrava, escondido, escondido também ...



Quando foi uma noite, outra vez, eu estava conversando com ele na praia, minhas colegas estavam lá do outro lado, quando meu pai sentiu falta de mim . Aí já foi outra corrida. Aí tinha muita roseira, lá em casa estava a coisa mais linda de rosas ! Eu passei no meio das roseiras , eu pulei numa pedra lá na beira da praia, passei por uma casa, aquela roseira toda ...fiquei toda .. minhas pernas, meu vestido rasgou, que eu tinha perna comprida, ele não me pegava não. Me mandei. Mas ele me deu ainda uns petelecos bons. Mas minha mãe não deixou ele bater. Mas eu ainda levei, fiquei toda arranhada, o sangue pingando.



Aí depois, mamãe conversando " Ah, é fulano que ela está namorando." "Então ele tem que vir aqui, que aqui em casa eu não quero que ninguém , filho meu não vai namorar na rua." Ele não deixava. Ele não admitia que nós namorasse, nenhuma de nós. Tinha que namorar e trazer pra ele conhecer, tinha que trazer pra dentro de casa. Já viu isso?



Depois de uns dias eu fui completar 15 anos, minhas colegas foram, foi a primeira vez que eu tive um bolo... Eu ainda me lembro desses 15 anos, que aí que ele foi lá em casa, aproveitou o embalo, e falou com meu pai. Ele aceitou, mas dando os dias que ele tinha que ir, que não demorasse. Mas era difícil, muito difícil meu namoro ali. Ele vinha namorar e o pai ficava "Tá na hora, heim! Tá na hora de ir embora, tá na hora de ir embora. Eu, cá comigo, acho que esse namoro não vai dar certo, acho..."



Nessa época, os rapazes lá da ilha não tinham trabalho, era só negócio de pescaria.. era o trabalho era esse, era pescar. Quando dava dava, quando não dava, era horrível...



Ele morava na Gipóia, mas era do outro lado. Ele tinha uma canoinha pequenininha, pequenininha mesmo. Ele vinha naquela canoinha, tinha que passar uma baía imensa pra ir lá falar comigo, namorar. Ele vinha de noite, botava os pés dentro d'água... eu conto isso pras crianças, elas morrem de rir! Era um barato. A canoinha, eu lembro até hoje, quando nós casamos, essa canoinha se chamava Brasileirinha, naquela época, era verde, amarela, azul, sei lá ... tinha a cor da bandeira, era a Brasileirinha. Mas era dessa largurinha assim, mal cabia ele. Ele passava lá, remava muito prá ir lá, pra poder namorar comigo.



... meu pai ficava aos gritos, lá de dentro... "Tá na hora, tá na hora, isso não é mais hora..." Então quando chegava perto, quando nós chegava perto, ele chegava perto de mim, papai chegava na sala "Isso não tá certo..." Depois que ele saía, papai botava prá brigar comigo... Brigava até prá onde se viu? "Pra namorar não precisa sentar junto..." ...Ele me beijava, mas escondido, era um beijo assim...esse eu não cuspia! Você vê como eram as coisas, esse até eu gostava... Mas era muito difícil. Quando não era isso era a vó na sala, era meu irmão na sala, era uma coisa assim muito difícil mesmo, era uma coisa ali.



Depois disso, eu fiz 16 anos, já tinha um ano de namoro. Aí, com 16 anos ele já achava que tinha que casar. Era assim, namoro aqui, com um ano tem que casar. Pessoal antigo, antigamente era assim, com pouco tempo tem que casar.



Antigamente tinha muita fartura, mãe tinha muita galinha, muita coisa, criava muita coisa, então ele pagou um bolo aqui em Angra, umas menina fazia um bolo, levou em canoa a remo, mas um bolo muito bonito, fez um pra mim, mas eu pensei. Meu Deus, ficar noiva, mas como é que nos vamos casar?... Bom, e me prendendo, eu não podia sair. Mas mesmo assim, o dia que eu passava melhorzinho era quando ia a um baile. Sabe o que eu fazia? Eu tinha uma prima, ele deixava as vezes eu ir ao baile com ela. Sabe o que eu fazia? Nós ia ao baile. Eu dizia assim: "Quando nós chegarmos não vou bater na porta não, vou dormir na casa da minha prima". Aí que eu ficava namorando até duas horas da manhã sem ele saber, na pedra, sem ele saber, do lado de fora. Aproveitando.



Aí meu pai, naquele negócio de apertando pra casar, aí ele disse "Então, vamos casar. Vamos fazer um quarto aí e vamos casar." Marcaram o casamento... Casei, direitinho. Ele fez questão, mandou eu ir pro Rio. Minha irmã lá, também, coitada, comprou o melhor vestido, um vestido lindo, muito bonito, eu casei junto com uma prima, que também casou naquele dia. Ele fez uma festa, um casamento que tu nem queira saber, um casamento, que hoje em dia eu não posso fazer, que eu nunca pude fazer. Com muita bebida, foi três dias de festa, com muita cerveja, não deu conta, então tornou a chamar o povo pra beber. Pagou lancha pra levar nosso casamento lá na ilha da Gipóia...



Ah, aí é que vem as conseqüências... Eu peguei a gravidez da primeira filha logo... eu boba, não sabia de nada, de nada, você nem imagina... era o ruim da a pessoa não ser assim preparada pra nada... Eu era muito boba, ai Jesus... Como é que eu era quando eu me casei!



A gente não era preparada nem para a primeira menstruação, quando viesse, nada disso foi preparado, nada disso. Minha mãe lavava a roupa dela, tudo escondida. Eu via, que eu era esperta, eu via, eu já sabia mais ou menos. Nem falei pra ela. Eu via ela lá lavar escondido, eu fiz a mesma coisa, fui lavar escondido também. Escondi também, foi isso que eu fiz. ... Eu via ela quando eu chegava e ela estava lavando aquela roupa, ela falava, gritava: "Aqui não é lugar de criança, o que que você está vendo aqui, que que você tá vendo aqui? O que que você está vendo demais aqui?"



Depois de casada, já tive ela, aí ele aproveitava que eu estava na cama, aí ele começou a beber. Aí, novinho, com 21 anos que ele tinha! Com 21 anos ele começou a beber. Eu disse, meu Deus do Céu! Foi aquela coisa. Eu chorava, eu chorava muito. Eu derramei muitas lágrimas, mas muitas lágrimas mesmo.



Ele chegava eu falava, ele sempre com aquele carinho _ ele sempre foi carinhoso _ que eu não vou fazer mais , não vou fazer mais, amanhã fica bom, que não sei o que, ficava 1 semana, 2 semanas, quando eu pensava, chegava tonto de novo...



O dia que a minha filha nasceu, a segunda filha... Eu pegava gravidez, eu evitava de tudo que é jeito, mas eu não tomava remédio. Eu fazia ele evitar, mas eu pegava gravidez... Evitava tirando na hora, mas eu sou tão fértil, era o que o médico falava, qualquer coisa que ficasse eu pegava gravidez. Quando a primeira filha estava com oito meses eu já tava grávida, e não sabia. Aí eu começava, vomitava, vomitava, ficava nove meses enjoada. Vomitava nove meses. Eu não podia comer. A água eu vomitava, a comida eu vomitava. Tinha muito desejo, só desejo, só desejo, de comer fruta, de comer coisa verde, só essas coisas. Feijão eu não podia ver, carne fresca, não podia ver, de jeito nenhum. Mas todas as gravidez eu fui isso. Todas.



Muito filho, os filhos tudo pequeno... tudo precisando, eu via, eu precisando, tudo muito difícil essa minha vida... Chegava de manhã eu não ter um leite prá fazer mamadeira pras crianças... Sofri

muito. Chegava de manhã não tinha leite pra fazer pras crianças, aí, às vezes, se tinha maizena não tinha o leite, fazia de maizena pura, minhas lágrimas descia. Eu chorava, caía as lágrimas nas crianças. Foi muito doído. Eu ia às vezes cortar banana, vendia escondido, trazia leite...



Não brigava, nunca, nunca levantou a mão pra mim, até hoje nunca bateu nos filhos também não. Ele é muito carinhoso com os netos, você vê, ele toma conta dos netos, ele faz mamadeira, lava a roupa do meu filho que agora é que conseguiu um trabalho, com a graça de Deus, aí chega com a roupa suja, ele é que vai lavar, porque eu, com o problema da artrose, lavar roupa é ruim.



Com o problema da bebida eu tenho sofrido muito. Nos vamos fazer 43 anos de casados. Ele deixou cinco anos de beber, foi a glória! O homem engordou, ficou bonito... de repente, voltou tudo de novo. Ele é muito trabalhador, faz de tudo que é possível, mas ele tem essa doença. Aí é que eu fui entender essa doença. Depois que eu fui participar.. depois de muito sofrimento. Fiquei quatro anos no ALANON⁸², esse de ajuda, assim, aí que eu fui ver as pessoas, é próprio pra família... Mas foi aonde que eu fui entender o que era a doença. Chamei ele muitas vezes pra se tratar lá, mas não adianta... Agora ele não bebe mais como bebia, nem tem mais aquela coisa, mas vai um dia, ele bebe...



Vim da ilha porque as crianças já estava maiorzinha não tinha onde estudar, meu pai ficou cego, não tinha mais como a gente vir, aí que ele vendeu lá. Aí a gente vê que Deus deu o Céu... Que ainda tenho esse pedacinho, ainda tenho onde morar, agradeço ao meu pai, que deu pra mim e minhas irmãs, mandou todo mundo fazer casa aí..



Acho que eu comecei a viver minha vida, depois dos 38... De uns anos pra cá. Depois de eu ter esses filhos tudo criado... Quando eu dei o grito mesmo, que eu fiquei forte, foi quando eu vim pra Angra, que eu... Ele dizia que mulher dele não trabalhava... que eu não podia trabalhar. Eu fui arranjar trabalho, a minha cunhada arranjou trabalho, ele dizia que lá só tinha piranha, lá onde eu fui trabalhar Na Marina's... EU FUI PRA LÁ.



Mas foi muito difícil, muito difícil... Eu limpava, fazia limpeza, na Marina's. Trabalhava de arrumadeira. Eu cuidava de nove casas. Não era casas era casa, casaréu... Você sabe que casa de

⁸² Grupo de apoio aos AA - Alcoólicos Anônimos, voltado para as famílias dos doentes.

gente rica não é brincadeira... limpava aqueles vidros... Eu trabalhava aqui numa casa. De tarde eu já estava lá na ponta do cais... Se fosse uma casa assim, quando era duas pertinho, tudo bem, outra hora eu já estava lá na beira da praia, trabalhando. Eu trabalhava muito, tinha que dar conta daquelas casas todinhas. Limpar os vidros todos pra sexta feira, deixar tudo limpo pra quando os patrão viesse. Não era brincadeira. E eu vi que quando tinha assim... Se a pessoa quisesse, pagava extra pra trabalhar de sábado e domingo. Eu ainda pegava. Terça feira era a minha folga, pegava. Trabalhava muito. Aquelas casas eu deixava tudo enceradinho, aqueles vidros, tudo, de cima a baixo, só a roupa que eu não pegava. Não, que eu não dava conta.



Eu quando trabalhava na Marina, eu pagava a aposentadoria dele. Achei também que eu devia. Paguei... Depois deixei prá lá. Ah, não vou pagar isso também não, isso já é demais, a gente também se aborrece, porque, poxa, ele não se esforçou, até hoje sofre, fica lá de cabeça baixa, esperando a idade, que eu não sei nem se... Ele tem muitos anos de trabalho, mais tudo assim, tudo assim, nem as carteiras de trabalho... Mas você acredita que ele não é nem aposentado ainda? Você acredita? Sabe quantos anos ele tem? Vai fazer 64 anos. As crianças já cansaram de mandar ele ir ver na Verolme, ir ver em Furnas, nisso tudo ele já trabalhou.



Meu marido já trabalhou lá, na usina, já faz muitos anos, ele trabalhou lá, eu já morava aqui...eu não morava mais na ilha não... Nem imagino nem quanto tempo faz que existe essa usina, não sei mesmo, não tenho recordação. Trabalhou, trabalhou, acabava o serviço, ele saía. Mandava embora. Ia pra empreiteira, terminava, saía. Já sei que faz muitos anos... na época, todo mundo ficou feliz, porque disse que vinha trabalho. Muita gente pensaram só no trabalho...



Mas depois quando ouviram falar lá fora sobre aquela...Como é o nome daquela que aconteceu? Que teve aquele desastre nuclear, Chernobil? Que teve aquela porção de gente morrendo, gente doente, e tudo, aí a gente ficamos preocupado, até eu fiquei preocupada na época. Meu marido foi trabalhar lá uma época, eu disse assim, eu fiquei pensando: Ah, meu Deus, se a pessoa ficar doente, se trazer doença pra dentro de casa, todo meu pensamento era esse. Fiquei com medo, pensava nos meus filhos nas crianças...



... E nós ia ter rejeição, as pessoas ia rejeitar a gente também, ninguém ia querer. O povo de lá ia querer gente daqui, que ia transmitir doença pra eles? Não podia. Isso é que eu penso até hoje

sobre essa usina, de vez em quando eu penso. Quando eles diz que está vazando, eu penso: meu Deus, que vai ser de nós, que vai ser do povo angrense ?... Eu acredito que não tem como, se acontecer alguma coisa, a gente sair dessa não. Eu acredito em Deus, mas só mesmo o poder de Deus, só ele, no meio, na hora. Só Deus, porque não sei não!



Já trabalhei em muitas coisas na vida , você nem sabe, nem imagina, sem ser essa fábrica de sardinha que eu falei, em outras. Barriga grande e tudo. Ai, eu vim pra cá eu achei que eu tinha que trabalhar, porque ele não tinha trabalho ainda. E trabalhei na Verolme, serviço bom pra caramba, três anos...



Eu tenho esses sete... Mas eu criei eles dei carinho, dei muito amor. Porque eu não tive, eu falei prá você. Não tive aquele carinho, assim... Antigamente era tudo... Então, meus filhos, eu já criei assim... Não pude dar o que eu queria, mas pelo menos, carinho eu acho que eu pude dar.



Elas já era esperta, elas já cuidava até das minhas roupas, elas já era bem esperta. Umas filhas igual... eu já largava elas, elas tomava conta. Elas faziam tudo prá eu trabalhar. Elas dizem que são mães, do Carlos Alberto, do Ailtom. Elas choram quando elas conta isso. Eu ia trabalhar, elas fazia mamadeira, com 9 anos. Ela dava comida ao pai, quando trabalhava na ilha...



Eu tive esses filhos todos, mas eu já tratei meus filhos diferente, já tratei diferente.



Eles estudaram, o mais novo não quis estudar... A Tânia estudou, Marli estudou... A Tânia, com esse trabalhinho da Marina's, eu ajudava pra ela poder comprava livro, tudo, pra ela poder se formar. Não é muito, mas é professora, tá ganhando o dinheiro dela. Porque com esse sacrificio... da gente. Fico admirada, porque daí prá cá, já dependeu delas, já não é mais meu. Mas, até aonde eu pude. Outro que também estudou, esse que mora lá em Mato Grosso do Sul, o Carlos Alberto também, estudou... mas também ficaram naquilo mesmo, no ginásio... Marília, a mais nova, estudou muito.



Ver a Tânia formar professora, eu chorei, vê ela lá receber aquele diploma, eu chorei. Prá mim é muito! Prá quem veio de lá da ilha... Lá catando feijão, lá trabalhando na sardinha, eu não queria ver minhas filhas lá cortando sardinha, patrão, sendo mandada por patrão. Eu não queria ver isso pras minhas filhas, meus filhos!



São umas pessoas carinhosas, as pessoas gostam dos meus filhos... Então eu vendo a Tânia lá, dando aula, com muito sacrifício, lá na Japuiba, num lugar difícil, mas ela dá aula, com aquele amor. Ela é carinhosa, a diretora gosta muito dela, ela faz tudo com amor.

Eu ia no colégio, quando o Ailtom estava estudando, a professora dizia, Dona Florinda, seu filho é um amor, uma beleza de garoto! Só que nem todos podem ser igual. O Marquinhos já foi muito perverso, esse menor! Cada um de um jeito. A Marli estudou, depois não quis estudar mais. Safadinha, também. Já está casada, já tem dois filhos homem, já. Tá com 40 anos agora, meu neto mais velho tem 20 anos, é maravilhoso! Ele me ama, ele chega, me abraça...minha avó, vou trabalhar pra ajudar minha avó. Carinho que eu dei pras minhas filhas.

Eu fui agora em Vassouras... Olha que maravilha, eu fui avó de trigêmeos!... Eu pedi: "Meu Deus, São Benedito, Jesus, interceda a Deus pela minha filha agora. Faça com que minha filha consiga sair dessa, que ela possa ter essas crianças!" Ai eu virei assim, quando eu viro assim, escutei o choro, a enfermeira veio e mostrou prá vovó, o primeiro veio. Apanhou o outro e trouxe. O terceiro, eu falei na igreja, esse foi o maior sonho da minha vida!... Muita coisa linda aconteceu na minha vida. Olha que coisa linda!



Eu tenho 15 netos. Ainda não tenho bisneto. Tenho neto que vai fazer 22anos, outro com 20. Outro vai fazer 18, outro 17. Os outros são todos com 15, 12, 11 anos... Tenho bastante netos, são a minha vida.



Lutei muito, trabalhei tanto nessa vida, que eu hoje sinto muita dor nas pernas, acho que é por causa disso. Barriga grande, trabalhei, lutei ... Eu recebo, é muito pouco mais ainda eu dou glória à Deus, muita gente ainda reclama do salário, mas mesmo sendo o salário ainda é melhor do que se eu não ganhasse nada. Com esse salário ainda dá pra eu pagar uma luz, comprar um gás... As outras coisas as minhas crianças me ajuda. Como pode. E assim a gente vai vivendo com a graça de Deus.



Porque também teve momentos bons na minha vida. Eu não posso falar também só de coisas ruins. Porque a vida tem altos e baixos. Fui muito feliz. Porque meu marido me tratava bem, me deu muito carinho, me deu amor. Não vou dizer que não. Quando nós íamos passear, saía com dois no braço, eu com um. Dançávamos muito... Adoro dança ... Derramei muitas lágrimas em cima deles, mas também sou muito feliz de ver meus filhos aí.



Eu gosto muito, fico aborrecida que meu marido não baila, não gosta de nada , não vai a lugar nenhum, só fica dentro de casa, sentado, eu digo que ele fica esquentando o saco, as crianças morrem de rir. Esquentando o saco! Que eu gosto de dança, ele não gosta. Gostava quando era solteiro. Mas a dança dele é dança lenta. Gostava dum bolero, dum samba canção, essas dança assim. Mas eu não, já gosto dum pagode, dum forró, dessas coisa assim. Que dá ...energia!



... eu botava disco, botava pra dançar com as crianças, com os netos mesmo, qualquer festinha deles , eu entro no meio, assim, que eu me divirto mesmo. Com eles mesmo, que eu não saio pra lugar nenhum, só igreja, igreja, igreja, e visitar os doentes, agora mesmo eu vim do hospital que eu fui visitar os doentes. E o teatro também. O teatro também dá uma energia muito grande pra mim.



Eles adoram que eu faça teatro. Eles me gozam. Meu neto adora, adora , adora, ele ri muito... Meu filho lá em Mato Grosso... Quando eu estive lá, eu fiquei desesperada, eu tinha que vir embora, "eu tenho que estar lá, por causa da viagem com o grupo de teatro" ... "Minha mãe agora é artista", ele diz pros outros. Eles acham maravilhoso.



Ah, que maravilha, quando meu irmão me deu flores, na estréia ! A vez que eu fui no Rio, lá em...que eu fiquei no hotel ... foi a coisa mais linda da minha vida! Quando a minha cunhada veio com aquele vaso de flores... Quando eu pego o retrato... Que maravilha!

E no dia em que nós nos apresentamos aqui dentro da igreja? Que maravilha... Que na hora que o Frei Pedro falou que as pessoas que quisessem falar alguma coisa, a minha filha falou " A minha mãe, aqui ... Eu não acredito que a minha mãe está aqui, falando..." Ela, a minha filha com aquele ramo de flor, me dando. Eu ver meus filhos ali, eu ver meus netos, foi um sonho! Depois de passar por tudo isso que eu já passei, aquilo foi um sonho, uma maravilha...



Nossa , esse Clube de Mães⁸³, esse trabalho que você trouxe pra gente, essa linha da vida⁸⁴, esse desenvolvimento corporal, isso me ajudou demais! Porque eu ainda era uma pessoa escondida! Com mais de 50 anos, eu ainda estava escondida!... Não sabia gostar de mim. Eu não me olhava no espelho direito... Isso me ensinou muito, me ensinou a dizer: Sim, é isso e isso! Me ensinou muito! Sou gente! Eu não sabia, me virar, me impor, como eu sei agora. Se o marido dissesse, não vai, eu, eu não ia mesmo! Eu agora eu digo: Eu vou! Não estou fazendo nada errado!



Antes... Eu hoje saio de casa, não deixava louça suja... Não é dizer que eu fiquei desmazelada, não, mas eu deixo! Lavo, mas se não der, eu deixo. Quando chegar, se eu não quiser limpar, ele lava! Mas se não quiser, eu limpo... Está ali sentadinho no sofá aborrecido, não fala nada, de cara feia? Eu não ligo não! Faço a comida, levo o prato, dou na mão dele! Deixo ele lá sentadinho no sofá, é a minha obrigação... Tem também que agradar um pouco, também não pode ser assim... Mas eu também sei me impor também. Não diz NÃO, porque não vai adiantar.



Pra mim, sabe o que é que ajudou? O teatro é que ajudou. Apesar de eu estar na igreja, ser muito católica.



As crianças às vezes dizem " Mãe, a senhora já tá acabada." Tô acabada nada ! Eu ainda tou muito jovem, eu digo pra eles, muito jovem ! Sessenta e um? Tou jovem , muito jovem ! Meu neto morre de rir...



Meu sonho é aprender a tocar violão... Antes eu pensava que era tarde. Agora não. Agora depois do teatro eu vejo que muitas coisas, não é tarde... As pessoas ficam dizendo aí, "Ah, vocês são de idade", eu não estou nem aí...



⁸³ Algumas narradoras falam em Clubes de Mães, que é o nome antigo, dado às reuniões de mulheres da Pastoral da Mulher da Igreja Católica.

⁸⁴ A Linha da Vida a que a narradora se refere é uma metodologia feminista onde mulheres, em grupo, num único papel bem grande, onde, nas duas extremidades estão escritas as palavras Nascimento e Morte, traçam com lápis de cor os "altos e baixos" de suas vidas. Em seguida, verbalmente, compartilham etapa por etapa, desde os fatos que saibam que antecederam seu nascimento até as fases atuais das vidas das presentes. Um dos objetivos da aplicação dessa metodologia é reconhecer que muitos fatos, vividos isoladamente como incompetências pessoais, fazem parte de um contexto maior, coletivo, onde é dominante a falta de equidade nas relações de gênero, e desfavorece as mulheres.

" Mãe, eu não sei como é que a senhora agüenta, ainda vai pra igreja, ainda fica o dia inteirinho nesse negócio de ensaio, fica o dia todo! Meu Deus, eu não tinha essa força, mãe, não tinha essa coragem, mãe ! " Minha filha fez 40 anos agora, já pensou?... Tomo 8 comprimidos todo dia. Varro , varro a casa depressa, lavo, lavo, lavo uma roupa depressa, faço uma comida depressa e fiquem aí, que eu já vou ! Falo assim mesmo !



As crianças diz que a minha memória está melhorando, diz as crianças, as meninas. Essa última peça eu já fui melhor que as outras. Agora, a minha filha está me incentivando, até pra dar palestra também...



Eu trabalho muito, ninguém sabe , mas eu trabalho muito. Eu levo comunhão pra muitos doentes... Vou e volto levando a Palavra de Deus, me sinto muito bem na igreja também... As pessoas dizem: Você é maluca, é boba, como é que pode? Você quer estar no teatro, ou quer estar na igreja? Eu vou fazer as duas coisas. Porque Jesus Cristo vai me ajudar prá fazer as duas coisas que eu gosto.



Esse teatro pra mim foi uma maravilha. Meu Deus, às vezes eu fico pensando, imaginando... Eu, Florinda, no teatro? Falar pro público? Pegar o microfone? Isso foi bom demais! E na igreja? Quando é que eu ia pensar de trabalhar lá no encontro de casais, lá na frente, falando pras pessoas? As outras que pensam... Professoras... gente que estudou muito mais do que eu? Eu não sei ler.. não sei escrever.. Sei ler sim, mas não sei assim... Isso aí, me deu força ! Minha filha fica admirada...



Tem peça que é boa ! Quando na Missa Fêmea, eu grito naquela hora assim: " Convoque as trovadoras do seu tempo!" Eu grito aquilo ali, parece que eu... me deixa muito forte! Eu fico... emocionada com aquele pedaço ali ...Convocar as mulheres, que elas se acheguem, que sejam fortes, que sejam fortes! Eu penso assim no meu pensamento. Pra convocar aquelas mulheres que estão assim dentro de casa, aquelas mulheres que estão assim ... que estão submissas sob os maridos, sob os filhos, sob até os vizinhos, mesmo ! Eu vejo que às vezes até impõem mesmo. Eu vejo! A pessoa tem medo ! Ah, não faz isso por causa que fulano... Então eu acho que aquela hora, é convocar todas !



Ali, no Auto da Resistência, dá uma força, pra gente ! Dá revolta também, dá revolta na hora que a gente vai apanhar o dinheiro, revolta ! Eu me lembro muito do tempo que eu ia receber dinheiro, a hora que eu ia apanhar o dinheiro, que eu trabalhava na Marina's ... Nove casas, aqueles casarêu tudo que eu ia limpar aquilo tudo, tudo... E passa pano nos vidros e deixa tudo brilhando, aquilo tudo tão bonito... E quando chegava o dia de pagamento, a gente recebia aquele pagamento que não dava pra nada... Aí eu pego, naquele pedaço eu me lembro... Aquelas mulher ali queimadas⁸⁵ por ... é uma causa muito justa!



Aquela hora do Auto de Natal que eu ... "mundo tão cheio de gente, vazio meu coração.. mãe, que eu te tenha comigo, quando chegar minha hora..." Uma mãe que foi esquecida ... Eu estou conseguindo decorar, meu Deus do céu, eu sou tão esquecida !



Tem peça que é muito boa... As coisas que tão me apertando, as coisas da minha infância, aquelas coisas... É um desabafo, eu poder pegar aquela espada e levantar assim, e tome!...Naquela hora de matar o dragão eu tiro aquelas coisas que tá me pegando por dentro. É um desabafo, eu poder pegar aquela espada e levantar assim, e tome ! Ali eu estou destruindo tudo que me atrapalha...



Foi muito bom falar , porque nem todas as coisas se pode falar...Você foi uma luz. Não diz que tem umas pessoas que é luz? Outras, diz que é pedra no caminho. Mas você, pra mim, foi luz no meu caminho. Que Deus te abençoe, que o Espírito Santo te ilumine, hoje e sempre a tua vida.

Que a Virgem Maria te cubra com seu manto sagrado. Não só você, mas toda a sua família. Que você alcança tudo isso que você deseja. Tudo que eu desejo de bom pra minha família, pros meus filhos, pros meus netos... que eu amo muito meus filhos, meus netos... meu marido mesmo, com tudo os defeitos dele, que eu também tenho meus defeitos, eu desejo pra você. Obrigado.



Seis hora da tarde! Como o tempo passou... Quero louvar e agradecer a Deus e pedir a luz do Espírito Santo que venha sobre nós nesse momento e derrame todas as bênçãos de Deus todo poderoso .



⁸⁵ A narradora se refere ao enredo de uma peça teatral que conta a tragédia das operárias têxteis que morreram no incêndio ocorrido durante a ocupação da fábrica onde estavam em greve, em Nova Iorque, em 1857, episódio que é lembrado na escolha do dia 8 de março como Dia Internacional da Mulher.

Laura

Eu sou angrense, filha de angrenses também... Eu nasci aqui no centro de Angra dos Reis, na rua Cordato de Vilela... É uma casa que ainda hoje ainda existe, fica ao lado do asilo São Vicente de Paula. Lá eu nasci, e com quatro anos nós fomos morar no Morro da Cruz, num sítio muito grande que meu pai ganhou dessa família, pra ele criar os filhos lá nesse sítio. Parece que foi assim como um pagamento ... Ele ganhou da família X. Um sítio muito bom, onde nós fomos criados. Era muito grande, com muita fartura, uma casa boa, um casarão, e nós somos seis, nasceram três aqui no centro, e os outros três nasceram lá no Morro da Cruz.



Minha mãe da família Meira, uma família descendente de portugueses. O avô da minha mãe veio de Portugal pra cá à caça do ouro lá na Ilha Grande. Ele veio no navio à procura do ouro. Aqui em Angra era a cidade do ouro. Aqui passava todo ouro, passava por Angra dos Reis, lá da Ilha Grande, da praia dos Meros, da praia do Aventureiro, lá do outro lado da Ilha Grande. E ele veio à caça desse ouro. Ele ficou lá, adquiriu família, e minha mãe é descendente dessa família. A família Meira, descendente de Portugal, uma família numerosa aqui em Angra dos Reis.



Meu pai não tem história... Nós não temos, pela parte do meu pai, uma família grande, como a da minha mãe. Meu pai é filho de uma empregada negra, que foi empregada da família X, daqui de Angra dos Reis. Tem o prefeito X? Minha avó foi empregada do avô do prefeito X. Lá nasceu meu pai, de mãe solteira. A gente não conhece... a gente sabe mas não sabe se é uma coisa verdadeira. Se ele é filho desse senhor, seu X, mas que não pode aparecer, porque ele era um homem bem conceituado da cidade, um dos ricos da cidade da época, e ela uma empregada negra, filha de escravos. Então meu pai foi registrado com um sobrenome muito esquisito, até.

Então quando meu pai foi casar com a minha mãe, e minha mãe, apesar de ser de uma família pobre, era de uma família... bem constituída. Então, meu pai trocou o nome dele. Fez uma outra... Entrou na justiça e registrou-se como Euclides do Nascimento, porque Nascimento vem do nascer, então era o único sobrenome que ele podia ser re-registrado.



Nós nascemos todos com parteira. Nós fomos muito bem criados, apesar de pobres, muito bem criados. Muito bem educados. Todos estudaram. Meu pai se preocupava muito com a nossa educação. Tenho irmão filósofo, irmão engenheiro, irmão professor... Todos nós fomos bem educados, estudamos. Eu só não me formei porque eu fiquei muito doente quando eu estava

fazendo... na época se dizia ginásial... Eu, no ginásial, no segundo ou terceiro ano ginásial, eu sofri uma doença muito... que me impossibilitou de continuar meus estudos. Foi uma diarreia de sangue. Eu sofri durante dois anos. Na época era difícil a gente se tratar. Mas eu fui curada. Foram dois anos de luta. Mas meus pais tiveram muito cuidado... O médico ia até a nossa casa lá na roça, pra me ver, me consultar, me examinar... E ele me visitava periodicamente, e me levava os remédios, vacinas... A doença foi que me impossibilitou, fiquei muito debilitada, fraca mesmo, então eu não pude dar continuidade aos meus estudos. Aí depois... Então eu fiquei assim ... muito... até chateada mesmo, a fraqueza era muito grande, Eu não consegui mais voltar. Porque a vaga que eu iria estudar pra me formar, que seria lá em Cantagalo, no norte do Estado do Rio, prá não perder a vaga, a minha irmã foi no meu lugar, até sem ter a idade completa. Porque meu pai lutou muito por essa vaga, lutou tanto pra conseguir a vaga, aí minha irmã é que foi. Isso foi o começo da vida, da história.



A minha mãe sempre foi uma mãe que... ainda tenho até hoje, ela vai fazer 87 anos... Eu e meus irmãos, quando nós conversamos, dizemos: Mamãe parece que... num sei, não existe. Foi uma mãe super amorosa, super cuidadosa, preocupada com a nossa educação, com a nossa alimentação, com o nosso vestir. Ela sempre trabalhou para ajudar o meu pai, para que não nos faltasse nada. Nossa roupinha era feita por ela, e muito bem feita, nós éramos invejadas pelas outras, pelas amigas, de tão bem arrumadas que nós andávamos, apesar de sermos pobres e morarmos na roça.

Nossos uniformes escolares eram tão bem arrumados, tão bem passados no ferro de carvão, que a minha irmã, abaixo de mim, que é professora, hoje aposentada, ela quando chegava da escola, ela pegava a saíinha do uniforme dela, que era toda pregueada, _ eu não ligava não, pendurava a minha e deixava, _ mas ela, passava a mão naquelas pregas e botava embaixo do colchão, pra no outro dia, a saia ainda estar com as pregas no lugar. Porque era difícil estar passando roupa todo dia, era no ferro de carvão. Então, a minha mãe foi uma mãe muito amorosa, e ainda é até hoje. Minha mãe, a gente fala que ela é uma... peça rara, entre tantas. Porque eu sou mãe, mas não chego nos pés da minha mãe. E foi assim a minha mãe, e é até hoje.

Amada, minha mãe nossa, se cuidava muito! Nós temos fotos da minha mãe, muito bem arrumada, muito bem cuidada, o cabelo era comprido, ela fazia muito bem aquelas tranças, depois ela enrolava, botava paninho. Prá não pegar sujeira. Minha mãe era muito limpa. E até hoje, a casinha dela, é invejada, por todos, de tão bem cuidada que ela é.



E meu pai já tinha um outro ... modo de ser . Ele foi um pai, apesar de super preocupado com a nossa educação... E uma coisa muito importante que eu gosto de falar do meu pai, de lembrar, era a educação política que ele deu pra gente. Meu pai todo dia levava o jornal e fazia questão que a gente lesse. Então, quando a gente já estava sabendo ler, ele queria que a gente lesse uma coisinha do jornal, que ficasse sabendo do que acontecia. Meu pai leu jornal até... só ficou doente, acamado, hospitalizado cinco dias. Só ficou cinco dias da vida dele sem ler jornal. Lia jornal todos os dias. Mas ele era muito rude com a gente.



Uma coisa que me marcou muito, foi a morte de Getúlio Vargas. Quando Getúlio Vargas morreu, meu pai chegou em casa naquela tristeza e contou pra gente... Porque nós não tínhamos rádio, não tínhamos meio de comunicação nenhum naquela época. Aí meu pai chegou aqui do centro da cidade, nós morávamos lá no morro da Cruz. Ele chegou com a notícia, e contou como tinha sido, ele gostava de contar tudo pra nós. Foi um histórico político que marcou muito a vida da gente. Na nossa casa tinha fotos, jornais, que foi guardado por muito tempo.



E depois de eu já casada, meu pai, como era político, foi candidato a vereador, e ganhou. Eu andei muito com ele, por essas ilhas, por esses campos, fazendo campanha com ele. Ele ganhou, ficou um ano e pouco e depois ele renunciou, devido às injustiças que ele via, dentro da Câmara de Vereadores e da Prefeitura na época. E meu pai era um homem muito severo, ele não aceitava esse tipo de irregularidades e injustiças, em lugar nenhum, e principalmente na cidade, ele sendo vereador... Ele dizia: "Eu não posso ser conivente com o que está se passando". E ele renunciou ao mandato dele. Foi uma coisa política que marcou muito a vida da gente. É a nossa história também, faz parte.



Eu sou uma das filhas, das mulheres, sou a que mais gosta de política.



Ele não gostava que namorasse, os namorados , ele é que queria escolher pra gente. O meu primeiro namorado , já estávamos quase noivos, ele é que acabou com o casamento, não por minha conta nem do noivo !

Nós namoramos, nos conhecemos lá na praia da Ribeira, da Ribeira antiga, porque hoje às vezes se confunde , porque tem duas Ribeiras, uma original, onde tem uma igreja, um cemitério, onde era um seminário. Então lá, eu conheci esse namorado. Ele era soldado. Então meu pai falava que

soldado era gente que não prestava. Mesmo assim ele admitiu o namoro , o noivado... Mas depois ele cismou que o cara não prestava, e, não sei, ele achou que não prestava e: "A partir de hoje não tem mais namoro nem noivado nem casamento." E acabamos o noivado. Eu não podia fazer nada. Na época, não tínhamos como fazer. Ainda nova, não enfrentava pai, naquela época. Se fosse hoje, casava e casava mesmo, bonito.



Ah, a minha infância,...a minha infância foi uma infância muito legal! Porque apesar do meu pai ser assim, nós sempre tivemos nosso Natal, sempre tivemos presente, nós sempre tínhamos nossas bonecas. Quando não comprava, minha mãe fazia as nossas bonecas. Fazia aquelas boneconas, bonitas, de pano. Fazia com cabelo , fazia boneco, fazia boneca! E ela presenteava no Natal, pra gente. E o meu pai mandava fazer carrinho de madeira para os meninos. Então nós nunca ficamos sem o nosso Natal. E o nosso Natal era comemorado. Tinha muita criação, matava porco, galinha, fazia galinha assada, porco assado, aquela fartura!

A rabanada, meu pai é que ia pra cozinha fazer rabanada. E meu pai era um homem muito lento, vagaroso, era tudo muito bem feito! Meu pai não gostava da imperfeição. Tudo tinha que ser perfeito. Então eu lembro que a minha mãe se aborrecia de tanto que demorava aquela rabanada, ela tomava da mão dele: "Dá isso aqui, Euclides! Que chatice, não vai acabar com isso hoje!" Ele dizia," vocês não sabem fazer as coisas direito por isso, é que fazem tudo depressa!"



Então a minha infância, foi assim, muito bonita. Outra coisa da minha infância foi o carinho que eu tive da minha avó, que se chamava Laura, avó materna. Que quando a minha irmã nasceu, a segunda , eu tinha 1 ano e 5 meses. Aí eu tinha uma tia solteira, de 16 anos. Só tinha ela, a última da família. Então a minha irmã nasceu...

Aí, minha tia me levou pra casa dela, pra minha mãe cuidar da minha irmã recém nascida. E eu comecei a chorar, que eu não queria mais voltar pra casa do meu pai e da minha mãe. E de tardinha, quando minha tia me levava pra casa dos meus pais eu chorava, fazia pirraça, pirraça, aí a minha tia me levava de volta. No outro dia, minha tia me levava de novo, eu chorava, chorava, minha tia me levava de volta, e aí eu fiquei na casa da minha avó. Eu chamava de mamãe e papai os meus avós, e pai e mãe os meus pais. Era pai, papai e mãe, mamãe. Acho que eu fiquei até doze anos. Aí, com doze anos ... meu avô morreu. Ele sofreu um derrame cerebral e morreu. Aí o meu pai falou: "Não, agora você não vai ficar mais na sua avó, sua avó sozinha, por causa da despesa." Aí eu fui pra casa dos meus pais. Mas era um amor muito grande, eu tinha dois pais e duas mães.



Tem uma outra história desses meus avós, minha avó contava... Meus avós eram totalmente analfabetos. Minha mãe nasceu em Parati. Lá, ela era a segunda filha. Já tinha outra maiorzinha, depois nasceu a minha mãe. Então, lá em Parati, ele ficou muito preocupado: ele não sabia ler nem a mulher dele. Então eles vieram pra cá pra Angra dos Reis pra poder colocar todos os filhos na escola. Porque eles não queriam que os filhos fossem analfabetos como eles. Os pais da minha mãe. Isso é uma coisa que a gente não pode esquecer nem perder da memória.

Meu avô morreu cedo, mas a minha avó morreu com 94 anos, na minha casa, eu já viúva. Ela morreu na minha casa, naquela casa... Ela teve morte ... normal. Não teve doença. Igual um passarinho. Morreu.



A coisa pior da minha vida, na infância, foi isso - a menstruação. Por nós não termos nunca uma educação nesse sentido. Educação, sexualmente falando... Naquela época, ninguém nunca conversou com a gente sobre ... minha avó então! Imagine se ia conversar! Minha mãe também, que a minha mãe já tinha tido aquela criação daquela maneira. Então eu fiquei sofrendo muito tempo de uma doença... Era o que eu pensava! Muito tempo mesmo, muito tempo! E a gente não tinha mesmo como se proteger... não sabia como, o que fazer pra colocar na calcinha... A gente colocava pano velho... E aquela coisa! Foi uma coisa muito ruim.

O que me ajudou, foi na escola, muito mais tarde, conversando com as amiguinhas. As amiguinhas é que ensinaram: "Não, Laura, isso é assim mesmo, isso é coisa de mulher, não é doença, todos os meses... É coisa normal, da natureza..." Foi uma época... Eu nasci nos anos 30... foi muito difícil!



Quando nasceu o temporão da minha mãe, minha mãe já tinha 42 anos, já. Não, ela ia fazer 42 em outubro, ele nasceu em setembro. E nós éramos todas grandes já. Moças e rapazes. E nós tivemos que sair de casa, ficar longe, casa de vó, de tia, pra criança nascer! E só podíamos voltar depois de tudo acontecer, pra gente não saber como era! Isso foi muito engraçado, gente! ... Naquela época há 45 anos atrás ...

Tem muita coisinha, na nossa família. Uma vez, eu fui futucar uma malinha do meu pai, pequenininha, muito bonitinha, era uma mini malinha. Aquilo era guardado em cima do guarda roupa. Porque nós morávamos na roça, mas tínhamos tudo direitinho. Uma mesa de sala que era a coisa mais linda. Então, mamãe saiu. E eu e minha irmã fomos trepar pra ver o que é que tinha naquela mala. Aí qual foi a nossa surpresa! Na mala eram guardadas nossas certidões! E aí foi que eu descobri a certidão do meu pai. E uma Bíblia! A Bíblia, naquela época, ninguém podia

botar a mão. Era coisa sagrada, era o livro sagrado, não podia ficar na mão de criança e nem criança podia ver. Então isso é uma coisa que também faz parte da minha história.



Não tive muitos namorados. Tive três... quatro com o que eu me casei. Porque a gente namorava mesmo! Depois de moça, namorava escondido. Mas não tive muito namorado não.

Ah, o namoro foi muito bom! Porque os outros foi só namoro bobo, assim... coisinhas passageiras. O namoro era assim, bom, e não era. Existia uma fiscalização em cima. Era em casa. Quem disse que? Nós saíamos, ele já tinha um carro naquela época, nós saíamos... mas tudo junto, com as minhas irmãs menores. Tinha que ter alguém segurando a vela! Não podíamos sair só nós. Mas foi bom, foi um namoro muito bom.



Eu gostei do namoro, do noivado... eu gostei muito enquanto durou. Gostei muito mesmo. A ponto de eu não amar outra pessoa. Eu jamais quis que uma outra pessoa, de repente fosse gostar de mim e eu não gostar dele, então... achei melhor ficar sozinha. Também eram quatro crianças, né? Tudo pequenininho, tudo de colo! Então eu achei melhor ficar sozinha. Porque não ia dar certo. Foi opção minha ... Se eu fosse dar confiança, eu tinha até desfeito muitos casamentos aqui em Angra. Ih! Homens casados! Maridos de amigas, pessoas que até se davam, que meus pais eram amicíssimos! Dele! Então, nunca tive essa pretensão, esse desejo de desfazer o casamento de alguém.



Fiquei viúva com 31 anos. Casei aos 22, fui mãe aos 23, o primeiro. Meu casamento só durou 9 anos. Foi um casamento super feliz. Foi um casamento tão feliz que eu acho que se durasse, não ia prestar!... Eu sempre falo que nada acontece por acaso. Eu acho que a morte do meu marido tinha que acontecer, porque era assim. Ele me tratava como se eu fosse uma boneca ...Era assim uma madame...Não limpava frango, não limpava chão, não limpava janela, não fazia nada dessas coisas. Quando não tinha empregada, era ele quem fazia. Mas só que era uma vida... Eu era muito livre! Mas ele era uma pessoa tão boa que eu tinha uma vida livre!

Logo ele comprou um carro, me ensinou a dirigir, eu dirigia pela cidade tranqüilamente, ia buscá-lo lá no estaleiro Verolme, tantas vezes eu fui... Ia na casa da mãe dele, que apesar da mãe dele ter uma porção, um monte de preconceito em cima de mim, eu nunca deixei de ter consideração com ela e levar meus filhos pra ela ver... Ver minhas crianças, e minhas crianças ter aquele amor de neto com vó. Até ele morrer.

Depois que ele morreu eu fiquei muito triste, chateada, porque eles não me deram a mínima... Não tiveram mais consideração, nem comigo nem com as crianças. Comigo até que tudo bem, eu aceitei numa boa, mas com as crianças que eram os netos...!... Deles eu nunca aceitei essa indiferença com os meus filhos. Foi muito doída. Até hoje eles falam: "Não são meus parentes!" Inclusive eles têm herança, lá, eles têm terreno grande, mas o terreno está abandonado lá.. Eu não sei como vai ser. Eles falam... Eles não têm aquela vontade de ir lá. Eu falo: "É de vocês, o pai de vocês deixou prá vocês... Vocês têm direito!" Mas devido a essa distância, eles não têm vontade de pegar o terreno, prá eles fazerem alguma coisa, construir...



Meu marido morreu...Ele fez 36 anos no dia 10 de julho, dia 11 nós fizemos o almoço, porque sempre tivemos esse... Desde meus pais, apesar de sermos pobres, todos os nossos aniversários eram lembrados! Na época não tinha bolo de 15 anos, mas aí meu pai chegava e dizia... " Hoje esse aqui está fazendo aniversário". Logo minha mãe matava uma galinha boa, e fazia aquele almoço gostoso. Aquilo era o aniversário nosso. Nunca passou despercebido.

Então eu, meus filhos não, já tinha o bolo, tinha tudo. Então nós fizemos um almoço pra ele , de aniversário dia 11, porque dia 10, apesar de ser no sábado, meu terceiro filho era muito doente e estava com uma crise... muito forte no sábado, e eu não pude cuidar do almoço. Aí eu falei: Olha, amanhã nós vamos fazer o almoço pra você, pelo seu aniversário. Aí fizemos o almoço, vieram minhas irmãs , que gostavam muito dele, todos meus irmãos, minha mãe, meu pai, fizemos o almoço... e na segunda feira de manhã, 8 horas , ele sofreu um acidente muito triste, uma chapa desabou do guindaste. E ele era o chefe do serviço... ele mesmo coordenou o trabalho, e quando a chapa estava numa altura... não sei quantos metros, a chapa desabou e veio só em cima dele, e matou. Foi uma morte muito terrível, triste mesmo.



Eu fiquei super desorientada e na época, eu estava muito doente, meu terceiro filho foi de eclampsia, eu fiquei entre a vida e a morte, nesse parto. E ele estava com quatro anos e eu ainda estava com seqüela. Aí eu recaí e fiquei muito doente, fiquei mesmo totalmente louca. Eu estava com encaminhamento pra me internar no hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro, e meu tio, que é meu padrinho, e é militar, do Exército, ele veio e me levou num médico militar, especialista, e eu me tratei com esse médico.

Eu fui curada somente com a leitura de um livro. O Valor do Pensamento Positivo. Eu li esse livro várias vezes, de traz pra cima, várias vezes esse livro, que foi recomendação dele: " Olha, eu não vou te dar mais remédio." Eu tomava Gardenal. Eu e meu filho.

Eclampsia é causada pela pressão alta na gravidez. Desde quando eu engravidei desse menino, desde o começo da gravidez eu comecei a ficar muito inchada. E fazendo pré natal, porque eu fiz pré natal de todos eles, aí já começou desde o começo... A minha pressão subiu, e não teve como, não tinha como controlar. Apesar do tratamento médico, da dieta, do repouso, foi uma coisa muito muito forte, e eu fiquei muito inchada. Eu fiquei tão inchada, que a minha língua, quando eu me levantava, a língua estava inchada, e os meus olhos totalmente fechados... Eu me levantava pelas paredes, eu ficava com a boca cheia, a língua.

Eu sofri tanto que eu não podia deitar na minha cama. Pra eu ter um repouso, dormir um pouco, meu marido colocava uma cadeira na janela do quarto, colocava travesseiros, aí eu me debruçava aí, na janela, abria bem as pernas, pra criança se acomodar, aí eu conseguia dormir um pouco.

Aí quando eu fui ganhar o meu filho, que foi anteontem, dia 18 de março, que é um dia que eu fico contente e é um dia que eu me lembro muito. Porque no dia 18, de madrugada, quando eu me olhei, eu estava totalmente desinchada! Tava magrinha, só tinha barriga! Aí foi que eu comecei a sentir as dores. Fomos imediatamente para o hospital, aí o menino não nascia! Eu comecei a ter os ataques, as convulsões, fiquei totalmente louca, quebrei a cama do hospital, mordi médico, mordi meu marido todo, me mordi toda... Fiquei muito mal mesmo.

Ele foi extraído a fórceps, como é que fala? A ferro, antigamente falava a ferro. Então o parto foi dessa forma. Não podia tomar anestesia pra fazer cesárea. Eu já tinha tido cesárea do primeiro. Então tirou o menino, o menino foi pra incubadora, sei lá, na época não tinha UTI, Não tinha nada aqui... Ele nasceu cor de carvão, assim... Me contaram depois. Minha mãe, depois que eu fiquei boa é que foi me contar como é que foi, como o menino ficou...

E eu, quando eu voltei a si, eu não sabia que eu tinha tido um filho. Eu sabia que eu tinha amputado uma das pernas. Eu chorava muito porque eu queria a minha perna! "Olha, como é que eu vou viver sem perna!..." Minhas amigas vinham me visitar e eu chorava, ai gente, como é que eu vou viver, criar meus dois filhos sem a minha perna (os outros dois...), os meus filhos precisam muito de mim... Aquele eu não sabia dele. Demorei muito, fiquei muitos dias no hospital, não tenho muita certeza, mas eu acho que fiquei uns vinte dias no hospital.

A criança salvou, mas quando ele fez 6 meses, era uma criança que... muito pequenininha, muito fraquinha, não sugava nem meu peito, não tinha força pra mamar...Aí eu tenho até um filho de leite, que falam...Era um menino que vinha mamar pra esvaziar o meu peito...E quando esse meu filho fez seis meses, esse menino sofreu de uma insônia, ele teve uma insônia crônica, ficou sem dormir três anos.

Eu sofri muito. Foram três anos de choro, chorava o menino e chorava eu. Tomava remédio o menino e tomava eu, o menino o pediátrico e eu o de adulto, o mesmo remédio, o Gardenal.



Eu sofri muito, eu chorei muito na minha vida. O que compensava era o amor do meu marido, e o carinho... Por isso é que eu não consigo esquecer não, gente. Não sei se eu é que sou muito louca, sei lá mas eu não consigo esquecer. Porque o amor era muito muito muito muito grande, dele comigo e com as crianças, com essezinho que era... com os outros. A menina era a paixão dele, aquela filha! Ele dava a vida dele pelos filhos, ele falava que dava, e deu mesmo... Era um amor muito grande. Pra mim, com os filhos e com a família toda, família dele, minha família. Por isso que eu falo, acho que não podia viver mais não, porque podia não prestar mais, podia degradingolar... E aí poderia até ser pior do que a morte.



E aí... um belo dia, sem eu esperar, a gente evitando, já existia camisinha, nossa...usei muita camisinha... Já existia ... Tomei pílula. Mas eu nem sei como, aconteceu sem a gente querer, porque inclusive, ele já tinha até marcado uma cirurgia de ligadura pra mim. Em Barra Mansa, que aqui não tinha. Eu já estava assim mais forte, o menino já estava assim grandinho... pra fazer a minha ligadura, eu apareço grávida!

O meu quarto filho não foi assim... a gente não programou. Esse que vai casar. A gente não programou. Nós íamos ter nossos filhos logo, enquanto estávamos novos, pra depois na velhice a gente aproveitar nossa vida. Foi assim que nós... a gente conversava muito sobre isso: Vamos ter logo, três, que assim a gente cria. Ter uma menina, que era a loucura dele, era aquela menina. Então vamos ter logo nossos três filhos vamos criar e depois aproveitar a nossa vida, que a gente não aproveitou. Nós não aproveitamos em solteiro, nem eu nem ele... Ele também, que a vida dele foi muito pior do que a minha... Nossa, muito pobre, muito...



Ele só foi estudar depois que nós casamos! Olha, ele... Eu tenho os cadernos dele guardados. Depois que nós casamos eu disse: Olha, você agora vai estudar...Ele tinha muita vontade, também de aprender. Porque quando nós casamos ele só sabia... Mal sabia assinar o nome. Nunca teve uma oportunidade de estudar. Porque ele trabalhava na Verolme. Estudava à noite. Muito esforçado, muito. Aí ele foi... estava estudando, já estava fazendo o admissão. Na época tinha o admissão pra depois fazer o ginásio. Ele já estava fazendo o admissão, de tão esforçado que ele era. Na época em um ano, fazia dois, fazia dois anos num ano só. Então aí aconteceu... Mas tudo bem, eu consegui dar a volta por cima disso tudo desse sofrimento.

Eu tinha uma coisa que era uma coisa assim. No alto da minha cabeça: era como se colocasse um bife numa frigideira quente...Eu sentia aquela coisa, um chiado na minha cabeça, que eu não podia ficar dentro de casa. Podia ter filho pra mamar, pra comer, eu tinha que ficar na rua, do lado de fora. Não podia ficar dentro de casa. Tinha medo, eu sentia... Não ficava dentro de casa de jeito nenhum. Sentava lá fora, no portão, na rua, na calçada... Ficava lá fora, sentadinha, quieta, até aquilo passar.



Então hoje eu sinto assim, eu vejo, eu me vejo conseguir decorar texto de teatro, ir em determinado local preparar uma palestra, falar de algum assunto assim... Eu não sou mais aquela! Consegui ficar boa.

Eu adoeci do parto. Depois veio a perda do meu marido. Eu adoeci assim.



Meu padrinho me levou no médico e eu me tratei. Veio esse médico, me receitou esse livro, eu li...e depois eu pensei assim: Bom, eu tenho agora quatro filhos pra criar. Não tem mais pai. Não adianta agora chorar o leite derramado. Lógico que eu chorei muito, chorei a saudade, a falta, nossa! A falta muito grande!

Eu logo tive que vender o carro, porque na época, eu fiquei seis meses sem receber a pensão. Foi difícil...muito difícil eu conseguir a pensão, receber direitinho. Porque eu não tinha cabeça. Não tinha cabeça pra nada não. Ai meu pai me assumiu, meu pai foi meu...como é que chama, procurador. E meu pai, um homem sempre...era até super honesto, super. Cuidou tudo muito direitinho pra mim.

Engraçado... essa família X foi que forneceu toda alimentação pra mim durante seis meses, só paguei depois que eu recebi! Eles sabiam... Eles eram amicíssimos do meu pai. Apesar de que nunca... Os filhos eram muito amigos do meu pai. Consideravam. Sabiam que eram irmãos. Até esse menino, prefeito, também um irmão dele, muito amigo do meu irmão. Falavam:" Ah, nós somos parentes mesmo!" Papai sempre contou, papai nunca enganou não. Então tinha um que tinha um supermercado, ele era muito amigo de meu pai... então ele me forneceu toda alimentação, tudo, durante seis meses. Fiquei seis meses sem receber, como é que pode? Foi uma burocracia tão grande que eu não sei o que é que tinha que provar?



Depois eu recebi a indenização, foi tudo legal, indenização, que eu tive ainda que construir a casa. Porque a casa, nós também que construirmos, estruturamos aquela casa toda. Mas nós só preparamos um quarto, onde nós dormíamos com as crianças todas... Era tudo pequeno! ... Os

outros quartos sem terminar, aquele banheiro ali não estava pronto, era um outro banheiro nos fundos... Ali onde eu costuro, ali é que era o banheiro: chuveiro, lavatório e o vaso. Mas não tinha nem parede azulejada. Era assim cimentado lisinho e ele pintou com tinta a óleo. Ele era muito caprichoso, muito caprichoso, ele mesmo fazia as coisas. Ele pintou tudo azulzinho de tinta a óleo, tudo bonitinho, e o outro ele deixou pra fazer depois, um banheiro bom. Aí eu tive que fazer a casa. Foi muito doído.



E eu sem saber fazer nada. Sem saber comprar um sal. Sem saber. Não sabia o preço de nada. Eu não ia a supermercado, era ele quem comprava tudo! Eu ia junto. Escolhia, mas não sabia quanto era que custava isso ou aquilo. Abastecia minha casa do bom e do melhor, também, e não sabia quanto o que custava. Não queria nem saber o preço! E o dinheiro, eu era que... O dinheiro era nas minhas mãos. O dinheiro era todo na minha mão! Aí quando ia fazer a compra, quando ia comprar material, aí, íamos juntos comprar, mas o dinheiro era todo na minha mão. Se eu quisesse botar fora, botava. Só que eu fui sempre econômica, e coordenava as coisas dentro de casa.



E sempre também trabalhando para ajudar. Eu já trabalhava. Nós combinávamos assim: "Olha, esse seu serviço é pra comprar...cimento," por exemplo. "Agora eu trabalhei esse mês e recebi tanto: esse é pras crianças..." Por isso é que a gente conseguiu comprar aquele terreno, e carro! Você vê que aquela garagem, aquela entrada, é desde o tempo dele, aquela entrada ali. A estrutura já fez com aquela entrada. E quando compramos o terreno, não tinha rua ali ainda. Quem fez aquela rua...hoje está fazendo o 7º dia...Novo ainda... uns 56, 57 anos... perdemos um ex-prefeito angrense. Enfartou, lá no Rio. Foi ele que fez aquela rua ali. Aí, quando a rua ficou pronta, a primeira coisa que ele fez foi comprar o carro.



Nós passeávamos muito! Pra ir pra praia, pra ver Carnaval! Nós passeávamos muito! Pra ver o desfile... A menina se vestia, no desfile, na escola, de porta-bandeira, pra fazer ginástica olímpica...aquelas saínhas bonitinhas... Nossa, ele tinha a maior loucura por aquela filha... Então, meu dinheiro era pra isso..."Olha, você não precisa se preocupar... a menina, no 7 de setembro, vai precisar de uma roupa diferente, não vai de uniforme. A roupa dela vai ser por minha conta." Era assim ..então... Nós vivíamos assim. Mas 9 anos só... Foi muito pouco, muito pouco mesmo. Então foi como se alguém puxasse um tapete e eu levasse um grande tombo, um tombo de cara, de quebrar a cara mesmo.



Mas eu consegui levantar, melhorar, botar a minha cabeça no lugar. "Tenho minha casa, meus 4 filhos, todos pequenos, todos precisando de mim..." Nossa, eu eduquei eles. Foram muitos fatos.



Um fato que eu não posso esquecer, não esqueço em momento algum. Era no Dia dos Pais. O Dia dos Pais, nunca eles ficaram em falta. Eu me fazia de pai. Uma vez foi até tachada como mulher-macho. Na época não era sapatão, não, era mulher-macho. "Olha, parece que é mulher-macho, no Dia dos Pais vai prá escola, no meio dos pais..." E eu, uma vez, eles ficavam muito... Porque naquela época os alunos tinham que levar umas coisas, um pente, uma coisinha, prá depois eles levarem pra casa de volta, de presente. Então a gente que era mãe é que comprava escondido pra eles levarem, fazer surpresa pro pai. Mas aí não tinha mais pai, o pai era eu, então eles pediam pro avô, prá avó, pras tias, então eu ia lá receber.

E uma vez o mais velho? Não... a menina... Lá na escola, no Dia dos Pais tinha um questionário pros pais responder. E eu respondi esse questionário. Aí nesse dia eu fui chamada na escola. E eu recebi esse presente...parabéns ! Foi uma coisa que eu nunca vou esquecer daquele dia! Pela minha coragem de eu ter respondido aquele questionário como pai. Porque eu nunca deixei meus filhos ficarem em falta, no Dia dos Pais ficarem sem... Não, eu sempre fui pai e mãe.



Quando o mais novo, foi se preparar pra fazer crisma, porque ele quis se crismar, se crisma depois de adulto... Ele disse: " Mãe, eu vou me preparar pra crismar." " Se você quer, você ..." Ele preparou pra crismar. E eles tiveram um encontro o dia todo. E eu fui convidada pra falar sobre um texto biblico, O Semeador. Aí eu fui, eu preparei e fiz. Até fiz uma dinâmica muito bonita: fiz uma caminhada com eles, com o grupo ... colocando tudo que o Semeador fala, da semente boa, da semente que cai entre os espinhos, da que o passarinho comeu... Então eu fiz com tudo isso. Com semente, com pedra, com espinho...Eu fiz com tudo isso. E eles iam caminhando e pegando e eles mesmos iam contando, pra eles, o que significava aquilo na vida deles. Então no final, o meu filho foi lá na frente e falou que eu fui mãe e fui pai. Também foi um dia que me marcou muito. Me emocionou muito. Isso eles me reconheceram como pai e como mãe. Eles sentiram muita falta do pai, os doizinhos mais velhos...

Os dois menores não, não conheceram o pai. O Luís Cláudio tinha 1 ano, o Renato tinha 4 anos! Ana Cláudia com 7, Sérgio com 8. E 7 e 8 incompletos! Sérgio completou 8 em agosto, Ana Cláudia em 27 de julho, ele morreu 12 de julho. Eles ainda não tinham 7 nem 8 completos ainda. Porque os dois mais velhos são só 11 meses de diferença. Ana Cláudia para o Renato foram 4 anos, e Renato para o outro também mais 4 anos. Depois foi de 4 em 4 anos...

Mais eu não arrependi de ter os meus filhos não. Apesar de eu ter feito um plano, e o plano foi totalmente desconcertado, mas valeu a pena. Não tenho do que me queixar deles.



Logo assim que eles foram ficando grandinhos, eu comecei a mostrar pra eles que... a vida aqui fora, o mundo, como seria... E com isso eu tive um ganho, porque eu me tornei muito cedo uma mulher livre. Que eu nunca me apeguei. E eles também fizeram com que eu nunca ficasse presa a eles. Isso foi muito cedo. Não esperei eles ficarem tão maduros, com vinte e poucos anos não. Bem cedo eu fui ensinando a eles que eles tinham que trabalhar. Que o que eles gostariam de ter, teria que ser com o suor deles. Que eles tinham que valorizar o dinheiro deles. Então eu comecei a mostrar pra eles muito cedo. Não sei se eu fiz certo ou errado. Mas foi o que eu fiz, o que veio na minha cabeça. O que poderia ser melhor pra eles, certo ou errado, eu fiz assim. Mostrando pra eles o certo e o errado.



Sempre me preocupei muito com a saída deles pra rua, nunca larguei eles na rua. Sem eles saberem que não tinha ninguém que se preocupasse com eles. Porque isso dói muito no adolescente. Já ouvi isso de adolescente: "Olha, eu fico na Coronel Carvalho, até 4 ou 5 horas da manhã... e nunca meu pai ou minha mãe se preocuparam comigo. Então eu não sou ninguém na minha casa. Eu sou um ninguém." Então eu sempre me preocupei. Eles iam, sim. Iam pra festinha, tinha um que gostava muito de quadrilha, ia dançar quadrilha. Eu dizia: "Olha, você vai, sim, vai fazer seus ensaios e vai. Mas tal hora você esteja em casa. Porque não fica bem, criança, dez, doze, 14 anos... Depois, vai indo, ficar na rua até madrugada não tem nada de bom pra vocês. De bom pra vocês está aqui dentro de casa, seus avós, seus tios, sou eu. Nós é que somos bons pra vocês. Lá na rua vai ter muito pouco bom pra vocês lá, tarde da noite."

Então assim eu fui falando pra eles. E quando eles às vezes abusavam, eu ia lá buscá-los. Devagarinho, eu ia lá ver onde estavam: "Olha, a mãe não falou que era tal hora?" Então assim que eu eduquei. Tinha rebeldia, porque jovem é rebelde, mas assim eu fui uma mulher, uma mãe, que nunca perdi noite de sono com filho. Igual eu vejo muitas mulheres, muita mãe: "Ah, essa noite eu não dormi, meu filho não sei aonde estava, ainda não chegou em casa.." Eu não, nunca tive esses problemas. Se iam, diziam onde iam, se iam chegar tarde, se só iam voltar no outro dia.



E o dia em que o Sérgio chegou em casa, veio da Verolme, com o jornalzinho debaixo do braço, Mas numa alegria só! Abriu o jornal e mostrou o nome dele, sublinhado de caneta. Mãe, olha só, eu passei, eu passei... Esse dia, foi um dos dias mais tristes... Eu me sentia mais triste do que com a

morte do pai dele. Eu senti que eu não poderia dizer para o meu filho que ele ia fazer, e também não poderia dizer que ele não ia fazer. Eu senti aquele choque muito grande, aí abracei com ele e eu chorei. "Mãe, você não está contente?" "Estou, meu filho, muito contente. A gente também chora de alegria." Mas, dentro de mim, como é que eu ia sustentar esse menino numa faculdade no Rio? Os outros tudo pequeno, todos menores...Ele disse: "Mãe, mas eu vou." "Você vai, Sérgio?" "Vou." "E como é que você vai fazer?" "Ah, eu vou lá, conversar com meu chefe, ver se ele me consegue uma transferência." Porque naquela época existia no Rio de Janeiro um escritório dos Estaleiros Verolme. Ele falou assim: "Mãe, eu vou me oferecer até pra lavar os banheiros, mas eu quero continuar a trabalhar." Mas ele não conseguiu. Eu fui lá, conversei, e pra mim, foi triste por isso. Porque o pai dele havia perdido a vida por aquilo lá, por aquela construção, e o filho não teve direito nem a uma transferência. Ele não queria ficar lá à toa. Ele queria um trabalho, queria lavar os banheiros, queria ganhar algum dinheiro pra poder se manter. Aí ele foi, pediu as contas. "A partir de hoje eu não trabalho mais. Eu vou estudar e, se não tem como eu trabalhar... Eu vou pra lá pra estudar." Aí, ele com outros meninos arrumaram um apartamento no Rio, pagavam aluguel. O dinheiro que ele recebeu ele pagou a Faculdade, porque era particular, ele não teve paciência de estudar e fazer de novo para uma pública..." Sabe, eu tenho que aproveitar, tenho que aproveitar, eu não posso perder mais tempo! "E ele era novinho! E ele foi. Ficou dois anos. E durante esses dois anos dele no Rio, eu fiquei... eu não comprei pra mim uma sandália havaiana! Pra poder não deixar ele em falta, pelo menos de alimentação. Ele ficou dois anos sem trabalhar, se mantendo com o dinheirinho que ele recebeu e com a minha ajuda, e no final desses dois anos, meu irmão de São Paulo veio aqui em casa e fez o convite se ele queria ir pra São Paulo. Ele dava a casa dele e conseguia uma vaga numa faculdade pública. Aí meu irmão conseguiu, que ele é professor da USP, Ele é filósofo, na USP, e conseguiu, e ele terminou a Faculdade lá em São Paulo e hoje ele é publicitário, realizado, fez o que quis. Até hoje ele vem: "É, mãe, você é mãe mesmo." Ele não é muito de falar assim. Mas só aquela batidinha nas costas a gente sabe o que quer dizer.



Depois ficaram grandes, aí já tinham cabeça. Se fizessem errado aí não era mais eu, não tinha mais como arrepender. Depois que eles se tornam jovens, já adultos, se errar, a gente que é mãe não tem mais que ficar chorando pelos cantos. Você tem que chorar quando é uma criança, um adolescente que se droga, que se prostitui. Aí você chora, ah, não cuidei, aí começa a se lamentar... Hoje, se fizerem, eu estou numa boa, aceito numa boa. Não é porque estão com trinta e poucos anos que não possam fazer algo... é do ser humano, eu entendo isso numa legal ...Tem um que está em casa que disse que não vai casar, que só vai casar com 40 anos... Tá lá, dentro de casa. Às vezes me irrita, mas eu digo: não bebe, não fuma, não anda embriagado... deixa ele lá.

Meu trabalho é a minha costura. Eu sou costureira assim, tenho o meu diploma, de costura, e eu sempre costurei muito, ganhei muito dinheiro com vestido de noiva, na época. Hoje já está mais... tem outros meios. As noivas hoje alugam os vestidos. Mas naquela época, eu era muito procurada, eu fiz muito vestido de noiva aqui em Angra, ganhei muito dinheiro! Ganhei muito dinheiro com roupa de centro espírita, fiz muita roupa bonita, e ganhei muito dinheiro... Tinha gente que dizia assim "você, é católica e fazendo essas roupas?" Eu dizia assim "ué, roupa igual a minha, igual a sua! Ela é gente, a roupa é igual... O dinheiro? Ela trabalha pra me pagar, eu também estou trabalhando... É tudo a mesma coisa!" Eu ganhava bem, mesmo, aí isso facilitava...Eu economizava! Tudo meu sempre foi organizado! Se tinha um ovo, todos quatro comiam um ovo! Um ovo não era só pra um! Graças a Deus, nunca teve essa ... nunca, nunca, nunca, sempre deu pra gente comer direitinho, e comia quem chegava... mas essa... Um exemplo.. Tinha dias que ficava mais... final de mês, compra de uniformes, e tudo. Mas eu sabia controlar, e sempre ensinei a eles assim: Se for pouco, vocês têm que dividir pelos quatro .Não tem nada disso de um vai comer e os outros não comem. Ensinei a dividir. Sempre foi dividido.



O que foi importante na minha vida, depois dos filhos crescidos, foi a minha liberdade. Ah, eu faço tanta coisa... Eu sou uma mulher assim: eu gosto de passear, eu saio, eu não tenho hora pra chegar... Esse carnaval, na Quarta-feira de cinzas, eu cheguei às 3 horas da manhã em casa ! Os dois filhos estavam dormindo! Eu passeio, eu viajo, eu sou católica faço parte...gosto de dar a minha pequena contribuição na Igreja.



A minha contribuição é assim: hoje eu tenho a Pastoral do Batismo, que eu tenho um carinho muito grande com esse tipo de Pastoral. Porque é uma coisa que a gente convive com as pessoas. Eu gosto muito de conviver com pessoas diferentes. E a gente tem momentos assim, de estar com os pais dos batizados... A gente diz que é fazer palestra. Mas eu não faço palestra. Eu vou viver eternamente aprendendo. Eu não sou a dona da verdade, a sabichona de tudo. Então a gente conversa, e tal, eu adoro ficar nessa Pastoral por esse motivo. E outra, a menina dos meus olhos é a Pastoral da Mulher...



Foi na Pastoral da Mulher que eu me realizei. Porque tudo aquilo que eu já gostava de fazer, ficar na rua, carnaval, e tal, tomar minha cervejinha, e as viagens, e tal. E a Pastoral da Mulher me deu essa convicção. Que nós temos que ter nossos direitos. Ter nossos deveres e nossos direitos. Temos que ser respeitadas de verdade. E aí, foi através da Pastoral da Mulher que eu hoje faço parte do grupo teatral Angra das Rainhas, e que eu me sinto muito feliz. Apesar dos meus 64 anos, eu não tenho esses 64 anos pesando nas minhas costas, ainda.



O teatro agora é a história atual. O teatro fez na minha vida uma mudança assim. A gente tem que ter liberdade para poder ficar atuando. Mas, apesar de já ter tido uma liberdade antes, o teatro me fez assim...crescer. Crescer como mulher, se sentir mais valorizada, se sentir também jovem, super jovem, com cabeça boa. Entender as coisas melhor. Tem me ajudado muito, na construção da família, de netos, estar entendendo melhor. De como eu fui criada, de como eu criei minha filha, de como minha filha está criando, como meus filhos estão criando os deles...



Você está entendendo? Porque é assim. A gente tem uma liberdade, e tal... Quem manda na minha cabeça sou eu, eu faço o que eu quero... Mas às vezes você fica ainda com um pé atrás ... É por aí assim que eu quero dizer ! Agora meu pé não fica atrás, meu pé fica na frente, mesmo. Eu sou, e sou mesmo. A gente sabe ser, se sentir um ser mais... o poder, não o poder, poderosa, mas o empoderamento.



Você ser poderosa é uma coisa, mas você ter um empoderamento na sua consciência é diferente de você ser a maior, a mais... As vezes as pessoas confundem o empoderamento com a pessoa querer ser mais que os outros. Eu acho que isso, o teatro deixa muito claro pra gente. As aulas, o estudo, o aprofundamento... Você parar e ouvir, entender, aí a gente sente o que é o empoderamento na vida da gente...



O teatro me dá assim uma... abriu mais aquele leque, que as vezes a gente queria fechar... Até na própria política. Porque o teatro nos ensina muito a política... entender o que é realmente política, que a política não é só partidária.



Gosto de conversar, de discutir, de acompanhar, sou política mesmo, partidária. Pertencço ao Partido dos Trabalhadores, com muita honra, sou filiada, e gosto de lutar por dias melhores, por justiça, por um mundo mais humano, mais justo, mais fraterno.



Quando eu estou no palco eu sinto que ali não é mais a Laura. Ali eu não sou mais aquela Laura, costureira, que está lá, que faz a comida...

Eu faço a minha comida. Não sou chegada a fazer comida, não gosto, faço porque tem que fazer, tem que comer... Mas não sou chegada a cozinha nem a panela. Não tenho quase panela na minha casa, panela é o mínimo, às vezes tem que tirar uma coisa, botar na travessa, pra poder usar a mesma panela. Que eu não gosto de panela. Ficar ariando, dando brilho, não gosto, não dou brilho na panela ... Mas eu gosto mesmo, o meu amor mesmo é pela costura. Tá sempre criando coisa diferente, eu gosto de procurar fazer uma coisa nova, não ficar fazendo a mesma coisa o tempo todo.



E o teatro fez assim, eu sou a figurinista do grupo de teatro... Fazer o figurino, prá mim foi uma coisa nova, eu nunca tinha trabalhado assim... Principalmente fazer o figurino fazendo a reciclagem, estar aproveitando aquilo que iria pro lixo. Então, isso pra mim foi de um valor imenso. Porque eu já tenho dentro de mim esse modo de ser econômica, de estar sempre cuidando.... Porque as minhas crianças eram assim: quando...depois que o pai deles morreu, pra eu poder economizar o dinheiro, esse meu tio do Rio de Janeiro tem três filhos homens, homenzarrões de dois metros, dois metros e pouco de altura, então minha tia cortava todas as pernas das calças que eles não queriam mais, as calças novas, boas. Minha tia cortava as pernas das calças e mandava pra mim. Eu fazia roupas maravilhosas pros meus filhos ... Fazia roupas de festa, de casamento, fazia tudo com essas pernas de calça. Então eu sempre valorizei o que já não prestava para uns, eu sempre valorizei. Então, pra mim, foi uma coisa muito boa, eu estar trabalhando, como figurinista, aproveitando aquilo tudo que não serve mais, e pra gente serve, e a gente faz coisas muito bonitas e muito boas. E a gente sempre recebe elogios pelo nosso figurino, e pra mim isso é motivo de muita... de sentir mesmo envaidecida, por isso.



Tirando o nascimento dos meus filhos, que foram as grandes viradas, apesar de com muito sofrimento, só tive um parto legal, normal, assim sem sentir nada, que foi da menina, mas dos meninos foram partos terríveis, a grande alegria, a grande virada é quando nascem os filhos, quando a gente é mãe. Agora, a grande alegria, a grande virada foi agora, estar subindo num

palco. A gente representar. E mostrar para um público que não existe idade. Não existe classe, não existe cor. Depois do nascimento dos meus filhos, o teatro foi a maior virada.



Essa participação minha, nesse grupo de teatro, veio por meio da Pastoral da Mulher e de você, Maria Lúcia, que sempre nos fez essa assessoria através do CEDAC. Daí que surgiu esse grupo de teatro, dum trabalho que a gente chama de interclubes, que reúne os grupos dessa região toda. Foi a partir desse trabalho, com aquele negócio que a gente põe na planta pra espantar o bicho, como é que chama? Pra não comer a plantação? Espantalho! Nós fizemos uma oficina com espantalho⁸⁶, e nesse trabalho do espantalho foi que surgiu essa idéia! Foi o espantalho o poderoso, o que abriu o caminho para esse grupo existisse, e que existe até hoje, nos dando essa coragem pra falar, cantar, criar, subir num palco, e botar pra fora tudo o que a gente às vezes tinha guardado. Através da música, da fala, da história da outra, da história do mundo...



O teatro me fez crescer como mulher, se sentir mais valorizada, se sentir também jovem, super jovem, com cabeça boa. Minha idade não pesa ! Apesar da minha idade, eu não tenho essa idade pesando nas minhas costas, ainda.



Eu sabia da existência do Fórum, no passado, do primeiro, do segundo, e jamais ia imaginar que um dia eu ia participar desse Fórum. E o nosso grupo de teatro foi convidado a participar, fomos participar com uma contribuição muito gratificante numa entidade, numa ong, Bélgica Brasil Solidariedade, através de uma grande amiga, a Nicole Roose, que ela esteve no Fórum anterior, e sentiu a nossa falta.

Porque ela já conhecia o nosso trabalho e valorizava o nosso trabalho. Então ela fez de tudo para que nós participássemos. E foi um enriquecimento a mais para a minha vida. E lá eu aprendi muito. Aprendi que no mundo, apesar da desigualdade, ainda existe muita gente lutando pela igualdade social. Pra mim foi de um grande valor. E foi muito bom, a ida do grupo e a minha ida lá. Foi bom porque apesar de você ouvir coisas de que você não tinha conhecimento... Apesar de não ouvir muita coisa, o que eu ouvi, deu pra gente, pra eu entender. Z

⁸⁶ A narradora se refere a um exercício de sensibilização que consiste em, depois de um aquecimento prévio, físico, relacional e emocional, se imaginar numa plantação, no corpo de um espantalho, feito de pano e capim. Por meio do uso da imaginação, o espantalho passa pelo raiar do dia, ouve os pássaros que se aproximam e fogem, sente o calor do sol do meio dia, uma tempestade que se arma, a chuva forte que o encharca até que é derrubado e se desmancha na terra. Porém, o capim de que era feito o espantalho, ensopado de chuva e misturado na terra, brota. E se levanta do chão, numa outra forma, viva.

Uma coisa que me chocou muito, e me emocionou muito foi a gente ver tantas pessoas diferentes, na língua, no... como eu vou explicar? Eram pessoas diferentes, de vários países, mas com o mesmo objetivo. E todos se entendiam, porque o objetivo era um só. Então isso pra mim é uma marca que vai ficar. Pessoas totalmente diferentes, brasileiros, espanhóis, russos, japoneses, chineses, cada um com a sua língua mas todos se entendiam. Isso me chamou muita atenção. E eu gostei também de um grande grupo de jovens, de juventude já interessada. Porque a gente não tem muito mais. Mas quando a gente vê que tem uma juventude interessada...num mundo melhor, eu fico muito feliz da vida. Pra mim isso é bom demais.



Agora, com essa atuação no teatro, abriu um leque na minha vida.



Laerte

Eu fui nascida no Frade, meus pais tiveram 11 filhos, eu fui a quarta. Eu fui de uma família muito sofrida, mas eu tinha alegria. Trabalhei muito na roça, subia morro, descia morro. A minha mãe... As nossas roupa eram feitas de saco. Mas eu não sei... meu pai trazia, ele vendia fazendas, ia ao Rio, comprava, e aquele saco que vinha as fazendas, é que a minha mãe pegava e fazia roupa pra gente. A nossa casa era de sapé, e a gente dormia, onze filhos e mais o meu pai e minha mãe...onze, doze, treze, era treze numa casa com dois quarto, um corredor e uma sala, sem banheiro. Uma cozinha com fogão de lenha.



Meus avós já eram do Frade. Eu só conheci bem a minha avó por parte de pai, os meus dois avós eu só conheci bem por parte de mãe. Meu pai disse que eles veio do mesmo lugar. Eles veio da Ilha Grande... O avô dele morreu naquela doença que deu aí no pessoal todo... a febre amarela? A febre amarela, que dava na pele, que ficaram tudo na igreja do Bonfim, ficaram tudo preso ali, que não podia se misturar porque pegava... lepra, foi isso. A lepra, isso é que eu sei.

Tem gente mais antiga que mora aqui em Angra, eles falam sobre essa lepra. ...O pessoal vieram da Ilha, ficava ali pra não misturar, era contagiosa ... O pai dele foi contaminado e ficava ali em tratamento, não podia sair, um cuidava do outro. O pessoal só chegava ali e botava as coisas na praia... foi muito triste. Foi no tempo do meu avô.



Meu pai, ele disse que não era daqui. Ele e a família dele era da Grécia, os pai dele, mas ele também não contou muitos detalhe, porque ele também não sabia ... Ele falou que eles não era do Brasil... Ele veio pra melhorar a vida dele, que onde ele morava eles não tinha condição de sobrevivência. Ele veio pra plantar. Plantar coco, pescar, lá na Ilha Grande não tinha muito serviço, que na época era o mar, não tinha condição de viver lá, aí eles veio pro Frade. Que lá tinha mais terra.



Por parte da minha mãe, a minha avó tinha olhos azul, tenho uma irmã que tinha olhos azul também, meu pai tem olhos verdes. Igual o meu. A minha mãe era um pouco, também, mas verde mais escuro. Meu avô... Ele nasceu aqui em Angra, ele foi filho de uma empregada, daqui de Angra, de família rica! E como eles queria esconder daqui da esposa que ele era filho de uma empregada, ele mandou meu avô pra roça. Filho da empregada do dono daquele hotel. Patrão

com a empregada. Mandaram ele pra roça. Tadinho, foi lá pro sertão. Trabalhava sem ter nada. Vivía na roça fumando seu cachimbo, não era vicioso, só trabalhava pra comer...



Eu, com 7 anos, eu lembro que eu subia numa banquinha pra fazer o arroz. Já sabia fazer comida com 7 anos.



Com 7 anos aprendi a nadar, eu nadei cedo. Salvei até uma irmã minha que ia morrendo afogada, sem ter orientação, eu puxei ela assim pelo braço. Eu puxava: "Vem, vem..."



Essa irmã, coitada, ela sofre, porque ela não teve a mesma força que eu tive. Essas coisas que eu aprendi, que eu li. Ela não aprendeu a ler porque ela foi trabalhar em Copacabana numa casa de uma madame que levou ela do Frade, chegou lá ela prometeu pro meu pai que ia botar ela pra estudar, sabe o quê que eles botaram ela? Pra trabalhar. Chegou lá botaram ela pra trabalhar e não deu estudo pra ela. Ela hoje não sabe nem ler a Bíblia, ela não sabe.



Minha mãe, eu sei de muita coisa assim... porque ela disse que sofreu muito. Ela trabalhava muito na roça, ela morava no sertão. Trabalhou muito pra criar a gente. Que a gente não tinha fralda, ela fazia fralda de lençol velho. E roupa também ela fazia pra gente... Ela aproveitava os saco pra fazer roupa pra gente de saco. E assim que os outro dava as coisa pra ela, que ela pedia.



Que uma época... meu pai deixou minha mãe. De fofoca, que dizia que a minha mãe tinha outro homem. E eu lembro que eu fiquei, pequena, e o meu irmão. E a minha mãe chorava muito, a gente ficava na casa do nosso avô. Gente, eu passei fome...

Só que não passava fome que eu sabia pescar, eu sabia pegar caranguejo, eu sei pegar siri, gagueiá nas pedra, no mangue eu ia pega sururu no mangue, a minha mãe sempre fazia doce de mamão, a gente tinha tudo, né? E a gente saía vendendo, por isso que eu sou boa vendedora, que desde pequena que eu vendo! Essas coisas.

Que eu trabalhei muito na roça. Fazendo farinha, vendia.. O trabalho na roça é muito pesado.. trabalhei de enxada, logo cedo pra roça... E eu chegava lá, tinha que capinar, cortar cana, carregar cana pra fazer melado... Mãe fazia cremonia, pegar goiaba pra fazer doce de goiaba, aqueles tachos no forno, a gente ia pro meio do mato pegar lenha...



Eu cedo aprendi a fazer sapatinho, aí eu já comecei a ganhar dinheiro...com 8, 9 anos eu já ganhava o meu dinheiro vendendo sapatinho de neném... Tricô, fazia tricô, croché, bordava ponto de matiz, não sei, aprendi assim... casa de abelhinha, fazia nos vestidinho. Aí meu pai ia pelas ilha vendendo as roupa, aí já levava meus sapatinho também pra vender. Então eu sempre fui uma mulher batalhadora. Tudo que eu quero eu consigo porque eu sempre lutei, sempre trabalhei, pra ter... Eu comecei com 7 anos.



Com meu pai num tinha muita relação não. Ele era bom, era bom pra gente mas ele gostava de coisa muito certa, e quando saia fora ele gostava de bater na gente. E... tenho até uma irmã, minha irmã saía sozinha com o namorado... Ele falou: "Você tá errada. Não quero que você saia com ele. Você é noiva." Ela já tava noiva, o noivo dela tava viajando, ela tava namorando outro. Ele (meu pai) soube, deu uma surra nela de correia. E ela respondeu ele: "Tá batendo? Mata! Mata e come!" Aí que ele batia mais ainda... Eu não, quando ele ia me bater, que eu fazia alguma coisa errada, que eu era danada mesmo, eu corria e trepava no pé de goiaba... Depois que passava a raiva eu voltava! Nunca apanhava...



Minha mãe, quando ia me bater, ela jogava as coisas em cima de mim.... Era vassoura, pegava um tamanco e jogava... Me pegava? ... Eu dava no pé, não ficava não!



Hoje eu vejo essas crianças na roça, eu penso, Ah, coitada, eu choro... Quando vejo no Globo Repórter aquelas crianças trabalhando duro, e ir pra estudar, não consegue... Às vezes uma criança inteligente, mas não consegue, a mente está cansada, como eu me sentia cansada...Então eu não tinha condição de estudar, chegava, quando eu ia pro colégio já tava com a cabeça cansada, quando eu ia estudar a minha vontade era só dormir, eu não conseguia estudar e trabalhar.

Meu pai acordava cinco hora, eu tinha bronquite, eu tinha que ir pra praia toma banho de mar pra curar o bronquite. E oito horas tinha que tá pro colégio. Ele ia buscar a gente. Tinha dia que a gente não queria sair da água, a gente morava pertinho da praia... Ele ia buscar a gente na praia com uma varinha... "Volta pra casa senão vocês apanha pra ir pro colégio..." Foi muito difícil minha vida.

A escola era perto da minha casa. Eu aprendi muita coisa na roça, com essa idade, porque vinha muitos professores de fora, de Cantagalo, do Rio, de Volta Redonda, de Barra Mansa, e passava muitas coisas boa pra gente.



Eu apanhava pra estudar. Abria minha mão, assim e dava com tamanco, na minha mão, porque eu não sabia a lição... Meu pai batia... E as professoras me botava no caroco de milho, ajoelhada, porque eu não sabia a lição. Porque eu era muito levada... Eu reconheço que era moleque mesmo! Gostava de jogar bola de gude, de jogar bola, queimado, gostava de cantar em festa... Só gostava de dançar e cantar...Se me chamava eu tava lá... Tem uma poesia que eu lembro :

*"Doce menina faceira
Foi trabalhar na fogão
Queimou a sopa, ensopado?
E não botou sal no feijão..."*

Eu decorava com facilidade... Eu gostava de cantar. Eu lembro, até hoje. Eu coroei Nossa Senhora, me botaram umas ...O moço que morava na roça, a senhora que tomava conta da igreja, ele matou um pássaro pra tirar a pena, uma garça, pra tirar a asinha, pra mim ser o anjo... E eu cantava, minha voz, que eu tinha uma voz muito bonita...

*"Aceitai essa coroa
Virgem Santa mãe querida
Que não seja ó Rainha
Ó Senhora Aparecida

Ó salve Mãe nós jubilante
Com os anjos a porfias
Aqui coroas ofertamos
Ó Virgem Mãe dos Anjos"*

Essas duas estrofes que eu lembro. Que é muito bonita. Eu perdi a letra, que eu deixei em casa.



Só uma coisa que eu fiquei assim muito revoltada. Quando eu terminei meu primário, a minha professora disse assim:

"_ Leva ela pra Cantagalo pra estudar..."



O Frade era muito bom naquela época. As pessoas eram amigas, as casas eram longe umas das outras e umas ajudava a outra. Eu lembro que na minha casa uma época nós ficamos todo doente e a vizinha era que vinha fazer almoço, fazer as coisas pra gente. Minha mãe ficou doente, eu também peguei sarampo, coqueluche, catapora, essas doenças toda eu já tive. Pneumonia...



O Frade era caminhos, tinha muita fruta... Onde eu morava tinha muita laranja, jaboticaba, cambucá, abiu, muitas goiabas em volta da minha casa... E era caminhos em volta da minha casa, não tinha rua! Caminho... As pessoas eram amigas, a gente brincava de roda, noite de lua a gente ia tudo pra praia depois da igreja. Nosso divertimento era a igreja. Terminava da missa a gente ia fazer brincadeira de roda.



No Frade, a gente só tinha rádio. Eu não tinha tempo de ouvir rádio por causa da roça. Trabalhava muito! E eu lembro.. não sabia nada o que acontecia, não sabia de nada. Não tinha meio de comunicação. Aí eu comecei a saber, ouvindo. E eu também não me ligava muito.



Lembro da guerra, que iam mandar fogo pra cá! Guerra. Eu não lembro direito... que iam mandar avião, que iam jogar bomba onde a gente morava, que iam acabar com tudo... Aí eu tinha esse medo. Quando passava avião a gente corria e se escondia. A gente era boba, morava na roça, se escondia com medo. Escondia debaixo da cama. Embaixo da cama! As pessoas antigas que morava lá na roça, que não entendiam direito, eles contavam. Que ia chegar navio, que ia acabar com tudo, que ia mandar foguete, tudo isso. A gente ficava sempre assustado. Quando passava helicóptero, avião, a gente: "Ih, lá vem a guerra!" Uma coisa horrível...



Aí depois meu pai voltou e a nossa vida melhorou. Foi quatro ... Nós tinha quem? Darci, Benedito, Betinho, Silvinho, cinco filhos... Aí meu pai voltou pra minha mãe, aí teve mais seis! Foi tudo parto normal, ela teve em casa. Ela ficava no quarto fechado com a parteira. A gente só escutava quando o neném gritava. Eu lembro depois da quarta, que é minha irmã, eu lembro. Dos outros eu não lembro não. A minha mãe teve em casa, todos os 11 filhos, com parteira. Uma senhora que ela confiava muito nela, Dona Júlia, já faleceu... Então tudo que a gente precisava ia com ela. Ela rezava a gente, ela passava remédio lombrigueiro, e minha mãe era... tinha os partos tudo com ela.

Até eu lembro... Tenho uma irmã ... eu lembro que ela nasceu no dia de Natal, dia vinte e cinco. A gente tava fazendo... a gente tava indo pra missa... Fizemos a nossa ceia de Natal, que era canjica, era refrigerante, era bolo de fubá, era milho cozido, batata doce, aipim, caldo de cana... a gente moía, fazia o café... não tinha... refrigerante ali era quando tinha dinheiro pra comprar, às vezes não tinha dinheiro pra comprar, né? E as vendas não vendia também refrigerante. Quando chovia muito não podia sair do Frade... Ventava... Era só barco e canoa... e caminho... Nós tava na mesa ceando, chegamos da missa, aí chegou a parteira... Ih, a mamãe vai ganhar outro neném... Tudo na expectativa, na sala, esperando, quando o neném gritava... Inhé, inhé... Ah, nasceu... nasceu... a gente ficava tudo curiosa pra saber o que tinha sido. "É uma menina! Ah, que bom, somos sete mulheres e quatro homens. Nasceu tudo viva. Só tem um filho, o mais velho, com quarenta e nove anos que morreu. Morreu porque ele ficou desgostoso de ver aquilo tudo e começou a beber...



Foi igual a uma formiga chegando! Veio a usina nuclear pra Angra e acabou com as nossas lavouras, nosso bananal... O pessoal chegaram e invadiram tudo... Derrubaram as roça do meu pai. Abriram, onde era a minha casa, até um dia vou levar você lá pra conhecer onde que tinha o nosso café, a nossa laranja, eles abriram estrada. Cortaram tudo que a gente tinha. Eu sabia o que tava acontecendo, mas como que a gente ia fazer? Não tinha como gritar... Pedia pra um, pedia pra outro... Meu pai também já tava velho não agüentava mais... Eu fui uma, que já trabalhava aqui, já tinha dinheiro, ajudei meu pai pra ele fazer um barzinho, vender banana, vender cachaça mesmo... Lá vendia muita cachaça, caipirinha... Eu aqui, mandava, já tava melhor de situação, já tava casada, meu marido tinha ordenado fixo, eu ajudei meu pai a construir um barzinho pra ele.



Ele vendeu terreno, chegou uma família, de Barra Mansa, comprou do meu pai, por mil reais, um terreno que hoje tá valendo... Tem três casa lá enorme. Chegou três médico também de Volta Redonda, comprou outro terreno do meu pai por 10 cruzeiro. Meu pai deu tudo... Pra comprar geladeira. Pra arrumar a nossa casa, que a nossa casa era de sapê. Comprou... tijolo. Nós carregamos na cabeça, tijolo, da praia, pra fazer a nossa casa de tijolo, chegava de barco.



E foi assim a nossa vida. Acabou com tudo que a gente tinha. Eu hoje sinto muita tristeza quando eu vou lá... o sacrifício que a gente teve pra fazer aquilo tudo lá, depois perdemos tudo... O pessoal enganaram meu pai... Ele era bobo, sozinho lá... Tomaram tudo... Até o bananal,

arrancaram tudo e puseram casa... Acabaram com tudo. Meu Deus, como é que pode isso? Uma coisa que a gente construiu, veio de nossa infância, trabalhamos tudo aquilo , do nosso suor, aquilo. Hoje a gente não tem nada, tomaram tudo. Só tem a casinha da minha mãe mesmo lá. E o meu irmão, a venda do meu pai ainda tem , meu irmão construiu em cima.



A gente lembra... lembro, as crianças falavam: Se der um vazamento, morre todo mundo! Isso é que as crianças falavam. Você vai ter que se cuidar porque vocês vão todo mundo morrer com câncer, os que moram aqui... Não lembro a idade que eu tinha, não, eu já era grande ... eu tava lá ainda. Falavam que ia acontecer isso, que ia acontecer aquilo, aí eu falei: eu não tenho medo não, eu não vou sair daqui não, eu vou ficar aqui... Que vão recolher o pessoal, levar pra longe...botar num lugar que não tenha perigo... O Frade é perto , menos de uma hora, uns vinte minuto, do Frade à usina. Diziam vai acontecer isso e aquilo...



O pessoal veio todo pro Frade. Que ia melhorar muito! Aquela usina ia dar muito serviço, muito emprego, aí vieram muita gente pro Frade. Quando veio a usina prá lá, o pessoal não ligaram, eles diziam que não tinha perigo, que ia dar trabalho, que ia dar muito emprego, que ia virar uma cidade! Como virou, o Frade hoje é uma cidade... Depois que descobriram o perigo, todo mundo saiu correndo de lá. Aí até o pessoal que comprou as casas do meu pai, os médicos, largaram tudo, passaram as casas, alugaram. Do Frade à usina fica uns trinta minutos do terreno do meu pai.



Minha mãe era boa, mas ela não contava muitas coisa pra gente não... Ela... A gente escondia... Quando eu fiquei menstruada, eu não sabia, eu escondi dela. O tempo todo. Eu jogava tudo no mato... Os pano... Eu usava pano, rasgava e jogava tudo no mato. Aí um dia ela me pegou. Eu tava tomando banho na bacia, eu jogava água com canequinha, aí ela pego a bacia toda cheia de sangue... "_ Mas quê que é isso?" "_ Ah, mãe, não sei , tá saindo sangue, não sei o quê que é isso não..." "_ Ah, é você que ficou moça!... Mas não espalha não! Não conta pra ninguém não, que isso é segredo. Não fala pra ninguém não." Aí nisso é que eu fiquei sabendo o quê que era. Não explicou nada pra gente . Era muito reservada.



Nossa orientação era só pra trabalhar e fazer comida. Fazer as coisa. Ensinar como fazer comida, como trabalhar, como vender as coisa... Honesta, as pessoas tem que ser honesta, não roubar... não matar... Rezar... Ensinava a rezar.



No colégio as colega contava. Eu não sabia nem onde que a criança nascia, eu já era mocinha. Por onde? Por detrás!... Depois é que eu fui descobrir... Por aquele buraquinho tão pequenininho! Nunca tive orientação de pai nem de mãe não.



Depois eu sai com dezesseis anos eu consegui vir pra Angra... Eu vim através da minha mãe, pediu pra eu vim estudar corte, curso de costura. Eu fiquei estudando, fazendo vestidinho no papel, e não tinha uma máquina, minha mãe, eles não podia me dar uma máquina, aí eu resolvi trabalhar. Prá ter minhas coisas. Eu estava mocinha, eu queria ter minhas coisa, eu não tinha. Um sapato bom, roupas boas, eu não tinha... Queria arranjar um emprego e trabalhei aqui com um casal de alemão. Um trabalho numa confeitaria, vendendo doces, pão... e ali eu ficava, porque eu morava na roça, não tinha condução, dependia de barco.



E aí eu conheci meu marido. Que eu dizia: " Não vou casar com homem da roça, pra ficar na roça..."



Eu não tive quase namorado. Eu namorei no colégio, um rapaz lá da Ilha, ele disse que gostava de mim, mas assim só de bilhetinho e pronto. Nunca beijei, só segurava na mão e saia correndo pra casa, e bilhetinho... Eu fui namorar quando eu vim aqui pra Angra. Mesmo assim, eu conheci um rapaz mas não deixava ele encostar em mim. Quando ele ia colocar a mão no meu seio eu dizia: "Não, você não vai colocar a mão aqui..." Não deixava...



Depois de conhecer o meu marido eu fiquei um mês só namorando ele, sem nem beijar. Eu dizia: "Se você gosta de mim vai ter que me respeitar... Se um dia a gente for casar, eu quero casar de véu e grinalda. Eu vou sair daqui virgem e botar um vestido de noiva e um véu". Noivado e namoro foi três anos... Ele queria sempre me testar. Se eu era virgem... Eu dizia: "Não. Se você confia em mim, você vai esperar... Se você não quiser esperar, pode arranjar uma outra!" " Ah, não, eu gosto de você." " Então vai esperar. Se você gosta, vai ter a prova." Eu consegui, consegui, casei bonitinho na igreja, de vestido de noiva, de grinalda e tudo!



Hoje a moça conhece um homem já começa a amassar, começa a apertar, começa a fazer coisas... Eu falo isso pelo meu exemplo, que minha mãe falava essas coisa ... Essa coisa ela explicava pra gente. " Não fica aí se agarrando, que o homem hoje, namoram uma moça, começam a falar... Eu fiz isso com ela, fiz aquilo com ela..." Então isso eu levo da minha mãe. Eu guardo isso dela. " Vocês tem que se guardar, e ser honestas. Dizer não e não, só depois que vocês casarem."



A gente casou e teve a lua de mel. "Bom agora sim, você me comprou agora é seu, mas também não é assim não," eu falava pra ele. " Tem que ser devagar". A primeira noite é horrível. Eu não gostei. Não senti nada. Depois, passado uns tempo, duas ou três semanas assim, foi que eu comecei a gostar. Sabe? Não sentia nada, só sentia dores, muitas dores... Ele teve muita paciência comigo, calmo.



Eu casei sem ter a casa, morava numa casa pequena, ainda ia construir minha casa, ainda não tinha assim nada direito, nem televisão nem geladeira não tinha. Tinha assim meu quarto arrumadinho, comprei móveis de quarto, de sala... um movelzinho de cozinha, tudo bonitinho, tudo limpinho, que eu gostava das minhas coisas muito arrumadinhas... Comprei meu enxoval muito bonitinho, que eu trabalhava, tudo bordadinho, tudo rendado, tudo engomado... tem até a colcha hoje, tenho a colcha e tenho a toalha, que eu guardei de lembrança. Já está rasgando, mas eu ainda tenho.



Eu não queria ficar grávida. Assim, em seguida. E eu também fui boba, tinha vergonha de médico. De chegar lá... Como é que eu vou fazer com médico? De chegar lá ? Não tinha ninguém pra me orientar... Uma colega falou assim... Coloca esse comprimido que você não engravida. Era um comprimido pra colocar na vagina, aí não engravidava. Eu não coloquei, eu não cheguei a usar, não ia usar uma coisa assim sem receita, não me deu nem a bula...

Eu casei no dia 17. Quando chegou no dia 20 minha menstruação veio. Depois não veio mais. Aí o pessoal até falou que eu casei grávida, né? E eu falei: " Ih, meu Deus, e agora?" Aí eu disse: "Já que veio eu não vou fazer besteira." Tomei um chá, que a minha mãe tomava, chá de arruda, vinho com canela quente, sabão quente na bacia, tudo... Nada disso resolveu. Aí deixei vim. Deixa vim. Vai vim em paz, vindo com saúde, isso é que é importante.



Eu trabalhei em casa, durante a gravidez. Eu já tinha saído do trabalho, que eu trabalhava em comércio, ele não queria que eu trabalhava. Trabalhava em casa, fazia todo meu serviço, lavava, passava, encerava ainda, fazia tudo. E meu filho foi normal, pesou três quilo e cem.



Meu primeiro filho foi normal, só que cortou pra nascer... Não cortou em cima. Na vagina é que corta, né? Eu sei que costura, depois custou pra cicatrizar, eu não podia sentar, sentava de lado. Mas não foi dos piores. Eu fiquei foi com muita vergonha. "Abre a perna!" Não! Eu não tinha experiência de nada. Eu impunha as pernas... "Assim você vai matar o teu filho... vai imprensar a cabeça dele!" E agora, como é que eu tenho que fazer? Então põe uma toalha, um pano! Quería que eu ficasse ali, com enfermeira, médico, com três pessoas assim... Como é que eu vou ficar desse jeito, com todo mundo me olhando! Como é que eu vou ficar desse jeito?

Naquela época não tinha quase médica, era só médico! E foi horrível a vergonha. Eu fiquei uma semana trancada, sentindo dores e não falei pra ninguém, trancada no quarto. A minha mãe foi e trouxe uma parteira. A parteira queria ficar lá, e minha sogra, minha cunhada, todo mundo me olhando. Eu disse: " _ Ah, não, aqui não fico não. Vou pro hospital, então." Eu quase que tive com a parteira, aí eu preferi ir pro hospital. Ih, eu vou ficar toda aberta, não vai dar conta...como é que vai ser depois? Não dá, vou ficar toda aberta... Eu vou ficar toda aberta, meu marido não vai nem me querer assim.



Aí depois... Minha vida de casada... eu tive o primeiro filho... Esse tempo que passou, quando ele estava com três, quatro anos, eu comecei a ficar agitada, nervosa, porque essa casa que eu morava era uma casa assim, separada. O quarto era separado da sala, o banheiro...não tinha um banheiro. A gente ia ao banheiro na casa da mãe dele...

Eu fui ficando agitada, nervosa, eu comecei a desmaiar e tudo. Aí a minha sogra era espírita e dizia que eu também era... .. aí eu comecei a passar mal em casa ...porque eu tava ficando...É que antes de casar eu trabalhava, era uma pessoa que saía... Depois do casamento, o marido chegava, eu ficando dentro de casa, sem ter uma televisão... Eu fui ficando estressada, ficando nervosa... E começou a me dar um desmaio, aí que minha sogra disse olha, ela tá ficando doente, ela é espírita, ela tem que desenvolver.



O meu segundo filho eu não queria. Eu queria um filho só. Eu não podia tomar remédio porque o remédio estava me fazendo mal. Tinha dor de cabeça, enjôo, vômito... Aí eu comecei a fazer tabela... Durante cinco anos, eu tenho o livro ainda em casa, o livro em que eu estudei, com meu

marido. Nós fazia a tabela. Esse meu filho veio quando nós fez as paz. Eu tava no dia perigoso, e eu engravidei. Eu tinha brigado com ele ... ele ficou zangado comigo uma semana. Quando gente fez as pazes, aí o dia que estava no perigo, aí veio segundo filho.



Mudança foi o nascimento dos meus filhos. Você se sentir mãe. É uma mudança muito importante. Deus fazia aquilo tudo com a gente, e botava no mundo, aquelas coisas lindas no mundo... Meus filhos acho que era a coisa mais linda que eu já vi. Meu Deus do Céu!... Quando eles faz aniversário eu sentia as dores... Horrível é as dores de parto.



Depois que eu vim pra cá eu comecei a estudar outra vez. Depois que eu tive meus dois filhos, botei meus dois filhos no colégio eu fui fazer o primeiro grau. E eu consegui fazer a quinta, a sexta, a sétima, a oitava... Já com meus dois filhos.



Minha vida de casada...Eu tinha uma vontade louca de andar de bicicleta. Eu nunca tive um velocípede, nunca tive nada... Aí eu vinha aqui em Angra via essas moças andando de bicicleta eu dizia: " Ah, meu Deus, como que eu tenho vontade de andar de bicicleta...Um dia eu ainda vou ter uma bicicleta.." Um dia, depois que eu casei , meu marido pagava a comida na Verolme. E a comida tava começando a fazer mal. Eu disse:" O dinheiro que você paga, você dá pra mim! Eu levanto cedo, cinco hora, eu faço a sua marmita. Vai ser uma comida saudável, sem óleo, sem sal, e você me dá esse dinheiro..." Eu peguei esse dinheiro, juntei, a primeira televisão a cores que eu tive , eu comprei... Fui em Barra Mansa, comprei uma televisão a cores e uma bicicleta. Do meu sacrifício, de eu levantar cinco horas da manhã.



E estudando até uma hora da madrugada, cuidando de casa. Aí eu pirei, fiquei doente. Depressão. Estafa. Era muita coisa pra mim sozinha... Ainda fazendo a casa...construindo ... Era eu que cuidava de tudo sozinha, ainda fazia compra, e cuidava de duas criança, bota pro colégio, e tudo ali bonitinho, que eu sempre gostei... Eu estudava de manhã, depois eu passei a estudar à noite.



Aí chegou uma prima do meu marido que freqüentava essas coisas, disse: " _ Ah, vamos levar ela na praia, vai ter uma festa na praia de Iemanjá... Minha mãe Rita vai estar lá, vamos levar ela lá "... Aí me levaram pro centro.

Aí nesse centro, eu fiquei sete anos nesse centro. E, não é que eu sofria, eu gostava! Eu fazia meus pastel e levava lá pra vender. E tinha muitas roupas bonitas, saias de renda, e eu gostava de dançar... Ali eu me diverti, e era disso que eu estava precisando, eu tava precisando de uma coisa assim que me distraísse uma coisa assim, e ali eu fiquei durante sete anos.

Depois eu fui pensando...eu comecei a pensar. "Não é isso que eu quero! Eu fui sempre católica... Como é que eu vou fazer pra sair?" Ninguém queria deixar eu sair, eu já recebia espírito... Dizia que era espírito, mas não era não, era a força da mente, eu sabia tudo que eu fazia. Se eu quisesse dançar eu dançava, se eu quisesse cantar eu cantava, que eu sempre gostei de cantar... Eu cantava mesmo, eu soltava a voz, eu tirava ponto... Até hoje eu sei , um ponto muito bonito que eu... Quer que eu cante? Pode cantar?

" Caiu uma flecha na Jurema

Veio o sereno e molhou

E depois veio o sol

Enxugou, enxugou

A nossa banda se abriu toda em flor...."

Aí todo mundo cantava junto assim... " Caiu uma flecha ..." Ai repetia. Muito bonito, eu dançava, muito bom. Eu me recordo disso, eu dançava, muito bom... Eu recebia Caboclo, eu recebia Preto Velho, eu recebia Pomba Gira das Flores, eu gostava muito, botava rosa , tirava ponto, cantava...Ah, é muito bonito, foi muito bom, eu gostei muito dessa fase que passou.

Só que chegou a hora que eu tinha que parar ... Só gastando dinheiro com guia... eu tinha doze guia. E roupa, muitas roupa, muitas saia, cada festa era uma saia. Era Iemanjá, era uma roupa, era beijada era outra roupa, era Ogum ... Tinha Ogum era vermelho, eu gostava muito . Nossa Senhora era azul, Iansã...era muitos nomes. Ai eu disse: " Não, agora chega, to construindo a minha casa , vai tudo em macumba!...Eu hoje vou parar."



E eu pedi: " Ah, Senhor, somente o Senhor pode me ajudar!" Quando eu acabei de dizer isso, o cordão que eu comprei, com o crucifixo, caiu, fechado , no chão. Então , na mesma hora, eu juntei santo, juntei guia... botei tudo lá na praia, olhando pro mar. " Fica aí, olhando pro mar, é muito bonita a natureza de Deus, fica aí..." Ai diziam que eu ia ficar maluca. Não vou não.



Mas eu trabalhei muito... fazia salgado... Eu sei fazer salgado, sei fazer doce... Eu comecei a fazer curso de manicure. Tenho diploma de manicure, tenho diploma de cabeleireiro... e de doce também, de lancheira. Tenho tudo lá em casa, livro de croché , de tricô, de tudo... E com

dinheiro, depois eu fui vender chapeado, vender prata, vender Avon, vender Christian Grey, terminar uma casinha, que meu marido não queria que fizesse aquela casa de cima, então eu disse "Eu vou fazer e vou comprar um telefone também pra mim ". Consegui comprar um telefone e consegui fazer minha casinha, que hoje eu recebo um aluguelzinho...duzentos e cinquenta reais, mas tá bom, que o rapaz que mora lá, também não pode, tem um filho, é casado... E eu fiz aquela parte de baixo, eu que fiz. Vendi pra minha sogra o telefone, botei aquele janelão, fiz dois banheiro, com o meu dinheiro.



Mas não dá mais. Agora eu pago meu INPS pra ver se eu consigo me aposentar.



E o marido guarda no banco, o dinheiro, só tira pra comer. Só pensa na comida... Aí eu briguei com ele, quando eu fiz 28, não 38 anos de casada : " Eu quero ter conta corrente com você! " Mas eu não consegui ainda ter um cheque.



Ele não gosta de sair comigo. Ir numa praia, eu chamo ele não vai. Andar de bicicleta, ele comprou uma bicicleta lá, tá vazia, ele não sai. Sempre tá doente... Eu digo, vai se tratar, você tá ficando velho... Ele se sentiu porque eu falei isso. Mas eu to falando de verdade, de coração!... Não sai de casa. Só sai pra fazer compra. Ele não quer fazer compra de mês, então ele fica pesquisando... trás coisa de mais... coisa de menos... Trás aquele montão de coisa que nem precisa. Mas eu não ligo, eu nem ligo mais, não falo mais, vou deixar pra ver aonde vai.



Eu queria casar com um rapaz que não beba, que não fume, eu consegui.... Ele é bom pra mim, me deixa sair. Não falta nada... Só que ele é muito assim descansado, não gosta de fazer obra, não gosta de mexer com nada... Então tem que partir de mim. Mas agora eu falei com ele assim: "Olha, eu não vou fazer mais nada." Porque sempre, eu que tomei a decisão de pintar a casa, arranjar pedreiro... Agora não. Eu vou me cuidar.



Eu , depois que eu entrei no Clube de Mães, eu acho que foi a melhor mudança na minha vida. O Clube de Mães, e depois vocês todas que vieram... Eu quase não ia nas reuniões no Carmo, eu freqüentava só o Clube... quando tinha essas reunião importante, eu faltava. Minhas colegas diziam: " Você perdeu hoje, veio uma moça lá do CEDAC, muito boa, deu palestra, aconteceu isso, aconteceu aquilo..." Eu ficava sabendo só de boca, que nunca que dava pra mim ir. Que eu

sempre tive que trabalhar muito. Que eu sempre tinha unha pra fazer...Era salgado pra fazer, porque eu vendia salgado pra fora, era pano de prato, que eu vendia... Cursinho, que eu tava no cursinho, muita coisa que eu comecei a me envolver pra ver se melhorava a minha situação. Depois que eu entrei nesse Clube de Mães, me ajudou muito.



Eu gosto de fazer tudo. Tudo um pouquinho., me ensinar, eu quero fazer um pouco de cada. Eu sou uma pessoa que gosta de aprender um pouquinho de cada. Gosto de cantar, gosto de dançar, gosto de fazer amizade.



Desde depois que eu casei, as mudanças foram essas. De eu participar. A mudança boa foi essa, de eu sair. Porque eu vivia muito presa, eu ia ficar doente, se eu continuasse assim . E o teatro agora. A mudança do teatro é que eu não falto. No teatro eu consegui me abrir, consegui falar, botar pra fora aquilo que a gente sente... Não tenho nem palavras direito pra dizer, mas foi muito bom...essa mudança. Até hoje eu gosto de cantar. Até hoje eu não sei falar muito bem, eu falo errado, eu não falo bem o português. Eu era muito tímida pra falar, medo de falar e falar errado e o pessoal rir da minha cara. Hoje não, eu falo errado mas eu falo! Eu canto errado mas eu canto! Tem alguém pra me corrigir, me ajudar. Tendo alguém pra me orientar.



No palco eu me sinto muito importante, eu não vejo ninguém na minha frente... Eu penso assim: Deus... eu acho que eu estou cantando pra Deus... Eu fico assim, eu fico lá em cima, não sei nem como é que eu fico. Eu sinto uma coisa que vem de dentro de mim, parece que Deus me colocou lá em cima... Então eu agradeço a Deus, ele que me deu esse dom, desde criancinha que eu canto, eu já gostava de cantar desde pequena.



... Eu tinha vontade de ser uma professora pra passar tudo isso pras crianças, dançar... Porque eu queria ser uma professora pra passar tantas coisas bonitas pras crianças. Música, muitas músicas que eu aprendi, muita coisa. Agora já estou esquecendo, porque eu não guardei, eu já esqueci... Alguma coisa eu ainda lembro. Então eu , meu objetivo era ser uma professora... Não consegui. Mas eu sou feliz, consegui andar de bicicleta.



Divina

O que a minha mãe contava era que eu nasci numa fazenda, porque meu pai vivia assim de fazenda em fazenda. Porque meu pai, Deus que me perdoe, ele não gostava muito de trabalhar, não. Então, ele fazia dívida, e aí, engravidava a minha mãe e dava pro patrão batizar prá perdoar a dívida. Eu cresci sabendo desses casos. Então, eu nasci assim numa fazenda que era de compadre do meu pai, que era o Siô Juca Marcianinho, marido de Dona Mercedes. E eu quando eu nasci eu ia chamar Josefina. Porque tem Herondina e Hildo. Depois veio Maria Cândida, veio a Regina, veio o Raimundo... prá combinar: Herondina com Hildo, Regina com Raimundo, Maria Cândida que ficou fora. E aí veio o José Mauro e eu. Eu era pra chamar Josefina. Mas aí a minha irmã Maria Cândida tinha uma colega muito amiguinha dela, quando eu nasci a Maria Cândida já estava com dez anos, aí ela falou: Mãe, não bota nome de Josefina não, põe Divina, que eu tenho uma coleguinha Divina que é muito legal. Aí mamãe falou: Eu vou botar nome de Divina, mas se ele for bagunceira e emperreada, você vai apanhar no lugar dela. Aí minha irmã falou: Não, ela vai ser boazinha, põe Divina nela, aí eu fiquei sendo Divina. Eu gosto muito, toda vida eu gostei muito. Igual aqui onde eu moro, eu não conheço outra Divina, só tem eu. O ruim disso é que as vezes se eu quero viajar longe...se quiser me achar...



Nós somos ao todo dez irmãos, agora só resta seis. Ela falou que oito filhos ela ganhou sozinha. Ela falou que às vezes o pai ajudava. Ela estava com as dores e aí ia lá fora fazia um buraco com a cavadeira - com dores, com as contrações, fazia um buraco com a cavadeira, preparava uma tesoura já toda velhinha, preparava embira de banana, ela contava isso prá gente, preparava embira de banana, preparava o azeite de mamona, que ela mesma fazia, e o fumo, fumo de corda, já todo já seco, na chapa do fogão, e moído. Então ela preparava aquilo tudo, furava o buraco, ia pra dentro do quarto, já separava os panos velhos, isso que ela falou, prá limpar aquelas coisas de parto, ficava de cócoras... E ela conta que quando ela me ganhou, ela estava sozinha, sozinha. Ganhou a Divina sozinha.



Então quando ela estava sentindo dores assim ela mandava as crianças prá roça, prá não ver nada, não escutarem neném chorar nem nada. Foi assim. E eu até dez anos, eu, prá mim era cegonha, eu não entendia o que trazia a gente. Como ia vir ao mundo?



Eu me lembro que uma vez - minha mãe era parteira, ela sempre foi parteira - já era em outra fazenda, fazenda do siô Alcindo, esse não chegou a ser compadre porque não nasceu mais ninguém, mais aí nessa fazenda do siô Alcindo, eu fui prá lá já devia ter uns quatro anos, até menos. Então, sempre a mamãe foi negócio de parteira, aí. Lá, moça se sentiu mal pra ganhar neném, não tinha ninguém prá eu ficar e o Sebastião meu irmão pequeno, aí mamãe levou a gente. E a casa era de madeira. E tinha fresta. Só que eu não enxerguei nada. E a mamãe lá, e a moça assim, em trabalho de parto, entre a vida e a morte, porque lá na roça é assim, quando está esperando neném fala que um pé no mundo outro na cova, porque se der algum problema... De primeiro, antigamente... Aí que que fez? Aí a vizinhança mais chegada correu lá pra ver aquela lamúria, ganha, num ganha, sai num sai a criança... Eu fui cair na besteira. Minha mãe estava lá prá dentro. Quando ela saiu lá de dentro eu disse: Ih, nasceu! Mas falei por intuição. Mamãe achou que eu olhei pela greta e vi alguma coisa. Me levou prá atrás de uma moita, era de noite, me bateu tanto! Me solou, me solou, me solou, me bateu, esfregou minha cara no chão porque eu tinha visto. Eu não vi! Eu não vi! Eu falava: Minha mãe, eu não vi nada, ela falava: Como é que você sabia? Porque a criança não chorou. Nasceu morta. Então se chorasse, não era pra mim apanhar. Se a criança nascesse viva, eu teria escutado o choro e dito: Mãe, nasceu! mas a criança nasceu já morta, mãe saiu lá de dentro e eu falei, mãe cismou. Como é que eu podia saber? Então ela achou que eu tinha olhado pela fresta da porta, não da parede, que a casa era toda de tábuas. Mas eu não vi, não vi. Mas ela me bateu muito, eu não esqueço isso.



Naquela época tudo era imoral, aí eu curiosa... Mas eu toda vida fui muito danada, quando eu era pequenininha eu ficava olhando aquelas coisinhas, do pato em cima da pata, da joaninha em cima da joaninha, eu desgrudava pra ver onde é que estava entrando aquilo... Ah, eu vendo essas coisas! Borboleta, eu desgrudava as borboletas, pequenininha, eu desgrudava as borboletas, tudo eu queria ver, queria saber, ora! ...Cruz credo Ave Maria! Nossa Senhora, não fiz as coisa errada mesmo porque eu tinha medo da minha mãe! Mas que tinha vontade eu tinha. Ela não falava nada prá mim nada, mas eu já sabia de tudo.



Aqui ó, falta essa unha aqui ó, foi com sete anos, que a mãe ganhou uma leitoinha, e a leitoa cresceu, ficou grande e entrou no cio. Aí minha mãe arrumou um cachaço, que é o porco que cruza com a porquinha, chama cachaço, aí arrumou e botou. Aí eu, curiosa, escondi da minha mãe e fui lá... Que é um chiqueiro escondido, lá longe, prá não ver, prá ninguém ver, pro porco cruzar, esconde, porque é feio, é imoral, naquela época era imoral, aí eu, curiosa, porque eu escutava,

porque toda vida eu fui de antena ligada prá escutar o que é que os outros estão falando, o que pode, o que não pode, o que é certo o que é errado, aí eu escutei numa dessas vezes eu escutei mãe falar prá buscar o porco prá botar com a porca que ela estava já no cio prá cruzar. Aí eu fiquei incomodada, ué, prá buscar, ela estava sempre sozinha, só o porco chegar e ela ia ficar esperando filhote! Mãe falou: "Talvez eu tenha sorte de ela ser uma boa parideira e ganhar um punhado de filhote de porquinho, muito porquinho", aí, eu pensei "Ó, vai acontecer alguma coisa!" Aí eu subi no chiqueiro prá ver aí quando o porco montou em cima da porca e estava enfiando nela, aí eu fiquei nervosa e mexi com o pé, aí o porco virou e mordeu minha unha. Nunca mais nasceu, eu tinha sete anos, e eu bem vi. Mãe não sabia disso não, eu falei que eu tropecei. Arrancou a unha! Minha unha nunca nasceu Eu conto isso pras minhas manicure, elas morrem de rir! Nunca nasceu! Foi um porco que arrancou! Fui olhar o que que é que ele estava fazendo com a leitoinha da minha mãe!



Sabe?... eu tinha vontade de botar a mão lá e ver como é que é. Mãe dizia como é que é? Eu tinha medo, mamãe dizia que furava a gente. Tinha que tomar banho com muito cuidado, passar a mão devagarinho, lavando, que a mãe dizia que furava uma pele ali que quando a gente ia ter relação com um homem o homem via que aquilo estava furado e entregava a gente de volta prá ela. Ela dizia : "Eu não quero passar essa vergonha, essa desonra". Aí de tudo eu tinha medo, de tudo eu tinha medo. Mas depois eu perdi o medo.



Eu não sabia nada, prá mim eu tinha machucado. Foi com 14 anos. Falei prá minha mãe. Engraçado, minha mãe era tão sistemática, mas assim de noite ela chamou todo mundo e a gente tomava café com leite, prá dormir, aí ela chamou meu pai, meus irmãos, "Ó, agora a gente já não tem mais menina aqui não, já é moça. Divina ficou moça hoje". Ela falou: " Olha minha filha, sangrou é moça, você já não é mais menina, não pode, tem que ter juízo, cuidado, se beijar na boca engravida, se olhar muito dentro dos olhos de homem, se homem olhar muito dentro dos olhos, olha, espera filho! Barriga cresce e aí o ganha filho, aí todo mundo vai descobrir que já é mulher." Aí eu tinha medo. De olhar nos olhos dos homens. De mulher podia olhar. Era o modo que ela adotou prá dar educação prá gente, sei lá, ué"! medo das filhas se perder, que ela dizia que se a gente se perdesse e ela descobrisse ela matava a gente, ela tinha prazer de comprar roupa bem chique e enterrar a gente.



Minha mãe era parteira e rezadeira. Porque minha mãe rezava, rezava tudo. Tudo assim. Minha mãe ficava, olho no olho com a pessoa que estivesse com algum problema, ela só mexia os lábios. Acho que nem era a reza, a pessoa já saía bem. Muita gente ia rezar, Nossa Senhora, toda vida! Igual eu, também rezo, mas eu não gosto assim de falar pras pessoas. Antes eu nunca rezei, mas minha mãe, assim uns quatro dias antes de morrer, falou que queria passar essa... essa missão... pra uma das filhas, mas eu nunca liguei pra essas coisas. Mas aí ela falou pra mim que eu tinha que aprender a rezar a Prece de Cáritas. Mas ela morou comigo vinte anos, eu casada, minha mãe morando comigo, tentou me ensinar e eu não consegui aprender a oração, a Prece de Cáritas. Aí quando a minha mãe morreu eu fiquei sentida com isso, tinha um mês mais ou menos que minha mãe morreu e eu disse : É, minha mãe morreu e me ensinou a vida inteira a prece de Cáritas e eu não aprendi, agora, pronto, não vou aprender mais! Mesmo sabendo ler, pegando, eu sei que não ia decorar. Aí, um dia, tinha um mês que minha mãe tinha morrido, eu sonhei com a minha mãe, ela apareceu, aí ela sentou na beirada da minha cama, morta, mas parecia que ela estava viva, aí a mãe, eu estava dormindo, lógico, aí no sonho, a mãe bateu no meu ombro, fez que eu sentasse com ela, mas isso sonhando, mas parecia que eu estava acordada. Ela falou assim: Eu falo e você repete. Aí a mãe falou assim: Deus adiante a paz na guia... Ah, eu fico assim... Eu me emocionei, não é assim não, a prece de Cáritas é assim:

*Deus nosso Pai que sois todo poder e bondade
 Dai força àqueles que passam pela provação
 Dai luz àqueles que procuram a verdade
 Pondo no coração do homem a compaixão e a caridade
 Deus dai ao viajor a estrela guia
 Ao aflito consolação
 Ao doente repouso
 Ao culpado paz.
 Pai, que vossa bondade permita que o espirito consolador
 Derrame por toda parte a paz, a esperança, a fé
 Um só coração, um só pensamento há de subir até a vós
 Como se fosse um grito de reconhecimento do vosso amor
 Como Moisés sobre a montanha
 nós vos esperamos com os braços abertos
 Ó bondade, ó beleza, ó perfeição
 Queremos de alguma maneira receber a força do vosso amor*

Nosso Senhor Jesus Cristo Vosso Filho

Na Unidade do Espírito Santo

Amém

A mãe rezou essa oração, falava os pedaços e mandava eu repetir. Quando eu terminei, aí ela, no último pedaço, no sonho, aí a mãe falou pra mim: Minha filha, agora você vai acordar, isso é sonho, minha filha, agora você acorda, senta na sua cama e reza a Prece de Cáritas, que agora você sabe. Aí, desde essa vez eu aprendi. Ela me ensinou, morta.



Eu nunca mexi com esse negócio de reza, aí, depois que a minha mãe morreu as pessoas chegavam aqui pra minha mãe rezar, aí, minha mãe não estava, já tinha morrido. Aí eu dizia: Minha mãe morreu. Aí falou : Você vai rezar, você não reza igual a tua mãe? ... Aí eu comecei a rezar, um, dois, aí as pessoas vem aqui pra eu rezar. Eu não falo pra ninguém que eu rezo.

Não conto, porque meu marido não gosta. Mas agora, eu acho que... assim que a mãe morreu eu comecei a rezar... Quinze anos. Então eu era bem mais nova, agora eu acho que devido eu já ter 56 anos __ que eu já vou fazer 57 __ agora ele já está mais aceitando porque agora ele acha que eu estou velha, posso rezar! Vai fazer o quê?.

Sábado passado eu fui num aniversário muito chique, lá embaixo, de gente chique, que a moça veio aqui que ela trazia o nenézinho pra eu rezar... Porque o filhinho dela, quando estava com dois meses, uma, sei lá, uns machucados nas costas dele, sei lá, aquilo minando água nas costas dele...

Aí eu peguei - porque pra rezar eu pego uma toalha branca e forro o meu colo, igual minha mãe fazia, mas aí eu... quando eu pego uma criança assim pra rezar num sou eu que estou rezando. É minha mãe, eu mexo com a boca mas eu sinto que é minha mãe que está ali... Esse menino com três vezes que eu rezei ele de quebranto, pronto! O menino sarou, um menino sadio, me chama de vó! Vovó! Branquinho, de uns olhinhos azuizinhos azuizinhos, igual uma conta...



A reza de quebranto é assim: Você pega um talo de mamona e uma faca boa de corte, porque quando você bater, tem que cortar, quando você bater tem que cortar aquele talo... Tem que ser uma coisa assim tipo talo de mamona, talo de mamão, aberto por dentro, não é uma coisa inteiriça, é, tipo um canudo de chupar coisa, tipo um canudo, tem que rezar assim. Não é pau inteiriço não. Aí você pega aquilo, fala pra... se a criança falar você pergunta pra criança, se a criança não falar você pergunta pra mãe: O que que eu corto? Aí ela fala : Cobreiro mau. Quando a pessoa sabe falar a pessoa fala, quando não é a mãe fala pelo filho. Pergunto: O que que eu corto?" Aí eu falo

antes pra ela, você tem que falar :Cobreiro mau. Ai eu falo pra ela: Entre machos e fêmeas eu corto a cabeça, e o rabo, assim mesmo eu corto! Ai tem que bater com a faca e tem que cortar de uma vez. Se não cortar, aí não vai adiantar você rezar. Você pode até parar! Ai depois, são três vezes. Ai você corta cada pedacinho de quatro dedos. Mas você tem que cortar de uma vez. Ai você põe... Quando a gente tem fogão de lenha, bota na fumaça pra secar, mas quando não tem fogão de lenha bota em volta do... fogão, da gente. E aí quando secar... você procura não fazer comida naquela boca do fogão, que ali não pode mexer enquanto não secar. Você faz comida, mas não deixa que nada derrame porque você não pode tirar aqueles negócios da beirada em volta, que eu botei os quatro em volta. Ai quando secar é só você jogar por água abaixo, vai no rio, joga por água abaixo. Pronto. Assim.



E espinhela caída, é só você botar a mão aqui, assim no ossinho que se encontra aqui, como é que fala...Diafragma? Aqui e aqui. Quando a pessoa está com a espinhela caída você bota o dedo aqui, fica um buraco. Quando não tem buraco é porque não está. Ai você fala assim: Péra aí!... Meu Deus do Céu!! Você vai rezando o Creio em Deus Pai em cruz, rezando, rezando, o Creio em Deus Pai em cruz ... Ai depois você pega a mão da pessoa e levanta prá cima. Às vezes quando você é pequenininha feito eu, baixinha, você sobe numa cadeira. A pessoa com os pés no chão. Ai você puxa os braços dela bem prá cima. Vai puxando, Vai puxando, puxa três vezes. E vai puxando devagarinho e puxa prá cima. Depois você reza um Pai Nosso, uma Ave Maria e uma Santa Maria... Pai Nosso, Ave Maria, Santa Maria, Salve Rainha, Creio em Deus Pai. Só que na hora de você oferecer, você não pode oferecer o Creio em Deus Pai. Você fala : Ofereço esse Pai Nosso, essa Ave Maria, essa Santa Maria , essa Salve Rainha ... aí na hora de dizer Creio em Deus Pai, você diz essas preces ... que ai ele entra no meio das orações que você acabou de falar. Você oferece pro Sagrado Coração de Jesus.



Reza prá insônia. Pra insônia... É só você mentalizar, pegar a mão da criança, a mãozinha da criança, pegar a mãozinha direita, segurar firme, mentalizar, e ver ... se fixar mesmo na criança, na pessoa, mentalizar que você vai tirar aquela insônia, e rezar a prece de Cáritas. E mandar a pessoa acender uma vela pro anjo de guarda, encher um copo com água, escrever o nome todinho, o nome e o sobrenome, e botar aquele copo em cima daquela escrita e botar aquela vela acesa do lado. E outra coisa, não oferecer o Creio em Deus Padre, rezar mas não pode oferecer, você fala: Essas orações, essas preces. Você reza Pai Nosso, Ave Maria, Santa Maria, Salve Rainha e Creio em Deus Padre . Ai você reza: Ofereço para o Anjo da Guarda de Fulano o Pai Nosso, a Ave

Maria, a Santa Maria , a Salve Rainha... e aí você fala: Ofereço essas preces, aí o Creio em Deus Padre entra sem você falar o nome dele. Foi assim que a minha mãe ensinou, é assim que eu faço, era assim que ela fazia.



E prá não acontecer assalto, essas coisas, a gente reza a oração de São Jorge. Faz patuázinho. É a oração de São Jorge... é assim:

*Deus agente paz na guia,
 Encomendo a Deus e à Virgem Maria
 Virgem Maria é nossa mãe
 Os doze apóstolos são nossos irmãos
 Nosso corpo e nossa alma andarà noite e dia
 Cercado e circulado com as armas de São Jorge
 Nosso corpo não será preso
 Nosso corpo não será ferido
 Nosso sangue não será derramado,
 Nossos corpo estão livres
 Como Nosso Jesus Cristo se viu da Cruz
 Para sempre todos os séculos
 Amém Jesus*

Reza um Pai Nosso e oferece prá São Jorge. Aí escreve a oração Eu tenho até escrito no meu caderno que eu levei hoje. Aí leva num breve. Tem gente que bota em qualquer pano, mas o bom que a mãe fazia é botar num paninho branco. Então ontem à noite eu cortei um lenço do meu marido, novinho, prá tirar um pedaço branco prá fazer um breve prá dar pra Maria. Que o filho dela foi assaltado, você soube?



Só que a oração de Santa Catarina eu não consegui gravar. Mas a mãe fazia medo, que não pode rezar a oração de Santa Catarina muito...Senão fica uma pessoa assim... agressiva e brigona. Então eu não tive interesse de aprender.



Eu aprendi com a minha mãe a bondade dela. Nossa! Não é porque minha mãe morreu não, mas ela dividia tudo com os outros... Mas também... quando minha mãe pegava prá bater ela pegava a

mão direita dela com a esquerda da gente e aí dava com o chicote, com o cinto. Então ela pegava prá bater e eu ficava rodando! Prá não apanhar eu ficava forçando prá ela rodar, minha mãe caía, aí não batia. Mas quando eu deitava, aí ela...



Mas um dia ela mandou buscar carretel de linha, fui com o arco rodando, rodando... Que ela falava : " Vou cuspir aqui. Se o cuspe secar e você não chegar, quando chegar você apanha. " Aí eu saí com aquele arco, comprei a linha, quando, no meio do caminho, voltando...Cadê a linha? Comprei a linha e num tava com a linha! Eu perdi o carretel, mas não podia chegar em casa antes do cuspe secar, e eu saí correndo! Eu tinha que chegar em casa! Perdeu mas... Eu podia ter voltado, eu ia achar, porque lá não tinha mesmo muito movimento de gente! Mas eu fiquei com medo do cuspe secar e minha mãe me bater... perdi! Mamãe me bateu com lasca de lenha!



Eu estava estudando. Eu estava estudando, nessa época eu ainda estava estudando na fazenda. O siô Carlinhos professor, que era morador da fazenda tava dando aula. Mas pela fazenda mesmo, a fazenda era que pagava pra ele dar aula pra gente. Eu estava aprendendo as primeiras letras. Bê - a - bá, a e i o u, aí eu estava estudando, o que que aconteceu? Aí, eu estudando lá nessa fazenda onde a gente morava, o homem pegou, o professor falou pro patrão, falou pro siô Alcindo que ele estava observando que a irmã da cozinheira dele, que sou eu, Divina, estava estudando mais já fazia quinze dias que não sentava. Só estudava em pé, E a mamãe botava vestido comprido na gente, ninguém estava vendo nada. Aí falou: Eu tenho que verificar o que é que essa menina tem, eu mando ela sentar ela tá estudando em pé! Aí siô Alcindo falou pra Maria Cândida, essa que quis botar meu nome de Divina. Siô Alcindo falou: "Você verifica porque o professor falou que sua irmã Divina está estudando em pé, já tem quinze dias não senta de jeito nenhum!" Aí a minha irmã pegou... Aí Maria Cândida perguntou se ele dava folga pra ela, deu folga, ela foi em casa, porque ela toda vida teve muito carinho comigo, ela que me vestia quando eu era pequenininha, botava vestido, botava calçado, botava calcinha... tudo quanto é modelinho de vestido ela fazia prá mim. Então ela pegou, me levou no quarto e levantou meu vestidão comprido... que minha mãe tava botando comprido mesmo prá tampar o que ela fez. Minha perna estava toda em carne viva, perna, nádegas, as costas, minha mãe bateu mesmo prá arreentar, porque eu tinha perdido um carretel de linha! Mas eu não culpo ela não, tadinha.



Que a mãe era boa... mas devido ao que meu pai judiou muito da minha mãe, era o que ela contava... Judiava porque meu pai namorava outras mulheres. Porque minha mãe era filha de fazendeiro, mulher rica, lá eles não dizem rica, mas que tinha muitos meeiros, sabe o que é meeiros? Um homem que tem muita terra, aí as pessoas vai lá e trabalha pra ele. Aí vai, se ele colhe dez sacos de feijão, cinco é de quem plantou, do meeiro, e cinco é do patrão. Então meu avô tinha muitos meeiros, tinha pra mais de quinze meeiros.



Meu pai botou tudo fora. Vendeu as terras da minha mãe, até hoje eu tenho o papel guardado, minha mãe mesmo assim ó.. Só que minha mãe... meu pai era muito agressivo dentro de casa. Que Deus tenha ele em bom lugar, ele já morreu! Ele gritava... Bater eu nunca vi ele bater nela. Só uma vez que ela bateu muito em mim, aí eu tava chorando, aí ele chegou e pegou um machado pra matar a minha mãe. Saiu correndo atrás da minha mãe, minha mãe pulou a janela, ele ia pular, eu fiquei em pé na janela, as janelas da roça é baixa, aí deu tempo de a minha mãe correr. Aí eu falei pra ele não fizesse aquilo. Foi por causa do pau que ela bateu em mim. Por causa do retrós.



Mas foi só essa vez. Nunca presenciei ele assim bater na minha mãe não. Ele tava nervoso porque ele viu eu toda machucada. Minha mãe bateu muito, machucou. "Você podia ter matado a menina, vou te matar também." Porque depois eles não brigaram, não discutiram.



Meu pai nunca bateu num filho, nunca gritou. Ele era bonzinho, mas minha mãe era muito nervosa, acho que era devido a vida que ela levava, depois de ter perdido tudo, casou com meu pai, meu pai vivia de fazenda em fazenda, endividava, a minha mãe ganhava filho ele dava pra batizar, aí o homem perdoava a dívida, mas depois começava a falar, aí meu pai mudava pra outra ...e assim foi indo...



Eu sei que lá, no siô Alcindo a gente plantava, sei que lá a gente colhia tudo. Plantava muito jiló, muito chuchu, tinha fava de muitas qualidades. Mamãe passeava na casa de uma colega, via aquelas favas diferentes, que tem fava galinha, rabo de galo, um punhado de nome de fava que agora eu até me esqueço, mãe trazia e plantava. Mas tinha várias qualidades. A gente não plantava feijão não, era fava que a gente comia. A gente plantava em casa. Mãe pegava aquelas oito sementinhas ...Nossa, aquilo lastrava lá em casa, fazia aquela festa. Plantava muito quiabo.



Uma vez eu e meu irmão que até já morreu, o Raimundo, a gente plantou foi cana, cana... Colhemos três carros de boi de cana! Fizemos uma festa! Só nós dois.



Muito milho verde lá em casa, milho de pipoca... Antes de eu sonhar... de vocês às vezes até imaginar milho de pipoca, lá no interior a gente já plantava milho de pipoca. Quando queria ia lá. Aquilo ficava na fumaça, em cima do fogão de lenha. A gente catava, debuiava, jogava na panela, dava muito piruá. Piruá é aquele milho que não abre. Mas a maioria abria.



Ah, eu lembro que, Siô Chico Duro, ele era um homem muito diferente, estranho, altão, e ele tinha os dedos torcidos, tanto dos pés quanto das mãos, mas mesmo com aquela dificuldade ele andava por aí e ia nas casas. Mas todo mundo tinha muito medo dele. Porque lá na minha terra eles fala muito de lobisomem. Então... eu não sei. Minha irmã está viva e ela pode comprovar isso. Então minha irmã Regina é muito abusada! A que mora no Rio. Então todo mundo falava que na Quaresma anda lobisomem. Então ela falava que não tinha medo de lobisomem... então siô Chico Duro falou, ele foi lá em casa e falou: "Regina, então você vai ver o lobisomem". E lá em casa a gente sempre deixava o tacho grande debaixo da bica, batendo a água porque de noite a gente recolhe, porque se alguém de noite precisar da água, tá lá dentro do tacho.

Eu sei que numa noite, naquela noite que ele falou que ia ver o lobisomem, botou o tacho pra encher e a gente foi lá pegar o tacho. Anoiecendo, assim, nem tava dando pra enxergar direito, também não estava muito escuro, também não estava muito claro. Aí a minha irmã, sempre tudo ela me chamava, essa minha irmã, que é mais nova que a Maria Cândida, dois anos. Aí ela falou vamos Divina, pegar o tacho d'água, vamos comigo... Quando a gente chegou na porta, que ia descer, porque a bica era perto, quando a gente olhou, ela disse: "Olha lá o que está ali!" Aí tava aquele bruto daquele bicho pretão bebendo água lá no tacho. Eu com aquele medo! Ai de repente a gente...A nossa casa era assim e aqui era logo o curral, de tirar leite das vacas...Mas aqui tinha a cerca. Mas o bicho saiu daqui, aquele bicho cabeludo, passou por debaixo da cerca do curral, passou com dificuldade, ainda riu assim: re, re, re, re... E nos entramos pra dentro correndo e gritamos: "Mãe, lobisomem, lobisomem..." ...No outro dia de noite o homem foi lá em casa. Falar pra madrinha Regina: "E aí? Você é muito corajosa, muito machona, e aí? Você viu o lobisomem ou não viu?... Ontem, quando você foi pegar o tacho, que você abriu a porta da cozinha, você não viu o bichão lá, bebendo água lá dentro daquele tacho? Aquilo lá era eu!"



Minha mãe sempre assim. Domingo, ela pegava o anzol e ia pescar. Então lá a gente catava muito peixe, limpava os peixes, ia passando o arame no olho dos peixes assim, que ficava mais firme pra pendurar assim na fumaça. Então, numa dessas pescaria, eu e minha mãe pescando lá na ponte Brasil lá na fazenda, escutamos um barulhão de gente andando em cima da ponte, ponte de madeira, aquele, tropel, passos fortes. A gente olhou assim, apareceu o seu José que era o coveiro. Aí, minha mãe... Mas antes, a gente estava escutando falar em Regina, como minha irmã chama Regina " Eu falei que a Regina não tinha juízo... que a Regina tinha que arrumar um trabalho, tomar vergonha na cara..." que ele estava muito sentido... que ela contraiu dívida e não tinha falado com ele, e que onde ele estava, ele estava sem sossego. A minha mãe como tem filha Regina, olhou... é o siô José Coveiro! Aí ela olhou assim... Ele pegou falou..." A senhora vai tomar conta da minha filha." "Eu não tô nem agüentando com os meus filhos, como é que eu vou tomar conta dos seus?" Nessa época mamãe tava com os 8 filhos, ainda tudo pequeno." Que é isso, como é que eu vou cuidar? Não tô agüentando nem cuidar dos meus!.." " Não, porque eu morri e sem eu saber Regina fez dívida com siô Alcindo, e agora onde que eu tô eu tô sem sossego... Que ela pegou..." Naquela época, ele falou a quantidade de dinheiro, era a quantia certinha. Ninguém sabia que ela tava devendo, porque lá, dívida com patrão é só entre patrão e empregado.. Ele falou:" A senhora vai tomar conta dela! " A única coisa que aconteceu é que eu vi ele com um guarda chuva preto, dependurado no braço. Minha mãe já viu ele com ele aberto. Conversou sobre isso, depois, minha mãe: "Engraçado, falaram que o siô, morreu! Eu soube notícia que o siô morreu." Ele disse: "Realmente, eu não sou desse mundo. E a senhora toma conta da Regina, que escondido de mim ela pegou um dinheiro com o siô Alcindo, e eu agora não vou descansar em paz." Mamãe falou: "Vai, descanse em paz, que eu não vou tomar conta de sua filha não!"

Aí a gente subiu, minha mãe pegou, passou lá na fazenda onde a minha irmã era cozinheira e falou assim: "Ô siô Alcindo, pois é, aquele seu Zé Coveiro, morreu ou não morreu?" Seu Alcindo falou assim: " Morreu". Mamãe falou assim: "Pois é, eu tava pescando lá, mais a Divina, escutei aqueles passos fortes em cima da ponte, aí eu olhei, era ele querendo que eu tomasse conta lá da filha dele." Aí o dono da fazenda começou a rir, achando que a minha mãe estava doida. Aí minha mãe chamou: "Chama a Divina. Chama a Divina! Que ela também viu o homem." Aí ele me chamou eu disse : "Foi sim, siô Zé Coveiro falou pra mamãe tomar conta da Regina, prá ela trabalhar pro senhor" ." Trabalhar?" " É, ele disse pra nós lá..." "Fala, minha filha!" "Que a Regina pegou dinheiro do senhor escondido... Que a minha mãe tome conta dela, pra ela trabalhar pro senhor e o senhor não pagar o mês dela de trabalho, pra ir descontando no salário dela que ele não tá lá em paz" Não sei, mil réis, vinte mil réis. E que " ele não tava sossegado, não tava descansando não, porque ele não sabia que a Regina tinha pegado esse dinheiro, e ele morreu de

repente sem saber que ela estava devendo ao senhor, e ele quer que a mamãe toma conta dela prá ela trabalhar com o senhor e o senhor não pagar o mês dela de trabalho prá ir descontando no salário dela o que ela pegou escondido, que ele não está lá em paz, não". Aí o Siô Alcindo acreditou. Ele falou: "Ué ...". Aí ele afastou, encarou a gente e falou: "Ué, então realmente vocês viram, porque isso aí nunca foi falado prá ninguém. Isso foi uma dívida... Ela pegou aqui, e não deu tempo prá eu falar com ele, ele morreu de repente". De enfarto. Na roça, eles morrem de repente... Foi que ele acreditou em nós. Aí você pode perguntar pra todo mundo da minha família, que todo mundo sabe disso.



São coisas da minha infância que eu lembro, assim... Lá tem as pedras das caveira... Diz que é do tempo dos escravos, que eles levava as pessoas lá prá morrer lá dentro. Você entra lá dentro da caverna e escuta uns gemidos... E tem uma loca assim que prá você passar, não dá prá passar de frente, só de perfil... e diz que muita gente que passou lá prá ver o outro salão, que tem mais lamúria, não voltaram! Diz que bota a mão assim, pedindo prá sair, e aqueles ...sei lá... aquela lamúria, aqueles antepassados não deixa a pessoa voltar. Dá aquele grito, a pessoa pede prá sair e ninguém consegue tirar. Aconteceu com muitas pessoas lá isso.

Parece que é mentira, não parece? Tá lá, a pedra tá lá! Os esqueletos é sentadinho assim ó, aquelas pessoas. Eles levavam aqueles escravos lá prá dentro e morria de fome e sede. Aí sentava com aquela fome, aquela sede, e morria, ficava aqueles trocinhos assim, ó. Os montinho de osso. Se notava porque ficava encaixadinho, o esqueletinho da bunda assim. Então eu entrei muito lá. Entrei no primeiro salão, que tem uma porta assim, que nem precisava entrar muito, da porta mesmo já se via.



Ah aí depois, quando eu cresci mais e fui estudar... Porque primeiro eu estudei lá com o siô Carlinhos, lá na fazenda. Depois que eu aprendi ler e escrever, aí fui estudar a primeira série mesmo, forte, fazer primeira, segunda, terceira e quarta, aí é que eu andava essa distância, cinco quilômetros.



Lá eu ia de tamanco... Aí meu tamanco rebentou e eu fui pra pregar o tamanco. Pra voltar pra casa, pra não voltar descalça. Aí tinha lá um rapaz escurinho. Ajudante de sapateiro. Bati o olho nele e a gente começou a se gostar. Só que a gente nunca chegava perto, dava a mão pro outro, a gente namorava só de olhar. Nessa época eu estava com doze anos.

Eu acho que eu estava com dez anos. Ele com dezoito. Ele veio pra Barra Mansa. E eu falei, pronto, nunca mais!



E aí depois, não sei como, meu irmão mais velho... Meu irmão veio, trabalhou em Barra Mansa, ganhou dinheiro, aí alugou uma casa boa ... e foi chamando a família toda pra vir morar em Barra Mansa. Aí veio meu pai, minha mãe, todo mundo!



Na vinda de lá pra cá, o que a gente trouxe: angu doce, um saco de laranja, e um bule cheio de café. Vindo, nós viemos de trem, a gente nunca tinha andado de trem, aquele foi o passeio melhor que eu nunca esqueço. Aquela maria-fumaça fazendo piuuuuuuuuuu, a gente andando de trem o dia inteiro. A noite inteira. Saímos de lá cedinho, prá chegar em Barra Mansa onze horas da noite. Aí já tinha gente esperando nós, a gente não sabia andar na cidade grande. A gente tinha tanta coisa lá nessa fazenda que a gente morava, essa, do siô Alcindo, que minha mãe, minha irmã era cozinheira da fazenda, minha mãe era lavadeira, então porque era lavadeira, eles deram uma bacia grande pra minha mãe, uma baciona grande assim. Tudo que a gente tinha de valor foi posto dentro daquela bacia e o cobertor...

Assim, panela de ferro, umas quatro panelas de ferro e aqueles garfos de passar cinza pra arear, uns dois lençóis. Tudo que a gente tinha de valor veio dentro daquela bacia. Aí pegou o cobertor e marrou assim embaixo. Tudo que nós tínhamos de valor veio ali dentro, era a nossa bagagem.



Aí nós chegamos em Barra Mansa, meu irmão pegou a idade de servir o exército, aí lá conversou, conheceu um cabo de exército e perguntou: " De onde você veio?" " Fazenda Santa Terezinha..." ... " Ah, nós somos conterrâneos. Vamos na minha casa." Aí esse cabo foi com meu irmão que era soldado recém chegado no Exército... Quem era? O escurinho que eu tinha visto lá! Aí a gente namorou. Namorou assim sem nunca beijar, sem nunca abraçar. Namorava assim, a gente sentava na mesa... A gente namorava se tocando por debaixo da mesa, o pé, a ponta dos pés, escondido da mãe, de todo mundo. A gente se encostava assim as pontas de dedo, do pé.



Mas aí a minha mãe não deixou eu namorar ele, que eles tinham horror à polícia, que polícia era gente ruim, sanguinário. Aí me bateram, não deixaram eu namorar ele, eu já estava com 14 anos, 15, não deixaram. Mas mesmo, escondido, assim eu namorei ele!



Aí eu fui trabalhar de empregada doméstica pra mim poder lá no meu trabalho, ver ele, encontrar com ele... Aí a gente começou a namorar, mas sem beijar, sem abraçar sem nada. A gente só ficava perto conversando, eu em frente ele, mas não chegava perto não. Aí foi até que depois eu mudei. Essa patroa minha, o marido dela morreu, ela foi prá Valença. Aí eu chorei chorei chorei pra minha mãe pedi pedi pedi pra ela falar com a minha mãe e me levar pra Valença. Aí esse moço que eu paquerava, comprou uma moto__ naquela época, anos 60, ou 61!...62. Comprou uma moto e ia em Valença me ver.



Mas ai mamãe me entregou pra essa senhora tomar conta como se fosse filha, daí a gente namorava assim na varanda da casa dessa patroa minha, viúva... e lá foi que aconteceu o primeiro beijo que eu tive na minha vida. Com esse rapaz, esse escurinho. Foi no dia 9 de junho de 62. Eu lembro. Nossa Senhora, me deu uma caloria danada, eu fiquei tão nervosa que eu falei obrigada pra ele, obrigada.



Aí namorei ele sete anos. Só beijo, aí começou a me abraçar, aí um dia eu tinha um anel que eu ganhei lá em Valença, que a minha patroa me deu. É aquele anelzinho preto, de chifre, com uma plaquinha de ouro. Aí um dia ele me pediu: Me empresta esse anel? E mandou fazer um par de alianças.

Mas minha mãe não deixava não. Eu tenho esse ouvido, o tímpano perfurado, de um soco que meu irmão me deu quando meu irmão mais velho Hildo soube que eu estava assim paquerando ele, namorando ele, me deu um soco que sangrou assim correu sangue. Eles me batendo, mas mesmo assim eu fiquei noiva por minha conta, tinha dezoito anos.



Eles não queriam porque ele era militar, militar era coisa ruim, não tratava bem a mulher. Policial era homem de muitas mulheres, por isso é que eles não queriam... Cheguei em casa com a aliança, minha mãe olhou falou assim: " Que é isso?" " Minha aliança." "Aí... mistura com esse negócio de militar, já está ficando sem vergonha igual ele mesmo!" Mas aí me bateu, me bateu, continuei namorando, continuei.



Mas aí, tava fazendo meu enxoval, aos trancos e barrancos, e ele estava fazendo curso pra sargento. A gente estava com casamento marcado, aí eu vi o Roberto.

A irmã do Roberto foi morar, foi ser inquilina da minha irmã. Eu fui visitar minha irmã, lá de cima eu olhei e vi. O que é meu marido hoje, o Roberto, de costas. Aí eu brinquei com a minha irmã: "Nossa, mas tem um morenãõ tão bonito ali embaixo!" Aí minha irmã disse: "Olha, cuidado que é casado, essa minha inquilina aí tem um punhado de irmãos." " Se não for casado eu caso com ele." " Como, se você está noiva, de casamento marcado?"



Mas ninguém fazia gosto de eu casar com ele, ninguém lá em casa. Aí eu brinquei assim. Mas nisso, eu fazia barulho, e esse homem, o Roberto, não olhava pra cima. Aí eu fiz psiu e me escondi. Aí eu dei um tempo, quando eu voltei pra olhar, ele estava com as mãos nas cadeiras: "Bonito, heim?" Eu corri, aí ele entrou lá dentro e falou pra irmã dele que tinha uma moça morena de cabelão que tinha feito psiu. Aí a irmã dele disse : "Ó, não mexe com essa gente não... ela é noiva. Não mexe com essa gente não que ela é noiva de um sargento"

Aí ele mandou a empregada dela falar pra mim ... Eu com medo do noivo, do sargento, casamento marcado, já estava correndo os papéis, falei: " Fala com ele que eu sou noiva e vou casar." Ela falou, uma duas três, aí ele disse que se eu não descesse a escadaria ele ia falar comigo lá em cima, aí, eu com medo da minha família desci a escadaria ele já estava lá no pé da escada me esperando, mas a porta já estava fechada. Quando eu abri ele já estava lá, segurou nas minhas mãos, ele, Roberto, coisa que meu noivo não fazia comigo. Eu disse: " Eu sou noiva", ele disse "Não é nada, você não ama seu noivo, se você amasse não teria feito psiu pra mim". Aí eu comecei a tremer e ele disse: " Eu vou casar com você e você vai me dar um filho e esse filho vai se chamar Wallace." Hoje eu tenho o Wallace, casado, que mora aqui do meu lado.



Aí quando meu noivo veio na semana seguinte, eu terminei com ele, sete anos de namoro. Terminei o noivado e ele disse que se soubesse que tinha sido por causa de outro ia me matar. Mas eu terminei, eu não sei, eu não quis, eu não quis, e minha família gostou, porque eles faziam tudo pra eu terminar com ele eu não terminava. Eles me deram o maior apoio, aí eu terminei, acho que com seis meses de namoro eu fiquei noiva e mais com oito eu casei. Mas eu casei com o Roberto porque não tinha acontecido nada com o outro. Porque na minha terra é assim, se acontecer alguma coisa com aquele homem, ele sai falando tudo.



Só que ele era um homem chique, só chegava lá em casa de taxi, Nossa Senhora, um luxo só! Ele me presenteava! Eu trabalhava nas casas dos outros, eu ganhava vinte...reais? Não sei qual era o

dinheiro daquele tempo... Ele me dava 40 para eu ficar dentro de casa, não trabalhar na casa dos outros, então foi muito difícil para meu pai e minha mãe aceitar aquilo.



Ele me conheceu minha unha era toda preta de... fogão, carvão. Porque eu casei com 22 anos sem na casa dos meus pais ter um fogão a gaz. Só tinha um copo pras pessoas tomarem água... Eu trabalhava de doméstica, mas eu fui trabalhar mais prá ter liberdade de encontrar com o outro. Eu tomava conta desse sítio, quando eu conheci o Roberto.

E depois, com um mês de namoro ele mandou entregar uma máquina lá em casa, porque eu costurava na máquina da minha mãe, de mão, eu costurava fazendo roupa para os outros... Ele me dava 40 reais para eu arrumar a unha, arrumar o cabelo, eu tinha o cabelo muito liso, compridão, na cintura. E a mamãe não aceitava isso, de jeito nenhum, ganhar o dobro do que ganhava na casa dos outros prá ficar dentro de casa? ... Até hoje, ele não gosta que eu fique com o cabelo sem pintar, que eu fique com a perna cabeluda, ele me cobra isso, gosta que eu ande arrumada e tudo... Ele era um homem chique, e as minhas colegas viam aquele homem... A minha casa era a última... lá do morro, então ele ia passando, que as vezes, ele descia do taxi e acabava de chegar a pé prá fazer surpresa para mim, prá não escutar o barulho do carro. Ele chegando, aí ele ficava chamando atenção das colegas minhas, depois ele falava mesmo, elas ficavam chamando, que bobeira era aquela, porque ele não ficava ali?



Eu sei que o meu casamento foi três dias de festa, mas quem fez a festa foi ele! Fez festa na véspera, no dia, que era o sábado, e no domingo, com as coisas que sobraram.



Ele me dá tudo que eu quero... Graças a Deus, depois de casada, nunca precisei trabalhar... Se eu falar agora que eu quero... Roberto, eu não quero esse sofá, não quero aquilo, joga isso fora... Quero aquele. Ele vai lá e busca. Se eu peço 50 ele me dá 100. Só que se tiver que explodir, seja na frente de quem for, ele vai lá e explode mesmo... Só que, agora ele melhorou, 34 anos de casado, melhorou mais um pouco, mas ele teve muito assim... me prendeu muito, não deixou eu voltar a estudar, que eu só tenho quarta série... Não deixou eu trabalhar, porque eu costurava prá fora, mas ele não me deixou costurar...

Eu tinha o corpo todo roxo, não era de pancada não, era de angústia, melancolia. Ficava roxa! ... Nessa época eu estava já fazendo tratamento de nervos, tomando... Ah, um calmante que eu esqueci o nome... Quando eu comecei a fazer tratamento, sei lá, eu sentia que eu estava com os dentes assim grandes. Eu olhava no espelho e via eu assim transformada, parece cara de bruxa. Acho que

memória fraca, eu via meus dentes grandes, o cabelo arrepiar todo. Aí comecei a queimar as panelas, não falar coisa com coisa...Aí eu comecei a fazer tratamento lá... Comecei a fazer tratamento um ano e pouco. E eu fiquei pesando uns 40 kg. Magrinha, magrinha, magrinha. Aí, depois de um ano e pouco ele falou que eu não tinha problema não. Fez todo tipo de exame, indagação, pergunta... Ele disse: " Eu não vejo problema nenhum na senhora, não" .



Não é Gardenal, não, um outro, mais fraco... Lexotam o nome. Eu tomei o Lexotam com um tanto assim de álcool. Botei dez comprimidos com um tanto assim de álcool e bebi. Aí eu fui pra o hospital, não vi mais nada, só soube quem eu era daí a uns dois dias.



Porque eu tinha medo, toda vida tive muito medo. Só acabou o medo agora que eu entrei pro teatro! Num tenho mais medo.



Depois que eu entrei para o teatro nem dou bola... Porque toda vida ... Prá eu sair de casa eu tinha que uns quinze dias antes ir, em banho - maria, em banho - maria, prá poder sair... Deus me livre se eu, há uns quatro anos atrás, se eu ia fazer isso. Jamais! Agora não. Quando eu tenho que sair... Agora não, eu to aqui tranqüila, amanhã, não tenho hora prá ir!



Agora eu vejo que não é nada disso. A gente tá lutando prum mundo de igualdade. A única coisa diferente é que homem, tem pirú e eu tenho uma perereca no meio da perna, mas dizer que é mais do que eu não é não.



Mas criei minha filha falando prá ela... Eu dizia, minha filha , seja feliz ...



Therezinha

Bem, o que a minha mãe contava é que eu nasci num hospital no Rio, na Maternidade da Mãe Pobre. Com 10 dias eu vim pra casa, que eu fui morar em Barros Filho. De primeiro ficava uma porção de dias no hospital, pra sair. Depois ela pegou gravidez de outro garoto, meu irmão, esse que faleceu agora... Aí meu pai deixou ela, deixou quando ela estava esperando esse meu irmão. Aí deixou, quer dizer que ela teve ele, e ele com 10 dias de nascido, ela foi trabalhar na Pró Matre. Ela levava ele.

Porque de primeiro, na Pró Matre, tinha muitas pessoas boas. Tinha assim uma enfermeira chefe, era aquela mulher gordona, que quando ela entrava assim, no carro, o carro balançava... Tinha dentro da cozinha, que a minha mãe trabalhava na cozinha, uma chefona também lá dentro da cozinha... Ela não deixava que minha mãe, que a gente passasse falta de nada. Ela... Eu fui criada, assim, comendo muita coisa boa, e quando eu fui comer outras coisas eu estranhei. Era lata de bananada, lata de goiabada, aquelas caixas de manteiga, só coisa boa. Aí quando eu fui crescendo, eu ficava muito na Pró Matre.



Quando eu estava na escola, eu ficava na escola... Quando era tempo, assim, sábado e domingo, ou assim férias, eu ficava mais dentro do hospital do que na minha casa. Eu fui criada, praticamente dentro da Pró Matre. Ah, eu gostava! Era bem tratada ... Tinha muita gente lá... assim a gente começa a fazer amizade. E como eu morava lá... Eu dormia lá... Minha mãe todo dia vinha embora pra casa e eu ficava.



Fui criada com uma avó e um avô. Esse meu avô era muito assim... Como é que se diz ? Dasquelas pessoas antigas, gostava de bater... Então ele quando pegava a gente pra bater, ele batia com chicote, chicote que bate em cavalo, sabe? E a minha avó tinha muita coisa com o meu irmão, que ele era levado, danado... Então, às vezes, quando meu avô pegava a gente pra bater, ela dizia assim: "Não bate em Luizinho, não, bate em Therezinha..."

Que ela tinha coisa mais com ele... Que ele assim, pequeno, uma vez, nós brincando com álcool, ele se queimou todinho, ficou internado muitos anos ... Ela parece que tinha muita pena dele, aí falava sempre assim, defendia ele e mandava meu avô me bater.

Meu avô era ruim. Metia o couro mesmo, e era de chicote. A gente apanhava de chicote, eu e ele. Eu levava aquela vida... O melhor era só quando eu ia com a minha mãe pra Pro Matre. Quando não ia...



Barros Filho era praticamente roça. A gente quase que não via nada... Era uma casa bem distante uma da outra ... Só depois que eu casei que eu fui ter televisão, essas coisas. Não tinha televisão, não tinha rádio... a gente só escutava os outros falar, coisas assim, que tinha morrido Getúlio Vargas... Quando ele morreu eu ainda era bem nova, tinha 11, 12 anos... Mas eu não tinha assim grandes conhecimentos...



Aí, assim com uns 15 anos eu conheci o pai dos meus filhos, fiquei noiva, com 16 anos eu casei, com 17 tive a minha primeira filha, com 18 tive outro, aí fui tendo... Tive 8 filhos, cada ano tinha um ... Casei na Igreja, lá em São João de Miriti ... No começo foi bom... pra mim foi bem. Eu não tinha quase ninguém. Minha mãe trabalhava, eu ficava com a minha avó.



Aí ele era um homem assim... muito.... No começo, ele assim não esquentava muito, porque ele era muito... Como é que se diz ? Namorado... Então ele não tomava , assim, conta muito de mim. Porque ele era muito namorado...

No começo ele parecia que era outra coisa. Mas sabe como é uma pessoa iludida? ... Logo que eu casei gostava... No começo foi bom, até eu descobrir quem ele era. Que não chegava em casa cedo, ele largava do trabalho, em vez de vir pra casa ele não vinha... Você vê, ele largava quatro horas, meia noite ele não chegava... Isso aí é que... A gente ia levando a vida... Depois nós vivia junto por viver, por causa dos filhos, porque tinha muitos filhos... não porque gostasse mais.



A minha filha mais velha eu tive na Pro Matre. Eu estava tão acostumada na Pró Matre, que eu já estava dentro duma maternidade na Penha, já tinha feito o serviço todo, pra mim ter ela lá... Aí eu comecei a chorar e disse que lá eu não ficava. Aí eu fui pra Pro Matre, e a minha primeira... Aí o segundo, que era homem, eu tive ele dentro de casa. Porque o meu marido... Ele largava... do serviço, assim 4 horas da tarde... Aí ficava até 11, meia noite no meio da rua. Quando ele chegou meu filho já tinha nascido. Nasceu dentro de casa, meu avô foi o parteiro. A terceira filha foi a mesma coisa. Quando chegou a terceira filha, que foi uma filha que eu nem esperava de ter ela... Porque com 5 meses eu não sabia que estava grávida! Porque eu não tinha barriga! Tava muito magrinha. Aí foi quando eu fui a um médico ... Aí ele me examinou e disse que eu estava com 5 meses de gravidez. Aí eu não acreditei... Com 5 meses de gravidez, sem ter barriga! Ela nasceu com

4 quilos, dentro de casa. Porque meu marido nunca estava presente. Sempre no meio da rua, nas farras...



Eu morava em Barros Filho, era assim: pra gente pegar alguma coisa, uma ambulância... Porque de primeiro tinha que pegar ambulância ... Você tinha que pegar um ônibus... Era quase meia hora a pé, andando prá pegar um ônibus lá na ponte de Barros Filho. Ali você pegava um ônibus pra ir até Guadalupe pra pegar a ambulância ali. Meu avô já era velho, minha mãe estava sempre trabalhando. Aí eu sei que tive ela em casa, também. Ele nunca estava presente. E eu sei que todo ano eu tinha um filho, todo ano um filho, eu tive 8 filhos, cada ano um filho.



Ali mesmo em Barros Filho eu fiz matrícula dos meus filhos... Com muito sacrifício, porque meu marido não fazia questão que eles estudassem... Agora já tem mais facilidade, mas de primeiro, pra você conseguir escola... Pros meus filhos estudar eu vinha aquilo tudo a pé, atravessava a linha do trem e andava mais uns vinte minutos a pé.



Eu só estudei até a quarta do Primário. Eu gostava de ler... Antes não... que eu não tinha oportunidade de comprar livro... mas depois que eu casei eu começava a comprar muitos livros. Eu comprava, eu levava ...a Sara. Aí eu ia levar ela pra escola e tinha uma banca que trocava. Então assim, eu dava três ele me dava um.

Eu lia muito, mas assim escondido, porque perto dele... senão ele não deixava. Ou eu entrava dentro do banheiro , ficava lá lendo... Quando ele saía eu aproveitava. Ele ia num banco, ou ia na casa de um irmão, um parente assim... aí eu aproveitava pra ler. Sempre gostei de ler. E gosto muito.



Eu morei em Barros Filho durante vinte e oito anos... Assim, aonde nós morava, tinha um homem que dizia que era dono. Uma área imensa, vai até o Acari. Não era dono de nada !... Eu sei que quando o governo quis aquela área, levou a gente pra aqueles conjuntos, em Realengo.



Uma coisa que me marcou muito foi doença de criança. Quando meus filhos eram pequenos, eu tinha uma coisa com meus filhos que era fora de série...

Eu tinha um filho que era muito doente, ele tinha aquele negócio... desmaiava quando tinha febre... esse o segundo. A minha filha mais velha teve febre reumática.... Eu passei por um perrengue nessa época. Eu não tinha quem fizesse nada pra mim...e eu tinha as crianças todas pequenas, e ela tinha

essa febre reumática... tinha dores nas articulações todas, e a febre em cima. Isso aí é uma tristeza, Nossa Senhora, não gosto nem de lembrar. Tão magrinha, tão magrinha... Ela ficou internada uns vinte dias lá naquele puericultura que tem lá no Fundão... Todo dia eu ia visitar a Solange. Todo dia. E tinha que entrar. E a gente, quando chegava assim, na hora da visita é que dava aquela dor, que eles começam a chamar na porta. Assim: "Mãe de Fulano de Tal" aí não pode entrar porque a criança morreu.

Ela ficou dentro do isolamento, lá dentro. Mas eu entrava todo dia pra ver ela. Aí um dia eles não deixaram entrar, eu ... foi um desespero danado, eu fiquei rodando o hospital, até que uma enfermeira que eu conhecia, porque eu ia lá todo dia, chamou ela pra ela me olhar pela janela. Aí foi que eu fui embora.



Eu levava essas crianças toda, tudo pequenininho, levava tudo... Eu morava em Realengo, pra ir pra ilha do Fundão ficava bem longe, tinha que pegar dois ônibus, eu levava eles pra lá porque eu não tinha com quem deixar, levava todo mundo. Um dia que meu marido foi, foi até engraçado, dia de Cosme e Damião, eu deixei um dentro do ônibus. Desceu todo mundo e ele ficou. Porque quando eu ia sozinha, eu estava com aquele cuidado, porque era eu só, tinha que olhar. Mas aí tava ele, eu achava que ele tinha que olhar alguém também.



Isso marcou muito, a doença de criança ... Depois operou meu filho... Depois essa minha filha operou hérnia... Primeiro internou o garoto. Ele operou uma hérnia, operou fimose e um cordão que ele tinha por dentro. Era disso que ele tinha febre, depois ele nunca mais teve. Aí ele operou. Quando ele operou, ela andava sempre doente, sempre com umas dores. Aí levava, o médico falava assim: "Ela não tem nada" Aí quando eu levei ela ao médico que operou esse meu filho, ele botou ela em pé assim, elas estufaram, uma de um lado outra de outro. Ela tava com duas hérnias. Aí operou...



Eu ficava lá com ela, mas com um cuidado com os que tinham ficado em casa porque lá onde eu morava tinha poço. Eu ficava desesperada, aí vinha correndo, pra ver. Aí ia correndo pra lá pra ver o que estava no hospital... Ih, eu já passei muito perrengue... E tudo com sacrifício, porque não tinha coisa assim pra... como é que se diz, uma condução melhor pra ir, pra trazer... Tudo com sacrifício, né? Porque pra eu pegar um trem, de onde eu morava, andava uns quinze minutos. Aí pegava esse trem até Francisco de Sá. Lá eu saltava e ia a pé até o Francisco de Paula. Ia pra lá.

Aí ficava aquela noite, aquele dia, ficava preocupada com os que deixei em casa, aí vinha correndo em casa, aí corria outra vez pro hospital, era um desespero, também.



Aí depois, quando ele foi ficando mais velho... Porque quando eu falava com ele de ele ficar assim nas farras, brigava, ele sempre vinha com aquela resposta... "Ah, isso aqui não gasta não, a gente lava... está sempre em dia". Aí depois, quando ele ficou doente, aí viu que estava gasto... Aí ele passou a tomar conta de mim. Pra nenhum...



Eu morava ali em Realengo, era apartamento. Então ele saía levava a chave, botava grade na janela. Aí ele pintava o vidro por fora pra gente não olhar pra fora... Aí ele se escondia debaixo da cama, prá ver se a gente estava... Sei lá, não sei o que passava na cabeça dele.. Era meio doido, acho que era...



Ele era muito esquisito. Eu sei que ele era tão esquisito que eu tive problema. Problema de nervo, com ele. Eu fiquei, eu tive um negócio assim feito um... Eu tava em casa, foi logo depois que eu tive essa menina, a Selminha... que ela já é o que? A sexta? Não, ela já é a sétima. Eu fui na casa de uma vizinha... Quando cheguei lá, a gente estava conversando... Eu estava de resguardo dela... Me deu um negócio assim feito um choque, foi da cabeça ao coração. Aí eu fiquei com problema de nervos.

Eu não ficava em pé sozinha. Eu... Prá ficar em pé eu tinha que estar sempre escorada, ou num portal, ou numa parede...Que na minha idéia eu em pé eu ficava assim... balançando... Eu não sei se eu balançava mesmo ou se era na minha idéia.



Aí eu fui me tratar com um psiquiatra. Aí ele me deu um tipo de remédio que chegou a 180. Ele passava, começou com 60. Me deu 60 comprimidos. Aí não melhorava. Aí ele passou mais 60, deu 120. Aí depois ele deu mais 60, chegou a 180.



Aí ele me apertou. Ele falou assim: " Dona Therezinha, o que é que está havendo com a senhora, com é que é a sua vida...". Aí começa a perguntar, né? Aí quando eu disse pra ele, ele disse assim : "Olha, se a senhora tiver que dar alguma coisa, não precisa nem tomar remédio... Que se a senhora tiver que dar alguma coisa, tanto faz, tomando remédio ou sem tomar. A senhora tendo um marido desses... Será que seu marido ainda não percebeu? Assim ele não viu que o homem já foi a Lua,

que hoje existe televisão, que se passa isso..." Ele começou a falar uma porção de coisas... Aí eu disse pra ele: "Ih, doutor, ele está aí..." "Que eu ia num lugar, como é que chamava? Eu ia em Piedade, num médico lá... Acho que era na Universidade... Aí, quando eu saltava do trem, que eu ia de trem, que eu olhava, ele estava lá atrás do poste... Aí eu ia, ele ia me seguindo atrás, até o hospital, o Gama Filho. Aí ele ia. Eu falei assim: "Ele tá aí," ele tava escondido lá... Eu falei pro médico. Aí ele disse: "Então a senhora chama, que eu vou falar com ele." Aí o médico chamou, conversou com ele, mas ele não entendeu aquilo, ficou do mesmo jeito. Aí eu nem voltei mais lá. Eu falei, não vou nem mais lá. Nem voltei mais no médico. Fiquei até com vergonha. Ele era terrível.



Ele era terrível. Só não me batia, mas que era terrível ele era. Agredia de boca, ele ofendia muito, o que é até pior. Assim, quando ele estava aborrecido, não me deixava nem dormir. Ele sacudia a cama a noite todinha! Falando assim os outros nem acredita, pensa que é mentira. Menina, ele sacudia, ele balançava a cama a noite todinha, só prá eu não dormir, quando ele chegava aborrecido.



Eu era uma bocó! Sempre fui uma boba, eu tinha raiva até de mim! Porque eu tinha esses filhos todos aí eu tinha pena de largar eles... Aí eu ia agüentando.



Quando eu vim morar aqui, eu trabalhei nesse escritório daqui da Verolme. Assim na cozinha. Eu tinha uma cunhada que trabalhava lá dentro, ... aí ela arranjou um trabalho pra mim.



Menina, era um inferno!... Ele ficava atrás do poste tomando conta de mim, ele mandava um primo dele entrar lá dentro pra ver o quê que eu estava fazendo lá dentro...Era uma danação!... Quando eu pegava assim... hoje seis horas da manhã até seis da tarde, aí no outro dia ficava em casa, na folga... Ficava dois dias em casa e trabalhava um dia. Nesse tempo em que eu ficava em casa ele ia lá dizer pra mulher que eu não ia mais trabalhar, porque eu não tinha necessidade. Não tinha necessidade. Uma porção de filhos e não tinha um pingão de necessidade!



Eu fiquei com tanta vergonha que eu não voltei mais lá... Só trabalhei três meses, depois nem voltei porque eu fiquei com vergonha do que ele disse pra mulher lá. Ela ainda disse assim: " Dona Thereza, eu entendo essas coisas...Se a senhora quiser vir trabalhar, pode vir, que o seu lugar está aqui..."



Eu gostei muito de trabalhar... Parece que eu estava assim, liberta... Deus que me perdoe, acho que a gente não deve nem falar essas coisas, mas parece que foi uma libertação...



Ele dizia: "Quando eu me aposentar que eu receber um bom dinheiro, eu vou dar um chute no rabo de vocês todos." Ainda me lembro, ele recebeu, era uma nota de cem cruzeiros...era cruzeiro? Cento e poucos cruzeiros... Não sei o que houve com ele que ele recebeu isso...Eu até achava graça. Você ia embora? Mas não vai... Ele ia embora, ia pra casa da mãe dele, apanhava roupa toda, todinha, ia pra lá...Daqui a pouco ele trazia aquela roupa toda de volta... Ele era muito esquisito!



Eu não ia a canto nenhum, eu só vivia dentro de casa... Porque se eu fosse no banco, eu tinha que ir correndo... O dia que o banco estava cheio, quando eu chegava ele começava a achar ruim comigo, porque eu demorei... Tinha que chegar lá eu tinha logo que ser atendida. Ele ofendia, ofendia. ... Eu tinha um compadre, tá lá pra São Paulo, até aquele homem ele me dava... Me dava assim o irmão dele, tem um irmão dele mais novo... Mas eu contava prá mulher dele ! Eu contava tudo, porque depois ela podia saber por ele e até pensar que era verdade. Assim, colega dos meus filhos, ele dizia que eu ficava de coisa com os rapazes, que eu ficava olhando! Agora você vê, tudo uns garoto. Ele era uma coisa horrível!



Eu não podia ir em lugar nenhum. A minha mãe, quando teve derrame... Aí eu ficava lá com ela... Mas aí ele ia me apanhar. Aí eu tive que pegar a minha mãe e, sabendo que ia morrer e eu ia ter que levar o corpo de volta, eu trouxe aqui pra Angra, e daqui eu levei o corpo de volta catorze dias depois. A minha filha também esteve doente... A menor, quando ela teve o garoto... Ele foi me buscar.



Eu sei que esse meu marido aprontou muito comigo, muitas mesmo. Aí depois ele morreu, né? Eu fiquei no hospital com ele... Ele ficou de junho até ... praticamente até dezembro, e eu fiquei lá com ele. Um perigo, eu lá dentro, era o que as enfermeiras falavam. Porque a doença dele era de... era assim circulação. Mas tinha gente lá que tinha as pernas cheias de bicho, as pessoas, os médicos, as enfermeiras, as pessoas falavam pra gente tomar cuidado. Eu ia tomar banho, não era nem uma higiene direito...eu levava aquela porção de sacos plásticos. Botava a minha toalha molhada dentro de um saco, a roupa suja no outro...Um custo pra tomar um banho. Eu fiquei lá cinco meses

lá dentro com ele, porque um mês ele ficou lá sem fazer nada. Fiquei lá cinco meses com ele, depois trouxemos ele pra casa, depois ele faleceu assim... E eu fiquei aqui.



Ele morreu com sessenta e quatro, faz cinco anos. Fiquei casada quarenta anos. Assim feito uma Amélia, e bem sofrida!



E hoje em dia eu não quero ninguém, ninguém mais! No outro dia tavam falando: " Ah, Thereza, você ainda é nova!" Que nova nada, tá muito bom. E agora eu vou pra onde eu quero, faço o que eu quero! Se eu tivesse ele, eu tava aqui agora? Nem no teatro eu num estava agora. Em lugar nenhum.



Minha vida mudou mesmo com a ida pra Igreja e pro teatro. Que aí eu comecei... É até engraçado. Que uma vizinha minha me convidou pra ir pro Clube de Mães." É na quarta-feira, lá é bom, vai lá, Therezinha , que lá ensina a fazer isso, fazer aquilo..." Aí eu fui e não saí mais. De lá eu fui pra esse encontro diocesano que tem em Mangaratiba, foi quando eu conheci você, você talvez nem lembra disso... De lá eu fui pro teatro. Aí, o tal dia de fazer a máscara, o espantalho, eu estava lá... Aí eu fui lá, e fiquei.



Ah, você sabe que eu sou ministra da eucaristia. Eu tenho vergonha... O dia que é pra mim, como vai ser amanhã, que eu tenho que estar lá no altar, eu não me sinto assim, com segurança... Eu não sinto, até hoje... Mas no teatro, pode estar lá quem for, eu me sinto segura no teatro. Pode ser até que a gente não faz tudo certinho, mas eu me sinto segura. Pode estar quem for. Como estava naquele dia que nós apresentamos lá... ali no Balneário... uma coisa do Dia do Meio Ambiente... Tava lá a mulher do seu prefeito, tava lá a Lia, a vereadora, tava lá não sei quantos deputados, gente granfina! Não era nem comigo! Eles não são melhores do que eu... Não esquento com isso não. E eu digo, se eu hoje sou Thereza, eu agradeço ao teatro.



Eu não falava com as pessoas, eu não conversava. Eu não conhecia as pessoas, você vê, tantos anos que eu morava aqui e eu não conhecia ninguém... Eu hoje sou ministra da eucaristia, sou legionária, sou da Pastoral, ajudo muita coisa na Igreja. Tem gente da Igreja que hoje me diz que me conhecia mas não falava porque tinha raiva de mim. Eu tinha uma cara tão amarrada...



Ele saía, e pra não deixar elas sair nem eu sair, ele levava a chave. E pra gente não ficar conversando com ninguém ele pregava as janelas. Era aquelas janelas de correr... Ele pregava as janela, e tinha grade. Ele pregava as janelas e pintava o vidro por fora, pra gente não poder ficar olhando. Por fora, ele pintava pelo lado de fora.

Aí eu tinha umas vizinhas, lá, umas muito boas, eu até gostava muito delas, uma chamada Jorgélia, ela dizia: "Olha Dona Thereza, a senhora não pode ficar trancada aí com essas crianças, não. E se uma criança passa mal? A gente vai lá na delegacia dar parte, e a polícia ainda vai ficar aí, esperar quando ele chegar..." "Ah, deixa aí..." Eu deixava, eu era uma bocó. Aceitava. O culpado sempre é a mulher, que aceita as coisas. Hoje eu olho diferente.



Raimunda

O lugar onde eu nasci foi no Ceará nos meus documentos tem com Iguatú, o nome da cidadezinha. Iguatú eu não conheci. Porque meus pais se mudavam de um lugar pro outro, não tavam gostando iam pra outro lugar, então não me criei lá, nem sequer me criei no Ceará. Então... Mas a vida lá no Ceará, enquanto eu estava lá no Ceará, até meus dez anos, porque os onze anos eu já completei no Maranhão. Mas até meus 10 anos, pra mim aquilo era uma beleza onde eu me criei, até onde eu completei os dez anos. Era muito bom muito divertido, aquela cidadezinha humilde, e a gente sempre foi pobre, pobre mesmo. Só não era pobre de faltar o que comer, porque meu pai era muito trabalhador. Então dos meus 10 anos eu vim pro Maranhão, já completei 11 anos no Maranhão. Gostava muito também .



Só que dos meus 10 anos em diante eu comecei a trabalhar, de roça com meu pai e meu irmão mais velho. Todo serviço de plantação era eu meu pai e meu irmão mais velho.



Depois dos meus 11, 12 anos eu me juntei com uma turminha maranhense que sabia quebrar coco, é aquele coco babaçu. Eu me tacava por aqueles matos mais elas pra quebrar o coco pra ganhar dinheiro. A gente ia pra aquele mato, era uma mata mesmo, esquisita, era carrapato, cobra, tudo a gente via. A gente ia naquelas palmeiras, distante mesmo a gente via aqueles cachos caídos, e catava aqueles cocos, juntava, aqueles montes de coco. Nós era umas 4 ou 5 coleguinhas mocinhas. Lá a gente já ia com aquele machado. É muito esquisito...assim , tem gente que não conhece mesmo. A gente ia com aquele machado e um tiracolo feito de palha e um pauzinho desse tamanho pra gente tacar o coco no machado e quebrar, tirar aqueles caroços. Então, a gente juntava aquela porção, quando chegava em casa ia vender. Tinha um lugar certo pra gente vender. Pesava e via quanto dava e a gente recebia aquela merrequinha. Mas com aquilo a gente comprava uma roupa, comprava um calçado, e até ajudava em casa. Então era assim.



Sobre a vida de casa. Então eu passei minha infância nisso. De minha infância, adolescente, nesse serviço. Em casa era a comida mais da gente era aquele milho, sabe? A gente socava o milho. Só que pra nós não era socar, era pilar... Em casa era assim. Era aquela dificuldade , pilar aquele milho, o arroz, que fosse, tudo era mais difícil.



Minha mãe não me ensinou como era ou não era. Se não fosse uma colega minha, que já tinha até ficado solteira__ que lá , procurou homem, já viu, é solteira. Que solteira aqui é quando não casou ainda, pode já ter filho mas é solteira. Solteira lá era quando a moça perdia a virgindade. Dizia: A filha do fulano ficou solteira! Lá era assim . Então tinha uma colega minha que tinha ficado solteira, sabe, então ela me ensinou. Um dia nos estava num riacho assim tomando banho, e ela me perguntou se eu já sabia como era. Eu digo não, não sei. Nunca vi nem falar. Já tinha visto na minha mãe aquilo tudo. Não usava modess essas coisas. Aí ela me ensinou direitinho como era que aquilo aparecia, então aquilo, através dela que eu fiquei mais ou menos sabendo. Quando apareceu em mim já apareceu tarde, eu já tinha 15 anos, que eu acho que lá naquela época, era que as moças ficavam... Lá quando aparece a primeira menstruação: Olha a filha de fulano já é moça! É quando aparece a primeira menstruação.



Minha mãe teve 14 filhos, mas sempre... aqui acolá as coisas eram mais difíceis, morreram sete. 14 não, ela teve 15, morreram 7, ficamos 8. Graças a Deus, que eu sei, até hoje estamos todos vivos. Minha mãe era uma pessoa muito boa, muito legal, num era aquela mãe grosseira, sabe? Era uma mãe muito boa mesmo. Até mesmo depois que eu me casei e me separei do meu marido. Eu ia pra lá, Nossa! Era uma pessoa muito... Era minha amiga, minha amiga em tudo.



Eu namorei um rapaz mais de ano. Meu pai não queria nem pensar. Eu pensei até em fugir com esse rapaz, sabe? Então, eu fui passar uns tempos na casa de uma tia minha bem distante da casa dos meus pais. Aí minha mãe mandou uma carta pra mim, pra mim deixar aquele rapaz, que meu pai estava pra ficar maluco. Eu digo tá, vou deixar sim. Quando eu fui lá, terminei com ele. Ele ficou sem falar comigo, tudo bem... Eu deixei esse rapaz. Aí comecei namorar com outro. Minha mãe nunca brigou comigo por causa de namorado.

Um outro também que eu tava pensando que ia me casar com ele. Porque moça é assim. Quando chega aquela época, ela tem que casar mesmo. Então eu já estava com meus 17 a 18 anos, eu já estava namorando um, que ele achava ... A família dele era uma família assim, mais ou menos, só que ele era assim...moreno, sabe? Tinha desse cabelo um pouco ruim. Mas desse eu falei pra minha mãe. Se ele não quiser eu vou me casar escondido. Falei.

Pra minha mãe eu falava tudo o que eu queria, assim. Como amiga, e ela não falava nada assim de dizer não. Ou então ela falava: Não faz isso com seu pai, não. Essas coisas assim. Mas não era assim de brigar não. Nunca minha mãe andou de brigar comigo.



Tinha todo esse problema. Não podia andar com moça que já tivesse ficado solteira, como era naquele tempo, que se o povo falava dela podia falar de mim também, era essa coisa toda. Achei muito com quem ficar solteira também, não quis, porque eu sempre dizia, se eu ficar solteira, que era a maneira deles dizia de ficar com aquela pessoa, se eu ficasse solteira eu não ia querer mais me casar, e se eu não me casasse seria um desgosto muito horrível pro meu pai, que ele gostava muito de mim.



Uns ele queria, outros ele não queria. Se fosse bem moreno, mesmo que não fosse negro, ele não queria, que não era prá casar com aquele negro, que a família isso... Então era assim. Eu namorava, tinha deles que ele não queria, então quando ele não queria eu fazia o possível pra terminar logo com aquilo.

Tive outros namorados, uns que meu pai não suportava. Naquele tempo, sabe como é. Os pais era quem... Eles queriam que a gente namorasse só gente que eles achavam certo... e eles estava certo! As erradas era a gente mesmo, que as vezes namorava uma pessoa que não conhecia o jeito daquela pessoa. Depois que eu me casei foi que eu vim dar fé. Que a gente faz muita coisa, os pais brigam com a gente, e depois que a gente vai dar fé que se tivesse acontecido ...



Só que com esse era uma amizade mesmo forte que eu tinha com ele que eu passei um ano, mais de ano, namorando escondido. Só que era aquele namoro só de conversar. Beijar e abraçar, nem pensar. Nunca beijei um rapaz e nunca um rapaz me beijou, a não ser depois que eu me casei.

Aí num tempo que ele andou lá era tempo de um festejo lá na casa de meu pai, aí eu já comecei a namorar com ele, aí noivei, aí me casei e fui morar em São Luís.

Até casar, nunca beijei o meu noivo. Um tempo que nós fomos num festejo que foi eu, meu pai, minha mãe e ele, ele botou a mão na minha meu ombro, quando eu cheguei em casa meu pai brigou comigo.

Meu pai era um pernambucano véio daqueles que... Nossa.... Ele era de.. Não sei bem. De onde ele era mesmo não sei bem. Ele era branco meio louro. Ele era branco, não era branquelo. Quando eu cheguei ele disse Não gostei desse negócio de ficar agarrando, botando a mão no ombro. Eu ficava calada.



Não me lembro de meu pai me bater. Não lembro. Depois que eu me entendi mesmo, não lembro, nem meu pai nem minha mãe. Nunca fui pessoa de ficar apanhando assim.

Um tempo , eu comprei uma blusa, um pano, porque de pequena, de mocinha que eu gosto de costurar. Aí eu comprei um pano e fui lá pra casa de uma colega minha prá nos fazer. Então a gente fez aquela blusinha toda franzidinha aqui, com elástico ao redor ,um elásticozinho aqui, então era aquela coisinha fofo. Mas nossa, só porque era um pouquinho curtinha aqui, e as manguinhas era curtinha aqui, nossa, ele brigou, pegou essa blusa, ele brigou, brigou... Eu estava com uma irmã novinha na rede, ele pegou a blusa e jogou aquela blusa lá onde eu estava, que a única coisa que eu fiz, que se uma filha minha fizesse aquilo eu tinha dado uma surra, foi que eu peguei a blusa, por onde tinha costura eu rasguei toda. Rasguei toda, joguei lá em cima da cama. ... Mas eu nunca respondi ele em nada. Acho que por isso é que ele nunca me batia. Nunca fui de responder nada. ... Se eu não quisesse ouvir tudo, eu saía de casa. Pegava uma vasilha e ia buscar água, que a água nesse tempo era assim , da gente ir pegar naquelas beiras de riacho, essas coisas. Mas eu nunca respondi. Nunca respondi meu pai em nada.



Então eu me casei com esse. Mas já me casei com esse assim, quando ele foi falar prá ele que queria casar comigo meu pai falou: Olha eu tenho minhas filhas prá casar mesmo, mas os maranhenses, aqui no Maranhão diz que os homens, rapaz casa, com dois, três anos larga a mulher. Mas o que fizer isso com minha filha, aí casa comigo!



Aí me casei e vim morar em São Luís. Eu me casei no dia 10 de setembro, e do dia num lembro mais a data que a gente viajou prá São Luís. Só sei que foi 20 e poucos. Esses dias eu fiquei na casa do meu sogro. Aí era aquela coisa... Aí... Naquele tempo eu era aquela pessoa mais boba... Então a minha lua de mel foi na casa do meu sogro, sabe? E assim aquela boba no meio deles. Naquele tempo as coisas eram tudo meio diferentes, que esses negócios ah, vamos passar a lua de mel em lugar fulano...que se eu fosse como agora eu tinha ido logo prá São Luís, direto. Meu marido tinha casa lá e tudo.... Mais aí fiquei lá, a gente não ia viajar logo. Uns dias. Então isso era horrível pra mim. Uma coisa terrível.



Se eu sabia alguma coisa sobre relação, era minhas colegas que... Naquele tempo tinha muita moça mais assim... ativa, parece que não tinha vergonha de, casava... Aquelas minhas colegas que casaram primeiro, me contava tudo mais ou menos, como era, como não era. Elas contava mesmo, contava. Eu ficava assim pensando: Nossa, elas não tem nem vergonha de me contar que é desse jeito, e tal! ... Mas aí elas me contava, e eu agradeço por isso. Eu não agradecia naquele tempo porque eu era assim mesmo. Eu não era de estar conversando... Eu conversava com as minhas

colegas e tudo, mas nossa, depois eu ficava pensando: Graças a Deus que eu tinha as minhas colegas pra me explicar algumas coisas, porque as mães daquele tempo não era de explicar as coisas pras filhas. Então foi horrível, eu achava terrível, eu não tinha nem coragem de ficar olhando... pra cara do sujeito!



Eu que não sabia andar nada! Eu já sabia andar na cidade. Quando eu cheguei em São Luís com ele, ele me levou. Ele trabalhava no mercado. Ele me levou lá no mercado... Aí eu fiquei: ele saía pro serviço, eu ficava em casa sozinha, aí eu ia sozinha tentar conhecer, sabe? Eu ia. Só que eu ia por aquele lugar que ele tinha ensinado. Quando era outra vez eu tentava: Vou ver agora por aqui onde é que vai sair... Se eu não acertar eu volto pelo mesmo lugar. Fiz isso muitas vezes, até que eu fiquei mesmo conhecendo tudo.



Depois que eu me casei, passado uns tempos eu peguei um dinheiro do meu marido pra mim ir embora escondido dele. Eu sonhava muito com minha mãe, eu sentia falta, muita saudade dela. Meu marido viajava muito, assim comprando as coisas, ele era uma pessoa que gostava muito de vender, de comprar. Ele gostava muito de negociar.

Aí um dia teve uma festa lá, que uma mulher convidou a gente, pra ir, ele não queria que eu fosse. Mas eu digo: Eu vou. Eu ainda não tinha tido filho ainda. Eu digo, mas eu vou pra essa festa. Aí combinei com umas colegas, eu digo, ah, eu vou sim. Aí ele foi, se arrumou e foi. E disse que não era pra eu ir não. E minha sogra já morava, já estava lá em casa. Minha sogra, meu sogro, o irmão dele também.

Aí eu digo: Ele vai, porque que eu não vou? Eu vou sim! Me arrumei lá, aí fui esperar a vizinha. Aí quando a vizinha tava se arrumando pra sair ele chegou. Me viu arrumada: Vai prá onde? Vou pra festa. Mas você não vai não. Vou sim, você num foi? Fui e vou de novo. Então eu vou também. Eu sei que até que ele resolveu não ir. Porque se ele tivesse ido eu tinha ido também. Eu fiquei com muita raiva, porque ele não foi mais aí eu também não fui. Sabe como é? Aí começa aquele conversêzinho e a gente baixa o fogo.



Nesse dia eu peguei um dinheiro dele. Mas amanhã eu vou m'embora! Aí eu peguei o dinheiro prá eu ir m'embora. Eu tinha uma malinha, uma malinha assim, e trancava. Eu botei o dinheiro na malinha.

Ele perguntou: Cadê a chave da sua mala? Eu digo: Tá aqui. Ah, me dá. Prá que? Pra pegar um dinheiro que você guardou. Ah, não vou dar não. Aí foi aquela teima, e tal, e tal, até que eu fui

prá casa com ele, mas ele nem ia viajar naquele dia, era só prá pegar o dinheiro, pra mim não ir embora. Aí eu fiquei, fiquei, o tempo todo... Não era aquela briga feia. Era só falar alguma coisa. Nunca gostei assim de discutir não. Aí entreguei o dinheiro pra ele.



Quando eu tive minha primeira filha nasceu morta porque eu tinha muito medo de ir para o hospital. Eu tinha muita vontade de ter filho, mas as mulher me fazia muito medo, sabe? Que se fosse para o hospital eles fazia isso e aquilo. Assim, falava que elas maltratava a gente, que...Nossa... falava uma porção de coisa, que no hospital a pessoa era maltratada, que ficava gritando e gemendo lá e ninguém ia ligar pra isso ...e não sei o que... Aquilo me metia medo, porque eu tive... fiz um pré-natalzinho mas assim de igreja. Não tem? coisa de igreja, eles não fazem coisa assim tipo aqui fazem aquela irmandade, fazem as palestras, a gente ia prá lá e fazer alguma coisa, negócio de paninho, essas coisa. Mas não fazia ...

Não fui pro hospital com medo. Aí, resolvi ter em casa. Mas fiquei muito mal tratada mesmo. Passei cinco dias sem poder me levantar da cama. Foi com parteira, e burra. Aí a menina nasceu morta. Eu não sabia, era a primeira. Eu sozinha, não tinha a minha mãe pra me orientar ali porque minha mãe tava lá pros interior. Então sei que de tanto ela mandar, faz força, faz isso, faz aquilo, fica assim... Eu não agüentava ficar sentada, deitada também não. Mas tinha que ficar de algum jeito. Eu sei que de tanto eu fazer força antes da hora, aquilo matou a menina. Então nasceu morta a minha filha, a primeira.

Depois, com tempo, eu engravidei de novo. Aí eu digo, agora eu vou pro hospital... Pronto, depois, de 3 meses em diante, eu sempre ia. Elas media a barriga, e tudo, uma... quando já estava pertinho mesmo, uma falou: "Olha, quando você sentir dor, vem, que corre o risco de ser cesárea". Eu disse : "Tá." Aí pronto, eu perdi o medo. Porque nas consultas, em tudo, todas elas me tratavam super bem... Aí tudo bem, quando eu senti dor eu fui, e foi tudo bem. Foi cesárea mesmo. A menina tava com a cabeça pra cá. Aí foi cesárea.

Depois que eu tive a cesárea, eu digo: Tenha eu o tanto de filho que eu tiver, não tenho mais em casa. Aí toda vez eu ia fazer tratamento e ia ganhar no hospital...

Aí passado um tempo eu engravidei de novo. Nessa, eu tive seis, 6 filhos. Um homem só, e 5 mulheres. Eu criei só três, três mulheres. Nasceu morta a primeira, o menino que eu tive depois morreu com 1 ano e 1 mês. Deu aquela paralisia, deu muito forte, fiquei levando ele no médico... Morreu com um ano e 1 mês. Muito lindo...



Aí ficamos um tempão, aí ele tirou carteira de motorista e foi embora. Viajou dizendo que ia só passar um tempo lá de onde os pais dele, aí depois os pais dele morreu, e ele também não apareceu mais... Nesse tempo que ele foi embora a gente tava morando assim tipo caseiro, sabe? Ele era pedreiro também, aí foi trabalhar num casarão, assim num sítio...



O negócio de criar filha sem pai... é complicado porque nesse tempo, sinceramente, nesse tempo eu não tinha como criar minhas filhas sozinha, elas tinha que trabalhar, elas tinha que trabalhar em casa de família, do jeito que desse. E o serviço mais fácil pra elas, que era mocinha novinha, era trabalhar em casa de família. E ...sobre negócio de alimentação, a gente passava umas certas precisão, porque às vezes com os pais passam, imagine só com a mãe!



Mas nesse tempo, eu tinha uma patroa minha, eu ... muito boa, que a gente morou muito tempo num sítio dela, que a gente morava como caseiro, foi num tempo que o meu marido saiu de casa. Saiu dizendo que ia procurar emprego de motorista e não voltou mais. Então, essa mulher era muito boa pra mim, me dava roupa, calçado, remédio pras minhas filhas, se elas adoecessem, muito boa. Cansei de dizer, na maioria dos pontos ela é meu marido, minha mãe, meu pai, porque faz comigo o que minha mãe nunca fez, porque nunca morei perto da minha mãe. Então era lá uma pessoa muito boa.



Então depois eu comecei trabalhar, elas cresceram... cedo também já foram trabalhando, então foi assim que eu criei elas ... Então elas trabalhava e estudava, as patroa sempre tinha aquele cuidado de botar elas pra trabalhar e pra estudar. Porque quando a gente ia procurar o serviço, a gente sempre já falava no estudo ... Não tem nem uma filha minha formada, não tem mesmo, porque às vezes elas achava muito pesado o serviço de trabalhar e estudar. E então ficava muito puxado pra elas, então um tempo elas estudava, outro tempo elas não estudava, então eu sei que não tenho nenhuma formada.



Mas criei na educação que eu pude, nessa... de falar é isso, é desse jeito, é daquele, sempre ensinei direitinho, num ... Sempre falava pra elas, não é obrigado vocês fazer do jeito que eu faço, é obrigado vocês fazer do jeito que eu mando.

Porque eu, pelo meu jeito de me sentir mulher dona do meu nariz, eu fazia do jeito que eu queria, do jeito que dava pra mim, mas às vezes eu sabia que eu não tava fazendo muito certo .. Eu

sempre eduquei minhas filhas do jeito que eu soube, mesmo, e muita gente, por onde elas andava, muita gente achava as minhas filhas muito educadas pra serem criadas sem pai. Minhas filhas foram criadas sem pai. Elas, todas três foram criadas assim.



O que fez eu ir pro garimpo é que eu vivia numa vida assim muito pobre, melhor dizer, pobre, mesmo. Então meu irmão mais velho já tinha ido lá pro garimpo, lá pro Pará... Aí a segunda vez ele andou lá, em São Domingos, que é onde eu morava nesse tempo, então ele chegou lá e perguntou.: Raimunda, tu num quer ir pro Pará? Só que lá vai trabalhar no garimpo... Eu? Vou sim... Então se ajeita que pra nós ir... Eu já não tinha mesmo marido, ia pra onde eu queria... Aí fui com ele.

Quando chegou lá ele logo arranhou um serviço pra mim no garimpo, trabalhando de cozinha... Lá com aquele monte de homem, uma peãozada danada... Era fazer comida pros peão... Garimpeiro mesmo era os donos das máquinas. Então a turma que trabalhava com eles era peão... E eu levei minha neta, que eu criava ...a Andréa, fui eu e a Andréa, ela era assim de uns três anos, ela fez quatro anos lá. Prá onde eu ia era com ela ali do meu lado onde eu dormia ela dormia ali pertinho, não era muito difícil trabalhar com ela porque ela era uma menina pequena, mas aquela menina inteligente, me acompanhava pra onde eu ia ela ia também, precisava pegar uma água ela já tava comigo, a gente ia tomar banho naquelas grotas...



Depois quando eu já trabalhei no primeiro, no segundo garimpo, eu já até ia lá pro garimpo mesmo, lá onde tava aquela peãozada, aqueles ... Pegava aquelas batéias, que é uns pratos assim, e ia colher ouro, sabe? Colhi, colhi assim, a gente pegava a batéia ali onde eles tavam trabalhando naqueles barrancos, eles chamam barranco, cavacando aquilo, então eles tinham uns pratos grandes assim, parecendo de música, não tem uns pratos assim? Aí eu pegava um prato daqueles, naquelas beiras de garimpo, enchia aquilo, rodava, ele ali, ia botando água, quando a gente via, quando tinha ouro mesmo, tinha ouro ali no fundo da batéia, naquele prato. Nossa, brilhava! Aí a gente pegava, dava pro patrão queimar, que lá todo ouro que eles colhe eles queima, aí queimava e me dava... Eu sempre gostei mesmo de ouro...



Nessa época eu trabalhava na cozinha, aí, depois que eu fazia o almoço pra aqueles homens, aí eles almoçava, aí eu tava livre. Aí eu ia lá pra aquelas beiras d'água, aqueles riachos, aquelas grotas, aí eu ficava um tempão. Pra entreter, pra passar o tempo. Aí de tardezinha eu voltava, fazia a janta para eles... Não era assim direto trabalhando com ouro não, era por acaso, quando

me dava vontade assim eu ia, fazia aquele servicinho ali e colhia, às vezes não... Eu sei que eu passei um tempão nesses garimpo... Eu trabalhei em diversos, cozinhando com lenha, aquelas panelonas pretas, mas, nossa, nesse tempo eu trabalhava assim, era muito legal, muito legal mesmo.



Eu era muito forte, eu era mesmo ... Nesse tempo eu não me trocava por qualquer homem não! Que eu sempre fui forte, fui assim disposta. Agora eu canso de falar pras minhas filhas, pras minhas colegas que eu não tô mais de nada não. Mas de uns seis, uns oito anos pra trás, eu era prá tudo! Como no dizer da minha mãe, eu era prá tudo e ainda sobrava. Era um pau pra toda obra. Meu pai era muito forte, era um pernambucano muito forte mesmo... Então eu, muitas coisas mesmo, muita gente da minha família acha que eu puxei mesmo pro meu pai, inclusive assim na disposição. Eu sempre fui disposta. Agora eu acho que, agora já baixou...



Aí eu vinha no Maranhão, já com dinheiro, muito diferente do tempo que eu vivia lá.



Esse dente de ouro ainda é herança do garimpo, porque lá ...mesmo se eu não colhesse, lá o ouro era mais barato pra fazer essas coisas, é mais barato. Eu tinha o dinheiro nesse tempo pra fazer essas coisas, mas como eu colhi o ouro, aí eu mandei fazer nova dentadura e aí colocar ouro.



Foi muito boa experiência, que eu cheguei até a falar pra minha família, que se eu soubesse que lá eu ia viver tão bem, ia ser tão bom pra mim, eu teria buscado um meio de ir a mais tempo, sabe? Mas infelizmente, eu acho que eu fui já um pouquinho atrasada.



Porque do jeito que eu vivia com as minhas filhas, eu sempre tive vontade de ajudar, de poder fazer mais alguma coisa, e nesse tempo eu não podia... No tempo que eu fui pra lá? Nossa, eu nunca peguei em tanto dinheiro, ouro, tanto, sabe, por isso que eu achei muito bom. Lá era diferente, trabalhava, não me cansava do serviço que eu fazia, e tinha o meu dinheiro, toda semana eu tinha o meu dinheiro. Eu mais a neta, filha da minha filha mais velha.



A idéia de vir aqui, pra Angra, sempre tem mesmo o começo, a Adriana. A Adriana, a mais nova, ela trabalhava, ela morava lá numa casa há uns 8 anos ... E a sogra da irmã dela ia pra São Paulo. Aí ela foi lá em casa: Mãe, deixa eu ir com a Adalgiza lá pra São Paulo. Aí eu digo,

menina, que é que tu vai fazer em São Paulo? Ela mocinha nova... Aí eu sei que ela conversou, eu digo : Vai. Que ela disse "Mamãe não deixar eu vou assim mesmo", aí eu digo então vai. E era com a sogra da minha outra filha, eu digo: Ah, então vai.

Aí lá ela ficou lá uns tempos, lá em São Paulo, aí deu uns... Ficou pouco, também, veio parar aqui no Rio. Aí aqui no Rio, lá na rodoviária, procurou umas mulheres que trabalhava na rodoviária, em bar, em farmácia, eu sei que ela se entrosou assim com alguém graças à Deus, aí acolheram ela. Aí ela foi morar com uma moça que trabalhava numa farmácia. Aí essa moça arrumou um servicinho pra ela, lá no Rio. Aí só vendo falar em Angra dos Reis, ela disse: "Vou prá Angra". Aí veio prá cá. Era outra assim, largadinha do talo!



Aí chegou aqui, sempre essas coisas sempre na rodoviária que é onde a pessoa chega primeiro, né? Aí na rodoviária, chegou no banheiro, conversou com a moça que trabalhava lá no banheiro, aí tinha uma sobrinha dessa moça que trabalhava no banheiro, uma senhora, já... Aí disse: "Você não tem pra onde ir?" Ela disse: "Não". "Então vamos lá pra casa".

Aí, levou ela pra lá, essa moça, e foi logo arrumou um servicinho prá ela, em casa de família. Aí surgiu uma vaga no banheiro, da rodoviária, aí ela levou ela pra lá, aí ela ficou feita, porque ganhava aquelas caixinhas, aqueles dinheirinhos que as mulher dava, aí pronto. Ainda ganhava um dinheirinho por mês.

Aí depois ela já estava trabalhando nesse serviço ela disse: "Agora eu quero ver se eu arranjo um lugarzinho meu, pra mim morar". Aí essa senhora disse: " Pois vamos procurar". Essa senhora ajudou muito, sabe! E vamos procurar, e foram procurar, arrumaram uma quitinete, aí na rua das Palmeiras. Aí pronto, depois que ela arrumou a quitinete ela foi indo pra igreja, pra Igreja Batista.



Aí foi que ela ficou ligando pra mim. Lá perto de mim tinha uma moça que tinha telefone, ela ficou ligando, pra me chamaram, começou a me aporrinhar pra mim vim pra cá. "Mamãe, quer vir pra cá?" " Eu...quero!" "Então vou ajeitar pra mandar buscar, mamãe vem mesmo?" " Venho!" E ela mandou dinheiro pra mim vir. Aí eu já comecei dizendo pras minhas meninas que eu vinha pra aqui pro Rio, e tal, a netinha do lado. Nesse tempo ela já tinha nove anos, tinha que ser duas passagens. Eu... não tinha nada.

Aí ela mandou dinheiro. Aí eu arrumei lá, vim, peguei um ônibus pra Terezina, nunca tinha vindo em Terezina, depois em Terezina peguei um, vim direto aí pro Rio. ... Aí essa viajona longa pra cá... Ah, foi boa, nesse tempo eu tava com... Nesse tempo eu não tinha nem cinqüenta anos, tava com quarenta e cinco, quarenta e seis, mais o menos, tava ainda novona! Aí vim com essa minha

neta, foi boa porque ... É como o povo diz: quem tem boca vai a Roma. É só a gente não perder o numero do ônibus, e tal, e tocar pra frente. Aí viemos pra cá , aí ela já estava nessa quitinete na rua das Palmeiras, aí a gente ficou um tempo.



Só que ela avisou logo: "Minha mãe vem pra trabalhar nesse meu serviço". Porque ela mocinha, não gostava de trabalhar ali no banheiro da rodoviária, ela tava trabalhando porque tava dando dinheiro. Ela disse que era um serviço especial pra minha mãe. Eu vim, cheguei num dia, no outro dia já comecei a trabalhar. Aí ela já foi lá no escritório, já deu baixa na carteira dela e passou pra minha. Aí pronto. Foi a última vez que me faltou dinheiro.



E ali no banheiro ela muito bom porque as mulheres, a maioria das mulheres que entrava lá, dava caixinha, dava aquele trocadinho, e além da gente receber por mês, a gente tinha aquele dinheirinho, todo dia a gente tinha um dinheirinho, então, pronto, aí pronto, foi muito bom enquanto durou, e durou dez anos. Dez anos .Eu saí de lá porque acabou, porque desmancharam a rodoviária.



Então eu trabalhei 10 anos só que 5, uns 4 e tantos meses, eles davam baixa e depois assinava de novo, e foi assim que eu busquei as minhas filhas. Então trabalhei um pouco, deposei um dinheirinho, depois tirei, mandei buscar a minha filha, com as duas filhas, que é a mãe da que eu criava. Comecei a juntar mais um pouquinho, e sustentando essa turma, enquanto elas arrumavam serviço, trabalhei mais um pouco, mandei buscar a outra, com o marido e mais dois filhos.



E sempre querendo comprar um terreno, então essa colega que acolheu a Adriana quando ela chegou aqui disse: "Dona Raimunda , vamos comprar! Vamos comprar, eu sei de um lugar aí , um morro que tem uns terrenos pra vender". Aí eu fui para o Morro do Abel. Cheguei lá, tinha mesmo, procuramos o dono, negociei. Essa minha colega que nasceu e se criou aqui disse: "Dona Raimunda, aqui é assim mesmo! Ou a pessoa se esforça e constrói assim, ou então nunca tem uma casa." Eu digo: "Ah, então..." Eu comprei. Eu tinha um dinheiro nesse tempo, negociei prá pagar de três vezes dando uma entrada, aí comprei.



Prá construir, pensei: Vou juntar um dinheirinho prá mandar buscar meu irmão. Mandei. Veio. Quando chegou, começou a trabalhar, já dividi o terreno, pra todo mundo um pedacinho cada um me ajudando a pagar. Então, meu irmão veio, quando ele já estava aqui, com um mês e pouco a gente recebeu um telegrama que a esposa dele estava passando mal, no dia seguinte recebemos outro que ela já tinha morrido. Aí ele volta, a casa ficou começada, um cômodo só.



Primeiro a minha colega disse: Vem morar aqui em casa, enquanto você faz pelo menos um cômodo com um banheiro. Aí vim, aqui perto da minha igreja, perto do Convento de Santo Antônio. Aí, faltava quatro dias pra completar um ano que eu morava com ela, construí, um cômodo com um banheiro. Então em vez eu ir logo, arrumei pra uma filha, enquanto ela construía um cômodo com banheiro também.

Aí foi, fiquei, mandando um pedreiro e outro, com aquele dinheirinho mirrado, e tal, mas graças a Deus construí uma casa embaixo, uma sala grande, dois quartos que um era meu outro da minha neta, e uma cozinha. Depois ajudei minha filha a construir a dela. Paguei, emprestando. Isso era como se fosse emprestado, esse dinheiro. Mas ajudei, que eu tinha.

Então eu sei que foi assim. Sei que a minha casa foi crescendo, eu não pude construir toda mas fiz um cômodo com banheiro, depois juntei mais um dinheirinho fiz mais um cômodo, fiz mais outro, fiz mais outro. Tudo bem! Coberto de telha. Depois botei laje. Agora tá bom pra eu construir em cima.



Eu não chamo minha casinha de barraco. Porque a minha casa é de laje. Meu quarto é forrado com madeira, essas madeirinhas, é toda no piso, tem uma varanda na frente tem uma lá no meu quarto, eu vou chamar minha casinha de barraco porque? Só porque é no morro? Eu moro no morro mas não pago aluguel.



Então, eu sei que todo mundo construiu sua casinha, agora tá todo mundo morando nas suas casinhas...Quem não quis, alugou sua casinha e veio morar numa quitinete.



Tem um encarregado que sempre dizia: "Nossa, dona Raimunda, me admiro muito da senhora, essas filhas, trouxe todo mundo prá cá! " E passei um tempão trabalhando, sustentando aquelas vidas todas.



Nunca mais casei. Agora já me acostumei, nossa, to acostumadíssima a ser sozinha. Achei, mas já não quis mais! Ah, já chega desse negócio de tá lutando com um homem, com responsabilidades... Só sai se o homem quiser que vai... Ah, não, não quis mais não, não casei mais não.



Eu trabalho, agora, num é uma barraquinha, é um churrasquinho. Como sempre, a Adriana na frente. Um dia ela chegou pra mim, "Mamãe, eu tenho uma boa notícia pra ti." Eu digo: "É o que?" Eu digo: "Oba!" Porque quando ela fala assim... "Eu falei com o Válter, que mamãe queria vender churrasquinho." Ela inventa as coisas sem eu saber. O Válter, que é o dono de umas casas lá, inclusive a que ela mora não é dele mas é de uma irmã dele. "Eu falei com o Válter pra ver se ele ajeitava pra mamãe vender churrasquinho aqui." E eu digo: "Ah, meu Deus!" Ela disse: "Pois eu falei, e ele disse que podia." Eu digo: "Ah, então a gente vai." Ela disse: "Aí vai nós duas, aí depois quando mamãe vier aqui, a gente vai conversar como é que a gente vai fazer..." Ela trabalha no salão. Aí disse: "Mas como eu não posso estar com mamãe direto, eu compro o material, carne, farinha, pra fazer a farofinha, carvão, o material todo do churrasco, mas mamãe prepara e começa vender enquanto eu não chego." Eu digo: "Tá." Aí a gente começou. Aí deu certo. A Adriana continua no salão, aí eu estou sozinha. Aí eu só fico com meus netos. Eles ficam me ajudando e eu dou um trocadinho pra eles. Aí só assim.

Além disso, do negócio do churrasquinho, eu faço um servicinho pra essa madrinha do meu neto. Eu faço esse servicinho pra essa mulher, semana que vem já vou trabalhar, porque faz tempo... Depois que eu viajei ainda não fui dar uma limpezinha na casa. Então ... Sempre, uma vez ou duas por mês eu vou lá e limpo e tal, é dois dias, com certeza de serviço. Ela me paga cinquenta reais o dia. Aí já é mais um dinheirinho que entra.



Também eu mando todo mês um dinheirinho pro meu irmão, pro pai dessa minha sobrinha aí, que ele é doente. É pouca coisa, mas já é um dinheirinho. Mais com a vendinha do churrasco, dá sempre pra ir quebrando o galho. Já não passo precisão, certas precisão assim, certas precisão, não, graças à Deus.



Não fiz aposentadoria. Eu tenho uma pensãozinha, eu sou pensionista. Além disso, eu não paguei mais o INSS. Além de eu ter trabalhado pouco tempo, porque pra aposentar, dez anos é muito pouco tempo, trabalhei lá em São Luís, lá um tempo, mas foi também pouquíssimo. Aí eu não

paguei, depois que eu sai eu não paguei, não fiquei pagando como autônoma. Eu sempre trabalho. Sempre que aparece alguma coisa pra fazer eu sempre trabalho.



Eu nunca tinha nem pensado em teatro. Quando eu era mocinha eu assistia muito, comédia, drama, essas coisas, eu gostava muito, demais. Mas agora, depois já de idade...

Como sempre, a Adriana, como sempre, a Adriana na minha frente. Ela chegou pra mim: "Mamãe, tem um teatro aí de umas senhoras, isso é mais senhoras, mamãe não quer entrar? Eu vou entrar..." Eu digo: "Mas Adriana, teatro? Como é que eu vou me entrar no meio dessas mulher que eu nem conheço?" " Aí passa a conhecer!" Aí insistiu: "Vamos lá, eu levo mamãe lá, e eu vou entrar também." Aí vim com ela um dia aqui, aí não lembro muito bem como é que foi o negócio, mas já ficamos.

Era isso mesmo que eu tava precisando, porque quando estava trabalhando, eu não ia pra lugar nenhum, não tinha como eu sair. Mas, depois do teatro, aí eu comecei, saindo, e sempre tem reunião, tem essas coisas, aí eu comecei Eu acho muito animado, muito animado mesmo. Sempre que eu converso com as pessoas, nossa, as pessoas acham, o máximo.



A minha dificuldade maior é decorar. Se eu tivesse facilidade assim de decorar... Eu sinto muitas dificuldades em mim. Não sou pessoa de gravar muito aquilo, só se eu me botar, me dedicar mesmo, eu gravo. Você vê que aquela parte ... é grande, eu falei. Não errei nada. No início eu achei que não ia conseguir. Porque eu não sou de falar assim pro público, sabe?, Então eu muitas coisas eu acho difícil pra mim, faço porque eu estou no meio de vocês, vocês me botam prá fazer. Não sei se é porque a minha leitura é pouca, tem coisas que ... agora, já tem coisas que, com a continuação eu já entendo melhor.



Na Mãria, quando a Divina está falando aquelas coisas quando ela está andando: "Minha filha, entende isso assim, assim, você está iludida ..." tem coisas que eu já entendo mais. Eu já viajei muito, eu já viajei com uma menina, eu tenho muita experiência de viajar com criança.

Já me emocionei, na hora que eu vou cantar " Deixei meu pedaço de terra, com meu poço envenenado..." parece que eu estou num outro mundo, e ali, bem naquela parte ali, que depois chega uma porção de mulher, cada uma cantando, nossa, ali, parece que eu não estou em mim, é muito bom aquilo. E também na hora que termina, na hora que o pessoal sai falando com a gente, nossa, é muito bom aquilo ali! O povo recebe a gente muito bem, pelo menos aparentemente,

muito bom aquilo. Quando termina aquela parte que eles vão cumprimentar, nossa, é muito bom assim.



Depois que eu conheci vocês aí melhorou mais ainda, porque aí eu fiquei mais conversadeira, mais esperta, no meio dessa turminha que é a minha segunda família, aí estou aqui. Eu gosto.

Depois que eu comecei a participar do teatro eu me sinto mais assim quer dizer, mais liberal, eu fico alegre. É como aquele dizer da Bíblia: Alegrei-me quando me dissestes: Vamos a casa do Senhor. Quando me convidam: "Olha, vai ter apresentação em tal lugar" Ah, eu fico ótima.



Capítulo 5. TEIA DAS VIDAS: CONFRONTAÇÃO DAS HISTÓRIAS E SUA ANÁLISE

A pressão exercida pelas normas restritivas diferenciadas e valores culturais oriundos da iniquidade nas relações de gênero, vigente nas sociedades onde as participantes da pesquisa passaram a infância e o início da sua vida adulta, moldou suas subjetividades. Conhecer esses valores, portanto, é fundamental para o entendimento de suas Histórias de Vida e dos processos de submissão e subversão em relação a eles. Isso será feito na primeira parte desse capítulo, sob o título *Famílias de Antigamente*. Aí abordaremos as análises dos relatos de suas origens e suas relações familiares até constituírem família própria, dando especial ênfase à ótica de gênero nessa análise. Essa parte do capítulo, privilegiando a abordagem etnográfica, pretende colorir um cenário das suas culturas de origem, sempre pelo olhar das próprias revelado nos relatos.

Depois de conhecido esse cenário, na segunda parte do capítulo, sob o título *Crises & Oportunidades: os Ensaios da Protagonização*, daremos ênfase à figura que se destaca desse fundo. Abordaremos os relatos sobre educação formal, trabalho e crises. A junção dos relatos sobre estudo, trabalho e crises pessoais se justifica porque, em grande parte dessas histórias de vidas, as grandes crises consistiram em ensaios de protagonização abortados, ocasionadas pela falta de autonomia emocional e independência financeira, resultantes, tanto das poucas oportunidades educacionais como da pressão exercida sobre as participantes, pelas normas de comportamento diferenciadas e valores culturais gerados pela iniquidade nas relações de gênero.

Na terceira parte do capítulo, sob o título *Tempo de Rupturas*, vamos falar do passado recente e do tempo presente. O título se justifica porque nessa fase da vida, demarcada pelas participantes como o tempo depois que os filhos estavam crescidos, e por meio de expressões como : *Aí foi que eu dei o meu grito de liberdade!* é que começam a aparecer as rupturas com normas de comportamento restritivas diferenciadas e valores culturais oriundos da iniquidade nas relações de gênero.

Nosso argumento principal é que mulheres conseguem romper com normas de comportamento restritivas diferenciadas e valores culturais do sistema de gênero a partir do momento em que encontram oportunidades para questionar as relações de gênero.

Uma oportunidade de mudança de vida logo desvelada pelas pesquisadas é a liberação dos encargos com a criação dos filhos, tarefa atribuída às mulheres na distribuição sexual do trabalho no âmbito doméstico. O crescimento dos filhos alivia as mulheres de uma sobrecarga de trabalho e responsabilidade, mas, em si mesmo, não questiona valores. Faz parte da presente pesquisa, portanto, identificar, pela visão das participantes, quais são essas oportunidades com potencial de desencadear esse processo.

Queremos observar ainda, que a seqüência das partes que citamos acima obedece a uma divisão de tempo em que se entrecruzam três faixas etárias com critérios particulares encontrados nas narrativas: infância, juventude passada entre gestações sucessivas e criação dos filhos pequenos, e vida depois dos filhos criados. Por esses critérios, a infância é encurtada pelo trabalho e pelo casamento precoce, e as meninas passam quase

diretamente das brincadeiras "de roda na praia" ao casamento. A adolescência como transição entre duas etapas, praticamente não aparece nos relatos.

Portanto, o que nos interessa no capítulo 5, é desvelar, durante a confrontação das Histórias de Vidas, o que acontece que faz com que se dêem rupturas e singularizações em relação às normas de comportamento restritivas diferenciadas e valores culturais baseados na ausência de equidade de gênero. Enfrentamos essa tarefa atentas aos valores vigentes em seus grupos, que podem ser captados em profundidade na composição, ao mesmo tempo singular, no sentido particular de cada uma dessas mulheres, e no plural, no sentido que abrange o universo amplo das relações de gênero.

Ao longo do processo de entendimento dos relatos nosso olhar estará sensível à complexidade que caracterizou o século XX, alcançou difusão na sua segunda metade, e provocou a revisão dos paradigmas de todas as áreas do conhecimento, permitindo a emergência dos estudos de gênero como uma nova área do saber.

5.1. Famílias de Antigamente

Os relatos que serão discutidos nessa parte se reportam à famílias numerosas em quantidade de filhos e filhas, acrescidas de avôs e avós, tias e tios, primos e primas, vivendo nas mesmas casas ou nas proximidades, em convívio constante entre si e com vizinhos não aparentados. A palavra antigamente, no título, é usada no sentido temporal, porque os relatos se referem aos fatos do passado, e também no sentido de à moda antiga, designando a maneira de viver. Essa ressalva se faz necessária porque para algumas das

narradoras essa maneira de convívio se mantém no presente, embora modificada em suas características espaciais. Como "as redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo "ossificada" por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão reduzidas a sua mais pobre expressão" (GUATTARI, 1989, p.7), o título também se justifica.

5.1.1. Origens e conserva cultural

Quando um processo criador se expande ao seu máximo, ele se cristaliza num produto. Nesse momento se inicia a conserva cultural. Conserva cultural é o resultado de uma teoria de valores já aceita, já dominante numa sociedade. Acabado o processo criativo, inicia-se a cristalização desse processo na forma de conserva, até que essa cristalização começa se fraturar, provocada por um novo processo criativo que emerge. Então todo o ciclo recomeça, um momento criativo se cristaliza em conserva, etc. (MORENO, 1946 p.158). Recordar esse conceito se faz adequado quando queremos trabalhar com adoção e ruptura com valores, dentro da perspectiva temporal que caracteriza o método de Histórias de Vida. Porque esse processo acontece na dimensão das idéias, na dimensão das histórias individuais e na dimensão da História. Um desdobramento desse mesmo princípio foi apresentado por Capra (1982) quando aprofundou a teoria sistêmica.

... no padrão regular de ascensão, apogeu, declínio e desintegração, que parece ser característico da evolução cultural, o declínio ocorre quando uma estrutura se tornou excessivamente rígida _ em suas tecnologias, idéias, e organização social _ para enfrentar o desafio das situações em mudança (CAPRA, 1982 p.409).

Para nós, essa perspectiva interessa quando vamos comentar histórias iniciadas nos meados do século XX , porque cada história separadamente descreve seu ciclo de alternâncias criação - conserva - criação - etc. dentro do ciclo maior que é a História desse período. Como as histórias são vidas de mulheres, essa perspectiva histórica precisa ser ainda mais valorizada, porque na segunda metade do século XX a situação das mulheres como coletivo conquistou visibilidade, e a iniquidade nas relações de gênero foi questionada. Dessa perspectiva, portanto é que começamos a comentar as histórias das *Famílias de Antigamente*, e esse olhar vai colocar seu foco nas as relações de gênero como aparecem nesses contextos.

Primeiramente vamos nos ocupar em desvelar o cenário da sociedade brasileira nos contextos geográficos onde se inserem as narradoras.

Eu fui nascida no Frade, meus pais tiveram onze filhos, eu fui a quarta. Eu fui de uma família muito sofrida, mas eu tinha alegria. Trabalhei muito na roça, subia morro, descia morro, A minha mãe... As nossas roupa eram feitas de saco. Mas eu não sei... meu pai trazia, ele vendia fazendas, ia ao Rio, comprava, e aquele saco que vinha as fazendas, é que a minha mãe pegava e fazia roupa pra gente. A nossa casa era de sapé, e a gente dormia, onze filhos e mais o meu pai e minha mãe...onze, doze, treze, era treze numa casa com dois quarto, um corredor e uma sala, sem banheiro. Uma cozinha com fogão de lenha. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma

Eu nasci na ilha da Gipóia , que pra mim é muito importante. Em todo lugar que eu vou, eu não tenho vergonha de dizer que eu nasci numa ilha, na ilha da Gipóia, um lugar muito maravilhoso, hoje em dia eu fico pensando, quando eu vou lá eu penso, meu Deus, aqui eu era feliz e não sabia. Foi lá que eu me criei. Eu saí de lá com trinta e sete anos. São muitos anos de vida, muita coisa maravilhosa... Passei momentos muito bons, momentos maravilhosos , e momentos também que as vezes guardam um certo sentimento da vida da gente. Lá eu nasci, meus avós se criaram lá, meu pai e minha mãe também eram de lá... Naquela época era uma ilha maravilhosa, a gente podíamos andar a vontade, tomar nosso banho, cultivar as coisas... Que meu pai era estivador, mas nessa época a estiva quase não dava, mas ele tinha roça. Tinha roça, plantava, e minha mãe era uma pessoa muito trabalhadeira, muito trabalhadeira, pra mim minha mãe foi uma heroína.

Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Eu sou angrense, filha de angrenses também. Minha mãe da família Meira, uma família descendente de portugueses... Então ...eu nasci aqui no centro de Angra dos Reis, na rua Cordato de Vilela... É uma casa que ainda hoje ainda existe, fica ao lado do asilo São Vicente de Paula. Lá eu nasci, e com quatro anos nós fomos morar no Morro da Cruz, num sítio muito grande que meu pai ganhou dessa família, pra ele criar os filhos lá nesse sítio. Parece que foi assim como um pagamento ... Ele ganhou da família X. Um sítio muito bom, onde nós fomos criados. Era muito grande, com muita fartura, uma casa boa, um casarão, e nós somos seis, nasceram três aqui no centro, e os outros três nasceram lá no Morro da Cruz.

Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

O que a minha mãe contava era que eu nasci numa fazenda, porque meu pai vivia assim de fazenda em fazenda. Porque meu pai, Deus que me perdoe, ele não gostava muito de trabalhar, não. Então, ele fazia dívida, e aí, engravidava a minha mãe e dava pro patrão batizar prá perdoar a dívida. Eu cresci sabendo desses casos. Então, eu nasci assim numa fazenda que era de compadre do meu pai, que era o Sr. Juca Marcianinho, marido de Dona Mercedes. E eu quando eu nasci eu ia chamar Josefina. Porque tem a Herondina e o Hildo. Depois veio Maria Cândida, veio a Regina, veio o Raimundo... prá combinar: a Herondina com o Hildo, a Regina com o Raimundo, Maria Cândida que ficou fora. E aí veio o José Mauro e eu. Eu era pra chamar Josefina. Mas aí a minha irmã Maria Cândida tinha uma colega muito amiguinha dela, quando eu nasci a Maria Cândida já estava com dez anos, aí ela falou: Mãe, não bota nome de Josefina não, põe Divina, que eu tenho uma coleguinha Divina que é muito legal. Aí mamãe falou: Eu vou botar nome de Divina, mas se ela for bagunceira e emperreada, você vai apanhar no lugar dela. Aí minha irmã falou: Não, ela vai ser boazinha, põe Divina nela, aí eu fiquei sendo Divina. Eu gosto muito, toda vida eu gostei muito. Igual aqui onde eu moro, eu não conheço outra Divina, só tem eu. O ruim disso é que as vezes se eu quero viajar longe...se quiser me achar..

Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

O lugar onde eu nasci foi no Ceará nos meus documentos tem com Iguatu, o nome da cidadezinha. Iguatu eu não conheci. Porque meus pais se mudavam de um lugar pro outro, não tavam gostando iam pra outro lugar, então não me criei lá, nem sequer me criei no Ceará. Então... Mas a vida lá no Ceará, enquanto eu

estava lá no Ceará, até meus dez anos, porque os onze anos eu já completei no Maranhão. Mas até meus 10 anos, pra mim aquilo era uma beleza onde eu me criei, até onde eu completei os dez anos. Era muito bom muito divertido, aquela cidadezinha humilde, e a gente sempre foi pobre, pobre mesmo. Só não era pobre de faltar o que comer, porque meu pai era muito trabalhador. Então dos meus 10 anos eu vim pro Maranhão, já completei 11 anos no Maranhão.... Minha mãe teve 14 filhos, mas sempre... aqui acolá as coisas eram mais difíceis, morreram sete. 14 não, ela teve 15, morreram 7, ficamos 8. Raimunda, 63, viúva, 5 filhos, trabalhadora informal.

Bem, o que a minha mãe contava é que eu nasci num hospital no Rio, na Maternidade da Mãe Pobre, no Rio. De primeiro ficava uma porção de dias no hospital, pra sair. Com 10 dias eu vim pra casa, que eu fui morar em Barros Filho. Depois ela pegou gravidez de outro garoto, meu irmão, esse que faleceu agora... Aí meu pai deixou ela, deixou quando ela estava esperando esse meu irmão. Aí deixou, quer dizer que ela teve ele, e ele com 10 dias de nascido, ela foi trabalhar na Pró Matre. Ela foi trabalhar quando ele era recém nascido. Ela levava ele. Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

Os relatos acima são as expressões com que cada uma das participantes da pesquisa iniciaram suas narrativas. Desse conjunto, uma configuração emerge, nas entrelinhas, contando muito mais do que essas primeiras frases o fariam, se apresentadas de forma isolada. As particularidades de cada narradora, quando confrontadas entre si, insistem em determinados temas e fortalecem contornos específicos que ajudam na compreensão dos

enredos (NASCIUTTI & NÓBREGA, 1994, p.47). Os temas insistentes dessa primeira fala são a pobreza e o início da vida em moradias distanciadas de centros urbanos¹.

Barros Filho era praticamente roça. A gente quase não via nada... Era uma casa bem distante da outra. Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

As primeiras narrativas desvelam, nos meados do século XX, retratos de famílias que se mantinham à margem da vulgarização dos meios de difusão da comunicação.

...nós não tínhamos rádio, não tínhamos meio de comunicação nenhum naquela época. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira

No Frade a gente só tinha rádio. Eu não tinha tempo de ouvir rádio por causa da roça. Trabalhava muito! E eu lembro... não sabia nada o que acontecia! ... Quando chovia não podia sair do Frade...Ventava...Era só barco e canoa. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma

É pertinente destacar que o início desses relatos se situa entre 1939 e 1947, período que compreende as datas de nascimento das narradoras. As décadas seguintes, correspondem,

¹ É essencial lembrar que a família da narradora que nasceu na maternidade da Pró-Matre, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro, em 1942, residia em Barros Filho, na Zona Oeste da cidade, que, em meados do século XX, tinha características mais rurais que urbanas, e significava isolamento, por estar servida precariamente dos serviços de meios de transporte e de comunicação, como a narradora irá citar ao longo do seu relato.

nos centros urbanos, à época em que o rádio florescia e se expandiria como meio divulgador de informação.²

As narrativas, no entanto, têm em comum a característica de assinalarem as referências ao contexto geral da sua época de forma tão peculiar que pode passar despercebida, uma vez que, pelo isolamento, estavam quase imunes aos efeitos da comunicação de massa que apenas se iniciava³. Adotando a classificação que abordamos no capítulo 2, *Os Processos de Aquisição e Rupturas com Valores*, as participantes da pesquisa nasceram em grupos que estariam então, pelo isolamento geográfico e pelas características da difusão da comunicação da época, mais próximas do que Guattari chamou subjetividades territorializadas.

Uma das conseqüências do tipo de isolamento a que nos referimos e, que aparece nos relatos, foi terem as mulheres pesquisadas passado o início de suas vidas imersas em culturas de origem que se mantinham estáveis, no sentido de que seus valores ligados às relações de gênero não estavam sendo questionados.

Uma exceção ao isolamento cultural é a experiência de Laura. E é ela que traz para os relatos um dos poucos fatos da vida pública inseridos pelas narradoras dentro das suas histórias.

²...Desde 1922 o rádio havia sido introduzido no Brasil; ... a introdução dos rádios de válvula na década de 30, o que vem baratear os custos de produção dos aparelhos e possibilitar sua difusão junto a um público mais amplo (ORTIZ, 1988 p. 38 -39).

O Brasil contava, em 1966, com mais de 900 estações de rádio e 40 estações de TV. Fonte: Estatísticas do IBGE e da UNESCO para 1966 (BOSI, 1972 p.19).

³ Se apontamos os anos 40 como o início de uma "sociedade de massa" no Brasil é porque se consolida neste momento o que os sociólogos denominaram de sociedade urbano industrial (ORTIZ, 1988 p. 38).

Meu pai todo dia levava o jornal e fazia questão que a gente lesse. Então, quando a gente já estava sabendo ler, ele queria que a gente lesse uma coisinha do jornal, que ficasse sabendo do que acontecia... ... Uma coisa que me marcou muito, foi a morte de Getúlio Vargas. Quando Getúlio Vargas morreu, meu pai chegou em casa naquela tristeza e contou pra gente. ... Ai meu pai chegou aqui do centro da cidade, nós morávamos lá no morro da Cruz. Ele chegou com a notícia, e contou como tinha sido, ele gostava de contar tudo pra nós. Foi um histórico político que marcou muito a vida da gente. Na nossa casa tinha fotos, jornais, que foi guardado por muito tempo. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

No ano em que se iniciam os relatos, 1939, o Brasil atravessava o Estado Novo⁴, período onde não existiam garantias democráticas, decretado por Getúlio Vargas, que tomara o poder em 1930, suspendera a Constituição e fechara o Congresso Nacional.

Desde 1932 havia sido aprovado o Código Eleitoral que dava às brasileiras o direito ao voto⁵, embora a sociedade fosse regida por um Código Civil datado de 1917, que determinava a chefia masculina da sociedade conjugal e a anulação do casamento pelo homem caso descobrisse, após o casamento, que a mulher já havia sido deflorada⁶.

⁴ A primeira parte dos relatos é contemporânea ao Estado Novo, instaurado em 1937, depois do fechamento do Congresso Nacional. Desde 1930 Vargas havia tomado o poder, onde permaneceu, como ditador, até 1945, quando foi deposto por Dutra, que assumiu a presidência (BUENO, 1997 p.318).

⁵ O direito ao voto não estava sendo exercido porque atravessávamos a ditadura Vargas, que teve poderes absolutos. Deposto por um golpe em 1945, Vargas voltou à Presidência, desta vez eleito, em 1951, para um mandato que seria interrompido em 1954 pelo seu suicídio. No breve período democrático que se seguiu, a Capital Federal, sediada na cidade do Rio de Janeiro, foi mudada para Brasília e inaugurada no planalto central em 1960 pelo presidente Juscelino Kubistchek. Seguiram-se os governos Jânio Quadros e João Goulart, até o golpe militar de 1964, quando novamente a democracia foi interrompida (BUENO, 1997 p. 318-320).

⁶ Disponível no site www.cfemea.com

Durante o conturbado período de repressão às expressões democráticas e mudanças de costumes sociais⁷, de 1964 até 1979, as narradoras viveram trabalho e casamento precoces e tiveram os primeiros filhos.

Dentro da nossa abordagem, estamos considerando que os acontecimentos da esfera macro política⁸ irão influenciar a micro política e fornecer elementos para a produção das subjetividades que moldam todas as instâncias da vida, e, no caso que nos interessa, determinam as relações de gênero. Um exemplo da ressonância dos acontecimentos do âmbito político na vida das pesquisadas aparece nos relatos de Laerte.

Lembro da guerra, que iam mandar fogo pra cá! Guerra. Eu não lembro direito... que iam mandar avião, que iam jogar bomba onde a gente morava, que iam acabar com tudo... Ai eu tinha esse medo... Quando passava avião a gente corria e se escondia. A gente era boba, morava na roça, se escondia com medo. Escondia debaixo da cama. Embaixo da cama! ... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma

⁷Entre tantos fatos dramáticos desse período, duas mortes foram aglutinadoras da organização de um segmento das mulheres brasileiras pertencentes à classe média, que tinham tido acesso não só à educação universitária como às influências do que se passava em outros países em termos de organização de mulheres e feminismo. Uma foi em 1975, quando Clarice Herzog ousou desafiar a ditadura e afirmar publicamente que seu marido, o jornalista Wladimir Herzog, fora morto enquanto estava preso nas celas do DOPS - Departamento de Ordem Política e Social, a polícia política do período, e portanto fora executado pelas forças do governo. A dimensão histórica dessa ousadia pode parecer diluída pelo tempo, mas dentro do contexto do Brasil daquela época seu ato foi de extrema coragem e serviu de inspiração à outras manifestações de mulheres. A segunda foi quando, no Rio de Janeiro, foi julgado e absolvido pelo argumento de "legítima defesa da honra" o assassino de uma mulher. Já organizadas, as mulheres que então já se autodenominavam feministas, contrataram um advogado, um segundo julgamento foi feito e o réu foi condenado.

Esse fato teve grande visibilidade na mídia da época e trouxe para pessoas de outras classes sociais a discussão sobre os direitos das mulheres, em plena vigência da ditadura militar. (site www.cfemea.com)

⁸ No mundo, em 1939 a Alemanha invadiu a Polônia, entrou em guerra com a França e a Inglaterra e foi assim que se disseminou o conflito que foi envolvendo outras nações e que constituiu a Segunda Guerra Mundial. Em 1945 a Alemanha capitula após os Estados Unidos empregarem duas bombas atômicas sobre as cidades Hiroshima e Nagasaki, no Japão, provocando uma forma de destruição que o mundo não conhecia (BUENO, 1997 p.320).

As pessoas antigas que morava lá na roça , que não entendiam direito, eles contavam. Que ia chegar navio, que ia acabar com tudo, que ia mandar foguete, tudo isso. A gente ficava sempre assustado. Quando passava helicóptero, avião, a gente: "Th, lá vem a guerra!" Uma coisa horrível... . Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma

A ressonância dos acontecimentos mundiais chegava ao Brasil, primeiro, por meio do rádio, que se viabilizara comercialmente via multinacionais (ORTIZ, 1988 p. 44), que difundiam radionovelas⁹, e as notícias que chegavam veiculadas pelo "seu" Reporter Esso, multinacional de petróleo. A televisão, implantada em 1950, se comercializava vagarosamente, devido, tanto ao baixo poder aquisitivo de grande parte da população, que até 1959 só tinha acesso à aquisição de aparelhos importados,¹⁰ quanto à própria precariedade da produção da programação veiculada, que inicialmente reproduzia os critérios de rádio, onde o anunciante era o programador.

Julgamos necessário caracterizar brevemente esses aspectos do desenvolvimento da difusão da informação nesse período para não correremos o risco de pensá-lo como existe hoje, ao nos debruçarmos pelo período que estamos abordando agora.

⁹ As multinacionais Lever e Colgate-Palmolive patrocinavam as radionovelas desse período (ORTIZ, 1988 p.44).

¹⁰ *Ibid.*, p. 47.

Os marcos¹¹ da difusão da comunicação aparecem nos relatos como testemunhos de que os costumes estão se transformando, e assinalando a diferença entre os valores do presente e do passado.

Ele falou assim: " Dona Therezinha, o que é que está havendo com a senhora, com é que é a sua vida?" Aí quando eu disse pra ele, ele disse assim : "... A senhora tendo um marido desses... Será que seu marido ainda não percebeu? Assim ele não viu que o homem já foi a Lua, que hoje existe televisão, que se passa isso..." Ele começou a falar uma porção de coisas... Nem voltei mais no médico. Fiquei até com vergonha. Therezinha, viúva, 62, 8 filhos, pensionista.

Angra dos Reis, cidade litorânea em torno da qual nascem e vivem três das narradoras e para onde convergem as outras três durante o transcurso de suas vidas, dista aproximadamente duzentos quilômetros da cidade do Rio de Janeiro, que no período em que se iniciam os relatos é a Capital Federal do Brasil e centro do poder político.

Fundada em 1502, pelo navegador português Gonçalo Coelho, Angra dos Reis é uma das cidades mais antigas do Brasil e por ela passaram praticamente todos os ciclos econômicos que o país atravessou. No Brasil Colônia foi entreposto para o escoamento de madeira e café, e, mais tarde, também da cana de açúcar. No século XIX, é por onde passam o ouro e

¹¹ A "guerra fria" iniciada entre os Estados Unidos e a URSS após o término da Segunda Guerra Mundial, polarizará seu conflito pelas décadas seguintes também na forma da "corrida espacial". Em 1957 a URSS lança ao espaço o primeiro satélite artificial, o Sputnik, em 1961, Yuri Gagarin, russo, torna-se o primeiro homem a subir ao espaço, dando uma volta em torno da Terra. Em 1969, Neil Armstrong, estadunidense, é o primeiro homem a pisar na Lua (BUENO, 1997 p.320).

os minérios vindos de Minas Gerais e vive um período de grande prosperidade, que é abalado pela abolição da escravatura em 1888.

Outro ciclo de prosperidade se inicia no século XX quando, nos anos 30, se inaugura seu porto, que se torna um dos mais importantes do Brasil nessa época, sendo visitado pelo presidente Getúlio Vargas. No final dos anos 50 e início dos 60 uma nova onda de prosperidade se inicia, e o presidente Juscelino Kubistchek lança pessoalmente a pedra fundamental da construção dos estaleiros Verolme, que criam empregos e influenciam positivamente a economia do município.

Nos anos 70 é construída a Rodovia Rio - Santos, a usina nuclear Angra I, e iniciada a construção da usina nuclear Angra II. A região começa a enfrentar sua primeira crise pesqueira, e são fechadas 10 fábricas de beneficiamento de peixe, porque esse se tornou escasso, principalmente a sardinha, que antes era abundante (ZANETTI, 2001, p. 20 - 22). Nesse período começou a migração de famílias pobres das ilhas e das praias para os morros no entorno do centro da cidade, o que mudou sua paisagem física e humana, e a qualidade de vida de seus imigrados.

Para as mulheres, essa poderia ser chamada uma fase com características do *mau desenvolvimento* (SHIVA *apud* D'ÁVILA NETO, 1997 p.18), quando, além de não usufruírem mais dos produtos das roças familiares e da pesca, passaram a buscar trabalho fora do lar, sem que as tarefas domésticas fossem compartilhadas com os maridos e filhos homens. É importante enfatizar que no período em que se iniciam os relatos, uma viagem de Angra dos Reis para o Rio de Janeiro, por terra, podia levar até oito horas de duração.

Esse breve discurso sobre esse contexto histórico se faz necessário para se avaliar o limbo político onde se iniciam as vidas das narradoras. Cada fato importante de cada vida tem alguma referência no social, e isso acontece mesmo quando os fatos são contados como histórias íntimas (LEVY, 1995, p.12). A teia que entrelaça o público e o privado, o particular e o político, oferece exemplos de olhares subjetivos sobre acontecimentos da esfera macro política nos relatos que se seguem.

Foi igual a uma formiga chegando ! Veio a usina nuclear pra Angra e acabou com as nossa lavouras , nosso bananal... O pessoal chegaram e invadiram tudo. Derrubaram as roça do meu pai. Abriram, onde era a minha casa ... onde que tinha o nosso café, a nossa laranja, eles abriram estrada. Cortaram tudo que a gente tinha. Eu sabia o que tava acontecendo, mas como que a gente ia fazer? Não tinha como gritar... Pedia pra um, pedia pra outro... Meu pai também já tava velho não agüentava mais... Eu fui uma, que já trabalhava aqui, já tinha dinheiro, ajudei meu pai pra ele fazer um barzinho, vender banana, vender cachaça mesmo... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Paisagens e ambientes fazem parte das referências, e embora ligados a momentos da vida particular, produzem ressonâncias entre a história individual e a social. Os efeitos da política de desenvolvimento dos anos 70 são narrados como um enredo familiar.

... chegou uma família, de Barra Mansa, comprou do meu pai, por mil reais, um terreno que hoje tá valendo... Tem três casa lá enorme. Chegou três médico também de Volta Redonda, comprou outro terreno do meu pai por 10 cruzeiro.

Meu pai deu tudo... Pra comprar geladeira. Pra arrumar a nossa casa...que era de sapê. Comprou... tijolo. Nós carregamos na cabeça, tijolo, da praia, pra fazer a nossa casa de tijolo, chegava de barco. E foi assim a nossa vida. Acabou com tudo que a gente tinha. Eu hoje sinto muita tristeza quando eu vou lá. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Possibilitar que pessoas digam o que é a história por meio das lembranças de suas experiências de vida é criar um novo eixo metodológico de pesquisa (DILTHEY *apud* LÉVY, 1995 p.10). Pela maneira como cada pessoa viveu a história, o fato social pode ser apreendido, porque as pessoas constroem suas histórias dentro das histórias de seus grupos.

O tipo de referências à história política brasileira e mundial, nos relatos, funciona como uma informação sobre como viviam as famílias das narradoras, numa conjugação entre isolamento físico e dificuldade de fazer a leitura dos fatos sociais.

... todo mundo ficou feliz, porque disse que vinha trabalho. Muita gente pensaram só no trabalho... Mas depois quando ouviram falar lá fora sobre aquela... Como é o nome daquela que aconteceu? Que teve aquele desastre nuclear, Chernobil? Que teve aquela porção de gente morrendo, gente doente, e tudo, aí a gente ficamos preocupado, até eu fiquei preocupada na época. Meu marido foi trabalhar lá uma época, eu disse assim, eu fiquei pensando: Ah, meu Deus, se a pessoa ficar doente, se trazer doença pra dentro de casa, todo meu pensamento era esse. Fiquei com medo, pensava nos meus filhos nas crianças...Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Os relatos desvelam um aspecto importante do conhecimento do social, que é a subjetividade humana como fonte histórica. Nas palavras de Florinda, descobrimos que a estabilidade que caracterizara a vida do seu grupo social até então, começava a se transformar.

A experiência individual e o fato social se entrelaçam o tempo todo, narrando como os efeitos de atos da macro política interferem na forma de ver e se inserir no mundo, isto é, na formação das subjetividades. Para Florinda, o mesmo fato que acenara com possibilidade de prosperidade passa a significar insegurança.

*... e nós ia ter rejeição, as pessoas ia rejeitar a gente também, ninguém ia querer .
O povo de lá ia querer gente daqui, que ia transmitir doença pra eles? Não podia.
Isso é que eu penso até hoje sobre essa usina, de vez em quando eu penso. Quando eles diz que está vazando, eu penso: meu Deus, que vai ser de nós, que vai ser do povo angrense? Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada*

Após situarmos o contexto histórico, espacial e temporal, que caracteriza o campo da pesquisa, sua conserva cultural, voltamos à narrativa cronológica.

5.1.1.1. O lugar da falta

Retomando as palavras escolhidas pelas pesquisadas para iniciar seus relatos, observamos que denunciam um lugar em comum onde se situam para contar suas vidas. As primeiras frases anunciam a *falta*, de lugar certo, de prestígio, de pai e de nome. Essa falta delimita

o lugar do sem paradeiro certo, tanto no Ceará ... *meus pais se mudavam de um lugar pro outro, não tavam gostando iam pra outro lugar* , como no interior de Minas Gerais, ... *porque meu pai vivia assim de fazenda em fazenda*, numa mobilidade que esboça um problema social que vai eclodir meio século mais tarde, organizado e protagonizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Condensado na fala ...*Eu não tenho vergonha de dizer que eu nasci numa ilha*, o lugar do *sem prestígio*, requer um esforço maior para ser compreendido. Sob o olhar de hoje, quando as ilhas da região de Angra dos Reis são lugares disputados por turistas e proprietários de casas milionárias, um lugar onde as praias são privatizadas por condomínios de luxo, pode ser, inicialmente, difícil compreender as razões pelas quais uma pessoa se envergonharia de ter nascido nesse lugar. A expressão passa a ter sentido quando se considera que quem fala nesse momento é a menina que viveu entre roçados e casas cobertas por sapê, em que as noites eram iluminadas por lampiões de querosene, e num tempo em que morar numa ilha significava estar ainda mais alijado dos benefícios urbanos do que os que viviam no continente. Ela, hoje, reflete: *Eu era feliz e não sabia*. E prossegue:

...morava numa ilha daquela, numa ilha maravilhosa, com tudo, igual eu falei com você. Tinha banana, igual hoje eu olho, assim, muitos dias eu quero comprar e não posso comprar uma dúzia de banana pra comer. Aquelas frutas todas... Tinha muita laranja, muito abacate, essas coisas todas que a gente podia colher... milho, feijão, na roça que a gente plantava. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Até aqui, as expressões dos relatos apontaram para um dado importante, a classe social onde nasceram as narradoras. Porém o dado que será determinante para a pesquisa, apenas começa agora a se delinear. Nas falas ... *Aí meu pai deixou ela*, e, mais adiante, *uma época...meu pai deixou minha mãe...* se materializa o lugar do desamparo, indício das desigualdades de acesso aos direitos provocadas pela falta de equidade nas relações de gênero que os relatos mostrarão no transcorrer da pesquisa.

A imagem da apresentação inicial coletiva das participantes da pesquisa já começa a desvelar como as narradoras se vinculam com o econômico, o social e o político, a revelar sobre as relações de gênero vigentes e também como se definem, em qual papel se colocam, em qual posição se situam em relação à essas dimensões. O olhar sobre si, o papel onde se situa ao contar sua história, apresenta a maneira como cada uma dessas pessoas converteu os fatos da sua vida em valores (POURIER *apud* CÓRDOVA, 1990, p.18). Esses valores irão reger suas escolhas e expectativas, a maneira como selecionam suas oportunidades e como ditam as regras da sua vida pessoal.

A transformação de fatos da vida em valores é exemplificada na narração que se segue, quando, numa situação de abandono e necessidade material, as iniciativas para garantir a sobrevivência são a origem de um papel social desenvolvido posteriormente pela narradora.

Que uma época... meu pai deixou minha mãe. De fofoca, que dizia que a minha mãe tinha outro homem. E eu lembro que eu fiquei, pequena, e o meu irmão. E a minha mãe chorava muito, a gente ficava na casa do nosso avô. Gente, eu passei fome... ...Só que não passava fome que eu sabia pescar, eu sabia pegar

caranguejo, eu sei pegar siri, gaguaiá nas pedra, no mangue eu ia pega sururu no mangue, a minha mãe sempre fazia doce de mamão, a gente tinha tudo, né? E a gente saía vendendo, por isso que eu sou boa vendedora, que desde pequena que eu vendo! Essas coisas. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Além do reconhecimento do papel de vendedora, o primeiro que se delinea, a valorização dos saberes - *eu sabia pescar, eu sabia pegar caranguejo* - vai se confirmar mais adiante na vida de Laerte, que irá se esforçar para continuar estudando, além de cedo deixar a casa familiar para, na cidade, ter um trabalho remunerado não doméstico, e buscar melhores condições de vida. É, portanto, pelo enunciado dos seus saberes e pela afirmação da sua capacidade de sobrevivência que essa protagonista se anuncia. Essa descrição de si revela uma maneira de se vincular com a dimensão econômica onde existe iniciativa e um esboço de autonomia, opostas à educação para a obediência incondicional e a passividade, à que as meninas eram, e ainda são submetidas (CARREIRA, AJAMIL & MOREIRA, 2001), como veremos nos relatos.

É ainda a dimensão econômica que desloca uma família inteira para a cidade.

Na vinda de lá pra cá, o que a gente trouxe: angu doce, um saco de laranja, e um bule cheio de café. Vindo, nós viemos de trem, a gente nunca tinha andado de trem, aquele foi o passeio melhor que eu nunca esqueço. Aquela maria-fumaça fazendo piuuuuuuuuuu, a gente andando de trem o dia inteiro. A noite inteira. Saímos de lá cedinho, prá chegar em onze horas da noite... ...então porque era lavadeira, eles deram uma bacia grande pra minha mãe, uma baciona grande assim. Tudo

que a gente tinha de valor foi posto dentro daquela bacia e o cobertor...O que a gente tinha de valor veio dentro daquela bacia. Aí assim, panela de ferro, umas quatro panelas de ferro e aqueles garfos de passar cinza pra arear, uns dois lençóis. Tudo, pegou o cobertor e marrou assim embaixo. Tudo que nós tínhamos de valor veio ali dentro, era a nossa bagagem. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Quando enumera os bens familiares *tudo que a gente tinha de valor foi posto dentro daquela bacia*, é com o olhar de hoje, de adulta, que a narradora insiste, e repete o inventário dos bens, a concretude da pobreza. Porque seu olhar de menina, no início dos anos 60, ainda se deslumbra em seu primeiro contato com um trem à vapor *aquele foi o melhor passeio que eu nunca esqueço*. Assim, cada relato é um testemunho de uma história coletiva de mulheres de um Brasil que segrega pela falta de oportunidades, e que em diferentes graus, em diferentes momentos e tomando diferentes formas, está presente em todas as histórias.

As narrativas são, também, testemunhos de onde se mesclam questões sociais, de gênero e étnicas, sendo as narradoras vítimas e cúmplices do mesmo preconceito que faz parte da memória social. Nesse aspecto, cada lembrança pessoal é um olhar particular sobre a memória coletiva, e é impregnada desse conteúdo (HALBAWACHS, *apud* BOSI, p. 413). A filiação fora do casamento, classificada na época como ilegítima, fruto de uma relação vertical no sentido de classe, porque se dá entre patrão e empregada, e inter-racial, porque acontece entre homem branco e mulher negra, é um tema em que o mesmo enredo está presente na história de mais de uma narradora.

Por parte da minha mãe, meu avô, ele nasceu aqui em Angra, ele foi filho de uma empregada, daqui de Angra, de família rica! E como eles queria esconder daqui da esposa que ele era filho de uma empregada, ele mandou meu avô pra roça. Filho da empregada do dono daquele hotel... Patrão com a empregada. Mandaram ele pra roça. Tadinho, foi lá pro sertão. Trabalhava sem ter nada. Vivia na roça fumando seu cachimbo, não era vicioso, só trabalhava pra comer... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Meu pai não tem história. Nós não temos, pela parte do meu pai, uma família grande, como a da minha mãe. Meu pai é filho de uma empregada negra, que foi empregada da família X., daqui de Angra dos Reis. Tem o prefeito X. ? Minha avó foi empregada do avô do prefeito X. Lá nasceu meu pai, de mãe solteira. A gente não conhece... a gente sabe mas não sabe se é uma coisa verdadeira. Se ele é filho desse senhor, seu X., mas que não pode aparecer, porque ele era um homem bem conceituado da cidade, um dos ricos da cidade da época, e ela uma empregada negra, filha de escravos. Então meu pai foi registrado com um sobrenome muito esquisito, até. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Em duas gerações subsequentes, de um avô e de um pai, a mesma história se repete, revelando a estagnação da situação desfavorecida das mulheres negras, onde a servidão sexual persiste, à revelia das leis de libertação. Mulheres negras geram filhos de homens ricos e poderosos, que são retirados do convívio da família e a quem é negado o nome. São exemplos da constituição da sociedade brasileira, onde o colonizador faz uso da terra e/ou dos corpos escravizados, indígenas ou negros, por um direito que começou sagrado,

oriundo das bulas papais dos séculos XV e XVI, que davam à escravidão a chancela de evangelização, e se perpetua nos seus herdeiros e no comportamento de brasileiros, que, em seu imaginário, acreditam ter os mesmos direitos dos antigos senhores de escravos (RIBEIRO, 1997 p. 221; CALLIGARIS, 1991 *apud* SOUZA, 1998 p.66). O racismo, que no Brasil se reporta à cor da pele e não à origem, e é considerado inexistente por grande parcela da população e por autores como Freyre (1961), é ilustrado por bem intencionados comentários impregnados de discriminação.

Minha avó tinha o cabelo liso, a vó Frauzina.... Tinha o cabelo liso. A outra tinha o cabelo enrolado, não era assim como o meu não, era melhorzinho. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Muitas das histórias recolhidas têm seus personagens exemplares contados de forma quase lendária, e aí é exatamente que a subjetividade das informantes e o tom épico das histórias, funcionam como fonte de conhecimento do social, o que nos interessa especialmente quando abordam relações de gênero. Por meio da primeira dessas histórias, uma das expressões da masculinidade como era vivida nesse contexto é ilustrada. E o componente racial da violência, após muita hesitação, é admitido pela narradora ao fim do relato.

Mas o meu avô, marido da minha avó Frauzina, ele era pretinho. Ela disse que ele era um homem muito forte. Ele era um homem muito forte, acabaram com ele porque ele ... Se eu for contar, é muita coisa.... Ele era um homem muito forte, muito forte mesmo, e as pessoas não podiam com ele. Todo mundo que brigava com ele, ele derrubava três, quatro de uma vez, tão forte que ele era. Ele

chamava Virgulino. Ele também tinha essa mania de beber. Não muito, mas assim... Então tinha uns homens lá, em cada lugar que ele estava, eles se juntava de três pra poder bater nele. Porque antigamente era assim, era briga, era briga que chegava até a rolar, minha irmã é que conta, que eu não conheci não, minha irmã mais velha é que passava pra mim. Que eles brigavam muito. Então todo lugar que ele estava procuravam briga com ele. Mas ninguém podia com ele. Diz que ela se lembra que uma vez, num matagal, eles pegaram ele prá bater, que ele rolou, rolou, rolou, com eles agarrados, botou os três, e jogava no chão. Ele era um crioulo, mas muito forte, um homem muito forte mesmo. Fortão. Era um homem bom, ela disse que ele era um homem muito bom, trabalhador, e tudo. E aí por fim, eles não agüentavam, tinha aquele carrancismo, todo lugar eles brigavam com ele. Aí não puderam, eles viram que ele era forte demais, aí mataram ele, a paulada. Fizeram uma traição. Lá na Gipóia, ainda sei o lugar, porque o pessoal conta, minha avó contava, quando a gente passava por ali, aonde que mataram ele. Então sempre que eu passo ali me lembro. A paulada. Depois eu ainda conheci alguns desses assassinos. Antigamente ficava por isso mesmo. Acho que não tinha muitas pessoas pretas lá na ilha, acho que não tinha não. Tinha não, era mais claros mesmo. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Essas histórias familiares, fonte de conhecimento do social, funcionam também como fonte de informações que apontam para o lugar onde o indivíduo se insere, numa articulação entre o psicológico e o social. São também indicadoras das escolhas e estratégias que determinarão cada história individual.

Assim, cada história pessoal sofre a interferência das histórias das gerações familiares que a precederam. Constituem o "capital econômico e simbólico" de cada família que irão influenciar desde a trajetória escolar até as relações de qualquer ordem que o indivíduo vai estabelecer ao longo da sua vida (BOURDIEU *apud* NASCIUTTI, 1999 p.98). No último relato acima, a constatação *antigamente ficava por isso mesmo* é aceita dentro da lógica de que a justiça não é para todos mesmo, ainda mais para os matadores de um negro que ousava ser forte.

Assim, as "histórias de família" desempenham algumas funções dentro de uma dinâmica própria. Servem para expressar as contradições familiares e as indecisões de valores: *ele era pretinho*, mas era *fortão*, isto é, sua cor, símbolo de sua desvalorização social, era compensada pela sua força física, símbolo de seu valor masculino.

As histórias familiares também denunciam os maus exemplos e indicam o bom caminho a ser seguido, assim como as armadilhas e os perigos da vida que devem ser evitados pelos seus membros¹². Alguns exemplos desses enredos familiares ilustram, desde o pertencimento à história local até os riscos que correm as meninas "abusadas"¹³, que fogem à norma.

¹² *Id.*

¹³ A palavra *abusada*, no texto, significa pessoa audaciosa, que não tem medo, e não pessoa que sofreu abuso.

5.1.1.2. Casos de antigamente

O avô da minha mãe veio de Portugal pra cá à caça do ouro lá na Ilha Grande. Ele veio no navio à procura do ouro. Aqui em Angra era a cidade do ouro. Aqui passava todo ouro, passava por Angra dos Reis, lá da Ilha Grande, da praia dos Meros, da praia do Aventureiro... E ele veio à caça desse ouro. Ele ficou lá, adquiriu família, e minha mãe é descendente dessa família. A família Meira, descendente de Portugal, uma família numerosa aqui em Angra dos Reis. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

O avô dele morreu naquela doença que deu aí no pessoal todo... a febre amarela?... que dava na pele, que ficaram tudo na igreja do Bonfim, ficaram tudo preso ali, que não podia se misturar porque pegava... lepra, foi isso... E muitos que vieram da Ilha Grande, e não puderam voltar pra casa, e muitos ficaram na Igreja do Bonfim, e muitos morreram... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Algumas narrações vêm recheadas de episódios em que se percebe que nesse momento o lugar de quem narra se investe de um valor de autoridade (LÉVY, 1995, p.8), concedido pelo fato de que, no próprio relato, existe um ar dos casos já muito repetidos e validados porque já fazem parte da mitologia familiar. Conhecer esses enredos ou, melhor ainda, ter participado deles, fortalece o sentido de pertencimento e a auto estima das narradoras. Essas histórias tem a característica de exprimir tanto o que é objetivo quanto o que é subjetivo, cabendo nelas qualquer dimensão da vida familiar. Suas inclusões na presente pesquisa se justificam porque ajudam a ilustrar o contexto social das narradoras, onde se

moldaram suas subjetividades. O primeiro deles exemplifica um esboço de singularidade, o caso da menina "abusada" que não tinha medo de lobisomem .

... ele tinha os dedos torcidos, tanto dos pés quanto das mãos, mas mesmo com aquela dificuldade ele andava por aí e ia nas casas. Mas todo mundo tinha muito medo dele. Porque lá na minha terra eles fala muito de lobisomem. Então... eu não sei. Minha irmã está viva e ela pode comprovar isso. Então minha irmã Regina é muito abusada! A que mora no Rio. Então todo mundo falava que na Quaresma anda lobisomem. Então ela falava que não tinha medo de lobisomem(...)Quando a gente chegou na porta, que ia descer, porque a bica era perto, quando a gente olhou, ela disse: "Olha lá o que está ali! " Eu com aquele medo! Ai de repente a gente...(...) Mas o bicho saiu daqui, aquele bicho cabeludo, passou por debaixo da cerca do curral, passou com dificuldade, ainda riu assim: re, re, re, re... E nos entramos pra dentro correndo e gritamos : Mãe, lobisomem, lobisomem... Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Minha mãe sempre assim. Domingo, ela pegava o anzol e ia pescar...Então, numa dessas pescaria, eu e minha mãe... escutamos um barulhão de gente andando em cima da ponte, ponte de madeira, aquele tropel... A gente olhou assim, apareceu o seu José que era o coveiro...antes, a gente estava escutando falar em Regina, como minha irmã chama Regina... "Eu falei que a Regina não tinha juízo... que a Regina tinha que arrumar um trabalho, tomar vergonha na cara..." que ele estava muito sentido... que ela contraiu dívida e não tinha falado com ele, e que onde ele estava, estava sem sossego... a minha mãe como tem filha Regina, olhou... é o siô

José Coveiro!...Ele pegou falou..." A senhora vai tomar conta da minha filha."

"Eu não tô nem agüentando com os meus filhos, como é que eu vou tomar conta dos seus?" Nessa época mamãe tava com os 8 filhos, ainda tudo pequeno. "... Não tô agüentando nem cuidar dos meus!.." " Não, porque eu morri e sem eu saber Regina fez dívida com Siô Alcindo, e agora onde que eu tô eu tô sem sossego... A senhora vai tomar conta dela! " ... Conversou sobre isso, depois, minha mãe: "Engraçado, falaram que o siô, morreu! Eu soube notícia que o siô morreu." Ele disse: "Realmente, eu não sou desse mundo. E a senhora toma conta da Regina ... não vou descansar em paz." Mamãe falou: "Vai, descanse em paz, que eu não vou tomar conta de sua filha não" ...mãe pegou, passou lá na fazenda... "Ô siô Josino... aquele seu Zé Coveiro, morreu ou não morreu?" Siô Josino...:" Morreu"... " Ele quer que a mamãe toma conta dela prá ela trabalhar com o senhor e o senhor não pagar o mês dela de trabalho prá ir descontando... que ele não está lá em paz, não " ... A única coisa que aconteceu é que eu vi ele com um guarda chuva preto, dependurado no braço. Minha mãe já viu ele com ele aberto.

Divina , 57, casada, 3 filhos, do lar.

5.1.1.3. Solidariedade e lealdade

Nos relatos sobre a infância nos grupos sociais mais isolados, está presente, acima das dificuldades do cotidiano, a solidariedade e o cuidado familiar extensivo aos vizinhos.

O Frade era muito bom naquela época. As pessoa eram amiga, as casas eram longe umas das outras e umas ajudava a outra. Eu lembro que na minha casa uma

época nós ficamos todo doente e a vizinha era que vinha fazer almoço, fazer as coisa pra gente. Minha mãe ficou doente, eu também peguei sarampo... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

A narradora usa o verbo no passado *...O Frade era bom ...* porque apreende que, junto com a agressão ecológica na região *...Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana* (GUATTARI, 1986 p.27), um modo de vida foi extinto. Nesse momento, sua autora descreve características de uma sociedade que estendia aos vizinhos as atenções dispensadas aos familiares, e lembra com saudade, sentimento que desaparece quando fala, por exemplo, do trabalho pesado na roça.

... eu trabalhei muito na roça. Fazendo farinha, vendia.. O trabalho na roça é muito pesado.. trabalhei de enxada, logo cedo pra roça... E eu chegava lá, tinha que capinar, cortar cana, carregar cana pra fazer melado... Mãe fazia cremonia, pegar goiaba pra fazer doce de goiaba, aqueles tachos no forno, a gente ia pro meio do mato pegar lenha... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

No relato de outra narradora, a lealdade familiar, quando rompida por uma traição, acaba sendo recomposta pelo perdão e pela generosidade, porque a justiça não é cega para os que fazem parte da família, confirmando a hipótese de que brasileiros e brasileiras diferenciam aqueles por quem sentem uma responsabilidade moral, os da família ou ligados por algum outro laço afetivo, dos *outros*, que pertencem ao mundo público (SOUZA, 1998 p. 68 -69). Para os que pertencem à família a condenação moral não pode ser exercida com o mesmo rigor como seria se aplicada aos *outros*.

... minha mãe não sabia que o filho(da irmã) era dele. Só muito tempo depois que ela foi saber que o filho era do meu pai. Ela ficou!... Mas ela era uma pessoa que, nem sei... Ela falava assim na hora, mas depois, mandava as coisas que tinha dentro de casa, dividia ainda pra dar pra irmã, pras crianças. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

5.1.1.4. Mães do tempo antigo

Mães e pais são personagens que norteiam as histórias até que as narradoras constituem suas próprias famílias. As mães têm lugar privilegiado nessa galeria de imagens apresentada nos relatos, e na composição de seus retratos, singular, no sentido de particular a cada uma dessas mulheres, e plural, no sentido que abrange o universo amplo das relações de gênero se revelam e podem ser captados em profundidade os sistemas de normas e valores vigentes dentro de seus grupos sociais.

Quando retratadas, as mães são objeto de admiração que, além de envolver o aspecto físico, envolvem também o caráter.

A minha mãe sempre foi uma mãe que... ainda tenho até hoje, ela vai fazer 87 anos... Eu e meus irmãos, quando nós conversamos, dizemos: Mamãe parece que... num sei, não existe.... ... minha mãe, nossa, se cuidava muito! Nós temos fotos da minha mãe, muito bem arrumada, muito bem cuidada, o cabelo era comprido, ela fazia muito bem aquelas tranças, depois ela enrolava, botava paninho. Prá não pegar sujeira. Minha mãe era muito limpa.... ... foi uma mãe

muito amorosa, e ainda é até hoje. Minha mãe, a gente fala que ela é uma... peça rara, entre tantas. Porque eu sou mãe, mas não chego nos pés da minha mãe.

Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Minha mãe era uma pessoa muito boa, muito legal, num era aquela mãe grosseira, sabe? Era uma mãe muito boa mesmo. Até mesmo depois que eu me casei e me separei do meu marido. Eu ia pra lá, Nossa! Era uma pessoa muito...

Era minha amiga, minha amiga em tudo... Raimunda, 63, viúva, 5 filhos, trabalhadora informal.

Minha mãe voltou (do sanatório) , aí ficou mais uns tempos, ficou comigo e com o Nié, veio muito forte, bonitona, só com um pulmão, que o outro ela já tinha perdido. Mesmo assim, com um pulmão só, ela fez muita coisa! Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

As heranças afetivas, como habilidades ou características que, como filhas, receberam de suas mães, são reconhecidas em dois relatos exemplares como papéis femininos: cozinhar e rezar, no sentido de cuidar de outras pessoas.

Ela cozinhava muito, muito bem, acho que é por isso que o pessoal até hoje gosta da minha comida, que me lembro que minha mãe quando cozinhava era uma verdadeira cozinheira! Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Minha mãe rezava, rezava tudo.... ... ficava, olho no olho com a pessoa que estivesse com algum problema, ela só mexia os lábios. assim que a mãe morreu eu comecei a rezar. Divina , 57, casada, 3 filhos, do lar.

E o processo de transmissão dessa herança é apenas constatado: *tinha um mês mais ou menos que minha mãe morreu ... eu sonhei com a minha mãe, ela apareceu ... Ela me ensinou, depois de morta. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.*

5.1.1.4.1. Mães agressoras

Alguns relatos descrevem agressões físicas violentas vividas pelas participantes da pesquisa por parte de suas mães, e sobre essa violência específica, vale a pena discorrer. Em primeiro lugar vamos definir que uma relação de violência é aquela em que só existe "na exigência de que o outro ser humano seja inerte, passivo e silencioso, e que interiorize os desejos, vontades e idéias de quem o submete" (CHAUI, 1984 p. 50). Em segundo lugar, vale recordar que estamos considerando que a subjetividade das mulheres é formatada por um ideário masculino, porque é esse que é o dominante na sociedade. Neste ideário a mulher é silenciosa, inerte e passiva, e o homem exerce o mando.

Tendo a subjetivação das mulheres sido feita pelo ideário masculino (isto é, com o silêncio das mulheres), o "ser" carrega consigo desejos, fantasias, fantasmas, ficções e mando masculinos, de sorte que, empiricamente, os homens podem permanecer ausentes nas várias relações entre as mulheres, pois permanecem presentes de modo imaginário e simbólico (CHAUI, 1984 p.52).

Assim, cada mulher carrega consigo "desejos, fantasias e ficções de mando masculino"¹⁴ para poder existir como um homem existe. Como as mulheres "são definidas para os outros e como de outros"¹⁵ ao longo de uma tradição que permeia filosofia, religiões, e se reatualiza continuamente na cultura de massa, e, "porque somos definidas para os outros, acreditamos que somos o que fazemos para os outros, e dependemos, para existir, que os outros nos reconheçam como tais". Por isso, a relação de violência, quando acontece entre mulheres, para ser compreendida, depende que se faça referência às estruturas da família na sociedade hierárquica.

Durante o ato violento, a mãe, por um breve intervalo, sai do lugar "inerte, passivo e silencioso", para exercer o mando e vivenciar a experiência de existir, o que só acontecerá "na exigência de que o outro ser humano seja", e que "interiorize os desejos, vontades e idéias de quem o submete"¹⁶, no caso, a filha submetida.

Quando minha mãe pegava prá bater ela pegava a mão direita dela com a esquerda da gente e aí dava com o chicote, com o cinto... e eu ficava rodando! Prá não apanhar eu ficava forçando prá ela rodar, minha mãe caía, aí não batia. Mas quando eu deitava, aí ela... Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Minha mãe, quando ia me bater, ela jogava as coisas em cima de mim.... Era vassoura, pegava um tamanco e jogava... Me pegava? ... Eu dava no pé, não ficava não! Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

¹⁴ *Ibid.*, p. 50

¹⁵ *Ibid.*, p. 47-48.

¹⁶ *Ibid.*, p. 50.

Mamãe achou que eu olhei pela greta e vi alguma coisa... Me levou prá atrás de uma moita, era de noite, me bateu tanto! Me solou, me solou, me solou, me bateu, esfregou minha cara no chão porque eu tinha visto. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Minha perna estava toda em carne viva, perna, nádegas, as costas, minha mãe bateu mesmo prá arrebentar, porque eu tinha perdido um carretel de linha! Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

No entanto, distanciadas no tempo, a violência das mães às filhas são relatados do lugar que essas filhas ocupam hoje, de mulheres maduras, entrando na faixa etária do envelhecimento, e de um ponto de vista que as redime pelo sofrimento:

Mas eu não culpo ela não, tadinha... Que a mãe era boa... mas devido ao que meu pai judiou muito da minha mãe, era o que ela contava... Judiava porque meu pai namorava outras mulheres... Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar

5.1.1.4.2. A redenção pelo sofrimento

A expectativa de ser reconhecida como sujeito pelo sofrimento e pelo sacrifício é fruto de uma cultura permeada por uma interpretação do cristianismo que transforma o padecimento em valor por si mesmo. O impacto social das crenças religiosas cristaliza, legítima, crítica ou condena determinadas atitudes e comportamentos, o que produz ressonâncias na vida cotidiana das mulheres. Evitando o discurso simplificado e

simplificador de que a religião aliena e considerando que ela ocupa um espaço importante na vida de todas as narradoras, vale a pena lançar um olhar sobre a dimensão sofrimento na subjetividade das pesquisadas.

No caso das mulheres católicas, a associação de sofrimento com redenção se torna problemática porque pode promover a interiorização de uma interpretação prejudicial à si própria. A aceitação do sofrimento, considerado como um valor, poderá produzir uma subjetivação voltada para a passividade e criar barreiras ao desenvolvimento da autonomia e do empoderamento. A vivência religiosa, nesses casos, perde sua qualidade de vivência da espiritualidade, que não é abordada na presente pesquisa, e acaba quase sempre se associando à aceitação do sofrimento, que é experimentado como se fosse um saldo para alcançar a redenção¹⁷.

O sofrimento das mães das narradoras está presente nos relatos em imagens associadas à doenças: ... *minha mãe, esteve doente, ela teve os problemas de pulmão e aqui não tratava;* maus tratos, ... *meu pai judiou muito da minha mãe ; violência, ... ele batia na minha mãe ;* abandono, ...*ai meu pai deixou ela, deixou quando ela estava esperando esse meu irmão ;* privação, *uma época... meu pai deixou minha mãe, e a minha mãe chorava muito, a gente ficava na casa do nosso avô. Gente, eu passei fome ;* e por trabalho em condições difíceis, ... *ele com dez dias de nascido, ela foi trabalhar na Pró Matre. Ela foi trabalhar quando ele era recém nascido, ela levava ele ;* ou trabalho excessivo:

¹⁷ Essa discussão foi o tema central do seminário realizado em 1999, em São Paulo, pela organização Católica pelo Direito de Decidir, sobre o tema A Violência de Gênero no Discurso Religioso.

...porque ela disse que sofreu muito. Ela trabalhava muito na roça, ela morava no sertão. Trabalhou muito pra criar a gente. Que a gente não tinha fralda, ela fazia fralda de lençol velho. E roupa também ela fazia pra gente... Ela aproveitava os saco pra fazer roupa pra gente de saco. E assim que os outro dava as coisa pra ela, que ela pedia. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Minha mãe era uma pessoa muito trabalhadeira, muito trabalhadeira, pra mim minha mãe foi uma heroína. Porque ela trabalhava muito mesmo, fazia serviço braçal de homem mesmo, que eu vejo homem hoje que não faz o que a minha mãe fazia. Ela cortava banana e botava dúzias de bananas nas costas. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Que a mãe era boa... mas devido ao que, era o que ela contava... .. minha mãe era muito nervosa, acho que era devido a vida que ela levava...Divina , 57, casada, 3 filhos, do lar

O sofrimento das mães, que as redime quando são agressoras, porque hoje as filhas as percebem como vítimas das circunstâncias de vida difíceis, aparece também associado à admiração pelo estoicismo e habilidade contido no relato que se segue.

Ela falou que oito filhos ela ganhou sozinha. Ela falou que às vezes o pai ajudava. Ela estava com as dores e aí ia lá fora fazia um buraco com a cavadeira - com dores, com as contrações, fazia um buraco com a cavadeira, preparava uma tesoura já toda velhinha, preparava embira de banana, ela contava isso prá gente,

preparava embira de banana, preparava o azeite de mamona, que ela mesma fazia, e o fumo, fumo de corda, já todo já seco, na chapa do fogão, e moído. Então ela preparava aquilo tudo, furava o buraco, ia pra dentro do quarto, já separava os panos velhos, isso que ela falou, prá limpar aquelas coisas de parto, ficava de cócoras... E ela conta que quando ela me ganhou, ela estava sozinha, sozinha. Ganhou a Divina sozinha. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

5.1.1.4.3. Mães em ação

Contrastando com a passividade vislumbrada como conseqüência da subjetivação voltada para a aceitação do sofrimento, o que mais às define como mães, nas palavras das filhas, é a ação. Esse contraste muda de qualidade quando se observa que toda essa ação é voltada para o ato de prover ou servir os filhos ou o marido, mantendo características de submissão.

... minha mãe era uma pessoa muito trabalhadeira, muito trabalhadeira, pra mim minha mãe foi uma heroína. Porque ela trabalhava muito mesmo, fazia serviço braçal de homem mesmo, que eu vejo muito homem hoje não faz o que a minha mãe fazia. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Entretanto, mesmo reconhecendo a atividade das mães como significativa para a vida da família, ainda assim uma das filhas, Laura, define o trabalho da mãe como *ajuda* ao marido: *sempre trabalhou para ajudar o meu pai, para que não nos faltasse nada*, tornando - o *referido ao outro* e retirando dele a qualidade de ser um trabalho em si mesmo, e daquela que o executa, a qualidade de trabalhadora.

Essa qualidade *de fazer para o outro*, seja marido, filhos, igreja, mundo, e ter esse fazer, ao mesmo tempo, reconhecido e desqualificado, pelas próprias mulheres, é uma das questões levantadas na presente dissertação. Esse olhar sobre o *fazer* das mulheres é parte de um sistema de valores solidamente encasulado nas subjetividades tradicionais e contemporâneas, atravessando gerações e deixando como sua marca uma inabalável hierarquização dos papéis sexuais, que retira do *fazer* das mulheres, produtivo ou reprodutivo, o mérito do avanço na conquista da sua construção singular.

O *fazer*, captado nos recortes de relatos anteriormente citados, esclarece com quais traços são definidas as mães. Como numa colcha de retalhos, os *fazeres* são enumerados : *com um pulmão só ela ainda fez muita coisa; ela cortava banana e botava dúzias de bananas nas costas; plantava batata; trabalhava muito na roça, ela morava no sertão; tinha muita galinha, muita coisa, criava muita coisa; pescava; fazia aquela panela assim, de feijão muito gostoso, no fogão a lenha, com carne seca, tudo ali dentro; fazia doce de mamão pra gente vender; trabalhava na cozinha; mandava as coisas que tinha dentro de casa, dividia ainda pra dar pra irmã; aquele saco que vinha as fazendas, é que a minha mãe pegava e fazia roupa pra gente ; fazia fralda de lençol velho; nossa roupinha era feita por ela, e muito bem feita foi uma mãe super amorosa, super cuidadosa, preocupada com a nossa educação, com a nossa alimentação, com o nosso vestir; fazia nossas bonecas, fazia aquelas boneconas, bonitas, de pano, fazia com cabelo, fazia boneco, fazia boneca, e ela presenteava no Natal; era parteira e rezadeira; teve em casa, todos os onze filhos, com parteira; mãe teve catorze filhos, mas sempre... Catorze não, ela teve quinze, morreram sete, ficamos oito; teve os seis filhos todos com parteira; cavava um buraco com a cavadeira, tendo as dores, e tinha filho sozinha; meu irmão, com dez dias de nascido, ela*

foi trabalhar na Pró Matre; era muito reservada; não me ensinou como era ou não era a menstruação; minha mãe lavava a roupa dela, tudo escondida; ela de noite chamou meu pai, meus irmãos, "Ó, agora a gente já não tem mais menina aqui não, já é moça, ela ficou moça hoje "; mãe mandou uma carta pra mim, pra mim deixar aquele rapaz, que meu pai estava pra ficar maluco; nunca brigou comigo por causa de namorado; pegava a mão direita dela com a esquerda da gente e dava com chicote; me bateu com lasca de lenha; ela também tinha medo do meu pai.

5.1.1. 5. Pais de antigamente

Quando os pais são narrados, a sua autoridade é um tema que ocupa espaço significativo nos relatos. Vale observar que essa manifestação da autoridade no espaço doméstico é parte de um sistema de enorme amplitude, hegemônico, e que no Brasil, floresceu e se fortaleceu pela dinâmica político - econômica de características monárquicas e escravagistas, adquiriu cores locais e sobreviveu aos sistemas que o alimentaram.

Com outras substâncias e sob outras aparências _ a servidão do pária de qualquer cor, nas grandes propriedades, e o despotismo ou o autoritarismo dos presidentes de República com os quais o Brasil seria por longos anos uma simples monarquia sem coroa _ o sistema patriarcal chegaria, no Brasil, quase aos nossos dias (FREYRE, 1961 - p. cx).

Fazendo a ressalva de que não concordamos com o "quase aos nossos dias", do autor, porque o estamos considerando um sistema vigente, é necessário definir de qual patriarcado

estamos falando, porque quando "os patriarcas controlam a sexualidade das mulheres... assim como controlam as árvores para deter a propriedade da terra,... que é a concepção de Engels, " o controle visa não exatamente a mulher, mas a herança," (CORRÊA, 1996 p.150). Esclarecemos, portanto, que estamos falando do patriarcalismo brasileiro, aprimorado pelo trabalho servil e pelo governo monárquico, mas resistente à queda desses sistemas, sempre aclimatado às mudanças, e que Freyre (1961) chamou de "patriarcado romano".

Para o entendimento dos relatos, e poder acessar por meio deles o processo de ruptura com normas de comportamento diferenciadas e valores oriundos da iniquidade nas relações de gênero, interessa chamar a atenção para o fato de que a mentalidade patriarcalista, ou melhor, a subjetividade de patriarca, não se restringe aos homens brancos e detentores de poder econômico e/ou político, mas, sendo dominante, faz parte do sistema de crenças, normas e valores dos homens não brancos, pobres, e também das mulheres, porque se trata de uma ideologia¹⁸, e não de um estado ou situação de vida.

Fazemos essa afirmação porque nas histórias que pesquisamos, os pais das narradoras, pobres, aparecem tão autoritários como são descritos os ricos proprietários de terras.

¹⁸ Estamos usando a palavra ideologia com o significado daquilo que : " ...os homens, em condições que nem sempre foram escolhidas por eles, instauram um modo de sociabilidade e procuram fixá-lo em instituições determinadas(família, condições de trabalho, relações políticas, instituições religiosas, tipos de educação, formas de arte, transmissão de costumes, língua, etc.). Além de procurar fixar seu modo de sociabilidade através de instituições determinadas, os homens produzem idéias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas idéias ou representações, no entanto, tenderão a esconder dos homens o modo como foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e política. Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia"(CHAUI,1980 p.21). Acrescentamos a essa citação a observação que nos lugares onde a autora emprega as palavras o homem e os homens, na presente pesquisa, estamos interpretando essas palavras com o significado de os seres humanos, ou a humanidade.

A "suprema autoridade" do pai nunca é questionada pelas filhas e filhos. Ela só sofre a ameaça de ser compartilhada com a autoridade do padre ou do médico de família (D'ÁVILA NETO & PIRES, 2000 p. 53), e, mais tarde, quando depois de casadas, as filhas mulheres passam a transferir aos maridos a obediência que prestavam aos pais, num processo de continuidade.

Os pais quase nunca são descritos fisicamente, é a descrição do seu caráter que tem espaço nos relatos das filhas.

... meu pai, como era político, foi candidato a vereador, e ganhou. Eu andei muito com ele, por essas ilhas, por esses campos, fazendo campanha com ele. Ele ganhou, ficou um ano e pouco e depois ele renunciou, devido às injustiças que ele via, dentro da Câmara de Vereadores e da Prefeitura na época... Meu pai era um homem muito severo, ele não aceitava esse tipo de irregularidades e injustiças, em lugar nenhum, e principalmente na cidade, ele sendo vereador... Ele dizia: "Eu não posso ser conivente com o que está se passando". E ele renunciou ao mandato dele.(...) E meu pai era um homem muito lento, vagaroso, era tudo muito bem feito! Meu pai não gostava da imperfeição. Tudo tinha que ser perfeito.(...) Lia jornal todos os dias. Mas ele era muito rude com a gente. (...)Meu pai leu jornal até... só ficou doente, acamado, hospitalizado cinco dias. Só ficou cinco dias da vida dele sem ler jornal. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Era um pernambucano véio daqueles que... Nossa... Não me lembro de meu pai me bater. Não lembro. Depois que eu me entendi mesmo, não lembro, nem meu Z pai nem minha mãe. Nunca fui pessoa de ficar apanhando assim. (...) Ele era branco meio louro. Ele era branco, não era branquelo. Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

Meu pai que era muito mulherengo, você imagina o que aconteceu. E daí ela teve um filho dele. Ela era a irmã da minha mãe. Foi difícil.(...) Era um homem muito safado. Tinha uma coisa fora de séria. Com uma mulher só, não dava pra ele. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada

As heranças de traços das características pessoais e habilidades imprimem sua marca nas descendentes, que às reconhecem.

Como no dizer da minha mãe, eu era pra tudo e ainda sobrava. Era pau pra toda obra. Meu pai era forte, era um pernambucano forte mesmo.(...)...muita gente da minha família acha que eu puxei mesmo pro meu pai, inclusive na disposição. Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

*... ele me ensinou, desde pequena, é o trabalho, que o trabalho é uma coisa muito importante, que o meu pai sempre dizia pra mim, meus filhos, não importa o que seja, se vocês trabalhar com dignidade...*Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Meu pai era mascate, por isso eu sou boa vendedora... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

E uma coisa muito importante que eu gosto de falar do meu pai, de lembrar, era a educação política que ele deu pra gente. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

As descrições sobre os pais ilustram seus três papéis sociais mais destacados. O papel de provedor: *A gente sempre foi pobre, pobre mesmo. Só não era pobre de faltar o que comer, porque meu pai era muito trabalhador; ... meu pai trazia, ele vendia fazendas, ia ao Rio, comprava... ;* o papel de fonte de identificação : *meu pai era um pernambucano véio... eu herdei isso de meu pai, a disposição pro trabalho, no dizer da minha mãe, dava e ainda sobrava; meu pai era político, das filhas mulheres, eu sou a que mais gosta de política; meu pai era mascate, é por isso que eu sou boa vendedora;* e o papel de disciplinador.

5.1.1.5.1. Pais agressores

No papel disciplinador, quando ressaltam a severidade no estabelecimento de regras de comportamento, os pais, muitas vezes, inspiram medo às autoras dos relatos: "mesmo depois de casada eu sentia medo dele". Na ausência do pai ... "meu pai deixou ela quando ela estava esperando esse meu irmão", é comum outro homem da família assumir esse papel disciplinador, que geralmente implica violência: "Meu avô era ruim. Metia o couro mesmo, e era de chicote".

Os relatos sobre os homens das famílias, no seu conjunto, causam uma forte impressão pela repetição de histórias de violência que evocam. A violência é o recurso utilizado pelos homens para fazerem cumprir suas vontades.

Esse meu avô era muito assim... Como é que se diz ? daquelas pessoas antigas, gostava de bater... Então ele quando pegava a gente pra bater, ele batia com chicote, chicote que bate em cavalo, sabe? Therezinha, 62,viúva, 8 filhos, pensionista..

Eu tenho esse ouvido, o tímpano perfurado, de um soco que meu irmão me deu quando meu irmão mais velho Hildo soube que eu estava assim... paquerando ele... Divina , 57, casada, 3 filhos, do lar.

Em cada sociedade, de uma determinada maneira, de acordo com as suas características particulares, cabe aos adultos repassar às crianças as normas de sociabilidade, o que não pode acontecer sem que haja alguma repressão. Essa repressão pode gerar conflitos, que, via de regra são transitórios, porque as crianças se tornam adultos, os adultos se tornam velhos, e a história recomeça. A agressão dos maridos, pais, irmãos, ou avôs contra as mulheres das famílias, entram para o rol da violência de gênero.

A organização social das relações de gênero brasileiras _ e isto não constitui privilégio deste país _ atribui aos homens prerrogativas que lhes permitem ditar normas de conduta para as mulheres, assim como julgar a correção do cumprimento das suas ordens. Fazer justiça com as próprias mãos não é

legalmente permitido aos homens. Entretanto, há uma gigantesca tolerância em relação a este comportamento (SAFFIOTTI, 1998 p.28).

O homem pai, ou seu representante, passa a encarnar a figura do patriarca, que impõe sua lei, a lei masculina, concebida pelos homens para manter seus privilégios, e dentro da qual mulheres e crianças devem ser domesticadas. Essa agressão também toma a forma de insultos e ofensas, e perpassa grande parte dos relatos, e, talvez, a face mais cruel dessa violência seja a naturalidade com que ela é narrada. Assim, um fato político, a violência familiar, passa a ser *natural*. A frequência da sua ocorrência faz com que seja *naturalizado*, e não suscita mais estranhamento e revolta, mas conformação. As brigas e surras são descritas num tom próximo ao de fatalidades das quais quase nunca era possível escapar.

Aí me bateram, não deixaram eu namorar ele, eu já estava com 14 anos, 15, não deixaram... meu irmão... me deu um soco que sangrou assim, correu sangue.
Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

De repente, quando eu vi, meu pai, com uma correia que não tinha mais tamanho. Veio pra me pegar. ... me deu uma surra, uma surra... "Eu já te disse que não quero que você namore, que você não tem idade pra namorar...". Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Quando foi uma noite, outra vez, ... Foi uma surra feia mesmo que eu apanhei. Ele dava mesmo que até quebrou... a gente usava aqueles negócios de lampião, no

quarto... que até quebrou , ainda bateu em mim, saiu sangue e tudo. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Ele era bom , era bom pra gente mas... ele gostava de coisa muito certa, e quando saia fora ele gostava de bater na gente. ... deu uma surra nela (minha irmã) de correia. E ela respondeu ele: _"Tá batendo? Mata! Mata e come!" Ai que ele batia mais ainda...Eu não, quando ele ia me bater, que eu fazia alguma coisa errada, que eu era danada mesmo, eu corria e trepava no pé de goiaba... Depois que passava a raiva eu voltava! Nunca apanhava... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

... meu pai deu uma surra muito feia nela. Muito feia mesmo, ainda me lembro como se fosse hoje, ela debaixo de um pé de fruta ... Ela de joelhos, pedindo que ela queria a morte. Bateu feio mesmo, ele, que quando ele batia era com a fivela, não era coisa não, pegava a fivela e dava mesmo. Eu via aquilo, pequena, eu assustava, eu era assustada. Assusta. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Bater eu nunca vi ele bater nela. Só uma vez que ela bateu muito em mim, aí eu tava chorando, aí ele chegou e pegou um machado pra matar a minha mãe. ... Ele tava nervoso porque ele viu eu toda machucada. Minha mãe bateu muito, machucou. "Você podia ter matado a menina, vou te matar também." ... depois eles não brigaram, não discutiram. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

A violência simbólica também se manifesta na forma de exigência da obediência incondicional.

...Quando ele chegava em casa, qualquer hora da noite, ele fazia minha mãe levantar pra ir no galinheiro, pra pegar galinha pra matar e fazer pra ele. Você já imaginou? Qualquer hora da noite ? Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada

5.1.1.5.2. O lugar da masculinidade

Os valores referentes à definição da masculinidade são bem caracterizados em dois relatos. O bar, a rua, são lugares dos homens, e beber, usar armas e brigar fazem parte desse universo, do qual as mulheres e os filhos são excluídos. As contradições são simplesmente constatadas, sem questionamento. A moral ideal é cobrada aos filhos, o que não significa que seja coincidente com a moral de fato, e é ilustrada pela forma conflitante dos papéis que os pais desempenham na rua e em casa.

Ele bebia muito, mas ele nunca deixou um filho ir assim numa porta de venda. Ele não aceitava que nós fosse comprar nada, que lugar de bar ele dizia que era lugar de homem. E nós não ia mesmo. As pessoas não ia mesmo. Eu só fui entrar em bar depois de grande, depois de casada, porque aí ele ia beber e eu ia tirar ele de lá. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Meu pai também brigava, era brigão. Dia de festa de Nossa Senhora da Piedade, ele brigava muito, também, com os primos todos. Ele tinha mania de arma. E toda

arma que ele usava , a minha mãe botava fora. Tem uma toca, lá na Gipóia, quantas armas estão ali! A minha mãe jogava lá dentro daquele buraco. Era ele trabalhar, ele comprava uma arma. Era facção, na cintura... feito aquelas pessoas antigas... E era uma pessoa boa, só quando bebia era que ficava valente... Entendeu? Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

A lealdade à família, como já citamos anteriormente, é o princípio moral predominante, que beneficia os que fazem parte do círculo familiar e permeia todos os relatos, absolvendo as tiranias. Ela se manifesta nas falas sobre os pais, quando a denúncia dos comportamentos violentos são seguidas de declarações contraditórias.

... meu pai era muito agressivo dentro de casa. Que Deus tenha ele em bom lugar, ele já morreu! Ele gritava... ... Meu pai nunca bateu num filho, nunca gritou. Ele era bonzinho. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Outra forma dessa *lealdade* aparece quando as críticas são precedidas por um reconhecimento de violência paterna, que é denunciada e perdoada em seguida, e quase sempre a queixa é seguida de um reconhecimento de virtudes, um pedido de desculpas, uma compreensão da falibilidade.

Meu pai, qualquer coisa ele batia mesmo.... Já tinha uma correia. Era muito bom, não deixava faltar as coisas, mas era muito severo. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Assim como nos relatos sobre as mães, onde estas são redimidas de seu "nervosismo" e agressões pelo sofrimento presente em suas vidas, os pais, exatamente pelo desempenho do papel do provedor, do "que não deixava faltar as coisas", têm sua violência autorizada e naturalizada, tanto pelos próprios, como pelas filhas, pelo mecanismo da produção da subjetividade dominante que já citamos anteriormente. Se, no papel de filhas, algumas narradoras conviveram com mães e pais agressores, nos relatos sobre suas vidas adultas, quando são mães, se narram capazes de reconstruir esses papéis.

Meus filhos eu já tratei diferente... Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada

Atenta ao objetivo desse primeiro tópico do presente capítulo, traçar um panorama das normas e valores que balizam os grupos sociais onde as narradoras inscrevem seus relatos, resumimos a paternidade como nem sempre provedora, fonte de identificação, exigente de perfeição, autoritária, violenta e distante.

Com meu pai num tinha muita relação não. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Concluindo o tópico *Origens e conserva cultural*, e confirmando Guattari (1986) e outros/as, que falam de pais e mães, família, etc. produzidos de acordo com conjunções de fluxos de determinantes que tanto podem ser territorializados, nas sociedades arcaicas, ou podem ser planetários, nas sociedades capitalísticas, juntamos um relato que é exemplo concreto das mudanças de paradigmas que, no presente, o conjunto da sociedade ocidental atravessa, revendo os papéis tradicionais masculinos, traduzido em palavras simples.

Antigamente não tinha esse amor assim paterno que hoje em dia tem. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

5.1.2. Namoros, noivados & casamentos

Um breve olhar sobre esse tema será útil na composição do cenário dos valores e normas que emolduram as Histórias de Vidas das narradoras. Ainda são os pais os personagens onipresentes nos relatos das filhas quando estas, adolescentes, iniciam suas aproximações amorosas. Temidos e definidos por palavras como "rude", "severo", "rígido", proibir os namoros das filhas é a regra em todas as famílias onde os pais estão presentes. Exercitam o privilégio de desaprovar ou mesmo escolher o futuro cônjuge da filha, reproduzindo, nos meados do século XX, uma prática usual dos pais do período colonial, onde os casamentos se faziam por interesses econômicos familiares. No período citado, o matrimônio era uma decisão tomada pelos pais dos noivos, que resolviam quando e com quem se casariam os filhos, sendo não só uma decisão como uma obrigação, que, na falta do pai, deveria ser desempenhada por um irmão mais velho ou por um tutor, e sua função era preservar ou aumentar o patrimônio familiar (COSTA, 1989 p. 215). Resquícios desse hábito aparecem, vigentes ainda em meados do século XX, tanto no interior mineiro, como no sertão nordestino, como na então isolada região do litoral fluminense, entre pobres, como comprovam alguns dos relatos, onde, se o casamento não chega a ser contratado entre as famílias, os pretendentes, caso não correspondam aos anseios familiares, ainda são rechaçados sem nenhuma explicação.

"A partir de hoje não tem mais namoro nem noivado nem casamento." E acabamos o noivado. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

O pai escolhe segundo seus próprios critérios. "Uns ele queria, outros ele não queria". Um determinante da recusa de um pretendente podia ser a cor da pele.

Se fosse bem moreno, mesmo que não fosse negro, ele não queria, que não era prá casar com aquele negro, que a família isso... Raimunda, 63, viúva, 5 filhos, trabalhadora autônoma.

Esse papel é geralmente desempenhado pelo pai, mas a mãe pode ser porta - voz dessa norma: *Aí a minha mãe não deixou eu namorar ele...Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.*

Outros hábitos herdados das "... velhas zonas rurais do Brasil ... onde os casamentos entre primos com primas ... se sucederam através de gerações" (FREYRE, *apud* COSTA, 1989 p. 217), também aparecem nos relatos, onde o namoro entre primos são bem aceitos, e até incentivados.

Ele era meu primo, ainda mora aqui em Angra. Primeiro, ele foi lá em casa, falou com o meu pai, aí ele já aceitou! Porque era da família, ele conhecia. ... mas eu não gostava dele. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

A recusa de pretendentes militares aparece explícita em dois relatos, e mereceria um estudo mais aprofundado, que não será desenvolvido aqui. As narradoras iniciaram suas vidas

amorosas antes do golpe militar de 64, período em que o direito ao voto foi suspenso, assim como a liberdade de imprensa, em que brasileiros e brasileiras contrários à suspensão da democracia foram presos, torturados e mortos, o que, depois de algum tempo, disseminou um forte sentimento antimilitarista. Mas as rejeições aos pretendentes militares são anteriores a esse período. Portanto, só podemos deduzir que, nas famílias pesquisadas, a fama dos militares era má e pode, talvez, se reportar à polícia política da ditadura Vargas, ou a outras referências muito mais antigas. Em dois relatos, a fama dos militares não contribuiu para que sejam aceitos como pretendentes pelas famílias das narradoras, e ajudam a retratar os valores sociais desse período.

... eles tinham horror à polícia, que polícia era gente ruim, sanguinário ... Eles não queriam porque ele era militar, militar era coisa ruim, não tratava bem a mulher. Policial era homem de muitas mulheres, por isso é que eles não queriam.
Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Ele era soldado. Então meu pai falava que soldado era gente que não prestava. Mesmo assim ele admitiu o namoro, o noivado... Mas depois ele cismou que o cara não prestava, e, não sei, ele achou que não prestava... Laura, 65, viúva, 4 filhos, do lar.

5.1.2.1. Namoro escondido, namoro de criança

Uma história tem diferentes versões, dependendo do lugar que ocupa quem a relata. Poderíamos dizer que a proibição dos namoros toma ares de "história oficial" (LEVY,

1995, p. 10), porque, apesar de toda a autoridade paterna que é transversal às narrativas, essa proibição é sempre driblada pelas filhas.

... era escondido do meu pai, ah, ele não sabia! Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

... a gente se encontrava escondido. Divina, casada, 3 filhos, do lar.

... com esse era uma amizade mesmo forte que eu tinha com ele que eu passei um ano, mais de ano, namorando escondido. Raimunda, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

... a gente namorava mesmo! Depois de moça, namorava escondido!... Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Eu namorei um rapaz mais de ano. Meu pai não queria nem pensar. Eu pensei até em fugir com esse rapaz, sabe? Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal

As narrativas mostram que existiam brechas por onde acontecia uma história paralela à vigilância paterna. A reconstrução do período de "namorar escondido", nos relatos, é sintetizada na expressão "namoro de criança".

... era aquele namoro só de conversar. Beijar e abraçar, nem pensar. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

A gente namorou, namorou assim sem nunca beijar, sem nunca abraçar. Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

Nunca beijei, só segurava na mão e saia correndo pra casa, e bilhetinho... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Foi um namoro muito bobo, namoro de criança. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Quando a fase de "namoro de criança" é ultrapassada se inicia uma outra, chamada "namoro mesmo". O que a caracteriza é um início de intimidade corporal.

5.1.2.2. O corpo da interdição

Nos corpos, "qualquer gesto envolve o reconhecimento de uma ordem política dada, que distingue a posição hierárquica dos homens, das mulheres, das idades, etc." (MURARO, 1983 p. 23). O reconhecimento dessas ordens se dá pelo adestramento que se inicia na infância e produz uma maneira de falar, andar, olhar, modos socialmente determinados de sentir e pensar e moldar uma visão de mundo. Existem gestos e posturas considerados masculinos e gestos e posturas considerados femininos, a partir dos quais, meninas e meninos se identificaram com o seu sexo, da forma como ele foi definido em sua

sociedade. Esse conjunto de atitudes tomam a forma de normas de comportamento diferenciadas, e produzem subjetividades, no sentido que Guattari (1986) dá ao termo.

Não fica aí se agarrando, que o homem, hoje, namora uma moça, começam a falar..."Eu fiz isso, fiz aquilo com ela!" Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

O que é permitido e o que é interdito depende de normas que são sempre emanadas dos setores dominantes, se concretizam em instituições e chegam aos indivíduos a favor ou contra seus interesses. " Para que elas possam ser aceitas é preciso que venham estruturadas numa ideologia, a ideologia dominante"¹⁹. Assim, logo cedo, os corpos aprendem a serem vigias de si mesmos, e a repressão ostensiva deixa de ser necessária.

... eu conheci um rapaz mas não deixava ele encostar em mim. Quando ele ia colocar a mão no meu seio eu dizia: "Não, você não vai colocar a mão aqui..."
Não deixava...Tem que se guardar. Eu falo isso pelo meu exemplo, que minha mãe falava essas coisa. Essa coisa ela explicava pra gente. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

5.1.2.3. O corpo mistério

Os sistemas de normas e valores vigentes nos grupos de origem das narradoras podem ser captados com riqueza quando são abordados temas ligados ao corpo feminino e à

¹⁹ *Id.*

sexualidade. Um dos marcos dessas narrativas é a menarca, seu significado e as normas de comportamento que sua ocorrência agencia. Algumas vezes as mães ditam códigos de comportamento explícitos quando o assunto envolve o corpo da menina.

Ela falou: " Olha minha filha, sangrou é moça, você já não é mais menina, não pode, tem que ter juízo, cuidado, se beijar na boca engravida, se olhar muito dentro dos olhos de homem, se homem olhar muito dentro dos olhos, olha, espera filho! Barriga cresce e aí o ganha filho, aí todo mundo vai descobrir que já é mulher." Aí eu tinha medo de olhar nos olhos dos homens Era o modo que ela adotou prá dar educação prá gente, sei lá, ué ! Medo das filhas se perder, que ela dizia que se a gente se perdesse e ela descobrisse ela matava a gente, ela tinha prazer de comprar roupa bem chique e enterrar a gente ! Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

"Mas quê que é isso?" Ah, mãe, não sei , tá saindo sangue, não sei o quê que é isso não..." Ah, é você que ficou moça!... Mas não espalha não! Não conta pra ninguém não, que isso é segredo. Não fala pra ninguém não." Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Nos dois casos citados acima, as mães assumem o papel explícito de porta - vozes da manutenção das normas estabelecidas, apontando o corpo da menina que está crescendo como o lugar do mistério e da interdição.

Mas na maioria dos relatos as mães são, nas palavras das filhas muito "reservadas" para esclarecer sobre as mudanças do corpo. Nesses casos, as transformações que ocorrem no corpo das meninas quando entram na puberdade são assuntos que não são falados com adultos.

O desconhecimento das meninas e adolescentes sobre o próprio corpo e as restrições de comportamento à respeito dele aparecem no relato de todas as pesquisadas.

A coisa pior da minha vida foi isso - a menstruação. Por nós não termos nunca uma educação nesse sentido. Educação, sexualmente falando. ... O que me ajudou, foi na escola, muito mais tarde, conversando com as amiguinhas. As amiguinhas é que ensinaram: "Não, Laura, isso é assim mesmo, isso é coisa de mulher, não é doença, todos os meses... É coisa normal, da natureza..." Foi uma época... Eu nasci nos anos 30... foi muito difícil! Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

A cumplicidade, porém, presente na atitude das colegas de escola e vizinhança, mais velhas, que falam sobre menstruação, relações sexuais e partos, desempenha papel importante, e ajuda as meninas a superarem a angústia ante esses assuntos, que quase nunca podem ser abordados em situação intergeracional.

Minha mãe era boa, mas ela não contava muitas coisas pra gente não...Ela...A gente escondia...Quando eu fiquei menstruada, eu não sabia, eu escondi dela.

Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

A gente não era preparada para a primeira menstruação, quando viesse, nada disso foi preparado, nada disso. Minha mãe lavava a roupa dela, tudo escondida. Eu via, que eu era esperta, eu via, já sabia mais ou menos. Nem falei pra ela. Eu via ela lavar escondido, eu fiz a mesma coisa, fui lavar escondido. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Se não fosse uma colega minha ... Um dia nos estava num riacho assim tomando banho, e ela me perguntou se eu já sabia como era. Eu digo não, não sei. Nunca vi nem falar. Já tinha visto na minha mãe aquilo tudo. Não usava modess essas coisas. Aí ela me ensinou direitinho como era que aquilo aparecia, então aquilo, através dela que eu fiquei mais ou menos sabendo. Quando apareceu em mim já apareceu tarde, eu já tinha 15 anos, que eu acho que lá naquela época, era que as moças ficavam... Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

Naquela época, ninguém nunca conversou com a gente sobre ... minha avó então! Imagine se ia conversar! Minha mãe também, que a minha mãe já tinha tido aquela criação daquela maneira. Então eu fiquei sofrendo muito tempo de uma doença... Era o que eu pensava! Muito tempo mesmo, muito tempo! E a gente não tinha mesmo como se proteger... não sabia como, o que fazer pra colocar na calcinha... A gente colocava pano velho... E aquela coisa! Foi uma coisa muito ruim! Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Manter as meninas na ignorância parece ter sido a estratégia usada pelos pais e mães para conservar sob controle a sexualidade de suas filhas.

Que eu tinha muito medo, bem que eu tinha vontade de botar a mão lá e ver como é que é. Mãe dizia que furava a gente. Tinha que tomar banho com muito cuidado, passar a mão devagarinho, lavando, que a mãe dizia que furava uma pele ali que quando a gente ia ter relação com um homem o homem via que aquilo estava furado e entregava a gente de volta prá ela. Ela dizia : "Eu não quero passar essa vergonha, essa desonra" Ai de tudo eu tinha medo, de tudo. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Eu não sabia nem onde que a criança nascia, eu já era mocinha. Por onde? Por detrás?... Depois é que eu fui descobrir... Por aquele burquinho tão pequenininho! Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

... sempre a mamãe foi negócio de parteira , aí.... Minha mãe estava lá prá dentro. Quando ela saiu lá de dentro eu disse:" Ih, nasceu!" Mas falei por intuição. Mamãe achou que eu olhei pela greta e vi alguma coisa. Me levou prá atrás de uma moita, era de noite, me bateu tanto!... Então ela achou que eu tinha olhado pela fresta ... Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Para meninas educadas em contextos onde a desinformação é usada como instrumento para o controle sobre a sexualidade , terreno habitado por ameaças contidas em afirmações como "se beijar, engravida", contextos onde as mães são "reservadas", o corpo passa a ser um mistério, fonte de angústia e insegurança (DINIZ, SOUZA & PORTELLA, 1998 ; PITANGUY & SOUZA, 1997). Às vezes, o ato do nascimento de mais uma criança na família continua pertencendo à esfera do proibido até mesmo depois que as filhas já

ultrapassaram a puberdade, porque saber de um parto implicava admitir a idéia de sexualidade entre os pais, dentro da família, e a sexualidade pertencia, simbolicamente, ao âmbito da rua.

Quando nasceu o temporão da minha mãe, minha mãe já tinha 42 anos, já. Não, ela ia fazer 42 em outubro, ele nasceu em setembro. E nós éramos todas grandes já. Moças e rapazes. E nós tivemos que sair de casa, ficar longe, casa de vó, de tia, pra criança nascer! E só podíamos voltar depois de tudo acontecer, pra gente não saber como era! Isso foi muito engraçado, gente! Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

O mistério que envolve o corpo e a sexualidade é rompido pela curiosidade de quem foi criada na roça, pronta a aproveitar as oportunidades para saber sobre o proibido.

Ela não falava nada prá mim, nada, mas eu já sabia de tudo. Aqui ó, falta essa unha aqui ó, foi com sete anos, que a mãe ganhou uma leitoinha, e a leitoa cresceu, ficou grande e entrou no cio. Aí minha mãe arrumou um cachaço, que é o porco que cruza com a porquinha, chama cachaço. Aí arrumou e botou... Aí eu, curiosa, escondi da minha mãe e fui lá... Que é um chiqueiro escondido, lá longe, prá não ver, prá ninguém ver, pro porco cruzar. Esconde, porque é feio, é imoral, naquela época era imoral. Aí eu, curiosa, porque eu escutava, porque toda vida eu fui de antena ligada prá escutar o que é que os outros estão falando, o que pode, o que não pode, o que é certo o que é errado, aí eu escutei numa dessas vezes. Eu escutei mãe falar prá buscar o porco prá botar com a porca que ela estava já no

cio prá cruzar. Aí eu fiquei incomodada, ué, prá buscar, ela estava sempre sozinha, só o porco chegar e ela ia ficar esperando filhote! Mãe falou: "Talvez eu tenha sorte de ela ser uma boa parideira e ganhar um punhado de filhote de porquinho, muito porquinho", aí, eu pensei "Ó, vai acontecer alguma coisa!" Aí eu subi no chiqueiro prá ver, aí quando o porco montou em cima da porca e estava enfiando nela, aí eu fiquei nervosa e mexi com o pé, aí o porco virou e mordeu minha unha ! Nunca mais nasceu, eu tinha sete anos, e eu bem vi !... Arrancou a unha ! Minha unha nunca nasceu Eu conto isso pras minhas manicure, elas morrem de rir! ... eu queria ver, queria saber, ora! Cruz credo Ave Maria ! Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Emoldurado por um cenário de proibições e segredos, quando se iniciam as aproximações amorosas, o corpo que entra em cena, antes do prazer, experimenta repressão e estranhamento.

...quando ele me beijava, sabe o que eu fazia? Eu cuspiam muito. Cuspia, eu tinha um nojo tão grande que eu cuspiam, na frente dele! Não gostava, quando me beijava eu cuspiam muito. Isso é imundície! Eu ficava dizendo que era imundície. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

... e lá foi que aconteceu o primeiro beijo que eu tive na minha vida. ... Eu lembro. Foi no dia 9 de junho de 1962. Nossa Senhora, me deu uma caloria danada, eu fiquei tão nervosa que eu falei obrigada pra ele, obrigada! Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Foi ele que me deu o primeiro beijo, eu fiquei apavorada quando ele me beijou!

Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Nunca beijei um rapaz e nunca um rapaz me beijou, a não ser depois que eu me casei. Até casar, nunca beijei o meu noivo. Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

5.1.2.4. Namoro consentido e noivado

Na passagem do "namoro escondido" ao namoro consentido são estabelecidas regras, e ele passa a acontecer debaixo da vigilância dos familiares que delimitam o que é permitido e o que é proibido. O que era lúdico e espontâneo vai sendo formalizado, até se transformar na instituição do noivado.

Quando ele foi falar prá ele que queria casar comigo meu pai falou: Olha eu tenho minhas filhas prá casar mesmo, mas os maranhenses, aqui no Maranhão diz que os homens, rapaz casa, com dois, três anos larga a mulher. Mas o que fizer isso com minha filha, aí casa comigo! Raimunda, 63, viúva, 5 filhos, trabalhadora informal.

O namoro era assim, bom, e não era. Existia uma fiscalização em cima. Era em casa. ... Quem disse que?! Nós saíamos, ele já tinha um carro naquela época, nós saíamos... mas tudo junto, com as minhas irmãs menores. Tinha que ter alguém

segurando a vela! Não podíamos sair só nós. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

"Então ele tem que vir aqui, que aqui em casa eu não quero que ninguém, filho meu não vai namorar na rua." Ele não deixava. Ele não admitia que nós namorasse, nenhuma de nós. Tinha que namorar e trazer pra ele conhecer, tinha que trazer pra dentro de casa. Já viu isso? Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Namorava assim, a gente sentava na mesa... .. A gente namorava se tocando por debaixo da mesa, o pé, a ponta dos pés, escondido da mãe, de todo mundo. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Depois que ele saía, papai botava prá brigar comigo... Brigava até prá onde se viu? "Pra namorar não precisa sentar junto..." Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Quando eu cheguei ele (meu pai) disse: " Não gostei desse negócio de ficar agarrando, botando a mão no ombro." Eu ficava calada. Mas eu nunca respondi ele em nada. Acho que por isso é que ele nunca me batia. Nunca fui de responder nada. Raimunda, 63, viúva, 5 filhos, trabalhadora informal.

Então quando passava um pouquinho, meu pai ficava aos gritos, lá de dentro... "Tá na hora, tá na hora, isso não é mais hora..." ... Quando não era isso era a vó

na sala, era meu irmão na sala, era uma coisa assim muito difícil mesmo, era uma coisa ali! Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

As amigas e as primas, que já apareceram nos relatos no papel de transmissoras de conhecimentos sobre o corpo e a sexualidade aparecem agora como cúmplices de estratégias forjadas para desafiar as rígidas interdições dos códigos de namoro e aproximação com o outro sexo.

Sabe o que eu fazia? Eu tinha uma prima, ele deixava as vezes eu ir ao baile com ela. Sabe o que eu fazia? Nós ia ao baile. Eu dizia assim: "Quando nós chegarmos não vou bater na porta não, vou dormir na casa da minha prima ". Aí que eu ficava namorando até duas horas da manhã sem ele saber, na pedra, sem ele saber, do lado de fora. Aproveitando. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

5.1.2.5. Casamento

Os casamentos, que entre as pesquisadas aconteceram entre os 17 e os 22 anos de idade, são marcos divisórios entre duas etapas da vida. Às vezes são antecidos por uma drástica mudança de atitude. A mesma narradora obediente que afirma "...minha mãe mandou uma carta pra mim, pra mim deixar aquele rapaz, que meu pai estava pra ficar maluco. Eu digo tá, vou deixar sim. Quando eu fui lá, terminei com ele", mais adiante se rebela.

*Mas desse eu falei pra minha mãe. "Se ele não quiser eu vou me casar escondido".
Falei ! ... Então eu me casei com esse... Porque moça é assim. Quando chega
aquela época, ela tem que casar mesmo".* Raimunda, 63, viúva, 6 filhos,
trabalhadora informal.

Essa mudança de etapa de vida é materializada em símbolos e rituais, como ... "eu quero casar de véu e grinalda, eu vou sair daqui virgem e botar um vestido de noiva e um véu". Além dos símbolos e rituais, o casamento pode representar uma melhoria de situação de vida material ou emocional.

*Ele me conheceu minha unha era toda preta de... fogão, carvão. Porque eu casei
com 22 anos sem na casa dos meus pais ter um fogão a gaz. Só tinha um copo
pras pessoas tomarem água,(...) Ele me presenteava! Eu trabalhava nas casas dos
outros, eu ganhava vinte...reais? Não sei qual era o dinheiro daquele tempo... Ele
me dava 40 para eu ficar dentro de casa, não trabalhar na casa dos
outros...Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.*

*Eu não tinha quase ninguém. Minha mãe trabalhava, eu ficava com a minha
avó.(...) Eu acho que nós namoramos... acho que dentro de um ano nós
namoramos, ficamos noivos e eu casei... Dentro de um ano. Aí, assim com uns 15
anos eu conheci o pai dos meus filhos, fiquei noiva, com 16 anos eu casei, com 17
tive a minha primeira filha, com 18 tive outro, aí fui tendo... Tive 8 filhos, cada
ano tinha um. Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.*

O início da vivência da sexualidade consentida, dentro do casamento, ainda vem marcada pela desinformação e pelo estranhamento.

A primeira noite é horrível. Eu não gostei. Não senti nada. Depois, passado uns tempo, duas ou três semanas assim, foi que eu comecei a gostar. Sabe? Não sentia nada, só sentia dores, muitas dores... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Então isso era horrível pra mim. Uma coisa terrível. Se eu sabia alguma coisa sobre relação, era minhas colegas que... Então foi horrível, eu achava terrível, eu não tinha nem coragem de ficar olhando... pra cara do sujeito! Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

Como por ocasião da menarca, as mães, no intuito de estabelecer normas de comportamento para controlar a sexualidade das filhas, não hesitaram em recorrer à informações falsas : "Se você olhar muito nos olhos do homem, engravida" ... estas afirmações, por sua vez, foram rebatidas por mitos liberadores: ..."da primeira vez (que tiver relação sexual) não engravida". Esse conjunto de atitudes enreda mães e filhas numa teia de medo e desinformação.

Aí eu peguei gravidez, da primeira vez. Diz que da primeira vez não engravida, então da segunda vez... Todo mundo dizia que não engravidava, aí na primeira eu engravidei. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

A desinformação segue paralela ao desenvolvimento das jovens e permanece durante o casamento, onde um dos grandes problemas é a contraceção. Educadas de acordo com valores nos quais os fatos sobre o corpo são escondidos e motivo de vergonha, as narradoras contam suas dificuldades em buscar ajuda no sistema de saúde. Frente aos profissionais de saúde as narradoras se colocam em papéis que denotam inibição, vergonha, desconfiança e medo.

Eu não queria ficar grávida. Assim, em seguida. E eu também fui boba, tinha vergonha de médico. De chegar lá... Como é que eu vou fazer com médico? De chegar lá ? Não tinha ninguém pra me orientar... Uma colega falou assim... Coloca esse comprimido que você não engravida... Eu engravidei na lua de mel.
Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Eu pegava gravidez, eu evitava de tudo que é jeito, mas eu não tomava remédio. Eu fazia ele evitar, mas eu pegava gravidez... Evitava tirando na hora, mas eu sou tão fértil, era o que o médico falava, qualquer coisa que ficasse eu pegava gravidez. Quando a primeira filha estava com oito meses eu já tava grávida, e não sabia. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Quando chegou a terceira filha, que foi uma filha que eu nem esperava de ter ela... Porque com cinco meses eu não sabia que estava grávida! Porque eu não tinha barriga! Tava muito magrinha. Aí foi quando eu fui a um médico
...Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

Comentário: Desconhecimento do estado de gravidez e gravidez indesejada.

Esse lugar de onde se relacionam com os/as profissionais de saúde fica mais fragilizado na situação do parto, onde medo, desconfiança e vergonha chegam a colocar em risco suas vidas e de seus bebês.

Eu fiquei foi com muita vergonha. " Abre a perna!" Não! Eu não tinha experiência de nada. Eu imprensava as pernas... " Assim você vai matar o teu filho... vai imprensar a cabeça dele!" E agora, como é que eu tenho que fazer? Então põe uma toalha, um pano! Queria que eu ficasse ali, com enfermeira, médico, com três pessoas assim... Como é que eu vou ficar desse jeito, com todo mundo me olhando! Como é que eu vou ficar desse jeito? Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Quando eu tive minha primeira filha nasceu morta porque eu tinha muito medo de ir para o hospital. Eu tinha muita vontade de ter filho, mas as mulher me fazia muito medo, sabe? Que se fosse para o hospital eles fazia isso e aquilo. Assim, falava que elas maltratava a gente, que...Nossa... falava uma porção de coisa, que no hospital a pessoa era maltratada, que ficava gritando e gemendo lá e ninguém ia ligar pra isso ...e não sei o que... Aquilo me metia medo...(..)Não fui pro hospital com medo. Aí, resolvi ter em casa. Mas fiquei muito mal tratada mesmo. Passei cinco dias sem poder me levantar da cama. Foi com parteira, e burra. Aí a menina nasceu morta. Raimunda, 63, viúva, 5 filhos, trabalhadora informal.

... A minha filha mais velha eu tive na Pro Matre. Eu estava tão acostumada na Pró Matre, que eu já estava dentro duma maternidade na Penha, (...)Aí eu

comecei a chorar e disse que lá eu não ficava. Ai eu fui pra Pro Matre, e a minha primeira.... Ai o segundo, que era homem, eu tive ele dentro de casa. Porque o meu marido... Ele largava... Ele trabalhava na Central, ele largava do serviço, assim 4 horas da tarde... Ai ficava até onze, meia noite no meio da rua. Quando ele chegou meu filho já tinha nascido. Nasceu dentro de casa, meu avô foi o parteiro. A terceira filha foi a mesma coisa. Eu morava em Barros Filho, era assim: pra gente pegar alguma coisa, uma ambulância... Porque de primeiro tinha que pegar ambulância ... Era quase meia hora a pé, andando prá pegar um ônibus lá na ponte de Barros Filho. Ali você pegava um ônibus pra ir até Guadalupe pra pegar a ambulância ali. Meu avô já era velho, minha mãe estava sempre trabalhando. Ai eu sei que tive ela em casa, também. Ele nunca estava presente. E eu sei que todo ano eu tinha um filho, todo ano um filho, eu tive oito filhos, cada ano um filho. Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

Uma última observação não pode passar despercebida sobre o conjunto de relatos que envolvem os corpos das mulheres. Trata-se da importância da cumplicidade entre mulheres, das primas, amigas e vizinhas. Da menarca aos namoros, sobre a iniciação sexual e sobre partos, são elas que desempenham os papéis de transmissoras do conhecimento e co-autoras das transgressões.

Naquele tempo tinha muita moça mais assim... ativa, parece que não tinha vergonha de... casava... Aquelas minhas colegas que casaram primeiro, me contava tudo mais ou menos, como era, como não era. Elas contava mesmo, contava. Eu ficava assim pensando: Nossa, elas não tem nem vergonha de me

contar que é desse jeito, e tal! ... Mas nossa, depois eu ficava pensando: Graças a Deus que eu tinha as minhas colegas pra me explicar algumas coisas, porque as mães daquele tempo não era de explicar as coisas pras filhas. Mas aí elas me contava, e eu agradeço por isso. Eu não agradecia naquele tempo porque eu era assim mesmo. Eu não era de estar conversando... Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

5.1.2.6. Olhando o passado...

Cada vez que se conta uma história, um sistema de referências é agenciado e organizado num determinado sentido, que depende da posição relativa que o narrador ocupa na história. O despotismo paterno, criticado enquanto poder para escolher pretendentes, contado na perspectiva de hoje, recebe um julgamento diferente.

Naquele tempo, sabe como é. Os pais era quem... Eles queriam que a gente namorasse só gente que eles achavam certo... e eles estava certo! ... Tive outros namorados, uns que meu pai não suportava. ... As erradas era a gente mesmo, que as vezes namorava uma pessoa que não conhecia o jeito daquela pessoa. Depois que eu me casei foi que eu vim dar fé. ... Que a gente faz muita coisa, os pais brigam com a gente, e depois que a gente vai dar fé que se tivesse acontecido...
Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

... falava para minha mãe não deixar eu casar com ele, que ele não era coisa boa.
Mas sabe como é uma pessoa iludida? Therezinha, 62, viúva, 8 filhos,
pensionista.

Esse mesmo agenciamento de referências funciona também em sentido inverso, quando a narradora cujo noivado foi terminado pelo pai, considera seu poder de transgressão de hoje.

Eu não podia fazer nada. Na época, não tínhamos como fazer. Ainda nova, não
enfrentava pai, naquela época. Se fosse hoje, casava e casava mesmo, bonito.
Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

A pessoa que relata a própria vida não está apenas prestando informações sobre si, está passando por uma experiência de tomada de consciência, tendo a possibilidade de se reconhecer e de se fazer reconhecer (LÉVY, 1995 -p. 9). Essa experiência proporciona a oportunidade de entrar em contato com as normas e os valores que moldaram sua história, e, com o olhar de hoje, reconhecer os padrões da educação recebida.

A distância temporal entre o acontecimento dos fatos narrados e o seu relato, favorece, mas sozinha não produz a clareza de julgamento sobre os padrões da educação recebida. Como na pesquisa sobre trabalhadoras rurais em Pernambuco, empregadas domésticas do Rio de Janeiro e donas de casa do Movimento de Saúde da Zona Leste de São Paulo (DINIZ, SOUZA & PORTELLA, 1998 p.4), que, conscientes de que grande parte das dificuldades que enfrentaram se originaram na falta de equidade nas relações de gênero e, aspiram para as próprias filhas, melhor educação formal, profissão, projeto pessoal de vida, menor

número de filhos, etc., enfim, uma vida pautada por valores diferentes dos que regeram sua criação, as participantes da presente pesquisa transformaram em ações concretas de diferenciação, a modelagem de mãe que receberam, balizando por novos valores as suas relações relação com os filhos e filhas.

Eu dizia, minha filha , seja feliz ! Você não pode é engravidar prá botar um filho no mundo e ficar você aí sofrendo, você e seu filho. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

...eu fiz 16 anos, já tinha um ano de namoro. ... Pessoal antigo, antigamente era assim, com pouco tempo tem que casar. ... eu casei, tive esses filhos todos, mas eu já tratei meus filhos diferente, já tratei diferente. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Como cenário das sociedades onde nasceram as narradoras, a parte *Famílias de Antigamente* se encerra com algumas observações. A primeira é que os relatos testemunham que ficou preservada nas famílias de origem das narradoras um modelo de patriarcalismo que não diferia, no tocante às normas de comportamento e valores ligados às relações de gênero, das descrições sobre o século XIX. Independentes do fato de estarem localizadas fisicamente distanciadas, todas essas culturas de origem das participantes da pesquisa são caracterizadas pela forte diferenciação dos papéis masculinos e femininos, por considerarem a obediência um valor em si mesmo e que a mulher deve obedecer o homem.

A paternidade manteve intocável o papel daquele que é provedor, disciplinador e guardador da honra das mulheres e filhas, e mantém distância das manifestações de afeto. A masculinidade se afirma no uso da violência, às vezes no porte de armas, e na exigência da perfeição.

As mães das narradoras têm *status* pouco diferente do das escravas que às precederam por uma ou duas décadas. Pelo número de filhos gerados, passaram grávidas grande parte das suas vidas, trabalhando dentro das características do serviço doméstico na pobreza, aliado, muitas vezes, ao da roça e às estratégias de produção na escassez, além de servir e obedecer ao marido. Nas relações com as filhas são reservadas, e poucas vezes cúmplices, embora haja exceções.

As meninas foram criadas dentro de padrões rígidos de educação diferenciada, e lhes foi omitido ou ocultado todo tipo de informação sobre tudo que fosse ligado ao conhecimento do corpo e à sexualidade. Sua desinformação sobre o próprio corpo e sexualidade provocou sentimentos de insegurança por ocasião da menarca, prejudicou seus partos e seu domínio na regulação da própria fertilidade, agravando sua falta de autonomia emocional e dificultando o acesso à independência financeira.

Portanto, o objetivo dessa primeira parte desse capítulo, de desenhar o cenário onde se moldaram as subjetividades das investigadas, com uma especial sensibilidade às relações de gênero, aponta que as narradoras tiveram suas vidas, desde antes de seus nascimentos até entrarem na maturidade, moldadas por determinantes tradicionais cujos valores só as puseram em situação de desvantagem perante a vida.

5.2. Crises & Oportunidades : os Ensaios da Protagonização

A primeira parte do capítulo 5 pretendeu montar um cenário onde as normas e valores presentes nas histórias de vidas pudessem ser visualizadas. Nela nos ocupamos da conjunção dos determinantes que moldaram as subjetividades das mulheres pesquisadas e as instituições como mães, pais, família e casamento foram desenhadas, compondo um cenário. Como síntese, podemos dizer que encontramos, em meados do século XX, um " patriarcado romano " (FREYRE, 1961 -p. cxii) preservado nas localidades de origem das narradoras.

A segunda parte do capítulo 5 tem objetivo diferente. Se, na primeira parte nos ocupamos do fundo, da conserva cultural como cenário, agora invertemos o sentido da percepção, e buscamos a figura que se destaca do fundo, a protagonista, contada pelo papel que desempenha. Algumas questões da segunda parte desse capítulo consistem em verificar como as narradoras apreendem as direções que suas vidas tomaram, se se sentem responsáveis por esses rumos e capazes de tomar decisões sobre assuntos que lhes digam respeito.

Mas a questão transversal à essa parte é compreender como as normas de comportamento diferenciadas e os valores oriundos da iniquidade nas relações de gênero atuaram sobre a questão das oportunidades de vida melhor para meninas e mulheres, e sobre as crises que provocam. O primeiro tópico dessa parte tem o título de *Oportunidades* e o segundo tem o título de *Crises*.

5. 2. 1. Oportunidades

Neste tópico vamos abordar o eixo onde se entrelaçam os temas trabalho e estudo, da maneira como foram relatados nas vidas das pesquisadas. A falta de autonomia emocional e de independência financeira que perpassam grande parte das narrativas foram resultantes, não apenas dos determinantes econômicos das condições de pobreza onde nasceram, mas do conjunto de normas de comportamentos e valores onde foi pregnante a falta de equidade nas relações de gênero, entre os quais as narradoras nasceram e viveram até a maturidade.

Antes de prosseguirmos, gostaríamos de lembrar que levamos em conta que estamos falando de pessoas que nasceram dentro de uma classe social pobre e num meio pobre, o que, logo de saída, problematiza sua independência financeira.

A independência financeira não é garantia de autonomia, recordamos. A independência financeira pode ser entendida como o fato de dispor de recursos próprios, mas, principalmente no caso das mulheres, isso não significa que quem dispõe de recursos próprios tem autonomia, porque pode não se sentir capaz de tomar decisões sobre como gerenciar o uso desses recursos. A autonomia se caracterizaria pela possibilidade de, partindo de critérios próprios, tomar decisões sobre o uso de seus recursos (CORIA, 1986 p.16). Portanto, pode haver independência financeira sem autonomia.

Porém, quando a autonomia se caracteriza como a capacidade de escolher o que fazer com seus recursos, levando em conta o contexto em que se situa, e esse contexto é a pobreza, a questão se torna complexa, porque a pobreza deixa poucas alternativas de escolhas às

mulheres. Prosseguimos, portanto, atentas ao fato de sempre levar em conta o lugar da pobreza de onde provém os relatos, nas primeiras fases das vidas das narradoras.

Ressaltamos, todavia, que essa variável, a dificuldade maior de acesso ao dinheiro determinada pela origem pobre, não invalida nossa suposição de que as questões produzidas pela falta de equidade nas relações de gênero são determinantes na trajetória das mulheres, de qualquer classe social, em direção à autonomia.

Consideramos, portanto, o eixo estudo - trabalho como o espaço privilegiado onde podem ser criadas as bases para o questionamento de normas e valores, ao mesmo tempo em que consistem nos grandes aparelhos de moldagem das subjetividades (GUATTARI & ROLNIK, 1986 p. 29) porque também estão embebidos dos valores difundidos pela cultura de massa, o que nos fez nomear essa parte do capítulo com o título *Oportunidades*.

Como vimos na primeira parte desse capítulo, cada família é um lugar onde se introduz nas crianças - sua *criação* - além da herança genética, componentes afetivos e culturais, valores e normas de comportamento. É no seio da família e na sua extensão, o grupo social na qual ela está inscrita, que a criança percebe primeiro as diferenças sociais, aprende qual a sua posição relativa, de classe, de gênero ou de etnia, e reconhece a discriminação.

*Minha mãe esteve doente, ela teve os problemas de pulmão e aqui não tratava...
Aí levou ela pra São Paulo, lá no hospital ... era tuberculose. Nessa época já viu
como é que era tuberculose. Eu sofri com isso, eu não gosto nem de me lembrar.
Eu não pude brincar com as outras crianças, eu me lembro que a minha prima me*

levou numa casa, fui numa casa... ela foi passear, me lembro como se fosse hoje. Que a menina deu café pra mim e pra minha prima, e tudo, e depois, na minha frente, ela apanhou e botou prá ferver aquela caneca, com medo que eu estivesse tuberculosa também. Isso me marcou muito. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

O relato acima demonstra como um valor cultural _ a discriminação por causa de uma doença contagiosa _ é apreendido e leva a narradora a saber sobre o seu lugar de discriminada, sem que nenhuma palavra seja trocada sobre o motivo da discriminação.

5.2.1.1. Do trabalho ao não - trabalho

No caso específico desse grupo pesquisado, constituído exclusivamente por mulheres, é pertinente fazer uma breve abordagem histórica sobre o trabalho como reprodução e como produção.

As divisões sexuais do trabalho existem em todas as culturas, e não vamos nos deter nelas. Mas é interessante à nossa pesquisa recordar que nas sociedades pré - industriais as atividades produtivas _ produção da moradia, dos utensílios domésticos, das roupas, da comida, etc. eram organizadas pela família.

A família era também responsável pelas atividades reprodutivas _ geração de novos membros, preparação desses membros para que pudessem desempenhar seu papel na produção, preparação da inserção desses novos membros na divisão do trabalho.

Organizados dessa forma, mulheres, homens e crianças compartilhavam o cotidiano se misturando na produção da sobrevivência, que se localizava nos limites da casa e seus arredores.

A emergência da sociedade industrial tirou da família a produção dos bens, que passaram a serem produzidos na indústria. Como consequência, foi criada uma distância espacial, e em seguida, social e genérica entre as atividades dos homens e das mulheres. Os homens foram para o lugar da produção de bens e geradora de riqueza, situada fora da casa. As mulheres ficaram com as atividades de reprodução, dentro da casa, mas a casa cessou de ser um espaço gerador de bens e de riqueza.

A família passou a ficar dependente da renda gerada no espaço do trabalho e o espaço doméstico passou a ser o espaço do "não trabalho" (GIFFIN, 1993 p. 6 - 7). O doméstico, por ser o lugar, inclusive, da reprodução de seres humanos, onde as mulheres gestam, parem e amamentam por características da sua natureza biológica, aos poucos, "naturalizou" as outras atividades desenvolvidas no seu interior, que perderem suas características de trabalho e passaram a ser a "obrigação natural" das mulheres .

Está ali sentadinho no sofá aborrecido, não fala nada, de cara feia? Eu não ligo não! Faço a comida, levo o prato, dou na mão dele! Deixo ele lá sentadinho no sofá, é a minha obrigação. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

O trabalho doméstico como "obrigação natural" das mulheres está solidamente incrustado no mesmo sistema de valores que determina para o homem a obrigação de ser o provedor

material da família. No entanto, um diferencial retira a simetria desse sistema, e esse diferencial é a hierarquia. O trabalho do provedor tem *status* de trabalho e o trabalho doméstico é o não-trabalho. Nos relatos, essa "obrigação natural" começou ainda na infância, na forma de trabalho doméstico precoce.

Eu, com 7 anos, eu lembro que eu subia numa banquinha pra fazer o arroz. Já sabia fazer comida com 7 anos. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Eu nem me lembro, mas eu devia ter uns 8 anos por aí. Eu comecei a ajudar, que a minha vó não dava conta. Ela tinha que cuidar da casa, tomar conta do meu irmão Nié, eu e a minha outra avó, que também ficou lá em casa nessa época, que já era mais velha. Ai eu tive que cuidar da Sônia. Não sei a idade que eu tinha, mas eu tive que cuidar da Sônia. Eu cuidava, tomando conta, botar no colo,... Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Em casa era assim. Era aquela dificuldade , pilar aquele milho, o arroz, que fosse, tudo era mais difícil. Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

A gente só ia (à praia)depois que meu pai batesse o milho, que a gente catasse, que a gente varresse aquele quintal todo, que era desde lá de cima até a beira da praia, que a gente limpasse todo , pra depois a gente brincar a vontade... Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Logo, para as meninas criadas na roça, às "obrigações" domésticas foram acrescidos outros deveres, ligados à subsistência da família.

... eu trabalhei muito na roça. Fazendo farinha, vendia.. O trabalho na roça é muito pesado.. trabalhei de enxada, logo cedo pra roça... E eu chegava lá, tinha que capinar, cortar cana, carregar cana pra fazer melado... Mãe fazia cremonia, pegar goiaba pra fazer doce de goiaba, aqueles tachos no forno, a gente ia pro meio do mato pegar lenha... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

... dos meus 10 anos em diante eu comecei a trabalhar, de roça com meu pai e meu irmão mais velho. Todo serviço de plantação era eu, meu pai e meu irmão mais velho. Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

Eu só era muito safadinha: porque ele levava eu pra roça pra eu ajudar ele e minha mãe, sabe o que eu fazia? Fazia aquelas covinhas, assim, cavoucava, pra plantar o feijão ... eu era tão triste, que pra terminar mais depressa, eu jogava , jogava um bocado numa cova, jogava na outra, mão cheia, mesmo. Pra terminar mais depressa. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

...uma vez eu e meu irmão que até já morreu, o Raimundo, a gente plantou foi cana, cana... Colhemos três carros de boi de cana! Fizemos uma festa! Só nós dois. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Depois dos meus 11, 12 anos eu me juntei com uma turminha maranhense que sabia quebrar coco, é aquele coco babaçu. Eu me tacava por aqueles matos mais elas pra quebrar o coco pra ganhar dinheiro... era uma mata mesmo, esquisita, era carrapato, cobra, tudo a gente via. A gente ia naquelas palmeiras, distante mesmo a gente via aqueles cachos caídos, e catava... juntava... Nós era umas 4 ou 5 coleguinhas mocinhas. Lá a gente já ia com aquele machado. É muito esquisito...assim, tem gente que não conhece mesmo. A gente ia com aquele machado e um tiracolo feito de palha e um pauzinho desse tamanho pra gente tacar o coco no machado e quebrar, tirar aqueles caroços. Então, a gente juntava aquela porção, quando chegava em casa ia vender. Tinha um lugar certo pra gente vender. Pesava e via quanto dava e a gente recebia aquela merrequinha. Mas com aquilo a gente comprava uma roupa, comprava um calçado, e até ajudava em casa. Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

O olhar que cada narradora lança sobre essa fase desvela as nuances de como foi apreendido esse período e sendo construída a auto imagem dessas meninas, denunciadas pelas expressões: "Eu sempre fui uma mulher batalhadora!" ou "... até ajudava em casa".

Eu aprendi a fazer sapatinho, aí eu já comecei a ganhar dinheiro...com 8, 9 anos eu já ganhava o meu dinheiro vendendo sapatinho de neném... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Iniciativas precoces para o auto sustento e da família são relatadas com orgulho e como testemunhos do reconhecimento de suas capacidades.

Tricô, fazia tricô, croché, bordava ponto de matiz, não sei, aprendi assim... casa de abelhinha, fazia nos vestidinho. Ai meu pai ia pelas ilha vendendo as roupa, ai já levava meus sapatinho também pra vender. Então eu sempre fui uma mulher batalhadora. Tudo que eu quero eu consigo porque eu sempre lutei, sempre trabalhei, pra ter... Eu comecei com 7 anos.

Premida pela necessidade, a iniciativa para solucionar os problemas da sobrevivência surge bem cedo...

Só que não passava fome que eu sabia pescar, eu sabia pegar caranguejo, eu sei pegar siri, gaguaiá nas pedra, no mangue eu ia pega sururu no mangue, a minha mãe sempre fazia doce de mamão, a gente tinha tudo, né? E a gente saía vendendo"... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

... e permanece ao longo da vida, além do reconhecimento dessa sua habilidade "por isso que eu sou boa vendedora, que desde pequena que eu vendo!" E testemunha:" Com dezessete anos eu vim pra Angra trabalhar, que eu queria ter minhas coisas ... Um trabalho numa confeitaria, vendendo doces, pão"... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Quando o trabalho ultrapassa os limites da casa e da roça familiar, o mundo de fora das fronteiras da família mostra que o meio social tem também outra face, além da solidariedade, lealdade e cumplicidade entre familiares e vizinhos que citamos.

... eu comecei a trabalhar com 9 anos no barracão. Você sabe o que é ? Barracão de peixe. Tinha aqueles tanques de sardinha, aí os barcos atracavam. Nós tínhamos que levantar muito cedo pra pegar lugar melhorzinho na mesa. Então eu ia muito cedo, chegava de manhã , às vezes tomava só um gole de café e me mandava, com a minha irmã também e ia trabalhar, meu destino era trabalho. ... Depois nos ia pro mar, lavava os cestos do peixe, tinha uns maior outros menos, a gente embarcava na água do mar e lavava aqueles cestos tudo cheio de sangue. Botava avental mas ficava encharcado daquela friagem, passava até na barriga, do gelo.(...) Essa lata que as vezes o patrão derrubava em cima da mesa pra tornar a arrumar. Eu arrumava outra vez, eu não desisti. Florinda, 61, casada, 7 filhos aposentada.

Considerando os relatos como perspectivas de onde cada indivíduo fala da sua experiência, "meu destino é o trabalho" é uma profecia que vai ser cumprida ao longo da própria história. " Eu não desisti", reconhece, e, cumprindo o seu "destino", anos mais tarde, já adulta.

Se a pessoa quisesse, pagava extra pra trabalhar de sábado e domingo, eu ainda pegava, terça feira era a minha folga, pegava ! Trabalhava muito ! ... tudo, de cima a baixo, só a roupa que eu não pegava não, que eu não dava conta. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Outra saída do meio familiar para o mundo do trabalho aparece na forma do serviço doméstico precoce prestado fora de casa

...mamãe me entregou pra essa senhora tomar conta como se fosse filha ...

Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

A expressão "como se fosse filha" para explicar o status da pequena trabalhadora, reforça o significado do trabalho doméstico como "não-trabalho", e, para a narradora então com 13 anos, distorce a relação entre esforço e remuneração financeira, porque o espaço familiar é o da gratuidade. O trabalho doméstico precoce para terceiros, em geral, corresponde à época em que a escola é abandonada.

Essa irmã ... não aprendeu a ler porque ela foi trabalhar em Copacabana numa casa de uma madame que levou ela do Frade, chegou lá ela prometeu pro meu pai que ia botar ela pra estudar, sabe o quê que eles botaram ela? Pra trabalhar. Chegou lá botaram ela pra trabalhar e não deu estudo pra ela. Ela hoje não sabe nem ler a Bíblia, ela não sabe. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

5.2.1.2. Trabalho precoce e estudo

As entrelinhas dos relatos sobre trabalho precoce revelam como este, além de prejudicar ou até impossibilitar a vida escolar, causou um efeito devastador na auto estima das meninas ... "eu, uma moça com 14 anos, tava fazendo a terceira série. Meu irmão, muito mais novo, que eu, já tinha passado, já estava na quinta série, e eu assim"..., além de exemplificar como as desigualdades existentes nas relações de gênero colocam as meninas em posição desvantajosa, porque, nas famílias pobres, são elas que acumulam à escola e ao trabalho na

roça, a "obrigação" do serviço doméstico e do cuidado aos irmãos menores, do qual, em geral, os meninos são dispensados.

Eu ia pra escola, mas eu acho que eu não fui uma pessoa que pode estudar assim, bem, não. Eu... Muito difícil. Até hoje eu sou muito difícil pra aprender as coisas.(...) A aula eu ia sempre. Mas mesmo assim eu ficava com aquela preocupação, que eu tinha assim uma preocupação de estar lá pra ajudar minha avó. Como é que ela vai ouvir? A Sônia chora, ela lá no poço, como é que ela vai ouvir? Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Eu apanhava pra estudar. Abria minha mão, assim e dava com tamanco, na minha mão, porque eu não sabia a lição... Meu pai... E as professoras me botava no caroço de milho, ajoelhada, porque eu não sabia a lição. ... Então eu não tinha condição de estudar, chegava , quando eu ia pro colégio já tava com a cabeça cansada, quando eu ia estudar a minha vontade era só dormir, eu não conseguia estudar e trabalhar. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Quando Laerte relata que ... "as professoras me botava no caroço de milho, ajoelhada, porque eu não sabia a lição, " lembramos Paulo Freire, que diz que é necessário que " à criança seja dada a oportunidade de ler a palavra, mas também de ler o mundo" (FREIRE *apud* LABELLE, 1995 p.7), e nos perguntamos como, a partir dessa experiência, a narradora passou a apreender o mundo à sua volta. Entre as participantes da pesquisa , ela é a única que voltou à escola depois de casada, portanto seu interesse pelo estudo não foi afetado. No entanto, ao longo do seu relato são inúmeras as referências à sua "cabeça que

não era boa para o estudo", assumindo como exclusivamente seu o problema que enfrentou, determinado pelo conjunto do seu contexto, para que pudesse estudar com maior aproveitamento.

Uma outra questão para as crianças do meio rural, é que o trabalho que executam e a sua participação no sustento da família fazem com que suas vidas sejam as de adultos. O fato de terem suas infâncias encurtadas pelo trabalho deveria ser levado em conta no planejamento e prática da sua educação escolar²⁰. Heterogêneo na sua origem geográfica, o grupo pesquisado tem em comum, portanto, a dificuldade de acesso ao estudo.

Para cursar o primário, correspondente às atuais quatro primeiras séries do ensino fundamental, as meninas, às vezes, enfrentam longas caminhadas.

...aí fui estudar a primeira série mesmo, forte, fazer primeira, segunda, terceira e quarta, aí é que eu andava essa distância, cinco quilômetros. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

A valorização do estudo aparece nas histórias familiares de Laura, Florinda e Laerte, as três narradoras que viveram suas infâncias nos arredores de Angra dos Reis. Para Laerte, moradora do Frade, então acessível apenas por barco, dar continuação aos estudos significava encarar a situação de ir estudar num município distante.

²⁰ *Ibid.*, p. 5

Só uma coisa que eu fiquei assim muito revoltada. Quando eu terminei meu primário, a minha professora disse assim "Leva ela pra Cantagalo pra estudar..."

Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Nas famílias onde o estudo é valorizado, as vagas na escola são um patrimônio que não pode ser desperdiçado, como na história de Laura, que vivia num sítio nos arredores da cidade de Angra dos Reis.

Eu só não me formei porque eu fiquei muito doente quando eu estava fazendo o segundo... na época se dizia, ginásial?... Eu, no ginásial, no segundo ou terceiro ano ginásial, eu sofri uma doença muito... que me impossibilitou de continuar meus estudos. Foi uma diarreia de sangue. Eu sofri durante dois anos.... a vaga que eu iria estudar pra me formar, que seria lá em Cantagalo, no norte do Estado do Rio, prá não perder a vaga, a minha irmã foi no meu lugar, até sem ter a idade completa. Porque meu pai lutou muito por essa vaga, lutou tanto pra conseguir a vaga, aí minha irmã é que foi. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

A valorização do estudo e a dificuldade de acesso a ele é um tema que atravessa gerações na mesma família. Laura relata: "Meus avós eram analfabetos, os dois. Se mudaram de Paraty para Angra dos Reis para poder dar estudo aos filhos". A mesma dificuldade se repete na sua própria história, quando adoece e ..."prá não perder a vaga, minha irmã foi no meu lugar..." e reaparece na geração dos seus filhos :

...(meu filho chegou), jornalzinho debaixo do braço, mas numa alegria só! Abriu o jornal e mostrou o nome dele, sublinhado de caneta. " Mãe, olha só, eu passei, eu passei !"... Esse dia, foi um dos dias mais tristes... Eu me sentia mais triste do que com a morte do pai dele. Eu senti que eu não poderia dizer para o meu filho que ele ia fazer (faculdade), e também não poderia dizer que ele não ia fazer. Eu senti aquele choque muito grande, aí abracei com ele e eu chorei." Mãe, você não está contente?" " Estou, meu filho, muito contente. A gente também chora de alegria". Mas , dentro de mim, como é que eu ia sustentar esse menino numa faculdade no Rio de Janeiro ? Os outros tudo pequeno, todos menores ?...Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Migrar para proporcionar estudo aos filhos faz parte das histórias das famílias que valorizam a educação formal. "O projeto parental é ao mesmo tempo a expressão dos desejos conscientes e inconscientes dos genitores sobre os filhos, e um projeto social portador das aspirações do meio familiar e cultural" (NASCIUTTI, 1997 p. 1000). Para impedir que as filhas repitam a sua história de trabalho nos barracões de peixe, e o desejo de dar-lhes aquilo que não teve, faz com que Florinda se mude para a cidade.

Eu vim da ilha porque as crianças já estava maiorzinha não tinha onde estudar...Eu tenho esses sete. ...Todos estudaram. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Florinda, a narradora que cuidava da irmã menor, trabalhava nos barracões de peixe e se refere a si mesma como alguém de "cabeça fraca, memória ruim pra estudar", se emociona quando relata o resultado da sua decisão de se mudar da ilha.

A Tânia é professora ... Ver a Tânia formar professora, eu chorei, vê ela lá receber aquele diploma, eu chorei. Prá mim é muito! Prá quem veio de lá da ilha...Lá catando feijão, lá trabalhando na sardinha, eu não queria ver minhas filhas lá cortando sardinha, patrão, sendo mandada por patrão. Eu não queria ver isso pras minhas filhas, meus filhos! Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Das três, Laerte é a única que consegue superar a dificuldade de acesso ao estudo.

Depois que eu vim pra cá eu comecei a estudar outra vez. Depois que eu tive meus dois filhos, botei meus dois filhos no colégio eu fui fazer o primeiro grau. E eu consegui fazer a quinta, a sexta, a sétima, a oitava... Já com meus dois filhos. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

A determinação de Laerte em continuar estudando pode ser compreendida quando se observa que, entre todas, é a única que expressa um projeto de vida, nos relatos.

Eu queria ser professora... Eu sempre gostei de cantar... Cantar... dançar... Eu queria passar pras crianças tudo de bonito que eu aprendi... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

O último relato acima é exceção, porque as narradoras, no geral, não descreveram projetos pessoais que envolvessem o estudo como estratégia para realizá-los. Além de ser prejudicado pela dificuldade de acesso à escola e pelo trabalho precoce, o casamento precoce também desestimula a continuação dos estudos.

... com uns 14 anos, eu me formei. ... Aí, assim com uns 15 anos eu conheci o pai dos meus filhos, fiquei noiva, com 16 anos eu casei, com 17 tive a minha primeira filha, com 18 tive outro, aí fui tendo... Tive 8 filhos, cada ano tinha um.

Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

5.2.1.3. Ensaios de autonomia x " vantagens " da dependência

O trabalho fora da casa familiar, em outra cidade, enquanto solteiras, aparece nos relatos de Divina e Laerte. Se caracteriza como estratégia, no caso de Laerte, para escapar do trabalho na roça, e, no caso de Divina, para escapar à oposição ao namoro. Ambas esboçam tentativas de fazer escolhas em relação à própria vida, ensaios de autonomia. Sair da casa familiar para trabalhar em outro lugar representa então uma forma de poder escolher seu destino. Nos dois relatos, a saída envolve também expectativas de liberdade para direcionar sua vida amorosa.

Com dezessete anos eu vim pra Angra trabalhar, que eu queria ter minhas coisas, trabalhar... E aí eu conheci meu marido. ... Que eu dizia: Não vou casar com homem da roça, pra ficar na roça...Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Aí eu fui trabalhar de empregada doméstica pra mim poder lá no meu trabalho, ver ele, encontrar com ele. ... Daí a gente namorava assim na varanda da casa dessa patroa minha. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

As aspirações coincidentes e estratégias semelhantes, que aparecem nessa leitura cruzada das histórias de vidas, não se confirmam de forma semelhante na leitura longitudinal dos relatos. Essa diferença do rumo que suas histórias de vidas tomaram está diretamente relacionada à forma como viveram a relação com o trabalho remunerado, tanto em solteiras, como dentro de seus casamentos. Recordemos que Divina foi entregue "como filha" aos 13 anos para ser trabalhadora doméstica, enquanto Laerte foi trabalhar como vendedora.

Ele me prendeu muito, não deixou eu voltar a estudar, que eu só tenho quarta série... Não deixou eu trabalhar, porque eu costurava prá fora, mas ele não me deixou costurar. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

A expressão "não deixou", uma insistência nesse relato, desvela a dificuldade de apreensão de si mesma como protagonista da sua história e dá visibilidade a uma cultura que fabrica subjetividades onde a dependência financeira da mulher significa prestígio. A mesma narradora afirma

Graças a Deus nunca trabalhei (depois de casada) porque nunca precisei. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

"Não precisar" trabalhar é motivo de orgulho para a mulher, e o contrário, "precisar trabalhar", é a desmoralização do marido, porque significa que ele não está cumprindo seu papel de provedor. Esses valores vão sendo revelados aos poucos nos relatos, e se esclarecerão melhor mais adiante, por meio de outras narrações sobre a questão do trabalho remunerado fora do lar desempenhado por mulheres casadas.

Essa dinâmica perversa, esse equilíbrio mantido às custas de um jogo dominante-provedor x dominada-dependente, produz uma distorção de valores, na qual, trabalhar para ganhar o próprio sustento se torna vergonhoso. Mais perversa ainda se torna essa dinâmica, porque em casa, as mulheres fazem o trabalho "permitido", o trabalho que "ele deixa", e que pode, além de ser pesado e não remunerado, nunca ser reconhecido como trabalho.

Eu trabalhei em casa, durante a gravidez. Eu já tinha saído do trabalho, que eu trabalhava em comércio, ele não queria que eu trabalhava. Eu trabalhava em casa, fazia todo meu serviço, lavava, passava, encerava ainda, fazia tudo. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Eu ia às vezes cortar banana, vendia escondido, trazia leite ... Ele dizia que mulher dele não trabalhava...que eu não podia trabalhar ... ele dizia que lá só tinha piranha, lá onde eu fui trabalhar, na Marina's... EU FUI PRA LÁ !!! Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

O discurso "lá só tinha piranha", comum quando se refere ao trabalho da mulher fora do lar, aparece como um mecanismo de controle que, sexualizando o espaço da rua, pretende controlar o ir e vir da mulher. Esse é o discurso que Coria (1986) chama de "fantasma da prostituição".

A casa é o lugar da gratuidade, o lugar onde as trocas entre as pessoas _ de serviços, de bens, de afetos, de sexo _ se fazem sem que sejam intermediadas pelo dinheiro. Dentro da casa não circula dinheiro, este circula na rua, no espaço público. No imaginário judaico - cristão, para os homens o dinheiro é constantemente associado à virilidade, potência sexual e, a sua falta, à impotência (CORIA, 1986 p. 33 - 39). O dinheiro compra coisas ou serviços, e quando compra pessoas, tem o poder de "coisificá-las" tornando-as escravas ou prostitutas.

No caso das mulheres, confinadas ao espaço da gratuidade, caso saiam para trabalhar para ganhar dinheiro, esse dinheiro tem o poder de associá-las à mulher - pública, que, ao contrário do homem - público, que é o homem de poder, é a prostituta, a mulher que se vende por dinheiro, sexuada no âmbito público, o mais estigmatizado entre todos os estereótipos de mulher.

*Minha cunhada, ela arranhou um trabalho pra mim. Menina, era um inferno! ...
Ele ficava atrás do poste tomando conta de mim, ele mandava o primo dele entrar
lá para ver o que eu estava fazendo lá dentro...Era uma danação! ... na folga...
ele ia lá dizer pra mulher que eu não ia mais trabalhar, porque eu não tinha*

necessidade. Uma porção de filhos e não tinha necessidade! Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

Para compreender um pouco mais as normas e costumes descritos nos relatos é interessante voltar um pouco no tempo e novamente abordar as famílias da infância das narradoras, em especial suas mães e avós. Na descrição das vidas dessas mulheres nascidas no início do século XX, mães de mulheres que hoje contam aproximadamente 60 anos, desfilaram, na primeira parte desse capítulo, os valores e normas do patriarcalismo, onde o pai, autoridade máxima da casa, distribui ordens, surras e leis.

No outro polo, onde se situa a mãe, desfila a prática da vida onde mulheres parem e criam muitos filhos, cuidam dos doentes, trabalham em casa e na roça, fazem doces para vender, rezam os doentes e infelizes, fazem partos. São tarefas extenuantes e exigentes de saberes e habilidades específicos, que em nenhum momento podem ser associadas à passividade no sentido de sem movimento, atribuído como uma generalidade desqualificadora da vida doméstica. São repetitivas e, na maioria delas, não se torna visível um produto final que propicie à trabalhadora uma sensação de coisa terminada, dever cumprido.

Embora nesse tempo a obediência ao marido ainda fosse lei no Código Civil e considerada não só uma norma mas também um valor, as mulheres pobres se movem dentro desses limites, não tão privados assim (DINIZ, SOUZA & PORTELLA, 1998 p. 24), da vida na roça, e de forma muito ativa. Quando se fala de algumas avós e bisavós das narradoras, duas delas empregadas domésticas engravidadas pelos patrões, vale citar que...

Quando o feminismo moderno bradou para que as mulheres pudessem trabalhar fora, ocupassem as praças, deixassem de ser condenadas ao mundo privado, para a maioria das mulheres negras isso soou estranho, pois elas já estavam na rua trabalhando e lutando para o sustento de suas famílias. Entretanto, como essas mulheres possuem baixa escolaridade, são estigmatizadas pela escravidão, ou seja, são socialmente desqualificadas, essa liderança não é reconhecida (CARNEIRO, apud CARREIRA, AJAMIL & MOREIRA, 2001 p. 40).

Na sociedade brasileira as mulheres pobres e, em especial as mulheres negras, sempre trabalharam e, muitas vezes, nesse trabalho, transitavam fora dos limites domésticos. O que caracteriza a sua situação mais desfavorecida são principalmente dois aspectos, quando se trata de mulheres casadas. O primeiro é que, como já afirmamos anteriormente, toda a sua atividade é considerada não - trabalho²¹, e o alcance da subjetividade dominante é tal, que as próprias mulheres assim o consideram. Mesmo que seja executado fora do lar e envolva remuneração, esta não se chama "sustento", mas "ajuda". Segundo que sua atividade é referida "ao outro", porque ela própria, a mulher que atua, é definida como "do outro", mulher "de alguém", mãe "de alguém", filha "de alguém"²².

Depois da Abolição dos Escravos, os negros brasileiros deixaram de ser um elemento essencial na ordem econômica e passaram a ficar na marginalidade. A ideologia do " branqueamento da raça" trouxe para o país os imigrantes, identificados como os trabalhadores ideais. Diante da marginalidade sofrida

²¹ Vide Capítulo 5, tópico 5.2.1.1. Do trabalho ao não - trabalho.

²² Vide Capítulo 5, tópico 5.1.1.4.1. Mães agressoras.

pelos homens negros, são as mulheres que vão assumir a sobrevivência das comunidades como quituteiras, domésticas, lavadeiras, prostitutas...O que acaba se constituindo no que chamamos de o " matriarcado da miséria". Todas as famílias negras brasileiras têm uma ancestral, a chamada mãe negra, que à custa de muito sacrifício pessoal assegurou que seus descendentes tivessem uma outra condição de vida. (CARNEIRO, apud CARREIRA, AJAMIL, MOREIRA, 2001, p.40).

Era maternalismo e não matriarcado, essa organização, discorda Freyre (1961). "Não tínhamos onde nos apoiar para desenvolver a tese de um " matriarcado africano" equivalente, em nossa formação ao " patriarcado romano" porque o sistema dominante continuava tendo o modelo "patriarca romano" (FREYRE, 1961 p. cxii) e, sociologicamente, apenas os patriarcas foram substituídos por mulheres negras. Nessas condições, o poder apenas passava a ser exercido por uma mulher , mantendo a forma dominante de organização familiar, da economia, da sociedade: o patriarcado, onde o poder é tutelar.

No Brasil, segundo Darcy Ribeiro (1997), nas condições onde a pobreza prevalece, a família se estrutura centrada na mulher, que se desvela a esse cuidado. Isso acontece porque "o que caracteriza o português de ontem e o brasileiro da classe dominante de hoje é a duplicidade de seus padrões de relação sexual: um para as relações dentro do seu círculo social, e outro, oposto, para com a gente das camadas mais pobres", onde se situam as mulheres negras. Para estes, português de ontem e brasileiro da classe dominante de hoje, sempre que se apresenta uma ocasião propícia, o intercurso sexual com as mulheres negras

pobres se dá sem corte prévia, sem o estabelecimento de qualquer modificação na relação superior - subalterna, e esse intercuro é o fundamento da paternidade irresponsável (RIBEIRO, 1997 p. 237 - 238). Em consequência desse fato, o autor considera que a estrutura familiar foi e continua sendo "matricêntrica", nas camadas pobres. Portanto, quando admitimos que o trabalho das mulheres pobres sempre existiu, dentro ou fora do lar, a questão que se põe é o seu *status* como trabalho e o *status* das mulheres como trabalhadoras.

5.2.1.4. Autonomia e empoderamento

A utilização do conceito de empoderamento, se torna pertinente na presente pesquisa porque ele ajuda a superar a complexidade e as limitações de se lidar com as categorias classe e gênero ao mesmo tempo, e a compreender autonomia com uma leitura mais além da decisão sobre o uso do dinheiro.

Então eu trabalhei 10 anos só que 5, uns 4 e tantos meses, eles davam baixa e depois assinava de novo, e foi assim que eu busquei as minhas filhas. E sempre querendo comprar um terreno, então essa colega que acolheu a Adriana quando ela chegou aqui disse: Dona Raimunda, vamos comprar! Vamos comprar, eu sei de um lugar aí, um morro que tem uns terrenos pra vender. Aí eu fui para o Morro do Abel. Cheguei lá, tinha mesmo, procuramos o dono, negociei. Eu tinha um dinheiro nesse tempo, negociei prá pagar de três vezes dando uma entrada, aí comprei. Prá construir, pensei: Vou juntar um dinheirinho prá mandar buscar meu irmão. Mandeí. Veio. Quando chegou, começou a trabalhar, já dividi o

terreno, pra todo mundo um pedacinho cada um me ajudando a pagar. Eu não chamo minha casinha de barraco. Porque a minha casa é de laje. Meu quarto é forrado com madeira, essas madeirinhas, é toda no piso, tem uma varanda na frente tem uma lá no meu quarto, eu vou chamar minha casinha de barraco porque? Só porque é no morro? Eu moro no morro mas não pago aluguel.

Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

A capacidade de decidir sobre questões que lhes digam respeito, um dos indicadores da presença do empoderamento, é exemplificada no tom que caracteriza os relatos das mulheres que estão viúvas há muitos anos, exerceram trabalho remunerado para manter à si e aos seus filhos, e o âmbito de suas decisões, embora envolva questões financeiras, é mais amplo que a questão do uso do dinheiro.

Meu trabalho é a minha costura. Eu sou costureira assim, tenho o meu diploma, de costura, e eu sempre costurei muito, ganhei muito dinheiro com vestido de noiva, na época. Hoje já está mais... tem outros meios.. As noivas hoje alugam os vestidos. Mas naquela época, eu era muito procurada, eu fiz muito vestido de noiva aqui em Angra, ganhei muito dinheiro! Ganhei muito dinheiro com roupa de centro espírita, fiz muita roupa bonita, e ganhei muito dinheiro... Tinha gente que dizia assim: "você, é católica e fazendo essas roupas? Eu dizia assim: Ué, roupa igual a minha, igual a sua! Ela é gente, a roupa é igual... O dinheiro? Ela trabalha pra me pagar, eu também estou trabalhando... É tudo a mesma coisa! Eu ganhava bem, mesmo, aí isso facilitava...Eu economizava! Tudo meu sempre foi organizado! Se tinha um ovo, todos quatro comiam um ovo! Um ovo não era só

pra um! Graças a Deus, nunca teve essa ... nunca, nunca, nunca, sempre deu pra gente comer direitinho, e comia quem chegava... mas essa... É um exemplo.. Tinha dias que ficava mais... final de mês, compra de uniformes, e tudo. Mas eu sabia controlar, e sempre ensinei a eles assim: Se for pouco, vocês têm que dividir pelos quatro. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Pegava aquelas batéias, que é uns pratos assim, e ia colher ouro, sabe? Colhi, colhi assim, a gente pegava a batéia ali onde eles tavam trabalhando naqueles barrancos, eles chamam barranco, cavacando aquilo, então eles tinham uns pratos grandes assim, parecendo de música, não tem uns pratos assim? Aí eu pegava um prato daqueles , naquelas beiras de garimpo, enchia aquilo, rodava, ele ali, ia botando água, quando a gente via , quando tinha ouro mesmo, tinha ouro ali no fundo da batéia, naquele prato. Nossa, brilhava! Ai a gente pegava, dava pro patrão queimar, que lá todo ouro que eles colhe eles queima, aí queimava e me dava... Eu sempre gostei mesmo de ouro... .. Eu era muito forte, eu era mesmo ... Nesse tempo eu não me trocava por qualquer homem não! Que eu sempre fui forte, fui assim disposta. Agora eu canso de falar pras minhas filhas, pras minhas colegas que eu não tô mais de nada não. Mas de uns seis, uns oito anos pra trás, eu era prá tudo! Como no dizer da minha mãe, eu era prá tudo e ainda sobrava. Era um pau pra toda obra. ... Eu sempre fui disposta .Agora eu acho que, agora já baixou... Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

E, enquanto relatam o reconhecimento do outro, reconhecem o valor da própria história.

... tem um encarregado que sempre dizia: "Nossa, dona Raimunda, me admiro muito da senhora, essas filhas, trouxe todo mundo prá cá!" E eu passei um tempão trabalhando, sustentando aquelas vidas todas ! Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

Esse mesmo tom é encontrado no relato da narradora que saiu cedo da casa familiar para exercer trabalho remunerado *não doméstico*. Grifamos a expressão não doméstico, porque o trabalho doméstico precoce exercido em casas de terceiros já vem contaminado com as características da dimensão de não-trabalho que existia na própria casa familiar.

Com dezessete anos eu vim pra Angra trabalhar, que eu queria ter minhas coisas, trabalhar...Querida arranjar um emprego e trabalhei aqui com um casal de alemão. Um trabalho numa confeitaria, vendendo doces, pão... ali eu ficava, porque eu morava na roça, não tinha condução, dependia de barco... Mas eu trabalhei muito... Eu sei fazer salgado, sei fazer doce...Tenho diploma de manicure, tenho diploma de cabeleireiro... e de doce também, de lancheira... E com dinheiro, depois eu fui vender chapeado, vender prata, vender Avon, vender Christian Grey, terminar uma casinha, que meu marido não queria que fizesse aquela casa de cima, então eu disse "Eu vou fazer e vou comprar um telefone pra mim ".Que eu disse, "eu tenho dois filho então vou deixar... " Mas não dá mais. Agora eu pago meu INPS pra ver se eu consigo me aposentar. Consegui comprar um telefone e consegui fazer minha casinha, que hoje eu recebo um aluguelzinho... E eu fiz aquela parte de baixo, eu que fiz. Vendi pra minha sogra o telefone, botei aquela janelão, fiz dois banheiro, com o meu dinheiro. E o marido

guarda no banco, o dinheiro, só tira pra comer. Só pensa na comida. Tem medo de gastar o dinheiro. Aí eu briguei com ele, quando eu fiz 28, não 38 anos de casada : " Eu quero ter conta corrente com você!"...Mas eu ainda não consegui ter um cheque... Laerte,61,casada, 2 filhos, autônoma.

Em nossa análise, o trabalho doméstico precoce em casa de terceiros não colaborou para o desenvolvimento do poder de decisão sobre assuntos concernentes à própria vida, para a narradora que viveu essa experiência.

5. 2.2. Crises

É ainda a questão do trabalho precoce que introduz o tema que será abordado agora: as crises, como ensaios da protagonização.

Hoje eu vejo essas crianças na roça, eu penso, "Ah, coitada!", eu choro... Quando vejo no Globo Repórter aquelas crianças trabalhando duro, e ir pra estudar, não consegue. Às vezes uma criança inteligente, mas não consegue, a mente está cansada, como eu me sentia cansada... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

A história da menina - trabalhadora que queria ser professora é exemplo de como as desigualdades e os valores que depõem contra as mulheres resultam na falta de autonomia emocional e na falta de independência financeira que perpassam grande parte das narrações, e podem tomar a forma de um mal específico _ uma *crise*, que tem como

origem as relações de gênero. A história é exemplar, e mais adiante será confrontada com outros relatos. Vale assinalar que, no momento em que se manifestaram as crises que serão abordadas em seguida, todas as mulheres estavam na situação de dependência financeira de seus maridos. Recordemos alguns fragmentos das suas histórias.

Só uma coisa que eu fiquei assim muito revoltada. Quando eu terminei meu primário, a minha professora disse assim "Leva ela pra Cantagalo pra estudar..."

Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Com dezessete anos eu vim pra Angra trabalhar, que eu queria ter minhas coisas, trabalhar... E aí eu conheci meu marido. ... Que eu dizia: Não vou casar com homem da roça, pra ficar na roça... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Como já observamos anteriormente, na cultura brasileira sobrevivem valores que determinam que a mulher, em especial a mulher casada, restrinja seu espaço às atividades do lar. Na presente história, o avanço na busca da autonomia conquistado pela saída da casa familiar para trabalhar na cidade sofre um retrocesso depois do casamento.

Eu trabalhei em casa, durante a gravidez. Eu já tinha saído do trabalho, que eu trabalhava em comércio, ele não queria que eu trabalhava. Trabalhava em casa, fazia todo meu serviço, lavava, passava, encerava ainda, fazia tudo. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Recordemos que no caso de Laerte, as iniciativas empreendedoras precoces ..."com 8, 9 anos eu já ganhava dinheiro, vendendo sapatinho de neném"... ainda se manifestam, buscando soluções de autonomia financeira dentro do casamento. O ato de fazer a marmita do marido não aparece no rol do "trabalho - obrigação", invisível, mas tem *status* de trabalho remunerado, num exemplo daquilo que Guattari chama de singularizações que se expressam por meio de mudanças criativas no cotidiano.

Eu tinha uma vontade louca de andar de bicicleta. Eu nunca tive um velocípede, nunca tive nada... Ai eu vinha aqui em Angra via essas moças andando de bicicleta eu dizia: " Ah, meu Deus, como que eu tenho vontade de andar de bicicleta...Um dia eu ainda vou ter uma bicicleta..." Um dia, depois que eu casei , meu marido pagava a comida na Verolme. E a comida tava começando a fazer mal. Eu disse:" O dinheiro que você paga, você dá pra mim! Eu levanto cedo, cinco hora, eu faço a sua marmita. Vai ser uma comida saudável, sem óleo, sem sal, e você me dá esse dinheiro..." Eu peguei esse dinheiro, juntei, a primeira televisão a cores que eu tive , eu comprei... Fui em Barra Mansa, comprei uma televisão a cores e uma bicicleta. Do meu sacrifício, de eu levantar cinco horas da manhã. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Apesar de conquistar remuneração pelo seu trabalho e demonstrar poder de decisão sobre o uso do dinheiro, a narradora descreve o início do seu mal estar .

Eu tive o primeiro filho... Esse tempo que passou, quando ele estava com três, quatro anos, eu comecei a ficar agitada, nervosa, porque essa casa que eu morava era uma casa assim, separada...não tinha um banheiro. A gente ia ao banheiro na casa da mãe dele ... aí eu comecei a passar mal em casa ...porque eu tava ficando... Eu fui ficando agitada, nervosa, eu comecei a desmaiar e tudo. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Comentário: início da crise

Um estudo sobre lideranças femininas no século XXI cita uma pesquisa da Organização Mundial de Saúde que considera que a falta de equidade nas relações de gênero põe em risco a saúde mental das mulheres. "Segundo o relatório, há duas mulheres para cada homem sofrendo de estresse, depressão e ansiedade decorrentes de seu papel social e de um status socioeconômico desigual" (CARREIRA, AJAMIL & MOREIRA, 2001, p.128). O confronto entre a realidade cotidiana e as aspirações das mulheres se expressa em sentimentos de desesperança ou de incompetência, porque se responsabilizam por não darem conta daquilo a que se propuseram.

Aprisionadas pelas normas diferenciadas desse contexto, quando assumem um compromisso como o trabalho fora do lar ou como o estudo, as mulheres ficam sobrecarregadas, porque, na cultura dominante, as tarefas do lar não são divididas entre homens e mulheres²³. Exemplo desse sentimento aparece no relato que se segue.

²³ *Ibid.*, p. 128-129

Depois que eu vim pra cá eu comecei a estudar outra vez. Depois que eu tive meus dois filhos, botei meus dois filhos no colégio eu fui fazer o primeiro grau. E eu consegui fazer a quinta, a sexta, a sétima, a oitava... Já com meus dois filhos... estudando até uma hora da madrugada, cuidando de casa. Ainda fazendo a casa...construindo ... Era eu que cuidava de tudo sozinha, ainda fazia compra, e cuidava de duas crianças, bota pro colégio, e tudo ali bonitinho, que eu sempre gostei... Eu estudava de manhã, depois eu passei a estudar à noite. ... Aí eu pirei, fiquei doente. Depressão. Estafa. Era muita coisa pra mim sozinha... Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Comentário:

5.2.2.1. " Doenças de nervos"

No conjunto dos relatos, as narradoras se referem a algum período da vida em que enfrentaram um sofrimento que, de início, apenas pode ser descrito, e não explicado.

Eu tinha uma coisa que era uma coisa assim no alto da minha cabeça: era como se colocasse um bife numa frigideira quente...Eu sentia aquela coisa, um chiado na minha cabeça, que eu não podia ficar dentro de casa. Podia ter filho pra mamar, pra comer, eu tinha que ficar na rua, do lado de fora. Não podia ficar dentro de casa. Tinha medo, eu sentia... Não ficava dentro de casa de jeito nenhum. Sentava lá fora, no portão, na rua, na calçada. Ficava lá fora, sentadinha, quieta, até aquilo passar. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Apenas quando existe algum tipo de ruptura na vida "normal" de uma mulher é que surge uma oportunidade para ela tomar consciência da situação de desigualdade em que ela vive submersa, sua verdadeira condição (MIES, 1993 p. 6). Quando se interrompe a normalidade, as mulheres descobrem as verdadeiras faces das relações sociais a que todas as mulheres estão submetidas, no seu grau de discriminação, restrição diferenciada e cobrança.

Uma vez fui até tachada como mulher - macho. Na época não era sapatão, não, era mulher - macho. "Olha, parece que é mulher - macho, no Dia dos Pais vai prá escola, no meio dos pais..." Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Caso não haja rupturas, caso a normalidade não seja alterada, as mulheres "não são capazes de admitir, até para si próprias" (MIES, 1993), o quanto sua realidade é explorada, sua margem de movimento é estreita, o papel ao qual devem se adaptar é falho em equidade. Nas situações de crise, quando precisam lançar mãos de um repertório criativo para o desempenho de papéis novos, os valores das normas de comportamento impostas às mulheres se tornam um obstáculo.

Segunda feira de manhã, 8 horas, ele (meu marido) sofreu um acidente muito triste, uma chapa desabou do guindaste. E ele era o chefe do serviço... ele mesmo coordenou o trabalho, e quando a chapa estava numa altura. ... Eu fiquei super desorientada, e na época, eu estava muito doente, meu terceiro filho foi de

eclampsia, eu fiquei entre a vida e a morte, nesse parto. E ele (meu filho) estava com quatro anos e eu ainda estava com seqüela... Aí eu recai e fiquei muito doente, fiquei mesmo totalmente louca. Eu estava com encaminhamento pra me internar no hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro ... Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

As pesquisadas falam do seu mal, e nessas narrativas existem repetições e insistências.

... sei lá, eu sentia que eu estava com os dentes assim grandes. Eu olhava no espelho e via eu assim transformada, parece cara de bruxa. Acho que memória fraca, eu via meus dentes grandes, o cabelo arrepiar todo. Aí comecei a queimar as panelas, não falar coisa com coisa. ... E eu fiquei pesando uns 40 kg. Magrinha, magrinha, magrinha. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Me deu um negócio assim feito um choque, foi da cabeça ao coração. Aí eu fiquei com problema de nervos. Eu não ficava em pé sozinha. Eu... Prá ficar em pé eu tinha que estar sempre escorada, ou num portal, ou numa parede...Que na minha idéia eu em pé eu ficava assim... balançando... Eu não sei se eu balançava mesmo ou se era na minha idéia. Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

"A doença dos nervos é uma estratégia de sobrevivência", uma neurose com selo inconfundível, nas populações de baixa renda, de quem se vê às voltas com problemas

de sobrevivência física, psíquica e social (SOUZA *apud* COSTA, 1999 p. 19). O autor afirma também, embora referindo-se ao universo masculino, que...

... cada vez que o processo ou o desempenho identificatórios são atravancados por contradições internas (...) nasce o conflito subjetivo. O sujeito não consegue realizar as exigências da norma identificatória e pode vir a sofrer psicologicamente, julgando seu desempenho fora do normal, abaixo do normal ou anormal (COSTA, 1989 - p. 19 - 22).

Transportando sua argumentação para o universo feminino, de mulheres que nasceram entre os anos 39 e 47 do século XX, cresceram alijadas das influências da comunicação de massa e tiveram poucas oportunidades de educação formal, consideramos que o "desempenho identificatório" dessas mulheres fica "atravancado" por um conflito que consiste em julgar injustas, cruéis e odiosas as normas geradas pela desigualdade das relações de gênero, e, ao mesmo tempo _ e aí se caracteriza o conflito _ se sentirem obrigadas a seguirem essas normas, porque são as que lhe foram ensinadas desde sempre, e se sentirão não - mulheres (no sentido *beauvoiriano*) se se voltarem contra elas. Até o aparecimento das "doenças dos nervos" as pesquisadas não relataram nenhum contato com questionamentos sobre essas mesmas normas, que até então são entendidas como da ordem natural das coisas (SCOTT, 1989 p.9). Nesse impasse, se as normas são o certo, elas, as mulheres em crise, são as erradas, e passam a ter uma apreensão de si mesmas como diferentes da norma.

Durante a ocorrência desse fenômeno existe o risco daquilo que Guattari (1986) chama de perda de referenciais, que pode gerar angústia, culpabilização ou infantilização, ou, também, pode se transformar num criativo processo de singularização. No caso das crises que estamos abordando agora, a perda de referenciais se aproximou mais da infantilização, porque a pessoa "doente dos nervos", ou "louca", é alguém que começa a ser tutelado.

Porque eu não tinha cabeça. Não tinha cabeça pra nada não. Aí meu pai me assumiu, meu pai foi meu...como é que chama, procurador. E meu pai, um homem sempre...era até super honesto, super. Cuidou tudo muito direitinho pra mim. ... Engraçado... essa família X foi que forneceu toda alimentação pra mim durante seis meses, só paguei depois que eu recebi! Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

5.2.2.2. A doença no lugar da ruptura com a norma

Nos meios burgueses do final do século XIX, as "doenças dos nervos" foram "invenções dos médicos", como forma de manter sua dominação sobre as mulheres. Ouvindo e apoiando as mulheres, os médicos mantinham viva sua política de dominação feminina e controle familiar. Desde o fim do século XIX e início do XX, "a presença científica personalizada pelo médico, oculta terapêuticamente os impasses familiares, convertendo as dissensões conjugais em desequilíbrio ou perturbações mentais" (COSTA, 1989 p. 271 - 273). A crise de nervos, mediada pelo médico, passou, desde então, a funcionar como agressão ao homem, sendo uma forma da mulher exprimir seu desagrado.

Posteriormente, as "doenças dos nervos" migraram da burguesia para as classes pobres, onde, pelo adoecimento, pelo "problema dos nervos", todos os sentimentos que podem levar à uma confrontação com as instituições _ família, casamento, maternidade , religião, trabalho _ ficam preservados. Assim, "doentes dos nervos", as narradoras atravessaram períodos críticos de sua vidas resguardando a ordem dominante e mantendo-se dentro do papel tradicional.

Porque eu tinha esses filhos todos, aí eu tinha pena de largar eles... Aí eu ia agüentando. Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

A "doença dos nervos " é a ponta visível do *iceberg* representado pelo embate com a norma cultural do papel de mulher que se torna intolerável, ao mesmo tempo em que é inaceitável parar de representá-lo. A "doença dos nervos" ocupa, então, o lugar que seria o da transgressão, o da ruptura com a norma, exatamente o processo que nos interessa na presente pesquisa. Mas, como a doença ocupa o lugar da ruptura, enquanto estão doentes as pesquisadas permanecem obedecendo as normas e conservando os valores que as prejudicam. Uma narradora relata um ensaio de transgressão.

Depois que eu me casei, passado uns tempos eu peguei um dinheiro do meu marido pra mim ir embora escondido dele Nunca gostei assim de discutir não. Aí entreguei o dinheiro pra ele ... Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

5.2.2.3. A medicalização da infelicidade

Por meio do adoecimento "dos nervos" algumas narradoras atravessam períodos críticos de suas vidas, apoiadas na medicação da infelicidade.

Os dados de consumo de medicamentos entre as brasileiras atestam tal fato e dão um sinal de alarme. Ainda segundo a OMS, 67% de todos os antidepressivos, 66% dos tranqüilizantes e 58% dos hipnóticos vendidos nas farmácias do país são consumidos por mulheres (CARREIRA, AJAMIL & MOREIRA, 2001 -p.129).

Dizemos apoiadas no adoecimento porque a doença não é a causa, pelo contrário, é ela que fornece um meio para atravessar a infelicidade sem romper as normas de comportamento. Confrontados, o conjunto de relatos das doenças vão tomando um sentido que não é individual, e compreende a realidade psicossocial das mulheres pesquisadas e de seus contextos.

Problema de nervo, [...] Eu fiquei, eu tive um negócio assim feito um... Eu tava em casa, foi logo depois que eu tive essa menina, a Selminha... que ela já é o que? A sexta? Não, ela já é a sétima. Eu fui na casa de uma vizinha... Quando cheguei lá, a gente estava conversando... Eu estava de resguardo dela.... Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

Comentário: "problema de nervo" aparece em TODOS os relatos

Os psicofármacos se tornam, às vezes, a única solução encontrada .

Aí eu fui me tratar com um psiquiatra. Aí ele me deu um tipo de remédio que chegou a 180 comprimidos.... começou com 60 ... Aí ele passou mais 60, deu 120. Aí depois ele deu mais 60, chegou a 180. Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

Eu estava já fazendo tratamento de nervos, tomando...Ah, um calmante que eu esqueci o nome. Não é Gardenal, não, um outro, mais fraco... Lexotam o nome. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Eu tomava Gardenal. Eu e meu filho. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Assim, medicalizado, um problema político, o descontentamento frente a uma ideologia, o sistema de gênero, passa a ser uma *perturbação mental*, e a ordem social não precisa ser transformada.

Aí eu tinha umas vizinhas, lá, umas muito boas, eu até gostava muito delas, uma chamada Jorgélia, ela dizia: "Olha Dona Thereza, a senhora não pode ficar trancada aí com essas criança, não. E se uma criança passa mal ? A gente vai lá na delegacia dar parte,... e a polícia ainda vai ficar aí, esperar quando ele

chegar..." "Ah, deixa aí..." Eu deixava. Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

"Eu deixava" , diz a narradora. E descreve seu cotidiano.

...eu não podia ir em lugar nenhum. ... ele saía levava a chave, botava grade na janela. Aí ele pintava o vidro pra gente não olhar pra fora ... Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

Comentário: Cerceamento da liberdade, ou pelo pai ou pelo marido.

Seus relatos descrevem suas restrições, mas não questionam as relações de gênero. Aceitando o fato de viver trancada à chave, com janelas pregadas para que não fossem abertas e vidros pintados para impedir a visão do mundo exterior, como "estando na natureza das coisas"(SCOTT, 1989 p. 9), algo contra o qual não se pode rebelar. A sugestão da transgressão à norma, ir "dar queixa" na delegacia, parte da vizinha, o que reforça a observação que encontramos em diferentes momentos da pesquisa, da cumplicidade entre mulheres como potencializadora de rupturas com normas restritivas diferenciadas.

O cerceamento do ir e vir das mulheres, longe de ser um fenômeno exclusivamente brasileiro, é mais uma, no repertório das condutas perversas, fruto da iniquidade nas relações de gênero, e como tal, sua distribuição geográfica não pode ser circunscrita. Porém, numa abordagem psicossocial, vale recordar que, até o fim do século XIX, e início do XX, a rua era ...

... ao uso e gozo do homem, de certa posição social _ mas do homem, só do homem, a mulher e o menino conservando-se dentro de casa, ou no fundo do sítio, quando muito na varanda, no postigo, no palanque do muro, na grade do jardim. ... A dona de casa que saísse rua afora para fazer compras corria o risco de ser tomada por mulher pública (FREYRE, 1961 p xiii).

A rua, o lugar público era o lugar onde os moradores, com " as mesmas arrogâncias da casa de engenho ou de fazenda atiravam o bicho morto, o resto de comida, a água servida, às vezes até a sujeira do penico"²⁴. Essa característica da rua como o espaço interdito às mulheres "honestas", esposas e filhas, já apareceu em outros momentos dos relatos que estamos pesquisando, o que exemplifica como essa representação da rua e das mulheres, permanece presente nas subjetividades ao longo do século XX.

A abordagem médica, às vezes se aproxima da origem do mal, mas se perde quando focaliza esse "diagnóstico" sem a dimensão psicossocial, descontextualizando e despolitizando o fato, mantendo a vítima na condição de doente e o agressor fora do alcance dos instrumentos sociais de inibição da violência.

Aí ele(o médico) me apertou. Ele falou assim: “ Dona Therezinha, o que é que está havendo com a senhora, como é que é a sua vida? ... A senhora tendo um marido desses.. Será que seu marido ainda não percebeu? Assim ele não viu que o homem já foi a Lua, que hoje existe televisão, que se passa isso...” Ele (o

²⁴ *Id.*

médico) começou a falar uma porção de coisas.... Eu falei assim: Ele tá aí ! Ele tava escondido lá, ele ia me seguindo atrás, até o hospital, o Gama Filho. Eu falei pro médico. Aí ele disse: “Então a senhora chama, que eu vou falar com ele.” Aí o médico chamou, conversou com ele, mas ele não entendeu aquilo , ficou do mesmo jeito. Aí eu não voltei mais lá. Fiquei até com vergonha.

Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

Medicamentos, religião, e livros de auto ajuda são propostos, buscando uma cura individual para um problema que se manifesta na particularidade das mulheres, mas que é, em sua estrutura, político. O sistema de gênero separa homens e mulheres em patamares diferentes em relação aos direitos, e em seguida hierarquiza esses patamares, sendo que o patamar mais elevado fica ocupado pelos homens. Isso faz com que a sociedade toda, incluindo as próprias as mulheres, desenvolvam a percepção de que mulheres devam ser tuteladas, por serem incapazes de darem um rumo às suas vidas.

Quando sentem infelicidade dentro dessa situação, as mulheres, dependendo do grau de questionamento às normas permitido no seu contexto social, chamam essa infelicidade de "doença dos nervos". Os relatos descrevem as buscas por ajuda e as propostas de solução.

Eu fui ficando estressada, ficando nervosa... E começou a me dar um desmaio, aí que minha sogra disse olha, ela tá ficando doente, ela é espírita, ela tem que desenvolver. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Eu li esse livro várias vezes, de traz pra cima, várias vezes, esse livro " O valor do pensamento positivo", que foi recomendação dele (do médico): Olha, eu não vou te dar mais remédio. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Quando Simone du Beauvoir legou a frase clássica "não se nasce mulher, torna-se mulher " quis dizer que "ser mulher" não é alguma coisa dada pelo fato de alguém ter corpo de mulher, ter órgãos genitais femininos, ser biologicamente mulher. Ser mulher é um fenômeno construído socialmente, e nessa construção , a interpretação a respeito do fato da mulher gerar e parir, ter menor massa muscular e cérebro mais leve, por exemplo, já fez com que fosse apelidada "sexo frágil ".

Esse biologicismo levou Freud a afirmar outra frase não menos clássica: "anatomia é destino". Nesse caso, se os destinos são ditados pela anatomia, então, como os sexos são, em princípio, estáveis, a conclusão é que não podemos mudar nosso destino. Esta visão que faz a diferenciação sexual determinante do destino, embora ultrapassada por outras concepções sobre a sexualidade humana e pelo conceito de gênero, permanece, encapsulada, subliminar na cultura de massas, na publicidade, fabricando subjetividades de homens e de mulheres, onde os fatos culturais, como por exemplo os encargos domésticos e o cuidado com os filhos , passam a ser "naturalizados" (GIFFIN, 1993 - p. 1-4). Nos espaços onde se desenvolvem os estudos de gênero, nos de discussões feministas e dos movimentos de mulheres, algumas têm acesso a esse questionamento e conseguem contestar o processo que naturaliza a redução das mulheres a um único papel social, e o desqualifica.

O conjunto da sociedade, porém, através da cultura de massa e outras instâncias produtoras da subjetividade, apesar de permitir outros discursos, ainda continua veiculando o estereótipo da mulher que existe *para o outro* e é feliz com isso. Dentro desse contexto, a mulher que se sente infeliz por viver *sendo aquilo o que faz para o outro* (CHAUÍ, 1984 p.47 -50), se interpreta "doente", porque, "normalmente", deveria estar feliz.

Eu tinha o corpo todo roxo, não era de pancada não, era de angústia, melancolia. Ficava roxa! ... (o médico) Fez todo tipo de exame, indagação, pergunta...Ele disse: " Eu não vejo problema nenhum na senhora, não" . Divina, 57, casada , 3 filhos, do lar.

As mulheres contemporâneas têm, na conformação da sua subjetividade, valores relacionados aos estereótipos biologicistas, essencialistas, e, ao mesmo tempo, nas experiências com a própria contemporaneidade, vivenciam práticas que negam esses estereótipos. As da faixa etária das pesquisadas estão situadas na estreita passagem , no ponto de mutação, no lugar onde o impulso ascendente dos valores antigos segue adiante pela força da inércia, e a capacidade de sustentação dos valores novos ainda não está integrada à trajetória e ainda não suporta o peso da aventura da autonomia.

Eu tomei o Lexotam com um tanto assim de álcool. Botei dez comprimidos com um tanto assim de álcool e bebi. Aí eu fui pra o hospital, não vi mais nada, só soube quem eu era daí a uns dois dias. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

E cada narradora dá um desfecho à sua crise . Retomando o pensamento de Mies (1993), cada crise promoveu uma ruptura, se não externa, visível, imediata, promoveu uma ressonância que mais adiante tomou a forma da adoção de novos valores. Todas já falam da crise usando o verbo no tempo passado.

Fiquei viúva com 31 anos. Foi um casamento tão feliz que eu acho que se durasse, não ia prestar! Eu sempre falo que nada acontece por acaso. Eu acho que a morte do meu marido tinha que acontecer, porque era assim...

Eu adoeci do parto. Depois veio a perda do meu marido. Eu adoeci assim. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

As apreensões dos motivos que levaram ao "problema de nervos", a identificação da dimensão política daquilo que desencadeou sua crise pessoal se manifestam em graus diferentes, mas todas se percebem transformadas. O lugar de onde falam, hoje, sobre esse tempo crítico, produz quase um coro, tal a similitude das expressões quando descrevem como eram, antes.

Eu era muito boba, ai Jesus... Como é que eu era quando eu me casei. Acho que eu comecei a viver minha vida, depois dos 38... De uns anos pra cá depois de eu ter esses filhos tudo criado. ... Quando eu dei o grito mesmo, que eu fiquei forte, foi quando eu vim pra Angra, que eu ... Ele dizia que mulher dele não trabalhava... que eu não podia trabalhar. Eu fui arranjar trabalho, a minha cunhada arranjou trabalho, ele dizia que lá só tinha piranha, lá onde eu fui trabalhar, na Marina's... Eu fui pra lá ! Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

A narradora apreende que ficou forte quando começou a trabalhar, isto é, quando, ao mesmo tempo, efetuou a ruptura com a norma da obediência ao marido e a ruptura com o isolamento representado pelo confinamento ao espaço doméstico, além de conquistar independência financeira.

Eu era muito boba, gente como eu era boba! Eu ainda me sinto assim , mas da gente conviver um pouquinho mais com as pessoas, a gente vai se abrindo mais...

Raimunda, 63, viúva, 5 filhos, trabalhadora autônoma.

Eu era uma bocó ! Sempre fui uma boba, eu tinha até raiva de mim. Ele morreu com sessenta e quatro, faz cinco anos. Fiquei casada quarenta anos. Assim, feito uma Amélia, e bem sofrida! ... Eu deixava, eu era uma bocó. Aceitava. O culpado sempre é a mulher, que aceita as coisas. Hoje eu olho diferente. Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

Ao se auto classificarem , mesmo que no passado, como "boba", "muito boba", "bocó", "Amélia", as pesquisadas ainda atribuem a si mesmas, à sua incompetência individual, o gerenciamento isolado de uma questão que se manifesta no âmbito privado, mas que é política _ a iniquidade nas relações de gênero.

Quando, no início desse capítulo, dimensionamos as vidas das pesquisadas em três faixas etárias: infância curta, juventude passada entre gestações sucessivas e criação de filhos, e vida depois dos filhos criados, localizamos esses períodos das "doenças de nervos" dentro

da faixa intermediária. Corresponde ao período de maior sobrecarga de trabalho doméstico, maior necessidade financeira para sustentar crianças, maior isolamento, causado pelo cuidado com os filhos, dependência emocional e econômica, e para quase todas, agravado pelas gestações sucessivas. Essa faixa intermediária corresponde a um tempo de exaustão e insegurança.

Uma coisa que me marcou muito foi doença de criança. Quando meus filhos eram pequenos, eu tinha uma coisa com meus filhos que era fora de série... Então eu tinha um filho que era muito doente,... desmaiava quando tinha febre... A minha filha mais velha teve febre reumática... Eu passei por um perrengue nessa época. Eu não tinha quem fizesse nada pra mim...e eu tinha as crianças todas pequenas...
Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

Eu tinha medo, toda vida tive muito medo. Só acabou o medo agora que eu entrei pro teatro! Num tenho mais medo . Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Por fim, Laerte, a narradora com cujo relato abrimos esse tópico sobre "doenças de nervos", demonstra compreensão da própria trajetória que desencadeou sua "doença", dos sonhos que deixa frustrados, e da transição para a outra etapa da vida, a depois dos filhos criados.

É que antes de casar eu trabalhava, era uma pessoa que saía... ... meu objetivo era ser uma professora... Não consegui. Mas eu sou feliz, consegui andar de bicicleta. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

5. 3. Tempo de Rupturas

Para abordar esse tema, retomamos nosso argumento central : a questão de que as normas de comportamento diferenciadas e os valores baseados na iniquidade das relações de gênero produzem restrições nas vidas das mulheres, que tomam a forma de falta de autonomia emocional e de independência financeira. Nas Histórias de Vidas coletadas vimos que a questão citada coloca as narradoras numa posição de desvantagem na educação formal e no mundo do trabalho e enreda-as nas malhas de crises em que a dimensão política dos sentimentos de desqualificação, impotência e infelicidade das mulheres frente à sua realidade acabam sendo decodificados socialmente como perturbações mentais individuais.

E, principalmente, a conjugação entre gênero, geração, classe social e pertencimento a meios culturais de características tradicionais, produz moldagens de subjetividades tais, que as próprias que sofrem as restrições, muitas vezes são as que as reproduzem.

No entanto, algumas mulheres conseguem romper com essas normas e valores. A ruptura com antigos valores se dá pela aquisição de novos valores. E essa aquisição de novos valores pode desencadear processos de singularização.

O que estou chamando de processos de singularização é algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam por todos os lados... (GUATTARI, 1986 p.47).

No caso que interessa à nossa discussão, esses "valores capitalísticos interiorizados" são as normas de comportamento e valores culturais inspirados pela iniquidade nas relações de gênero. O grande tema para ser focalizado nos relatos sobre o passado recente e o tempo presente na vida das narradoras é, portanto, a aquisição de novos valores.

Depois de falarem de suas origens, infância, relações com mães, pais e maridos, experiências com a escola e com o mundo do trabalho, e crises, quando começam a falar sobre suas vidas no presente, todos os relatos adquirem um tom de síntese e de tomada de consciência.

A etapa da vida depois dos filhos crescidos, quando a maturidade se aproxima da velhice, é descrita como uma fase em que suas vidas se transformaram.

Contrariando a visão do mundo capitalista globalizado "que instituiu um sistema de violência contra a velhice que vai desde a sua ridicularização até a sua marginalização" (CARVALHO, 1997 p. 32) e que credita às pessoas que estão envelhecendo atitudes e pensamentos paulatinamente mais conservadores, estagnação dos valores, resistência às mudanças e contribuição nula ou desqualificada ao bem comum, nos relatos sobre os tempos recentes a figura mais pregnante entre as narradoras é a adoção das atitudes e comportamentos diferentes dos que pautaram suas vidas até então.

...Eu tinha medo, toda vida tive muito medo. Só acabou o medo agora que eu entrei para o teatro. Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

5.3.1. "O pessoal é político": mudanças no cotidiano

A dimensão política da vida privada se constituiu em bandeira do movimento feminista com a expressão "o pessoal é político", e serve para nos lembrar de que no espaço privado reproduzimos as instituições políticas, sendo um lugar onde podem acontecer tanto golpes e ditaduras quanto revoluções libertadoras. Estamos falando do questionamento da vida cotidiana, da micropolítica, daquilo que Guattari (1986) chamou "revolução molecular".

A idéia de revolução molecular diz respeito sincronicamente a todos os níveis: infrapessoais (o que está em jogo no sonho, na criação, etc.); pessoais (por exemplo aquilo que os psicanalistas chamam de Superego); e interpessoais (a invenção de novas formas de sociabilidade na vida doméstica, amorosa, profissional, na relação com a vizinhança, com a escola, etc.) (GUATTARI, 1986, p.45 - 46).

Quando uma pessoa rompe a opressão cotidiana, mesmo com pequenos atos, está realizando uma revolução molecular, está tendo aquilo que o autor chama de o "atrevimento de singularizar".

Antes... Eu hoje saio de casa, não deixava louça suja... Não é dizer que eu fiquei desmazelada, não, mas eu deixo! Lavo, mas se não der, eu deixo. Quando chegar, se eu não quiser limpar, ele lava! Mas se não quiser, eu limpo. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

No momento em que uma mulher de mais de 60 anos deixa de cumprir a sua "obrigação" doméstica cristalizada até pelo hábito, nesse exato momento ela está realizando uma ruptura. Mesmo se a cobrança for dela própria, tem origem no controle social, que pode ser até invisível, mas faz parte dos códigos aprendidos ao longo de toda sua vida, e que, no caso das mulheres, são quase sempre códigos de subordinação ou exploração ou desqualificação ou culpa.

Você está entendendo? Porque é assim. A gente tem uma liberdade, e tal... Quem manda na minha cabeça sou eu, eu faço o que eu quero... Mas às vezes você fica ainda com um pé atrás ... É por aí assim que eu quero dizer ! Agora meu pé não fica atrás, meu pé fica na frente, mesmo. Eu sou, e sou mesmo. A gente sabe ser, se sentir um ser mais... o poder, não o poder, poderosa, mas o empoderamento.

Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

O "pé atrás" é a incerteza, causada por saber que quando afirma "quem manda na minha cabeça sou eu", está contradizendo um valor que pautou toda a sua educação e continua presente, de forma explícita ou subliminar, lançando mão de outros argumentos, talvez mais sutis, mas continuando a afirmar que as mulheres "existem para os outros" (CHAUI, 1984 p.50). No entanto a narradora testemunha a transformação " agora meu pé está na frente, mesmo".

Eu não falava com as pessoas, eu não conversava. Eu não conhecia as pessoas, você vê, tantos anos que eu morava aqui e eu não conhecia ninguém. ... Eu hoje sou ministra da eucaristia, sou legionária, sou da Pastoral, ajudo muita coisa na

Igreja. Tem gente da Igreja que hoje me diz que me conhecia mas não falava porque tinha raiva de mim. Eu tinha uma cara tão amarrada...Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

A ruptura com um tipo de comportamento do cotidiano já sedimentado pela sua repetição ao longo de muitos anos de vida aparece nos relatos de todas as pesquisadas. Essa ruptura se apresenta de diferentes maneiras e diferentes níveis. Pode aparecer no nível interpessoal, na forma da busca de novas formas de sociabilidade.

Depois que eu conheci vocês aí melhorou mais ainda, porque aí eu fiquei mais conversadeira, mais esperta, no meio dessa turminha que é a minha segunda família, aí estou aqui. Eu gosto. Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

Conviver com "uma segunda família", como se expressa a narradora, é exercer uma escolha, uma vez que na primeira família, de laços de sangue, não somos consultadas antes de fazermos parte dela.

A ruptura com o modelo antigo também pode se dar no nível pessoal (GUATTARI, 1986 p. 46), na relação consigo própria, quando, por exemplo, a narradora rompe com a "auto dominação" exercida na forma da timidez.

Eu era muito tímida pra falar, medo de falar e falar errado e o pessoal rir da minha cara. Até hoje eu não sei falar muito bem, eu falo errado, eu não falo bem o português. Hoje não, eu falo errado mas eu falo! Eu canto errado mas eu canto!

Tem alguém pra me corrigir, me ajudar. Eu gosto de fazer tudo. Tudo um pouquinho. Tendo alguém pra me orientar, me ensinar, eu quero fazer um pouco de cada. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Como se deu essa mudança de atitudes? Já vimos que esse tipo de transformação nas atitudes é sempre precedido de uma ruptura com antigos valores. Portanto, interessa saber como aconteceu o processo de questionamento das normas de conduta e dos valores que balizavam suas vidas até então. O relato acima aponta um dos fios da meada das transformações ocorridas nas vidas das narradoras.

Tendo alguém pra me orientar, me ensinar, eu quero fazer um pouco de cada.

Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Nesse ponto seria útil retomar uma reflexão da primeira parte desse capítulo, quando falamos da desinformação sobre o próprio corpo. Naquela época, saberes foram repassados entre a cumplicidade das amigas, das companheiras do mesmo sexo e quase da mesma idade, mas que tinham um saber oriundo das experiências que já haviam passado.

Elas parecia que não tinham vergonha, contavam tudo. ... Eu não agradecia na época mas hoje eu penso: Graças a Deus eu tive quem me orientasse... Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

Essa relação, onde não havia a verticalidade existente na relação das narradoras com as mães, situação inibidora para as duas partes, foi reconhecida por todas como uma ajuda

fundamental para ultrapassar as dificuldades causadas pelo desconhecimento sobre o corpo e a sexualidade. Agora, na atualidade "tendo alguém pra me orientar", Laerte reconhece que supera a timidez.

5.3.2. Pertencimento e participação

Na maturidade, o vínculo de pertencimento a grupos formais ou informais, onde se associam mulheres, é citado por todas as narradoras como fator importante e até determinante para as transformações positivas pelas quais estão passando. Uma relação semelhante a essa cumplicidade entre amigas da época da puberdade foi retomada quando, participando da Pastoral da Mulher, tiveram acesso às oficinas sobre conhecimento do corpo, sexualidade, relações de gênero e cidadania.

Nossa , esse Clube de Mães²⁵, esse trabalho que você trouxe pra gente, essa linha da vida, esse desenvolvimento corporal, isso me ajudou demais! Porque eu ainda era uma pessoa escondida! Com mais de 50 anos, eu ainda estava escondida! Eu ainda estava escondida ainda. Não sabia gostar de mim. Eu não me olhava no espelho direito. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

... a menina dos meus olhos é a Pastoral da Mulher... Foi nessa Pastoral que eu me realizei. Porque tudo aquilo que eu já gostava de fazer, ficar na rua, carnaval, e tal, tomar minha cervejinha, e as viagens, e tal. E a Pastoral da Mulher me deu

²⁵ Algumas narradoras falam em Clubes de Mães, que é o nome antigo, dado às reuniões de mulheres da Pastoral da Mulher da Igreja Católica.

essa convicção. Que nós temos que ter nossos direitos . Ter nossos deveres e nossos direitos. Temos que ser respeitadas de verdade. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Isso (as oficinas) me ensinou muito, me ensinou a dizer: Sim, é isso e isso! Me ensinou muito! Sou gente! Eu não sabia me virar, me impor, como eu sei agora. Se o marido dissesse, não vai, eu não ia mesmo! Eu agora eu digo: Eu vou! Não estou fazendo nada errado! Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Pertencer a um grupo com características de horizontalidade nas relações pode contribuir para que mulheres se reconheçam, valorizem seus saberes e compartilhem sentimentos. Quando utilizamos a palavra reconhecer, estamos falando de um processo difícil, mas não impossível, pelo qual mulheres possam ver a si próprias com olhos singularizados, não imbuídos dos valores hierarquizados pela falta de equidade nas relações de gênero. Nas oficinas da Pastoral da Mulher, para algumas, e no grupo teatral, do qual todas fazem parte, as participantes da pesquisa desenvolveram o sentido de pertencimento ao coletivo das mulheres em geral.

Um exemplo do desenvolvimento do sentimento de pertencimento se dá no relato que se segue, quando a narradora afirma que "a gente está lutando prum mundo de igualdade". Nesse momento, ela se inclui entre todos e todas que participam das lutas por um mundo melhor em termos de direitos. Os sentimentos de pertencimento e participação são indicadores do empoderamento, conforme citado anteriormente.

Agora eu vejo que não é nada disso. A gente tá lutando prum mundo de igualdade. A única coisa diferente é que homem tem pirú e eu tenho uma perereca no meio da perna, mas dizer que é mais do que eu não é não ! Divina, 57, casada, 3 filhos, do lar.

Com simplicidade, a narradora apreende o conceito e a questão da iniquidade nas relações de gênero, o que é outro indicador do empoderamento, que também envolve a compreensão das diferenças de papéis entre homens e mulheres como culturais, e portanto passíveis de mudanças, além de englobar o sentimento de ser merecedora de direitos, que aparece na expressão "dizer que é mais do que eu não é não!"

A participação no grupo de teatro é reconhecida por todas as narradoras como marco de transformações positivas nas suas vidas. Muitas vezes os relatos se dividem em etapas de "antes" do teatro e "depois" do teatro.

Pra mim, sabe o que é que ajudou? O teatro é que ajudou. Apesar de eu estar na Igreja, ser muito católica. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

E eu digo, se eu hoje sou Therezinha, eu agradeço ao teatro. ... Porque antes eu tinha a cara assim feia, eu acho que eu era uma pessoa assim... tanta coisa que eu ganhei da vida, tanto pontapé, que eu tinha a cara assim amarrada com os outros. Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

Depois que eu comecei a participar do teatro eu me sinto mais assim, quer dizer, mais liberal, eu fico alegre. É como aquele dizer da Bíblia : "Alegrei-me quando me dissestes: Vamos a casa do Senhor!" Quando me convidam, olha , vai ter apresentação em tal lugar! Ah, eu fico ótima, eu acho legal aquilo, sair. Mesmo pros ensaios, eu acho legal, eu gosto de estar assim no meio, eu gosto de participar...Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal.

O grupo de teatro e as oficinas da Pastoral da Mulher têm em comum os benefícios do enriquecimento da sociabilidade pela aquisição ou aprofundamento do vínculo de pertencimento ao coletivo das mulheres, do aprendizado de conhecimentos específicos sobre o corpo e a sexualidade, do desenvolvimento da auto estima e o fato de serem espaços de questionamentos que favorecem a tomada de consciência da iniquidade nas relações de gênero como um fato cultural e não natural. Mas existe uma diferença entre como se dá a frequência às oficinas e como é fazer parte do grupo de teatro.

Eu quase não ia nas reuniões no Carmo, eu freqüentava só o Clube... quando tinha essas reunião importante, eu faltava. Minhas colegas diziam: "Você perdeu hoje." ...Eu ficava sabendo só de boca, que nunca que dava pra mim ir. Que eu sempre tive que trabalhar muito. Que eu sempre tinha unha pra fazer...Era salgado pra fazer, porque eu vendia pra fora, era pano de prato, que eu vendia... pra ver se melhorava a minha situação... E o teatro agora. A mudança, do teatro, é que eu não falto. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

O grupo teatral exerceu alguma atração que fez com que a narradora não faltasse, como fazia nas oficinas da Pastoral da Mulher: "A mudança, do teatro, é que eu não falto". O poder de atração que o teatro exerce pode estar fundado em suas características muito peculiares. Pessoas ou grupos que vivenciam a exclusão _ pela classe social, pela cor da pele, pelo sexo _ se beneficiam quando atuam no teatro, porque têm oportunidade de desenvolver um repertório mais amplo de recursos para ... "poder tirar tudo lá de dentro", e inverter o sentido da comunicação, entrando em diálogo com o mundo, onde sempre ocuparam o papel passivo, de quem escuta, de quem recebe, de quem obedece. De quem ouve o outro definir quem você é. Essa pode ser uma oportunidade para dar voz pública a palavras que talvez nunca tenham sido sequer pronunciadas no âmbito privado.

Outra questão é que, para quem já nasceu no "segundo sexo" (BEAUVOIR, 1949) e sempre ocupou o lugar de subalternidade num contexto moldado pela iniquidade nas relações de gênero, a oportunidade de aprovação e aplauso passa a ser um elemento fortalecedor da auto estima.

... na hora que termina, na hora que o pessoal sai falando com a gente, nossa, é muito bom aquilo ali! O povo recebe a gente muito bem, pelo menos aparentemente, muito bom aquilo. Quando termina aquela parte que eles vão cumprimentar, nossa, é muito bom assim. Raimunda, 63, viúva, 6 filhos, trabalhadora informal

O teatro fez na minha vida uma mudança assim. A gente tem que ter liberdade para poder ficar atuando. Mas, apesar de já ter tido uma liberdade antes, o teatro me fez assim...crescer. Entender as coisas melhor. Tem me ajudado muito, na construção da família, de netos, estar entendendo melhor. De como eu fui criada, de como eu criei minha filha, de como minha filha está criando, como meus filhos estão criando os deles... Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

5.3.3. Protagonização no palco e na vida

O espaço do grupo teatral cumpre algumas outras funções, além de favorecer a sociabilidade e a tomada de consciência para questões geradas pela falta de equidade nas relações de gênero. Nele acontecem experiências singulares.

Tem peça que é boa ! Quando na Missa Fêmea, eu grito naquela hora assim: " Convoque as trovadoras do seu tempo!" Eu grito aquilo ali, parece que eu... me deixa muito forte! Eu fico... emocionada com aquele pedaço ali. Convocar aquelas mulheres. Muito forte. Convocar as mulheres, que elas se acheguem, que sejam fortes, que sejam fortes. Eu penso assim no meu pensamento. Pra convocar aquelas mulheres que estão assim dentro de casa, aquelas mulheres que estão assim ... que estão submissas sob os maridos, sob os filhos, sob até os vizinhos, mesmo ! Eu vejo que às vezes até impõem mesmo. Eu vejo! A pessoa tem medo ! Ah, não faz isso por causa que fulano... Então eu acho que aquela hora, é convocar todas ! Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

O relato de Florinda é claro exemplo de como a narradora assume um papel político durante sua interpretação artística. Nessa fala, ela se coloca no lugar de transformadora da sociedade, e de uma transformação específica de gênero. Acrescentamos, mais uma vez, que o sentido de estar participando das transformações necessárias para melhorias sociais é um indicador do empoderamento. E a narradora fala "para as mulheres que estão submissas ...sob até os vizinhos, mesmo !"

O teatro me dá assim uma... abriu mais aquele leque, que as vezes a gente queria fechar. Até na própria política. Porque o teatro nos ensina muito a política... entender o que é realmente política, que a política não é só partidária. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

O trabalho no grupo teatral também está provocando uma outra ruptura, essa, relativa à distância social entre as classes, que, no Brasil, são enormes e, às vezes, quase intransponíveis. As "vozes do poder"²⁶ produzem modos de subjetivação "dominantes e modelizadores", e no outro pólo, a forma humilhada de ser das "subjetividades severinas" (CARVALHO, 1997 p.29). A experiência teatral não transporta as suas participantes de uma classe à outra, mas provoca a ruptura com as "subjetividades severinas".

²⁶ Guattari em seu fecundo texto "Da produção da subjetividade" distingue três vozes ou vias de constituição dos equipamentos coletivos de subjetivação na atualidade:

"1-As vozes do poder: que circunscrevem e cercam, de fora, os conjuntos humanos, seja pela coerção direta e dominação panóptica dos corpos, seja pela captura imaginária das almas;

2- As vozes do saber: que articulam de dentro da subjetividade as pragmáticas técnico- científicas e econômicas;

3-As vozes de auto referência: que desenvolvem uma subjetividade processual, auto-fundadora de suas próprias coordenadas, auto-consistencial..." (GUATTARI *apud* CARVALHO , 1997 Pp. 29)

... no teatro, pode estar lá quem for, eu me sinto segura no teatro. Pode ser até que a gente não faz tudo certinho, mas eu me sinto segura. Pode estar quem for. Como estava naquele dia que nós apresentamos lá.. ali no Balneário... uma coisa do Dia do Meio Ambiente... Tava lá a mulher do seu prefeito, tava lá a Lia, a vereadora, tava lá não sei quantos deputados, gente granfina ! Não era nem comigo ! Eles não são melhores do que eu... Não esquento com isso não.

Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

O espaço do grupo teatral não modifica a inserção social das suas participantes, mas retira delas os estigmas da impotência para transformar suas vidas e o determinismo social que provoca um sentimento que poderíamos chamar fatalismo social.

A rede de relações sociais e familiares na qual está imerso é que determina o lugar e o status específico da família, e conseqüentemente, do próprio indivíduo. Se o indivíduo, ao longo de sua vida, muda de rede de relações, é importante, então, estudar as relações existentes entre as características das diferentes redes, e como se faz a mudança de uma rede para a outra (NASCIUTTI, 1997 p. 98).

A distância entre as redes de relações sociais é muito grande, mas Florinda, a narradora que no início desse capítulo desvela o antigo significado pejorativo de nascer "numa ilha", que aprende o significado da discriminação pelas experiências relativas à doença da mãe, que se diz de "cabeça fraca para o estudo", relata sua atuação quando inverte o sentido da transmissão dos saberes, transportando para outro espaço de atuação, a coragem desenvolvida no trabalho teatral.

Esse teatro pra mim foi uma maravilha. Meu Deus, às vezes eu fico pensando, imaginando... Eu, Florinda, no teatro? Falar pro público? Pegar o microfone? Isso foi bom demais! E na igreja? Quando é que eu ia pensar de trabalhar lá no encontro de casais, lá na frente, falando pras pessoas? As outras que pensam... Professoras... gente que estudou muito mais do que eu? Eu não sei ler.. não sei escrever.. Sei ler sim, mas não sei assim... Isso aí, me deu força ! Minha filha fica admirada! Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Por meio da participação no grupo teatral se dá uma outra ruptura, representada pela abertura de brechas nos limites dos espaços segregadores.

O lugar para o qual a sociedade de consumo ocidental contemporânea expulsa as mulheres que estão envelhecendo não comporta auto estima, exposição de si mesma, principalmente física, disponibilidade do próprio tempo para si e não para servir aos familiares mais jovens ou muito mais velhos, aprendizagem de novas habilidades ou conhecimentos, lazer fora dos contextos familiares, a não ser que qualquer uma dessas esteja segregada dentro da categoria "atividades para a terceira idade".

Embora não se possa negar que para muitíssimas pessoas essas atividades desempenhem um papel importante de ocupar lacunas afetivas, sob a aura de cumprir um papel social de apoio às pessoas que estão envelhecendo, grande parte delas reforçam o isolamento entre as gerações, mantendo as pessoas idosas apartadas, "se distraindo", o que também é uma atitude que desqualifica a contribuição que poderiam estar prestando à sociedade.

Participar de atividades ligadas à Igreja²⁷ sempre foi permitido às mulheres, jovens ou idosas, porque nesses lugares elas estão cumprindo a norma do sistema de gênero que afirma que elas existem *para servir aos outros*. Tradicionalmente, elas arrumam altares, limpam igrejas, cozinham para quermesses, ensinam catecismo, enfim, repetem na igreja o seu papel doméstico, embora existam exceções, quando mulheres participam fazendo palestras, liderando grupos e desenvolvendo oficinas, como foi citado. Porém as mulheres não podem ocupar o lugar do sagrado, o daquele que é intermediário entre a dimensão humana e a divina, uma vez que no catolicismo não podem ser sacerdotisas.

As pessoas dizem: Você é maluca, é boba, como é que pode? Você quer estar no teatro, ou quer estar na igreja? Eu vou fazer as duas coisas. Porque Jesus Cristo vai me ajudar prá fazer as duas coisas que eu gosto. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

O trecho de relato acima revela um aspecto do tipo de pressão que as participantes do grupo teatral enfrentaram na época da formação do grupo, tanto da parte dos seus familiares como da parte de outros integrantes da comunidade, que não são personalizados aqui porque "as pessoas que dizem", mais do que indivíduos ou mesmo grupos, são os valores dominantes, que, de vez em quando encontram porta - vozes.

A polarização teatro ou igreja desvela um conflito que se manifesta na fala dessa narradora, mas que é uma questão ideológica, uma postura cartesiana dentro da qual a

²⁷ Estamos nos referindo à Igreja Católica, cujos valores ocupam um espaço importante na produção da subjetividade das brasileiras. Cinco das narradoras são fiéis e praticantes do catolicismo e sexta foi católica e hoje é batista.

situação subalterna que as mulheres vivem dentro da hierarquia da instituição religiosa, em tudo idêntica à situação preponderante que ocupam nas sociedades contemporâneas, irá sempre se opor à situação protagônica que vivem no teatro. "Para superar nossa ansiedade cartesiana, precisamos pensar sistemicamente, mudando nosso foco conceitual de objetos para relações" (CAPRA, 1996 p.230). Pessoalmente, Florinda resolve sua parte nesse conflito: "Jesus Cristo vai me ajudar pra fazer as duas coisas que eu gosto".

Todas as narradoras freqüentam suas igrejas com regularidade, e a religião ocupa um espaço importante em suas vidas. Três delas assumem atividades pastorais, sendo que, para a terceira, Therezinha, a participação só começou depois de estar fazendo teatro.

... eu levo comunhão pra muitos doentes.... Nesse pouco que eu sei, eu levo muito a Palavra... ... Vou e volto levando a Palavra de Deus, me sinto muito bem na igreja também. Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

A minha contribuição é assim: hoje eu tenho a Pastoral do Batismo, que eu tenho um carinho muito grande... porque é uma coisa que a gente convive com as pessoas. Eu gosto muito de conviver com pessoas diferentes, e a gente tem momentos assim, de estar com os pais dos batizados... A gente diz que é fazer palestra. Mas eu não faço palestra. Eu vou viver eternamente aprendendo...E outra, a menina dos meus olhos é a Pastoral da Mulher ! Foi nessa que eu me realizei. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

... eu hoje sou ministra da eucaristia, sou legionária, sou da Pastoral da Mulher, ajudo muita coisa na Igreja...Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, aposentada.

Mesmo sofrendo, nos primeiros tempos, o tipo de cobrança revelada na expressão "Você quer estar na igreja ou quer estar no teatro?" nenhuma das narradoras abriu mão nem da igreja nem do teatro, o que significa que não sucumbiram ao "pensamento dicotômico, cartesiano", e adotaram uma "prática sistêmica no cotidiano".

Para recuperar nossa plena humanidade, temos que recuperar nossa experiência de conexão com toda a teia da vida. Essa reconexão, ou religação, religio em latim, é a própria essência do alicerceamento espiritual da ecologia profunda (CAPRA, 1996 p. 230).

Estar em conexão com a teia da vida, no caso das narradoras, se expressa pelo sentido de pertencimento às suas redes sociais formadas pelas igrejas, pelo grupo teatral e pela participação em movimentos e ações por um mundo melhor e mais justo, como várias se expressaram.

O teatro agora é a história atual. Foi através da Pastoral da Mulher ... que eu hoje faço parte do grupo teatral Angra das Rainhas, e que eu me sinto muito feliz. ... Eu gosto de passear, eu saio, eu não tenho hora pra chegar... Esse carnaval, na Quarta - feira de cinzas, eu cheguei às 3 horas da manhã em casa ! Os dois filhos estavam dormindo ! Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Gosto de cantar, gosto de dançar ... o pessoal ficava todo elogiando: Olha, ela tem voz bonita ! Ela canta bem. Então eu agradeço a Deus, ele que me deu esse dom, desde criancinha que eu canto. ... No palco eu me sinto muito importante, eu não vejo ninguém na minha frente... Eu penso assim: Deus... eu acho que eu estou cantando pra Deus. Laerte, 61, casada, 2 filhos, autônoma.

Nos dois relatos acima, tanto Laura quanto Laerte integram alegria e teatro à religião, à realização pessoal e participação política, dentro de anseios diferenciados. O grupo de teatro ao qual pertencem, já descrito no capítulo 3, talvez por suas características de ser informal institucionalmente, autônomo financeiramente, intergeracional e ecumênico, aparece nos relatos como um espaço significativo de ruptura com valores e normas que restringem as mulheres e de adoção e desenvolvimento de novos papéis para todas as narradoras. Além da ruptura com valores e normas diferenciadas, reconhecem também, na experiência teatral, a valorização de práticas que fizeram parte do cotidiano de pobreza.

Essa atitude significa uma ruptura em relação aos valores da sociedade de consumo seguida da adoção de valores ecológicos e da sua prática no cotidiano. Essa nova consciência está sendo ... uma significativa mudança de valores ... , uma mudança do consumo material para a simplicidade voluntária (CAPRA, 1989 p.404).

Essa prática, parte de uma posição política de respeito aos recursos naturais, evitação do desperdício e preocupação com a qualidade de vida das gerações futuras, atrai para dentro

da vida a questão da adoção e ruptura com outros valores, além dos específicos ligados à falta de equidade nas relações de gênero.

... eu sou a figurinista do grupo de teatro... Fazer o figurino, pra mim foi uma coisa nova, eu nunca tinha trabalhado assim. ... principalmente fazer o figurino fazendo a reciclagem, estar aproveitando aquilo que iria pro lixo. Então, isso pra mim foi de um valor imenso. ... Porque as minhas crianças eram assim: quando...depois que o pai deles morreu, pra eu poder economizar o dinheiro, esse meu tio do Rio de Janeiro tem três filhos homens, homenzarrões de dois metros ... Minha tia cortava as pernas das calças (deles) e mandava pra mim. Eu fazia roupas maravilhosas pros meus filhos. ... Então, pra mim, foi uma coisa muito boa, eu estar trabalhando, como figurinista, aproveitando aquilo tudo que não serve mais, e pra gente serve, e a gente faz coisas muito bonitas e muito boas. E a gente sempre recebe elogios pelo nosso figurino, e pra mim isso é motivo de muita... de sentir mesmo envaidecida, por isso. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

As narradoras identificam o grupo teatral como espaço de sociabilidade, tomada de consciência, ruptura e aquisição de valores, geração do papel de participação política nas transformações do mundo, de fortalecimento para lidar com as distâncias sociais do contexto brasileiro. Enfim, como um espaço de gestação da singularização, uma vez que consegue contrapor uma visão sistêmica às dicotomias do cotidiano. É também onde as narradoras convivem com a experiência da arte, e suas questões técnicas.

As crianças diz que a minha memória está melhorando, diz as crianças, as meninas. Essa última peça eu já fui melhor que as outras. Agora, a minha filha está me incentivando, até pra dar palestra também... Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Não sou pessoa de gravar muito aquilo, só se eu me botar, me dedicar mesmo, eu gravo. Você vê que aquela parte ... é grande, eu falei ! Não errei nada ! No início eu achei que não ia conseguir. Raimunda, 63, viúva, 5 filhos, trabalhadora informal.

Todo trabalho artístico requer aprendizado de habilidades técnicas e disciplina da prática. As narradoras reconhecem que a memória, que para elas representava um grande obstáculo ao fazer teatral, pela disciplina da prática, começa a melhorar, e fortalece a auto estima. O reconhecimento da própria capacidade de trabalho e resistência física também são mencionados.

" Mãe, eu não sei como é que a senhora agüenta, ainda vai pra igreja, ainda fica o dia inteirinho nesse negócio de ensaio, fica o dia todo! Meu Deus, eu não tinha essa força, mãe, não tinha essa coragem, mãe ! " Minha filha fez 40 anos agora, já pensou? " Ah, eu não sei como é que a senhora agüenta..." Que eu pego a vassoura varro, varro, varro, com problema de coração, tomo 8 comprimidos todo dia. Varro , varro a casa depressa, lavo, lavo, lavo uma roupa depressa, faço uma comida depressa e fiquem aí, que eu já vou ! Falo assim mesmo ! Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Também quando falam de suas idades, o tom dos relatos é entusiasmado e caloroso, e apresenta uma abordagem positiva e orgulhosa da passagem do tempo.

O traço comum entre os diferentes processos de singularização é um devir diferencial ... Isso se sente por um calor nas relações, por determinada maneira de desejar, por uma afirmação positiva da criatividade, por uma vontade de amar ... é preciso abrir espaço para que isso aconteça (GUATTARI, 1986, p.47).

As narrativas demonstram que nesse lugar onde se colocam, a idade não é símbolo de desvalorização, como acontece em grande parte dos espaços sociais.

As crianças às vezes dizem : "Mãe, a senhora já tá acabada". Tô acabada nada! Eu ainda tou muito jovem, eu digo pra eles... Sessenta e um? Tou jovem , muito jovem ! Meu neto morre de rir... Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

O teatro me fez crescer como mulher, se sentir mais valorizada, se sentir também jovem, super jovem, com cabeça boa. Minha idade não pesa ! Apesar da minha idade, eu não tenho essa idade pesando nas minhas costas, ainda. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Meu sonho é aprender a tocar violão. ... Antes eu pensava que era tarde. Agora não. Agora depois do teatro eu vejo que muitas coisas, não é tarde... As pessoas ficam dizendo aí, "Ah, vocês são de idade", eu não estou nem aí...Florinda, 61, casada,7 filhos, aposentada.

5.3.4. Arte, outra vez, como visão de mundo

Além do fortalecimento da auto estima pelo reconhecimento da superação de barreiras como a dificuldade com a memória, a resistência física e os preconceitos sobre a idade, as narradoras falam da experiência inovadora provocada pela incorporação da arte às suas vidas." A forma, ou seja, a ordenação formal que é dada a uma obra, deve ser entendida como a única maneira possível de se objetivar uma experiência subjetiva "... Porque "as emoções de um artista são subjetivas, como de todas as pessoas, mas quando ele consegue fixar a experiência pessoal e estabelecer um modo concreto de transmiti-la aos outros, ela se torna expressão e comunicação ao mesmo tempo" (OSTROWER, 1983 p. 63), como exemplifica Florinda, transformando sua experiência subjetiva, estar "destruindo tudo que me atrapalha", na ordenação formal de uma cena teatral.

...naquela hora de matar o dragão eu tiro aquelas coisas que tá me pegando por dentro. É um desabafo, eu poder pegar aquela espada e levantar assim, e tome ! Ali eu estou destruindo tudo que me atrapalha...Florinda, 61, casada, 7 filhos, aposentada.

Na presença da arte, a sensibilidade é mobilizada, afirma Ostrower (1983). E é a mesma narradora que confirma esta mobilização da sensibilidade, quando descreve com clareza o que acontece quando, por meio de gestos ou palavras que obedecem a uma ordenação formal, mas são alimentadas pela memória de emoção das próprias experiências, consegue tornar expressão o que era sentimento.

... Ali, no Auto da Resistência, dá uma força, pra gente ! Dá revolta também, dá revolta na hora que a gente vai apanhar o dinheiro, revolta ! Eu me lembro muito do tempo que eu ia receber dinheiro... que eu trabalhava na Marina's ... Nove casas, aqueles casaréu tudo que eu ia limpar aquilo tudo, tudo... E passa panos nos vidros e deixa tudo brilhando... E quando chegava o dia de pagamento, a gente recebia aquele pagamento que não dava pra nada... Aí eu pego, naquele pedaço eu me lembro... Aquelas mulher ali queimadas²⁸ por ... é uma causa muito justa! Florinda, 61, casada, aposentada.

A função da arte é provocar a sensibilidade, introduzir um elemento ordenador e reconfigurar a apreensão da realidade²⁹. É, portanto uma função política e poderíamos dizer que produz singularidades, no sentido que Guattari (1986) dá a esse termo.

O que vai caracterizar um processo de singularização ... é que ele seja automodelador. Isto é, que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências ... A partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação... (GUATTARI, 1986 p.46).

Tanto como modo de reconfigurar a apreensão da realidade, criando ou apreciando uma obra de arte (OSTROWER, 1983), quanto como na produção de um processo

²⁸ A narradora se refere à sua participação numa peça teatral que conta a tragédia das operárias que morreram queimadas durante uma greve, no dia 8 de março de 1857, em Nova Iorque, episódio que é relembrado na escolha desta data como Dia Internacional da Mulher.

²⁹ *Id.*

automodelador (GUATTARI, 1986), é creditada à criatividade a idéia de ruptura que provoca uma nova percepção e produz transformações pessoais ou sociais.

Tirando o nascimento dos meus filhos, que foram as grandes viradas, agora, a grande alegria, a grande virada foi agora, estar subindo num palco. A gente representar. E mostrar para um público que não existe idade. Não existe classe, não existe cor. Depois do nascimento dos meus filhos, o teatro foi a maior virada.

Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Na presença da arte, um elemento novo se incorpora à nossa percepção, rompendo com a organização anterior e reordenando nossos conceitos (OSTROWER, 1983 p.63). Essa experiência de incorporação de um novo elemento à nossa percepção nos modifica, a ponto de não sermos as mesmas depois desse processo. Porque, se ao invés de *analisarmos* uma experiência artística, à *sintetizarmos*, passamos a incorporar seu conteúdo artístico, ele passa a fazer parte da nossa história, e nos transforma.

Quando eu estou no palco eu sinto que ali não é mais a Laura. Ali eu não sou mais aquela Laura, costureira, que está lá, que faz a comida... Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

Agora eu vou pra onde eu quero, faço o que eu quero! ... E eu digo, se eu hoje sou Therezinha, eu agradeço ao teatro. Therezinha, 62, viúva, 8 filhos, pensionista.

Eu fico assim, eu fico lá em cima, não sei nem como é que eu fico. Eu sinto uma coisa que vem de dentro de mim, parece que Deus me colocou lá em cima...

Laerte, casada, 61, 2 filhos, autônoma.

Concluimos que, para as mulheres pesquisadas, a participação no grupo de teatro provoca o rompimento com normas diferenciadas e valores oriundos da iniquidade nas relações de gênero, entre outros motivos, porque essas normas, que para manterem as mulheres em posição subalterna sempre recorreram ao confinamento, ao isolamento e à desvalorização, agora passam a serem incompatíveis com a mobilidade que sua vida atual requer. "...e fiquem aí, que eu já vou! Falo assim mesmo!" Além disso, seu pertencimento ao grupo teatral amplia sua participação social de maneira consoante com tendências contemporâneas.

As redes são tão antigas quanto a humanidade. Sempre que pessoas se unem com objetivos comuns surge uma rede: as famílias, os grupos religiosos, equipes de trabalho, indivíduos com as mesmas tendências políticas constituem as redes informais. Entretanto o conceito de redes se fortaleceu, ganhou identidade e impulso nas décadas de 1980 e 1990, quando estas se tornaram explicitadas no âmago das articulações da sociedade civil planetária por novas opções de exercício de poder. (CARREIRA, AJAMIL & MOREIRA, 2001 p.200).

Diferente da questão da sociabilidade dentro do grupo, Laura fala da participação em outras redes de maior amplitude, quando descreve sua experiência.

Eu sabia da existência do Fórum Social Mundial, no passado, do primeiro, do segundo, e jamais ia imaginar que um dia eu ia participar desse Fórum. E o nosso grupo de teatro foi participar !E foi um enriquecimento a mais para a minha vida. E lá eu aprendi muito. Aprendi que no mundo, apesar da desigualdade, ainda existe muita gente lutando pela igualdade social. Pra mim foi de um grande valor. E foi muito bom, a ida do grupo e a minha ida lá. Foi bom porque apesar de você ouvir coisas de que você não tinha conhecimento... o que eu ouvi, deu pra gente, pra eu entender. Uma coisa que me chocou muito, e me emocionou muito foi a gente ver tantas pessoas diferentes, na língua, no... como eu vou explicar? Eram pessoas diferentes, de vários países, mas com o mesmo objetivo. E todos se entendiam, porque o objetivo era um só. Então isso pra mim é uma marca que vai ficar. Pessoas totalmente diferentes, brasileiros, espanhóis, russos, japoneses, chineses, cada um com a sua língua mas todos se entendiam. Isso me chamou muita atenção. E eu gostei também de um grande grupo de jovens, de juventude já interessada. Porque a gente não tem muito mais. Mas quando a gente vê que tem uma juventude interessada...num mundo melhor, eu fico muito feliz da vida. Pra mim isso é bom demais. Laura, 65, viúva, 4 filhos, costureira.

E sintetiza : "Agora, com essa atuação no teatro, abriu um leque na minha vida".

Aqui terminam os comentários sobre as Histórias de Vidas de seis mulheres brasileiras. Terminam demonstrando que hoje são mais felizes do que ontem, porque conseguiram realizar pequenas rupturas que assumem dimensões importantes em suas vidas. Por ocasião

da menarca, por meio do vínculo de cumplicidade com outras meninas, conseguiram atravessar o desconhecimento do corpo e assumiram o papel novo de *ficar moça*. Na idade madura, novamente o vínculo de solidariedade aos grupos e de pertencimento à redes de mulheres e a relação horizontal na apropriação de outros saberes específicos sobre as relações de gênero produziu o acesso aos fluxos de questionamentos das visões de mundo que pairam sobre todos e todas nós. Então, se produziram singularidades que tomaram o lugar das "subjetividades severinas" (CARVALHO, 1997 p.29) e a anatomia deixou de ser destino.

Filtradas pelo olhar das mulheres que estão envelhecendo, todas as lembranças relatadas nesse trabalho vieram de um lugar comum. Se originaram em bocas femininas cercadas de vincos, de pequenas ou maiores rugas, de lábios que por vezes tremeram durante a narrativa, se encurvaram para baixo em amargura, se abriram em gargalhadas irresistíveis ou engoliram o sal das lágrimas, tudo isso provocado pelas lembranças, pela re-cordação : a experiência de viver outra vez com o coração a própria história.

Enquanto contaram as histórias de suas vidas contaram a História das brasileiras que não são princesas nem ministras nem madrinhas de bateria. Nessa história apenas se percebe os resíduos ameríndios, no parto de cócoras em que a mãe prepara a embira, cava o buraco e pare sozinha, quase escondidos nos relatos, como estão escondidas essas nossas raízes no presente. Contaram do sofrimento dos africanos nas histórias dos cemitérios de escravos assombrados por gemidos e da discriminação dos seus descendentes, homens e mulheres. Reconheceram como suas as heranças dos traços dos emigrantes mascates d'além mar revividos no talento para a negociação e os empreendimentos. Testemunharam como tanto

nos sertões de Minas e do Ceará, quanto no isolamento das ilhas, e das praias do continente onde só se podia chegar de barco, ao sul do Estado do Rio de Janeiro, ficou preservada uma forma de vida familiar intocada pelas grandes comoções que sacudiram o planeta durante os anos 60 e 70 e provocaram questionamentos sobre os papéis desempenhados pelas mulheres nos grandes centros urbanos pelo mundo afora.

Como cenas de um filme, desfilaram as imagens de uma vida social centrada em torno dos ciclos da pesca, do plantio e do calendário religioso, missas, novenas, procissões, festas dos santos e do ritual da coroação de Nossa Senhora, e onde, para as mulheres, as regras de comportamento permaneciam as mesmas que suas mães e avós haviam obedecido. Denunciaram o abalo e a deterioração gradativa ambiental e humana, e a ambivalência, para as mulheres pobres, dos benefícios que as obras das usinas nucleares e a comunicação fácil por terra com Rio de Janeiro e Santos trouxeram, junto com as levas de novos emigrados em busca de trabalho.

Falaram da mudança dos valores materiais com a chegada dos compradores de ilhas e praias inteiras e a troca das terras onde cada família tinha sua casa e construía mais uma na vizinhança cada vez que algum filho ou filha casava, por lotes nas encostas do entorno do centro da cidade de Angra dos Reis, onde, cada vez que a família cresce se constrói mais uma laje, se amontoa mais um andar. Da conseqüente mudança da pobreza com fartura de banana, laranja, aipim, milho, criação, galinha, porco, peixe, para a pobreza de penúria na hora de comprar no supermercado com salário minguado o que antes tirava da terra ou do mar. Assim, nos relatos das histórias pessoais, a transição econômica e cultural de um grupo humano foi desvelada, e a história de uma região foi descrita.

Emergiram também dos relatos as histórias dos deslocados do Brasil que emigram procurando trabalho. Vindas da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, de Minas e do Maranhão, foram descritas as histórias das que vieram para a região de Angra dos Reis quando o progresso chegou, quando as coisas mudaram. Acompanhando os maridos ou por iniciativa da filha *largadinha do talo*, nos relatos de suas vidas se lê também a História do país, a precariedade da política previdenciária, as crises e os planos econômicos dos governos, tornando impossível falar do custo financeiro do que pertence ao passado porque ninguém sabe o nome da moeda da época. As instabilidades da economia local dependente da abertura, apogeu, fechamento e sucessivas reaberturas e declínios do Estaleiro Verolme, desde os anos 60, a construção da estrada Rio-Santos e das usinas nucleares nos anos 70, atraindo, contratando e demitindo em seguida, introduzindo nessa sociedade tradicional o desemprego cíclico, a prosperidade e a falência, estão no pano de fundo das lembranças, regendo a mobilidade das famílias.

Os relatos foram palcos onde a memória foi a protagonista que encarnou as mulheres que vivenciaram seus ciclos de vida numa divisão etária diferente, que só tem três fases: infância curta, partos sucessivos e cuidado com criança, e vida depois que os filhos foram criados. Suas vidas corriam enquanto o mundo atravessava as rupturas com os valores culturais cristalizados e a instabilidade da emergência de um novo paradigma que caracterizou a segunda metade do século XX. Suas narrativas foram palcos onde assistimos as performances de meninas trabalhadoras, mães, avós e bisavós rezadeiras, parteiras, estrategistas da escassez, empreendedoras da perseverança, resistentes às violências econômica e de gênero, ora fragilizadas, ora heróicas.

No final, pela desobediência à norma e pela alegria, estão rompendo com os paradigmas do "viver para os outros" e da "redenção pelo sofrimento", e afugentando o fantasma da culpa perseguidor de mulheres. Os depoimentos que deram origem a esse estudo são testemunhos nos quais mulheres de culturas diferentes, que tiveram oportunidades diferentes, que pertencem à gerações diferentes, poderiam identificar a faixa singular das histórias universais que as mulheres têm em comum.

Capítulo 6. CONCLUSÃO: AS ARTES DA RUPTURA

A pesquisa sobre as Histórias de Vida de seis mulheres situadas na faixa etária entre 57 e 65 anos, nascidas em situação de pobreza e que tiveram poucas oportunidades de educação formal, realizada ao longo do ano de 2003, em Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, onde todas residem hoje, nos levou a algumas considerações e apontou resultados precisos.

Entre os resultados, um deles é que identificamos que as vidas das pesquisadas se caracterizaram por três fases bem definidas: infância encurtada por trabalho e/ou casamento precoce; fase intermediária como adulta jovem, que envolve gestações sucessivas, criação de filhos, exaustão, ensaios de autonomia frustrados e "doenças de nervos"; fase "depois que os filhos estão criados". Iniciamos nossas conclusões por esse achado porque sua compreensão facilita o entendimento das considerações e dos outros resultados apontados.

Nosso argumento principal consistiu na suposição de que mulheres conseguem romper com as normas restritivas diferenciadas e valores originados pela iniquidade das relações de gênero a partir do momento em que encontram oportunidades para questionar essas relações.

A primeira consideração que fazemos se trata de que as pesquisadas foram criadas em grupos onde a hierarquia nas relações de gênero era absoluta e nos relatos não existe menção sobre a existência de questionamentos a essas normas até que elas tenham atingido a idade madura.

Por esse fato, se pode supor que as vidas das participantes da pesquisa permaneceram imunes à onda de questionamentos que se propagava em diferentes partes do mundo no final dos anos 60 e na década de 70, já ocupava algum espaço nos meios de difusão da comunicação e incluía a equidade nas relações de gênero nas suas reivindicações, então chamadas *questões das mulheres*.

Insistimos em lembrar o contexto histórico porque interpretamos esse período como fomentador de oportunidades para que mulheres rompessem com restrições de gênero. No entanto, as narrativas não fazem nenhuma menção a qualquer ressonância desses questionamentos ou seus efeitos³⁰, nos levando a crer que para estas mulheres, esse período, localizado entre o final dos anos 60 e toda a década de 70, que, como citamos acima, correspondeu à fase intermediária de suas vidas, se caracterizou por isolamento e desinformação, e, em quase todos os âmbitos, conservou seu *status* prévio, diferente do de conquistas de direitos.

Uma consideração acoplada a essa, é que o estudo formal, para as pesquisadas, não consistiu num campo de oportunidades para rupturas com valores da iniquidade de gênero. Além de ser quase sempre dificultado pelo trabalho precoce e pela própria dificuldade de acesso à escola, o estudo não aparece descrito como um meio para alcançar algum objetivo e não é narrado como projeto de vida pelas pesquisadas, com uma única exceção. É interessante observar que a narradora que descreve projetos de vida que envolvem estudo, é também a única que tem consciência de seus dotes artísticos como cantora, reconhecidos

³⁰ Vide Capítulo 1, 1.1 *Os números da iniquidade de gênero*, quando comentamos as transformações da sociedade brasileira, ocorridas em relação às mulheres, a partir desse período.

desde a infância pela própria e pelo seu grupo social, e a única que volta a estudar depois de casada. Citamos esse exemplo porque queremos enfatizar, como um dos resultados da pesquisa, a descoberta de que a existência de um projeto de realização pessoal funciona como um diferencial na questão da busca e do aproveitamento de oportunidades.

Aliamos a consideração sobre dissociação entre estudo e projeto de vida à primeira consideração, sobre as características dos contextos de origem das pesquisadas, em cujos relatos não se percebem as ressonâncias das transformações sociais que envolveram as mulheres na segunda metade do Século XX. Interpretamos a ausência de planos pessoais nesse âmbito como uma das conseqüências de como estavam estruturados os sistemas de gênero nos grupos onde as pesquisadas viveram suas infâncias e juventude. Entendemos que as pesquisadas não relatam ter desenvolvido expectativas ligadas ao desenvolvimento de suas potencialidades, o que daria um objetivo ao estudo, provavelmente, porque pelos valores dominantes em seus contextos sociais desvelados na pesquisa, não se esperava delas, nem elas esperavam, realização pessoal ligada à atividade ou formação profissional.

Outra consideração envolve ambigüidades. Uma delas tem relação com a assunção do trabalho remunerado fora do lar, indício de ruptura com a norma, uma vez que nos contextos das pesquisadas, mulheres casadas eram proibidas pelos maridos de trabalhar fora de casa.

Nos relatos, uma das descobertas é a existência do trabalho das mulheres pobres, dissimulado, para manter impecável a imagem de provedor do marido. Muitas das mães e avós das narradoras faziam trabalho remunerado, ou como empregadas domésticas, ou na

produção de doces para vender, ou na venda de produtos da roça familiar, trabalhos que envolviam um trânsito entre a casa e o espaço público, e algumas das narradoras repetiram os mesmos procedimentos.

A proibição do trabalho das mulheres pelos maridos se torna motivo de conflito quando o trabalho das mulheres toma forma explícita de emprego, visível no âmbito público, ameaçando seu prestígio de provedor, mesmo que os ganhos financeiros do próprio não estejam conseguindo manter a família.

No universo da nossa pesquisa, o trabalho fora de casa assumido pela mulher casada é uma ruptura da norma porque configura uma desobediência ao marido. Já o trabalho informal, quase sempre reprodução da atividade doméstica e realizado em casa, embora com trânsito pelo espaço público, como costura, confecção de salgadinhos ou trabalhos artesanais para vender, é tolerado pelos maridos. Significa um ingresso financeiro que promove alguma autonomia para as pesquisadas, porque estas relatam suas decisões a respeito do destino que deram ao dinheiro ganho com esse trabalho, em geral empregado na aquisição de livros e uniformes escolares para filhas e filhos, de bens domésticos e de melhorias na moradia.

O trabalho configurado como emprego, porém, é fonte de conflito. Nos casos em que houve enfrentamento da vontade do marido, ou as filhas meninas da pesquisada assumiram as tarefas domésticas da mãe, reproduzindo o modelo definido pelo sistema de gênero, ou houve desistência do emprego pela esposa trabalhadora, para evitar conflito maior.

A conquista do espaço de trabalho remunerado fora do lar, sozinha, não garante a conquista da equidade no âmbito doméstico, mas, porque provoca o desenvolvimento da habilidade de negociação e barganha, e a criação de uma área de questionamento da distribuição das tarefas domésticas, mesmo que parcial, com filhas, filhos e marido, pode ser considerada uma oportunidade de ruptura com normas e valores do sistema de gênero. Portanto, o trabalho remunerado das mulheres casadas representou benefícios financeiros e quebra do isolamento causado pela dedicação exclusiva ao serviço doméstico, e ruptura com a norma quando se caracterizou como emprego fora do lar.

Outra consideração envolvendo ambigüidade está representada pelo papel desempenhado pela instituição religiosa nos relatos. Uma das características da Igreja Católica como instituição é a sua hierarquia que discrimina mulheres, portanto, podemos considerar que esse fato colabora para a produção das subjetividades das mulheres como subalternas.

No entanto, no caso das participantes da pesquisa, os benefícios advindos da participação no projeto educativo promovido dentro da Pastoral da Mulher reverteram seus papéis dentro da própria Igreja, onde, além dos tradicionais, de serviço e evangelização, começaram a desempenhar papéis afirmativos da auto estima das mulheres e do seu envolvimento em transformações sociais, onde passaram a dar palestras e coordenar oficinas.

O trabalho na Igreja, por meio da Pastoral da Mulher, estimulou o estabelecimento do vínculo de pertencimento ao coletivo de mulheres. Constatamos que essa participação

possibilitou o surgimento de novos laços de solidariedade entre mulheres, facilitador do processo de questionamento de restrições de gênero e rompimento com valores.

Assim como por ocasião da menarca as meninas se apoderaram de um saber sobre seus corpos por meio da cumplicidade das colegas e vizinhas, _ e a apropriação de saberes, nesse contexto, representa uma ruptura, porque a norma é manter as meninas na ignorância _ na maturidade, as rupturas com as normas se fomentaram em outras situações de apropriação de saberes e também permeadas pelo vínculo com outras mulheres. Ressalvamos que esses vínculos também podem se aglutinar em torno de causas conservadoras das normas, e a diferença se dá na questão da oportunidade de vivenciar questionamentos.

A oportunidade, nesse caso, surgiu porque, por participarem da Pastoral da Mulher, as pesquisadas tiveram de acesso às oficinas de metodologia feminista e psicodramática, sobre conhecimento do corpo, sexualidade, relações de gênero e cidadania e ao curso de teatro que originou o grupo. Em seus relatos, as pesquisadas testemunham a dimensão que a apropriação desses saberes assumiu em suas vidas, relacionando-os principalmente com dois aspectos: as dificuldades que tiveram na regulação da própria fertilidade, e a compreensão que então tinham, da subordinação das mulheres, como alguma coisa própria da sua natureza. Nessas oficinas e curso, em situação de horizontalidade pedagógica, não só se apropriaram de visões de mundo questionadoras do sistema de gênero, como superaram lacunas de sua educação formal. Esses fatos permitiram que usufríssem da

leitura e discussão de trechos de obras teatrais³¹ de conteúdo provocador de reflexões sobre questões de gênero, ambientais, e pacifistas, e participassem de debates sobre questões políticas contemporâneas, o que transparece nas narrativas quando se posicionam e se incluem entre os/as que estão lutando por transformações sociais.

Confirmando nosso argumento de que para que aconteçam rupturas com normas restritivas diferenciadas é preciso que existam oportunidades de questionamento das relações de gênero, encontramos este resultado preciso. Constatamos pelas afirmações enfáticas contidas nos relatos, que a participação nas atividades citadas provocou revelações no nível da auto estima que levaram à ruptura com a norma de se esconder e se deixar esconder, herança cultural insistente.

Percebemos também que para as pesquisadas, que nos relatos da infância ou da juventude não mencionam projetos de vida particulares além do casamento e da maternidade, esse fato emergiu, pela primeira vez, quando, começando a atuar no teatro, e passaram a fazer alguma coisa cuja finalidade era a sua realização pessoal.

Essa experiência, até recentemente, era algo desconhecido nas vidas das pesquisadas, porque como "somos definidas para os outros, acreditamos que somos o que fazemos para os outros e dependemos, para existir, que os outros nos reconheçam como tais" (CHAUÍ, 1984 p.47-50). Durante suas narrativas as pesquisadas reconheceram no próprio entusiasmo, na mobilização de esforços para superação de dificuldades físicas, intelectuais,

³¹ Durante as oficinas teatrais foram lidos e comentados trechos de obras de Bertold Brecht, Garcia Lorca e Nelson Rodrigues.

psíquicas, etárias, sociais, familiares e de gênero, para fazer teatro, enfim, uma realização pessoal. Ao longo da vida, pela primeira vez, estavam se esforçando para fazer alguma coisa por si mesmas e para sua própria satisfação.

A resposta à questão central _ a emergência do processo de ruptura em relação às normas diferenciadas e valores culturais baseados na iniquidade nas relações de gênero _ é perfeitamente identificável nas narrativas, quando, a partir de um determinado ponto, todas as narradoras assinalam fatos da sua vida com a precedência das expressões *antes de* e *depois de*, se referindo às oficinas citadas e à participação no grupo teatral, tornando esses eventos rituais de passagem. Em comum, essas duas atividades adquirem a característica de algo *que se faz para si própria*, uma realização pessoal, em oposição à norma de *existir para os outros e fazer para e pelos outros*.

Um resultado diferencial aparece na confrontação entre as rupturas provocadas pela participação nas oficinas e pela participação no grupo de teatro, que, em comum, facilitam o entendimento da subordinação das mulheres como questão cultural, e não natural e desencadeiam um fluxo de mudanças que vem atrelada à essa compreensão.

As oficinas acontecem no âmbito privado, íntimo, oposto às apresentações teatrais, que são públicas, com platéia. Além disso, no teatro, protegidas pelos papéis das personagens, as mulheres têm oportunidade de ensaiar outras singularidades que ainda não fazem parte do seu repertório na vida real, mas que podem ser experimentadas para futuros agenciamentos. Atribuímos a essa dinâmica que opõe vivência íntima em âmbito privado e vivência protagônica em âmbito público, alguns resultados diferenciais.

A prática do *existir em visibilidade*,³² na primeira pessoa, protagonizando, e, além disso, permeada pela experiência da arte, provoca pelo menos dois tipos de rupturas específicas. Uma delas se dá na maneira de lidar com as distâncias sociais da sociedade brasileira, rompendo com a "subjetividade severina" (CARVALHO, 1997). Outra, se dá rompendo com o papel passivo de espectadora e se incluindo entre as pessoas que estão envolvidas em transformações sociais e lutando por um mundo de igualdade. Ressalvo que idealmente, oficinas do perfil das que foram narradas deveriam alcançar esses resultados relativos ao âmbito público, mas os relatos apontaram esse diferencial.

6.1. Resumindo

Portanto, resumindo os resultados principais dessa pesquisa, consideramos que as mulheres conseguem romper com normas de comportamento diferenciadas e valores que as restringem, determinados pela iniquidade nas relações de gênero quando: têm acesso à visões de mundo que ampliem suas experiências e questionem das relações de gênero numa relação de horizontalidade; têm oportunidades de estabelecer vínculos de solidariedade e de engajamento em projetos de transformação social que englobem redes entre mulheres; se apropriam de conhecimentos específicos sobre seus corpos; o estigma essencialista de *existir para o outro e fazer pelos outros* é confrontado pela prática da experiência de fazer algo que resulte em realização pessoal. Acrescentamos que o trabalho remunerado realizado fora do lar representou uma oportunidade de ruptura com as normas restritivas diferenciadas, efeito menos percebido quando acontece dissimulado na

³²Traduzimos a expressão *existir em visibilidade* como fazer algo que signifique realização pessoal e cuja atuação signifique apropriação do direito ao âmbito público.

informalidade, onde quase sempre reproduz as características da domesticidade, e não provoca questionamento das relações de gênero. A Pastoral da Mulher da Igreja Católica representou um papel importante como facilitadora de oportunidades de acesso a questionamentos para as participantes da pesquisa.

Observamos também que esse conjunto de rupturas foi potencializado pela provocação da experimentação da realização pessoal em espaço público e de visibilidade. No caso da presente pesquisa essa experiência foi proporcionada pela atuação teatral, que teve o poder de habilitar as mulheres para lidar melhor com as distâncias da sociedade brasileira e incluí-las entre as/os que lutam por transformações sociais.

O título desse último capítulo, *As Artes da Ruptura* se justifica aqui, quando terminamos de acompanhar o processo de ruptura e o vemos como uma arte _ uma capacidade de por em prática uma idéia, tornando-a expressão e comunicação _ cuja matéria prima é a vida.

6.2.Recomendações

Recomendamos o tema *existir em visibilidade* como objeto de estudo a ser aprofundado. Com essa expressão queremos chamar a atenção para dois pontos: o primeiro ligado à *existir*, no sentido de realização pessoal, o segundo ligado à atuação no espaço público, lugar da *visibilidade*.

Acrescentamos que essa questão representou uma descoberta para a pesquisadora. Habituada a participar da elaboração de programas que beneficiem mulheres, e de projetos

de oficinas, onde, em princípio se garante privacidade e sigilo para alcançar objetivos ligados à auto estima e ao empoderamento das mulheres, nos pareceu, analisando os resultados da presente pesquisa, que após a fase de adquirir a confiança em espaço sigiloso e privado, é essencial que se criem estratégias que oportunizem o fortalecimento da auto estima das mulheres para atuar no âmbito público. Como subsídios, recomendamos, primeiro, a questão da valorização da realização pessoal, do *existir*, sem ser para servir, cuidar ou obedecer, como um critério para ser levado em conta no planejamento de programas e ações que visem as que tiveram poucas oportunidades. E como segundo ponto, criar estratégias que contribuam para desenvolver o potencial para a atuação das mulheres em espaços públicos, onde possam ocupar o lugar que a sociedade lhes deve. Na elaboração de políticas públicas, de programas e ações que tenham como objetivo que mulheres consigam romper com normas restritivas diferenciadas e valores oriundos da iniquidade nas relações de gênero, sugerimos que essas recomendações sejam consideradas.

Referências Bibliográficas:

BARBIER, R. O Conceito de "Implicação" na Pesquisa - Ação em Ciências Humanas. In: **A Pesquisa-ação na Instituição Educativa**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1985. p. 105-121.

BARNES, V. ; BODDY, J. **AMAN - The Story of a Somali Girl**. New York: Vintage Books, 1995.p.x-xiv.

BARROS, Myriam. M. L. de. Testemunho de vida: Um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher 2**, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1981. p. 11-70.

BEAUVOIR, Simone. Os Dados da biologia. In: **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. Cap. I. p. 25-57.

BERTAZZO, Ivaldo. **Maré, Vida na Favela**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

BOSI, Eclea. Memória - sonho e memória - trabalho; Tempo de lembrar. In: **Memória e Sociedade - lembranças dos velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. Cap. 1 p. 37; p.53-56, 64-66; Cap. 2. p. 73-92.

_____. Comunicação de massa: o dado e o problema; Cultura de massa, cultura popular, cultura operária. In: **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. Petrópolis: Vozes, 1977. 4ª ed. Cap. I - p. 19 -52, Cap. II - p.53 -58.

BUENO, Eduardo. **História do Brasil**. São Paulo: Zero Hora, PubliFolha: 1997. 2ª Ed. p. 318-319 v.

CALLIGARIS, Contardo. Fundações. In: **Hello Brasil ! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil**. São Paulo: Escuta, 1991. p. 83-108.

CAPRA, Fritjof. Ecologia Profunda - Um novo paradigma. In: **A Teia da Vida - Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996. Cap. 1. p. 23 -29.

_____. Cap.1 - Crise e transformação. p.17-46 ; Cap. II. Os dois paradigmas p. 47 -91; Cap. 12 - A Passagem para a Idade Solar. p. 380 - 410. In: **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1989

CARREIRA, Denise; AJAMIL, Menchu; MOREIRA, Tereza (Orgs.). **Mudando o Mundo – A Liderança Feminina no Século 21**. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

CARVALHO, Doralina R. Cartografando Subjetividades no Brasil. **Subjetividades Contemporâneas**. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1997. Ano 1, Nº. 1. p. 28.

CFEMEA - Centro Feminista de Estudos e Assessoria. Nossa primeira Constituição. Brasília. Disponível no site: www.cfemea.org.br. Acesso em 27/03/2002.

CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. In: **Perspectivas antropológicas da mulher 4**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1985. p. 23-61.

_____. Partindo de alguns exemplos. In: **O que é ideologia**. 24ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 7-31.

CÓRDOVA, V. **Histórias de Vida - Una metodología alternativa para las Ciencias Sociales**. Caracas: Universidad de Venezuela, 1990. p. 7 - 19.

CORIA, C. **El sexo oculto del dinero - Formas de la dependencia femenina**. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1986.

COSTA, Jurandir Freire. Psicoterapia e "Doenças dos nervos". In: **Psicanálise e contexto cultural : Imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapias**. Rio de Janeiro: Campus, 1989. Cap. II, p. 17-39.

_____. Homens e Mulheres. In: **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1989. Cap. VI. p. 215-275.

D'ÁVILA NETO, Maria Inácia. Ecofeminismo: Horizontes Contemporâneos. In: **Série Documenta nº 8**. Ano VI. Rio de Janeiro: EICOS/UFRJ, 1997. p. 9-25.

_____. **Mulheres, cultura e desenvolvimento.** Desenvolvimento Social - Desafio e Estratégias. Rio de Janeiro: UNESCO Chair/ FINEP/ UFRJ. 1995. p. 202-226.

_____. Paradigmas da Psicologia Social para a América Latina. In: **Série Documenta n ° 9.** EICOS/UFRJ Rio de Janeiro: 1998.

_____. Os "Novos Pobres" e o Contrato Social: Receitas de Desenvolvimento, Igualdade e Solidariedade ou Da Solidariedade, Seus Mitos, Laços e Utopias. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada** n.º 50, n 4, Rio de Janeiro:UFRJ/Imago/CNPq.pp7 a 13, 1998

_____; PIRES, Cíntia Simões. Empowerment or Power-Sharing? Considerations Based on Gender-Equity Research in Brazil. **Women Power and the Academy - From Rhetoric to Reality.** UNESCO Publishing , 2000. p.53, 56-57.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: **Experimentos com histórias de vida.** Itália - Brasil / organização e introdução Olga de Moraes Von Simson. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1988. p. 44-71.

DEMO, P. Capítulo 7 - Reconstruir conhecimento. In: **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo : Ed. Atlas, 2000. P. 160-185.

DINIZ, Simone; SOUZA, Cecília de Mello e ; PORTELA, Ana Paula. "Not like our mother": Reproductive choice and the emergence of citizenship among Brazilian rural

workers, domestic workers and howswives". In Rosalind Petchesky & Karen Judd (Orgs), **Negotiating Reproductive Rights : Women's Perspectives Across Countries and Cultures**. New Jersey: Zed Press, 1988.

DUMONT, M. **Découvrir la mémoire des femmes** - Une historienne face à l'histoire des Femmes. Montreal: Édition du remue-ménage, 2001

FISCHER, Ernst. A função da Arte. In: **A Necessidade da Arte**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1981. Cap. I, p. 11-20.

FRANCHETTO, B. ; CAVALCANTI, M.L. ; HEILBORN, M.L. Apresentação In; **Perspectivas Antropológicas da Mulher, 2**, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1981. P. 7 - 10.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1975.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: **On the evolution of street corner society**, Street Corner Society, Appensix. Chicago: The University of Chicago Press, 1943. p. 298.

GAULEJAC, Vincent de. Le sujet face à son histoire : La démarche - roman familial et trajectoire sociale. In: **Récits de vie et histoire sociale. Quelle historicité?** Paris: Prentemps, 2000. Vol. VI, N.º 14. Pag. 103.

_____. Le project parental. In Que faire des histoires de familles? Ou roman familial et trajectoire sociale. Paris: **Le Group Familial**, juillet-août 1982. N.º 96. 14 p.

_____. Du roman familial aux histoires de familia. In Que faire des histoires de familles? Ou roman familial et trajectoire sociale. Paris: **Le Group Familial**, juillet-août 1982. N.º 96. 21 p.

GEERTZ, C. **From the Native's Point of View: On the Nature of Anthropological Understanding**, University of California Press.

_____. "Do ponto de vista dos nativos": a natureza do entendimento antropológico. Cap. 3. p. 85-107.

_____. O estranho estranhamento: Charles Taylor e as ciências naturais. In: **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Cap. 6, p. 132-142.

GIFFIN, Karen. **Transição de Gênero: A condição feminina na sociedade atual**. ENSP / FIOCRUZ. Conferência proferida em 10/11/1993.

GOODE, N. J.; HATT, P.K. As características da hipótese aplicável. In: **Metódos em pesquisa social**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1969. p. 89-97.

GUATTARI, F. **As Três Ecologias**. 4ª ed. Campinas: Papyrus, 1993. p. 7-27.

_____ ; ROLNIK, Suely. Cultura: um conceito reacionário?; Subjetividade e História; Políticas. In **Micropolítica - Cartografias do Desejo**. 2ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986. Cap. I, p. 15-24; Cap. II, p. 25-69, Cap. III, p. 127.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. O objeto das metodologias qualitativas. In: **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992. Cap. V. p. 63-65.

IANNI, O. Cap. IV. O Labirinto da Idéias. **O Labirinto Latino-americano**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993.

LABELLE, Iza Guerra. **La Educacion como forma de exclusion**. Conferência no CIFEDHOP. Genève: Cifedhop - 13ª Session Internationale, Juillet 1995.

LEGRAND, Michel. **Contar sua História**. Tradução livre de Jacyara c. Rochael Nasciutti - texto publicado originalmente em Paris: Dossier - Les Récits de Vie, no 102, fev. 2000, p. 22 - 27.

LÉVY, André. **O vínculo entre a história individual e a história coletiva**. Palestra proferida na UFRJ, sob a promoção do Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e

Ecologia Social/Programa EICOS, em agosto de 1995. Tradução de Raquel C. Brandt e revisão do autor. Rio de Janeiro: Documenta / UFRJ. p. 7 - 20.

_____. Une anthropologie sociale renouvelée : enjeux théoriques et sociaux. In: **Récits de vie et histoire sociale. Quelle historicité?** Paris: Prentemps, 2000. Vol. VI, N.º 14. p. 7.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves-; GEWANDSZNAJDER, Fernando. Paradigmas qualitativos. In: **O Método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa quantitativa e qualitativa.** São Paulo: Pioneira, 1998. Cap. VI, p. 129-203.

MENEGAZZO, Carlos Maria; TOMASINI, Miguel Angel; ZURETTI, Maria Mônica. **Dicionário de Psicodrama e Sociodrama.** São Paulo: Ágora, 1995. p.129-172.

MEZAN, R. **Subjetividade Contemporânea?** Subjetividades Contemporâneas. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae. Ano 1, N.º 1. 19967. P. 12-17.

MIES, Maria. **Investigação Feminista: Ciência Violência e Responsabilidade.** Ecofeminismo. Lisboa: Ed. Piaget, 1993. Cap. III.

MORENO, J. L. Introdução à Quarta Edição; Seção III A Revolução Criadora; Seção IV Princípios da Espontaneidade; A Conserva Cultural. In: **Psicodrama.** São Paulo: Cultrix, 1987. p. 23-48; p. 49-61; 158 p.; p. 206-207.

MORENO, J.L. **Fundamentos do Psicodrama.** São Paulo: Summus Editorial, 1983.

MORIN, Edgar; KERN Anne B. A era terrestre; A carteira de identidade terrestre. In: **Terra-Pátria**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. Cap. I, p. 21-22/27-29; Cap.II, p. 62-64.

MUJER SALUD(Org.) La Creación artística en la promoción de la salud y los derechos de las Mujeres In: **Revista Mujer Salud**. Santiago. Ed. Red de Salud de las Mujeres Latinoamericanas y del Caribe, 2001 p.29 - 48

MURARO, Rose Marie. Corpo e Sexualidade. In: **Sexualidade da mulher brasileira: Corpo e classe social no Brasil**. Petrópolis, 4ª ed.: Vozes. 1983. Cap. I, p. 19-25.

_____. **A mulher no terceiro milênio**. Rio de Janeiro, 2ª ed.: Rosa dos Tempos, 1992. Cap. I, p. 9-10; p. 193-199.

NASCIUTTI, Jacyara C. Rochael; NÓBREGA N. P. Vida e Ruptura: Pode-se lidar com o imponderável? **Arquivo Brasileiro de Psicologia** Vol. 46, n.º 3/4, 1994 p. 45 -56.

_____. **O hífen da pesquisa-ação: traço de união entre o saber e fazer**. Texto elaborado para apresentação na mesa redonda "Metodologia do Trabalho Comunitário e Pesquisa-ação". In: I CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DA COMUNIDADE. Rio de Janeiro : EICOS/UFRJ.

_____. Vivência de morte em história de vida. In: **Série Documenta n.º 6**. Ano III. Rio de Janeiro: EICOS/UFRJ, 1995.

NOVELINO, Aída Maria. **Masculino / Feminino: Uma Análise micro-política**. In: SEMINÁRIO NACIONAL FEMINISMO NO BRASIL: Reflexões Teóricas e Perspectivas. Salvador: NEIM / UFBA. 1989.

ORTIZ, Renato. Cultura e Sociedade. In: **A Moderna tradição brasileira : Cultura Brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense. 1988. p. 38-75.

OSTROWER, Fayga. **A arte como linguagem da humanidade**. Santa Catarina: UFSC, 2001. Ed. n.º 66 - 26/10/01. Disponível em <http://www.seminrizoma@ced.ufsc.br>. Acesso em: 11/10/02.

_____. **Criatividade e processos de criação**. 16ª ed. Petrópolis: Vozes. 2002. Cap. I, p. 9-30; Cap. II, p. 31-53.

_____. Movimento Visual; Intuição - Análise e sínteses; Proporções. In: **Universos da Arte**, Rio de Janeiro, Ed. Campus, 13ª edição, 1983. Cap. III, p. 30; Cap. V, p. 55; p. 225-280.

PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (Orgs). Patriarcado e gênero : Nexus e Sexus. **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996. p. 150-151v.

PITANGUY, Jaqueline; SOUZA, Cecília de Mello e. "Codes of honor: Reproductive life histories of domestic workers in Rio de Janeiro" In Wendy Harcourt (Ed.), **Power, Reproduction and Gender: The Inter-Generational Transfer of Knowledge**. London: Zed Press, 1997, p72-97.

PORTO, Comba Marques. Matria. In: **Impressões - Feminismo e Cultura n° 3**. Florianópolis: Mulher Inteligente. 1992. p. 26-27

PREUSS, M.R.G. A abordagem biográfica história de vida na pesquisa psicossociológica. In: **Documenta n.º 8**. Rio de Janeiro: EICOS/UFRJ, 1997.

RAZAVI, S. Povreté et Genre. In: **Revue Internationale des Sciences Sociales** n.º 162. UNESCO, 1999.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro - A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Cap. I, p. 29-41; Cap. III, p. 208-244; Cap. V, p. 447-455.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. Significados da violência. In: **Violência doméstica: do privado ao público**. São Paulo: Presença da Mulher, 1998. N.º 31. p. 23- 30.

SCHWARTZ, R. Que horas são? In: **Ensaio**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1987.

SCOTT, J. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Tradução: Chistine Rufino Dantas e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1996.

SILVA, Carmen da. **O melhor de Carmen Silva**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

SIMSON, O . M. (org). **Experimentos com Histórias de Vida**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1988.

SOUZA, Cecília de Mello e. A ética nas relações sociais no Rio de Janeiro: uma abordagem psicossocial. In: **Documenta nº 9**. Ano VI. Rio de Janeiro : EICOS/UFRJ, 1998. p. 59-71.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro, 15ª ed. Civilização Brasileira. Cap. XIV, p. 309-320

TONUS, M. **Miroirs d'Éve : Quand des hommes font parler Dieu à propôs des femmes**. Paris: Ed. L'Harmattan , 2001.

VÍCTORIA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. Técnicas de Pesquisa. In: **Pesquisa qualitativa em saúde : Uma introdução ao tema**.

ZANETTI, Lorenzo - Circo Educando com Arte. Rio de Janeiro: Cirque du Monde / FASE, 2001.

_____. Participação na avaliação do Programa de Cooperação Entraide et Fraternité. Avaliação do Programa de intervenção do CEDAC em Angra dos Reis - 1992-2001. Relatório Provisório. Angra dos Reis, março de 2001.

a









A CIDADE

Grupos teatrais "Vozes das Mulheres" realizam reunião de trabalho



Um grupo de mulheres, integrantes do coletivo "Vozes das Mulheres", se reúne para discutir o trabalho desenvolvido no âmbito da organização. A reunião ocorre em um ambiente simples, com as participantes sentadas em torno de uma mesa, atentas e participativas.

As integrantes do grupo discutem o trabalho desenvolvido no âmbito da organização, com foco em ações de conscientização e apoio mútuo. O encontro é conduzido de forma colaborativa, permitindo que cada uma compartilhe suas experiências e desafios.

Além disso, o grupo também aborda temas relacionados à saúde, educação e direitos das mulheres, buscando fortalecer a rede de apoio e promover a autonomia das participantes. A reunião é um momento importante para a troca de ideias e a construção de estratégias conjuntas.



Artistas de Angra premiados



Um grupo de artistas locais, incluindo crianças e adultos, foram premiados por suas contribuições artísticas. A cerimônia ocorreu em um ambiente formal, onde os artistas foram reconhecidos por suas habilidades e dedicação. O evento foi organizado por uma instituição local que promove o desenvolvimento cultural da comunidade. Os artistas receberam certificados e prêmios em reconhecimento de seu trabalho. A cerimônia foi um momento importante para celebrar o talento local e incentivar a prática artística entre os jovens da região.